

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ESTUDOS HISTÓRICOS LATINO-AMERICANOS

Eduardo Iepson

JACOB RHEINGANTZ E A COLÔNIA DE SÃO LOURENÇO:
DA DESCONSTRUÇÃO DE UM MITO À RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

São Leopoldo

2008

Eduardo Iepsen

JACOB RHEINGANTZ E A COLÔNIA DE SÃO LOURENÇO:
DA DESCONSTRUÇÃO DE UM MITO À RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Universidade do Vale
do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção
do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Martin Norberto Dreher.

São Leopoldo

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I22j lepsen, Eduardo

Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história / Eduardo lepsen. - 2008.
280 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.
Orientador: Martin Norberto Dreher

1. História do Rio Grande do Sul. 2. História de São Lourenço. 3. Rheingantz, Jacob. I. Dreher, Martin Norberto II. Título

CDU 981.65

Bibliotecário responsável:
Thiago Ribeiro Moreira
CRB 10/1610

Eduardo Iepsen

JACOB RHEINGANTZ E A COLÔNIA DE SÃO LOURENÇO:
DA DESCONSTRUÇÃO DE UM MITO À RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Universidade do Vale
do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção
do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Martin Norberto Dreher.

Aprovado em ____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Dr. Martin Norberto Dreher – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dr^a. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dr. João Klug – Universidade Federal de Santa Catarina

Agradecimentos:

O nome de Jacob Rheingantz entrou para a história como o grande fundador da Colônia de São Lourenço. A história oficial e o poder estabelecido, ao relembrar seus feitos, prestam uma homenagem a sua memória. Este espaço tem um intento semelhante, e visa agradecer às pessoas que colaboraram para a realização deste trabalho. Se para historiografia estes (as) colaboradores (as) ainda não se tornaram grandes heróis ou personagens ilustres, pelo menos para mim eles (as) possuem um significado muito especial; por isso, agradeço e dedico este estudo a estas pessoas, sem as quais não teria conseguido realizar este estudo:

A todos os entrevistados, especialmente Itto Sträher, Loni Hax, Pedro Caldas, Edilberto Hammes, José Nunes, Gládis Stefan, Jair Carvalho, Egon Schneid, Clara Klumb e Jussara Pedrollo.

A alguns amigos que contribuíram com interessantes discussões sobre o tema: William Seewald, Moacir Böhlke, João Iganci, Gustavo Heiden e Jovani Scherer.

A Juarez Fuão e Mário Quintas Neto que, ainda na graduação, me mostraram o “caminho das pedras”, insistindo para que eu tentasse o mestrado em História da Unisinos.

Ao Núcleo dos Gremistas Lourencianos, por ser uma das principais válvulas de escape para os piores momentos da dissertação, especialmente na figura de Felipe Coelho, Ricardo Coelho dos Santos e Alessandro Ueberbacker.

A Charles Pinz, sou eternamente grato, por ter me colocado diante do “livro do centenário”. Ainda hoje penso que esta obra não caiu em minhas mãos “por acaso”.

Aos bibliotecários, arquivistas e demais funcionários que me auxiliaram ao longo da pesquisa, disponibilizando algumas fontes extremamente relevantes para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os meus colegas e ex-colegas, assim como professores e ex-professores, pela minha formação profissional e pessoal; afinal a vida acadêmica não se faz apenas no câmpus...

À Fabiana Zanandrea, Tiago Weizenmann e Milton Amador, pela parceria nas aulas de orientação; vou sentir saudade das tardes em que tomávamos café depois da aula e da cerveja no Rapach.

A Martin Dreher, por ter uma paciência “sobre humana” de ler, reler e aconselhar seus orientandos. Por ser mais do que um mero professor, mas um verdadeiro pai para os seus alunos. Nestes dois anos e meio de convivência, aprendi muito sobre história, mas muito mais sobre a vida com este fantástico ser humano.

À “heroína das histórias que eu nunca escrevi”, Ana Luiza Timm Soares, por estar presente ao meu lado durante toda graduação e todo mestrado, contribuindo teórica, psicológica e afetivamente.

Agradeço, finalmente, à minha família, por estar sempre ao meu lado, apoiando e incentivando meus estudos, especialmente Mamãe e Edécio.

Enfim, agradeço a todos que mereciam esta pequena homenagem, mas que, por uma razão ou outra, foram esquecidos – tenham certeza que este esquecimento não foi proposital, nem fruto de interesses particulares...

- É possível prever o futuro?

- Sim, isso não é problema: sabemos exatamente como será o futuro.

Nosso problema é o passado: esse está sempre mudando.

Geoffrey Hosking historiador da experiência soviética, citado por Gwyn Prins (1992, p. 182), ao referir-se a uma anedota contada pela Rádio Armênia.

“Decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, em seu favor, que ela entretém (...). Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida. Como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teriam escolhido este ofício? Aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes. Mas todo cientista só encontra uma única que a prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação” (BLOCH, 2001, p. 43).

Resumo:

A colonização alemã na Serra dos Tapes, iniciada em 1858, a partir da sociedade entre Jacob Rheingantz e José Antônio de Oliveira Guimarães, não ocorreu de forma pacífica, patriarcal e paradisíaca. Esta premissa opõe-se ao posicionamento laudatório e pouco crítico da história oficial de São Lourenço do Sul sobre a colonização na região, especialmente no que tange à representação sobre Jacob Rheingantz. Através da recuperação de memórias não-oficiais e de documentos esquecidos, a dissertação traz à tona fatos que foram apagados da história, para que um herói fosse criado. A importância do homem, respaldado por escritores e pelo poder estabelecido local, através de diversas homenagens, transformaram Rheingantz em um modelo formador de condutas. Percebe-se no esquecimento proposital e no enaltecimento incondicional, uma intenção de manipulação do presente e de manutenção do *status quo*. A população, bombardeada por uma série de informações que atestam a grandiosidade do mito - seja nas escolas, nos livros ou nas obras materiais -, termina legitimando esta construção, perpetuando as atitudes almejadas para conservação da ordem estabelecida. Este trabalho, embasado documental e teoricamente, tem o objetivo de alterar este paradigma e de tornar perceptível esta manipulação.

Palavras-chave: História oficial. Colônia de São Lourenço. Jacob Rheingantz. Mito.

Abstract:

The German colonization in the Mountain Chain of Tapes, which began in 1858, from the society between Jacob Rheingantz and José Antônio de Oliveira Guimarães, did not occur in a pacific, patriarchal and ideal way. This premise goes against the little critic report of the official History of São Lourenço do Sul on the colonization of the region, especially regarding the representation about Jacob Rheingantz. Through the recovery of non-official memories as well as documents that have been forgotten, this dissertation brings to light facts erased from History, in order for a hero to be created. The importance of the citizen, supported by writers and the established local power through a lot of homage have made Rheingantz into a behavior-maker model. It is possible to observe, both through the on purpose forgetfulness and unconditional honoring, an intention of manipulation of the present and maintenance of the status quo. The population, influenced by a lot of information which testify the importance of the myth – in schools, books, or material deeds - , is led to legitimate this construction, perpetuating the aimed attitudes for the conservation of the established order. This work, based on documents as well as theory, aims to alter this paradigm and make such manipulation perceptible.

Key-words: Official History. São Lourenço Colony. Jacob Rheingantz. Myth.

Sumário

1 Introdução	11
Capítulo 2: <i>Jacob Rheingantz: um imigrante alemão no sul do Brasil</i>	23
Capítulo 3: <i>Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço - a construção de um mito fundador</i>	47
3.1 <i>A construção do mito através da história oficial: o poder das palavras</i>	47
3.2 <i>Muito além da história oficial: uma visão além do alcance</i>	66
3.3 <i>1958 - As comemorações do centenário de imigração alemã em São Lourenço do Sul, através do discurso do jornal “Voz do Sul”</i>	91
3.4 <i>José Antonio de Oliveira Guimarães e o panteão de heróis sul-lourencianos</i>	101
Capítulo 4: <i>Rheingantz e os 24 alemães ébrios - a desconstrução da relação patriarcal</i>	110
Capítulo 5: <i>O Mito hoje</i>	136
5.1 <i>A memória pública e o pescador de arenques</i>	136
5.2 <i>A memória erudita e o Sesquicentenário de Colonização alemã em São Lourenço do Sul</i>	149
6 Considerações finais:	172
Anexos	181
Fontes e Referências Bibliográficas	267

1 Introdução

“Os historiadores evocam os fantasmas do passado em nome dos fantasmas do presente” (SANCHES, apud FÉLIX, 2004, p. 89).

Os mortos voltaram!

Ao menos em Antares, por conta do livro, de Erico Veríssimo, “Incidente em Antares”. Tudo começou com uma greve geral, encabeçada por um grupo de operários (tidos como comunistas, é claro!), que paralisou quase toda a vida desta pacata (e fictícia) cidade gaúcha. Ela iniciou no dia 12 de dezembro de 1963, mesmo dia em que sete pessoas desta localidade vieram a falecer. O cemitério, local lógico em que deveriam ser enterrados os mortos, no entanto, não pôde ser utilizado para sua tradicional função. Isto porque, ele também foi ocupado pelos grevistas, como forma de pressionar seus patrões mediante suas reivindicações. Assim, nem os mortos, nem seus parentes, puderam entrar neste local sagrado, tendo que permanecer do lado de fora até que a situação fosse resolvida. Alheios a tudo isso, os mortos milagrosamente acordaram na madrugada do dia seguinte, sem saber ao certo o que estava acontecendo. Ao despertarem de seu curto “sono eterno”, elaboraram uma reunião, encabeçada pelo ex-advogado, Dr. Cícero Branco, e decidiram descer até Antares, para receber as devidas explicações pelo seu “não-enterramento”. Nesta volta, espalharam o pânico entre as ruas, causando sustos e ataques de desespero - houve até quem dissesse que era o juízo final. Ao descobrirem as razões que impediram seu “descanso eterno”, os mortos resolveram pressionar as autoridades. A Prefeitura, as empresas e os próceres locais, no entanto, estavam no meio de um grande dilema: de um lado os grevistas, que não aceitavam liberar o cemitério antes que seus direitos fossem atendidos; do outro, os mortos, em uma situação surreal, exigindo seu enterramento. Ao meio dia, desta sexta feira 13, foi marcada uma reunião entre defuntos e autoridades, na praça pública de Antares. O local foi escolhido estrategicamente pelos mortos, pois desta forma garantiriam a atenção de toda cidade. Almejando alcançar mais rapidamente seu objetivo, resolveram denunciar diversos segredos abomináveis dos antarenses. Poucos escaparam ilesos deste ataque verbal, mas a mancha maior recaiu sobre os grandes homens do município, especialmente o prefeito e o último caudilho local.

Resumindo a trama, mortos e grevistas alcançaram seu objetivo: enterro e aumento, respectivamente. Mas ainda havia um problema: as graves denúncias feitas pelos cadáveres

antarenses. Para piorar a situação, a imprensa de Porto Alegre estava a caminho da cidade para averiguar o que havia acontecido. Inventou-se, então, para estes jornalistas, que tudo não passou de uma piada (“onde já seu viu os mortos voltarem?”), promovida pela própria prefeitura, como forma de divulgar o município. A história ficou mal contada, a imprensa ficou desconfiada, mas de certa forma a situação externa foi amenizada e, ao menos, para o resto do mundo tudo não passou de um boato infundado, um caso de alucinação coletiva ou até mesmo de piada de humor negro. Sanado o problema externo, faltava ainda resolver a questão interna; afinal, toda a cidade havia visto (e ouvido) os mortos. Foi assim que surgiu a chamada “Operação Borracha”, um plano que visava apagar da memória local tal acontecimento.

Vejamos o argumento do autor intelectual do plano:

- (...) Proponho organizar uma campanha muito hábil, sutilíssima, no sentido de apagar esse fato não só dos anais de Antares como também da memória de seus habitantes. Sugiro (aqui entre nós) um nome para esse movimento: Operação Borracha (...). Podemos contar com vários aliados nessa campanha, a saber: o tempo, que tem uma função de borracha e de água, pois aos poucos vai apagando e lavando tudo... (VERISSIMO, 1978, p. 461).

Tinham também como aliado o bom-senso, afinal, os mortos “não voltam”.

Hora de trocar a literatura pelo desenho animado. Em “Os Simpsons”, a cidade de Springfield celebra Jebediah Springfield, seu fundador, como um herói cheio de virtudes. Porém, no episódio *Lisa, a iconoclasta*¹ Lisa Simpson

descobre que o lendário e supostamente heróico fundador de Springfield era na verdade um terrível pirata, que tentou matar George Washington. Lisa (no entanto) tira nota vermelha por seu ensaio: “Jebediah Springfield: superfraude” (...). (Ela, porém) está apenas tentando dizer a verdade, da maneira como a descobriu. (...) Uma verdade objetiva, histórica e científica, a ser defendida como um valor inerente, quaisquer que sejam as conseqüências e os sacrifícios. Algumas verdades a respeito de fundadores, porém, devem ser ocultas diante de práticas contemporâneas... (LAWLER, 2004, p. 147-148).

Esta “verdade”, obviamente, não foi aceita pela população local, que preferiu manter os valores, supostamente, heróicos e nobres de seu fundador intactos.

O que podemos perceber, relacionando estes dois casos?

1º) Certos fatos podem ser apagados da história.

¹ *Lisa the iconoclast*. Fox, 7ª temporada (1995-1996).

2º) Algumas “verdades” são criadas.

3º) Certos mitos precisam ser preservados.

Aonde chegamos com tudo isso? À literatura novamente! E a sempre citada frase de George Orwell: “Quem controla o passado, controla o futuro” (ORWELL, 2005, p. 36). Mas engana-se quem pensa que somente os historiadores controlam o passado. Como vimos no caso de Antares, a “verdade” histórica depende, e muito, dos interesses dos grandes homens: políticos, caudilhos e pessoas influentes.

A memória é ativada visando (...) ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão de memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...). Noção de que a memória torna poderoso(s) aquele(s) que a gere(m) e controla(m) (SEIXAS, 2001, p. 42).

Essa pequena introdução, dentro da introdução, utilizando elementos culturais como suporte, serve de “pano de fundo” para chegar ao tema desta dissertação, que é mais um dentre tantos casos de histórias esquecidas, mitos construídos e de verdades criadas historicamente.

No princípio, houve um homem: Jacob Rheingantz; imigrante alemão, carreira ascendente no comércio de Pelotas/Rio Grande. Houve, a seguir, uma idéia: povoar uma região com conterrâneos seus - imigrantes vindos dos mais diversos estados alemães. Concretizada esta idéia, houve certa estabilidade e problemas; muitos problemas. E o mais intrigante: os problemas estavam intimamente ligados à relação entre Rheingantz e os imigrantes que ele trouxe para esta colônia. Anos se passaram e uma borracha selecionou quais fatos apagar e quais fatos preservar. Esta seleção foi conivente com o fundador da colônia, e, então, um herói foi criado. Acopladas a este herói vieram muitas virtudes e algumas verdades – afinal, era necessário preservar a idoneidade deste mito. Qualquer semelhança com os casos acima citados, de Springfield e Antares, não é mera coincidência.

Os responsáveis por esta construção são os autores da história oficial de São Lourenço do Sul; geralmente, este tipo de historiografia representa o poder hegemônico, e se caracteriza por narrar uma versão dos fatos onde cada membro da sociedade pode encontrar seu lugar respectivo. Ou seja, além de forjarem a memória do município, são estes autores que constroem a identidade local. “Identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos. E nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças” (LOWENTHAL, apud SILVA E SILVA, 2005, p. 204).

Perceptível, é, portanto, o poder e o controle social que estes escritores possuem; são eles, afinal, que moldam a personalidade dos cidadãos, e mais do que isso, são eles que formam a ideologia² em que se fundamentará a sociedade local.

A ideologia está sempre associada a um determinado sistema de valores. A ideologia, de acordo com este uso, tem a ver com ‘poder’, com controle social exercido sobre os membros de uma sociedade, geralmente sem que estes tenham consciência disto e muitas vezes sem que os próprios agentes implicados na produção e difusão de imagens que alimentam o âmbito ideológico tenham eles mesmos uma consciência mais clara dos modos como o poder está sendo exercido (BARROS, 2004, p. 86).

Carlos Guilherme Rheingantz, Vivaldo Coaracy e Jairo Scholl Costa escreveram as principais obras sobre Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço e, moldaram, no fundador da colônia, a pessoa imbuída de representar os valores morais almejados para os cidadãos locais. Partindo do pressuposto de que as representações³ geram as práticas sociais⁴ (o modo de agir), e vice-versa⁵, fica clara a importância de Rheingantz; afinal, se ele serve como modelo para a sociedade, e se suas virtudes são ideais, as práticas desta sociedade tendem a seguir seu exemplo. E, como Rheingantz, nestas representações, é honesto, bondoso, ordeiro, pacífico (dentre outras qualidades) garante-se a manutenção do *status quo*, pois é essa postura que se espera dos habitantes de São Lourenço. Ou seja, esta representação de Rheingantz está sendo apropriada ideologicamente⁶. No entanto, como disse José D’Assunção Barros, talvez estes autores nem tenham consciência de sua importância como “difusores

² “A ideologia (...) corresponde a uma determinada forma de construir representações ou de organizar representações já existentes para atingir determinados objetivos ou reforçar determinados interesses” (BARROS, 2004, p. 86).

³ Não há “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”. A partir disso, “deve-se considerar “as representações coletivas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social (...) na medida em que comandam atos” (CHARTIER, 1991, p. 3 e 7).

⁴ “As práticas e representações são sempre resultado de determinadas motivações e necessidades sociais” (BARROS, 2004, p.81).

⁵ José D’Assunção Barros chama atenção para a “complementaridade das ‘práticas e representações’, e para a extensão de cada uma dessas noções. As práticas (...) geram representações, e as suas representações geram práticas, em um emaranhado de atitudes e gestos no qual não é possível distinguir onde estão os começos” (BARROS, 2004, p. 80).

⁶ “(...) As ideologias (...) servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Esse efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une é também a cultura que separa e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como sub-culturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 2000, p. 10).

ideológicos”; mas, é indubitável, porém, que eles acabam servindo aos interesses dominantes, pois passaram “a reger as atitudes e as tomadas de posição dos homens nos seus inter-relacionamentos sociais e políticos” (BARROS, 2004, p. 84). Rheingantz e, mais do que ele, a história oficial, mesmo que involuntariamente, acabam moldando a conduta do restante da população.

A antiga tradição da Escola Positivista, de interpretação do passado, influenciou demasiadamente a escrita da história; especialmente na sua ramificação política, onde a exaltação ao Estado e aos grandes homens, era quase obrigatória. Jacob Rheingantz, enquanto mito, é filho desta tradição. A Nova História Política, apesar de manter o foco no “poder⁷”, rompeu com esse exclusivismo de exaltação a ícones e, mesmo quando ela “toma para seu objeto um indivíduo, não visa mais a excepcionalidade das grandes figuras políticas que outrora os historiadores positivistas acreditavam ser os grandes e únicos condutores da história” (BARROS, 2004, p. 107). Os objetos de História Política são todos aqueles que são atravessados pela noção de poder: desde o estudo do poder estatal, “bem como o campo das representações políticas, dos símbolos, dos mitos políticos, do teatro do poder, ou do discurso” (BARROS, 2004, p.109), até o estudo dos micropoderes que aparecem na vida cotidiana. Este trabalho pretende inserir-se dentro desta corrente historiográfica⁸, por considerar que Rheingantz e a história oficial são utilizados como instrumentos que garantem a manutenção e a legitimação do poder hegemônico local. Claro que eles não podem ser considerados os únicos agentes responsáveis pela conservação do estado atual das coisas, nem que essa relação ocorra sem uma complementaridade de interesses: história oficial e os próceres locais, através de Rheingantz, enaltecem, perpetuam-se e se auto-promovem indefinidamente.

O poder estabelecido, seja pela história oficial, seja por iniciativa própria, utilizando-se de uma infinidade de discursos e homenagens a este ícone, constrói uma identidade social para a coletividade sul-lourenciana. “A construção das identidades sociais (...) (é) resultado (...) de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma” (CHARTIER, 1991, p. 183). Quando se estuda alguma coisa sobre Jacob Rheingantz, na verdade, se está estudando discursos sobre ele - discursos que foram

⁷ “Política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, (e) a prática do poder” (REMOND, 1988, p. 444).

⁸ Embora haja uma maior vinculação com a História Política, é inegável a influência e o contato com outras áreas da história (como a História Cultural e Social) e mesmo de outras disciplinas (como a Sociologia).

pré-selecionados para chegarem ao tempo presente. Analisar os discursos oficiais é analisar relações de poder. E, estudar estas relações é analisar o funcionamento da sociedade como um todo:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2006, p. 8-9).

A colonização alemã, em São Lourenço do Sul, começou em 1858, por intermédio da sociedade entre Jacob Rheingantz e José Antônio de Oliveira Guimarães. Quase cinquenta anos depois (em 1907), em função das comemorações que iriam ocorrer no ano seguinte, o primogênito de um destes fundadores, Carlos Guilherme Rheingantz, escreveu um livro exaltando a figura de seu pai como um desbravador que trouxe vida a uma terra. Outros cinquenta anos se passaram e um novo livro (de Vivaldo Coaracy) foi publicado para narrar os feitos deste homem. Os anos se passaram e novas homenagens (seja em livros, matérias de jornal ou obras materiais), se sucederam. Dentro deste contexto, surgem várias perguntas: ninguém nega a importância de Rheingantz em iniciar a colonização e trazer os imigrantes para São Lourenço, mas enquanto figura heróica, qual a importância de Rheingantz para o município? José Antônio de Oliveira Guimarães, nestas obras, também foi exaltado? Houve fatos que foram esquecidos da história local, para preservar a imagem deste herói? E o povo, aceitou esta construção mitológica em torno de Rheingantz? Estas questões serão analisadas ao longo deste trabalho, respectivamente no terceiro, quarto e quinto capítulo. O capítulo dois, por sua vez, intitulado 'Jacob Rheingantz: um imigrante alemão no sul do Brasil', além de apresentar o protagonista deste trabalho ao leitor, aborda, também, o universo do emigrante alemão que veio para o Brasil no século XIX.

O termo 'migração' reúne uma enorme variedade de fenômenos que, em definitivo, tem um único ponto comum: a mobilidade dos homens. Entende-se por migração qualquer deslocamento individual ou coletivo de um ponto para outro (...). A migração implica (...) concreta ou miticamente, a vida entre dois universos, aquele no qual se está inserido, mas também aquele que se deixou, definitivamente ou por um lapso de tempo calculado grosso modo; implica sofrimento e divisão (RAISON, 1986, p. 488).

O personagem principal deste trabalho - Jacob Rheingantz - era um imigrante. Eram imigrantes, também, os europeus trazidos por ele para sua colônia particular - São Lourenço.

Por ser um entre tantos, Rheingantz reflete diversas semelhanças e particularidades com os seus patrícios do século XIX; é justo, portanto, que ele seja nosso guia na contextualização deste processo que levou milhões de europeus para a América. Afinal, quem eram estes homens e o que fez com que abandonassem sua terra natal, sua vida na Europa e resolvessem partir para um novo lar e uma nova vida? O que moveu Jacob Rheingantz para o extremo sul do Brasil e fez com que ele investisse na colonização da Serra dos Tapes?

Colonização, mais que um conceito, é uma categoria histórica, por que diz respeito a diferentes sociedades e momentos ao longo do tempo. A idéia de colonização ultrapassa as fronteiras do novo mundo: é um fenômeno de expansão humana pelo planeta, que desenvolve a ocupação e o povoamento de novas regiões. Portanto, colonizar está intimamente associado a cultivar e ocupar uma área nova, instalando nela uma cultura preexistente em outro espaço. Assim sendo, a colonização em determinadas épocas históricas foi realizada sobre espaços vazios, como é o caso das migrações pré-históricas que trouxeram a espécie humana ao continente americano. Mas, desde que a humanidade se espalhou pelo mundo, diminuindo significativamente os vazios geográficos, o tipo de colonização mais comum tem sido mesmo aquele executado sobre áreas já habitadas (SILVA E SILVA, 2005, p. 67).

Ainda no campo dos conceitos, e expandindo/aprofundando um pouco mais os termos acima mencionados, relativos à colônia e suas variantes (colonial, colonização, colonizador), é possível citar Alfredo Bosi, que indica que estes termos originaram-se, do verbo latino colo, que significa, “eu moro, eu ocupo a terra, eu trabalho, eu cultivo o campo” (BOSI, 1991, p. 11)⁹. Colônia, gera ainda outras palavras, como culto (do original Cultus), referindo-se ao passado e associado à preservação da memória do antigo lar; e cultura (proveniente de Culturus), remetendo ao futuro e ligado à idéia da transmissão de práticas e significados aos descendentes desse processo. Já o particípio presente desta raiz verbal, a palavra colonização, diz respeito à “um projeto totalizante (...) (que pretende) ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais” (BOSI, 1991, p. 15). Pode-se perceber, portanto, que o próprio conceito já indica este caráter mais amplo, ligado à noção de conquista. Rheingantz conquistador, desbravador, pioneiro... Sua representação está carregada destas e de outras qualificações; afinal, um herói deve ser virtuoso e carismático.

O herói é uma figura arquetípica que reúne em si os atributos necessários para superar de forma excepcional um determinado problema de dimensão épica (...). O termo herói designa originalmente o protagonista de uma obra narrativa ou dramática(...), e é marcado por uma projecção ambígua: por um

⁹ É, em suma, uma referência ao espaço que está sendo ocupado.

lado, representa a condição humana, na sua complexidade psicológica, social e ética; por outro, transcende a mesma condição, na medida em que representa facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir – fé, coragem, força de vontade, determinação, paciência, etc. O herói será tipicamente guiado por ideais nobres e altruístas – liberdade, fraternidade, sacrifício, coragem, justiça, moral, paz ¹⁰.

Rheingantz foi, no espaço de quinze anos, imigrante e colonizador. No espaço de mais alguns anos tornou-se herói e mito. Mas, por que Rheingantz? Qual o atributo que lhe permitiu servir como arquétipo aos cidadãos locais? O tema é amplo, a história complexa. Estas (e outras) indagações fazem parte do terceiro capítulo, intitulado “Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço - a construção de um mito fundador”; subdividido em quatro partes, este capítulo começa (3.1) investigando a importância do mito, ao mesmo tempo em que analisa as representações locais sobre Rheingantz. As datas comemorativas e os anos jubilares, por exemplo, são elementos importantes inseridos nesta lógica, pois é nestes momentos que a volta ao passado se torna mais evidente: 1908¹¹, 1958¹² e 1984¹³, foram os três anos jubilares mais importantes do século XX, em São Lourenço, e que mais renderam o retorno ao passado; foi justamente em função destas festividades que se deu, por exemplo, o lançamento dos livros da história oficial¹⁴. Esta estratégia é facilmente explicada, pois de tempos em tempos é necessário ativar a memória da população, reafirmando quais são os ideais que regem o comportamento social. Caso a história local não seja recordada e celebrada com certa frequência, há o risco de, como salientou Lowenthal, haver uma crise de identidade; e, caso um personagem histórico não seja lembrado nestes “momentos-chave”, ele pode ser esquecido - e se ele for esquecido, também poderão ser esquecidos os valores que ele carrega consigo. Logo, é interessante saber como Rheingantz foi representado nestes anos jubilares: laudatoriamente, como nos livros de história? Ou, como ser humano controverso e contestado? Para tentar responder esta questão, foi analisado o centenário de colonização alemã em São Lourenço do Sul (3.3); Rheingantz, personagem interessantíssimo dentro deste contexto, foi exaltado e homenageado em meio a estas festividades? Ou, os colonos anônimos seriam a prioridade dos organizadores? E, a fonte escolhida para tentar responder esta questão, o jornal “Voz do Sul”, ao noticiar o evento, também celebrou este ícone? Outros

¹⁰ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Her%C3%B3i>, consulta realizada em 25 de novembro de 2007.

¹¹ Cinquentenário de colonização alemã.

¹² Centenário de colonização alemã.

¹³ Centenário de emancipação política de São Lourenço do Sul.

¹⁴ Apesar de os livros de Carlos Guilherme Rheingantz e Vivaldo Coaracy terem sido lançados na véspera destes anos, em 1907 e 1957, respectivamente, eles se encaixam na lógica destas comemorações, conforme os próprios autores observam: RHEINGANTZ, 1907, p. 5 e COARACY, 1957, p. 3 e 28.

possíveis legitimadores desta construção mitológica também foram pesquisados (3.2): em uma revisão historiográfica, quase o que poderíamos chamar de “Estado da Arte”, é possível descobrir outras representações sobre este herói; livres para assumir uma postura mais crítica, e menos comprometida com uma causa, como Jacob Rheingantz foi descrito por estes escritores? Por fim, resta saber a representação do sócio de Rheingantz, o também fundador, José Antônio de Oliveira Guimarães (3.4); ele também foi homenageado pela história oficial e pelo poder estabelecido? Ou, a fundação não tem importância decisiva na construção do panteão de heróis locais?

Para tentar responder às questões deste capítulo foram utilizados jornais e fontes bibliográficas (teóricas e oficiais). As referências teóricas, por exemplo, explicam o posicionamento pouco crítico, omissivo e laudatório das fontes oficiais, ao mesmo tempo em que demonstram a importância do mito. Os jornais, por sua vez, são chamados à tona para esclarecer e complementar algumas informações que ficaram obscuras, mas, também, para serem analisados como possíveis legitimadores da construção mitológica em torno de Rheingantz.

O quarto capítulo também leva em conta fontes bibliográficas e jornais (pelas mesmas razões do capítulo anterior), mas é baseado principalmente na análise de documentos produzidos pelos atores desta história: Família Rheingantz, colonos, agentes do governo, Tenente Sá Queirós, etc. Parece óbvio que estes documentos revelam um outro lado da colônia, que foi negligenciado pela história oficial. Mas, qual o conteúdo destes documentos, e por que foi interessante esquecê-los? “Jacob Rheingantz e os 24 alemães ébrios: a desconstrução da relação patriarcal”, analisa de forma crítica e interpretativa estas manifestações, relegadas ao esquecimento por mais de um século.

Existem espaços dissimulados que se escondem na documentação escrita, contornando silêncios e falseamentos, revelando segredos que o próprio autor do texto não pretendia revelar, mas que escapam através da linguagem, dos modos de expressão, da súbita iluminação que se espalha pelo texto quando o confrontamos com um outro nesta prática que é hoje chamada de “intertextualidade” (BARROS, 2004, p. 133).

Se, por um lado, o capítulo três apresenta as estratégias e os discursos que foram utilizados para tornar Rheingantz uma figura exemplar, por outro, no quarto capítulo, avançamos um pouco na busca de encontrar o ser humano, por trás do mito. De um lado a construção, do outro a desconstrução. Não se trata, porém, de ir de um extremo ao outro. Muito menos de transformar o herói em vilão. Trata-se, isso sim, de abrir os olhos: Jacob

Rheingantz, falecido há 130 anos, transformado em herói há 100, há muito tempo, deixou de ser uma simples mortal. Sua vida tornou-se algo maior; saiu do controle. O mito nos diz menos sobre si, do que sobre a sociedade que o produz¹⁵. Ou seja, ao analisarmos a construção da história oficial em torno de Rheingantz, não estaremos vendo o diretor da Colônia de São Lourenço; estaremos observando uma representação idealizada de um homem que, na verdade, nunca existiu, mas que atende às necessidades do poder estabelecido. Então, a crítica não é para Rheingantz; mas sim, para quem o produziu.

Fechando um ciclo, o quinto capítulo gira em torno da aceitação (ou não) deste mito pela população local; Rheingantz é reconhecido como o herói que trouxe vida a uma terra? Ou, a tentativa de construção laudatória, em torno de sua figura, foi mal sucedida? As lembranças de antepassados, quando ocorrem estas referências, correspondem às representações da história oficial? Em suma, a memória histórica da população traz quais lembranças sobre o fundador? Dois grupos, e duas metodologias diferentes, foram escolhidos para tentar responder esta questão: o primeiro, composto por vinte pessoas, foi selecionado ao acaso, e suas questões foram relativas ao reconhecimento e à imagem que estas pessoas tinham de Rheingantz. Como se tratava de uma questão mais objetiva, onde interessava tanto a parte quantitativa, quanto a qualitativa, optamos por entrevistas escritas. No segundo grupo, formado por cinco pessoas com interesse pelo tema, os quais poderíamos classificar quase de pesquisadoras, as entrevistas foram orais. Com o gravador pudemos ampliar um pouco mais o foco e a abrangência das entrevistas; como se tratava de um público um pouco mais especializado, entramos em contato com teorias e hipóteses que a maioria da população, alheia ao assunto, normalmente não seria capaz de abarcar.

Este capítulo parte da premissa de que “é de acordo com o que se pensa que ocorreu no passado que se tomarão determinadas decisões no presente” (ALBERTI, 2005, p. 167), ou seja, se a construção mitológica em torno de Rheingantz foi bem sucedida, e os autores da história oficial conseguiram repassar a sua representação de Rheingantz, isto pode ser um indicativo de que muitas atitudes dos depoentes são moldadas de acordo com o que eles sabem do passado. Logo, estas atitudes tendem a ser aquelas almejadas pelo poder estabelecido; garante-se assim a manutenção do sistema tal qual ele foi planejado. Esta relação, que estabelece um vínculo, entre a história oficial e o poder hegemônico, garantindo o controle das massas, além de ser claramente manipuladora, acaba desfigurando a história.

¹⁵ CARVALHO, 1990, p. 14

Se não houver resistência, embasada teórica e criticamente, cada vez mais teremos uma história homogênea, onde o que menos importa é a fidelidade ao passado.

Controlar o passado ajuda a dominar o presente e a legitimar tanto as dominações como as rebeldias. Ora, são os poderes dominantes: Estados, Igrejas, partidos políticos ou interesses privados¹⁶, que possuem ou financiam livros didáticos ou histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão. Cada vez mais eles entregam a cada um e a todos um passado uniforme (FERRO, 1983, p. 11).

Essa uniformização do passado, onde não existem interpretações, mas verdades absolutas, garante o controle dos grupos sociais que desconhecem a sua história¹⁷. Subestimar a importância e a influência do passado nas atitudes do presente é um erro. Ainda mais, em um presente de transformações tão velozes. O comportamento nostálgico, por exemplo, nada mais é do que o resultado deste presente de incertezas. O prestígio da história e a recuperação do passado, através de diversos *lugares de memória*¹⁸, garante uma passagem regular do passado ao futuro¹⁹.

Com algumas nuances, todo sonho, toda recordação, toda evocação de uma idade de ouro qualquer parece, com efeito, repousar sobre uma única e fundamental oposição: a do outrora e do hoje, de um certo passado e de um certo presente. Há o tempo presente e que é o de uma degradação, de uma desordem, de uma corrupção das quais importa escapar. Há, por outro lado, o “tempo de antes” e que é o de uma grandeza, de uma nobreza ou de uma certa felicidade que nos cabe redescobrir (GIRARDET, 1987, p.105).

Logo, é interessante saber como está sendo trabalhada a imagem de Rheingantz hoje. Esta questão também é trabalhada ao longo do quinto capítulo e divide-se em duas frentes: a primeira, acompanha as entrevistas escritas, e refere-se ao novo livro de Jairo Scholl Costa: o escritor segue representando Rheingantz de maneira laudatória? A segunda questão, por sua vez, acompanha as entrevistas orais, e refere-se a um dos eventos de recuperação histórica mais importante dos últimos anos: o sesquicentenário de colonização alemã no município, que

¹⁶ Aos nos referirmos à poder estabelecido, fazemos menção a estes mesmos grupos citados por Ferro: Estado, Igreja, partidos políticos e interesses privados.

¹⁷ FÉLIX, 2004, p. 17

¹⁸ “Pierre Nora elaborou a expressão *lugares de memória* como resultante de um processo de questionamento sobre a memória social, a aceleração da história (processo) e a necessidade do registro da memória através da história (conhecimento/disciplina). Nora partiu das chamadas ‘sociedades tradicionais’, onde a memória social partilhava das vivências, mantendo-se pela tradição e costume; garante-se, assim, uma passagem regular do passado ao futuro. Na transmissão, indicava-se o que era necessário reter do passado para lembrar no futuro” (FÉLIX, 2004, p. 49).

¹⁹ FÉLIX, 2004, p. 49

ocorrerá em 2008; como esta celebração está sendo preparada nos bastidores? E, qual o papel de Rheingantz neste contexto? Existe a possibilidade de novas homenagens?

Rheingantz, assim como os sete mortos de Antares, não morreu! Ou melhor, morreu, mas, continua participando ativamente do nosso presente.

Se o homem conseguir que todas as coisas que devem sua existência a ele – obras, feitos e palavras – e que são perecíveis se tornem dotadas de alguma permanência, ele conseguirá também entrar no mundo da eternidade, encontrando um lugar no cosmo onde todas as coisas são imortais, com exceção do homem (FÉLIX, 2004, p. 51).

Capítulo 2 *Jacob Rheingantz: um imigrante alemão no sul do Brasil*

Milhões de alemães partiram da Europa no século XIX. Por ser um dentre estes tantos emigrantes, Jacob Rheingantz reflete diversos traços comuns aos de seus patrícios que também migraram. Por outro lado, sua trajetória teve particularidades específicas que a maioria destes postulantes ao “novo mundo” não vivenciou. Por reunir tais características, achamos adequado utilizá-lo, não apenas como o personagem principal deste trabalho, mas também como seu ponto de partida, guiando-nos através de um contexto sobre o mundo do emigrante alemão no Rio Grande do Sul, do século XIX; Rheingantz o emigrante, o imigrante, o empregado, o sócio, o capitalista, o empresário, o fundador, o herói... Enfim, Jacob Rheingantz, o mito.

Jacob Rheingantz nasceu em Sponheim, uma região da Prússia Rhenana (estado alemão), em 9 de agosto de 1817²⁰. Filho de João Guilherme Rheingantz e Ana Maria Kiltz, Jacob foi o quarto filho de um total de doze descendentes desta união. Começou a trabalhar cedo, na região de Kreuznach, em uma casa de vinhos. Sua vida tomou um novo rumo quando, aos vinte e dois anos, migrou pela primeira vez; em abril de 1839, mudou-se para a França, a fim de empregar-se em uma casa fabricante de vinhos de champanha. Eram anos turbulentos; os estados alemães, assim como a toda a Europa, viviam as incertezas da transição da estrutura feudal para a capitalista. A nova realidade era a da propriedade privada em detrimento das terras comunais, gerando um processo de cercamento dos campos e conseqüente êxodo rural. Os sem terra e sem trabalho dirigiram-se para as cidades, onde concomitantemente dava-se o surto industrial. O que se verificou foi muita procura por emprego e pouca oferta, resultando em baixos salários e muita exploração. A Alemanha foi reflexo dessas transformações e, ao longo do século XIX, experimentou o gosto pelo crescimento, seja ele urbano ou industrial²¹. Em contrapartida, a este crescimento nas cidades, houve o esvaziamento dos campos: de 1820 a 1910, a população germânica que se dedicava às atividades agrícolas, caiu de 80% para 18%²².

A difícil decisão de migrar, de tentar a sorte em outra terra, porém, não passava apenas por esta turbulenta transformação econômica; Jürgen Schneider (1980, p. 81)

²⁰ Vivaldo Coaracy (1957, p. 29), sugere outra data para o nascimento de Jacob: 13 de agosto de 1817. Possivelmente tratou-se de um erro de impressão.

²¹ Segundo Jorge Luis da Cunha (2004, p. 17), as décadas de 1820-30 marcam o início da Revolução Industrial alemã.

²² Jorge Luis da Cunha (2004, p.17).

apresenta outros fatores que motivaram a dispersão de teutos pelo mundo: explosão demográfica, falta de terras a serem havidas por herança, devastações e cargas tributárias decorrentes das guerras napoleônicas, más colheitas, alto preço da terra, saturação regional em certos ramos de atividade e queda dos preços dos produtos agrários.

O desequilíbrio entre a demanda e a oferta (...) de trabalho, agravado pelo aumento demográfico, condicionou muita gente, econômica e psicologicamente, à busca de solução pela mudança de domicílio. A primeira tentativa processou-se em termos de migração européia, dentro ou fora do país. Mas como, a rigor, nenhum país tinha capacidade de absorver o elemento flutuante ou pendular, a solução foi a emigração para a América, um continente a espera de povoamento para desbravar a selva e as terras devolutas (FLORES, 1983, p. 86).

Os estados alemães eram o reflexo desta “Nova Europa” industrial, envolta em rápidas transformações; os que não se adaptaram e os que sonhavam com melhores/maiores oportunidades tiveram que arriscar a sorte em outro lugar; e, assim como disse Hilda Flores, este lugar foi a América. E foi exatamente este caminho que Rheingantz trilhou; após permanecer por um ano na França resolveu mudar-se para os Estados Unidos. Segundo estatísticas, cerca de 60 milhões de pessoas deixaram o Velho Mundo entre 1846 e 1932²³.

A idéia de Rheingantz em migrar para os EUA, além da expectativa de maiores oportunidades financeiras, esteve ligada à pretensão de trabalhar com seu irmão Henrique; porém, ao chegar no “Novo Mundo”, Jacob, descobre que este já havia falecido. Mesmo assim, manteve-se por três anos na América do Norte, tendo que mudar-se novamente por não alcançar seu objetivo econômico. Escolheu como novo destino o Brasil e, em 22 de junho de 1843, desembarcava no porto de Rio Grande. Entre 1822 e 1950, cerca de 5 milhões de estrangeiros fixaram-se no país; dentre as nacionalidades que mais aportaram em solo brasileiro, a partir do século XIX, temos: os italianos, com 1,5 milhão; os portugueses, com 1,45 milhão; os espanhóis, com 600 mil e os alemães com 255 mil²⁴.

Dos mais de 250 mil alemães que emigraram para o Brasil, aproximadamente 75 mil vieram para o Rio Grande do Sul²⁵. Segundo Fábio Kühn (2004, p. 89 - 95) a colonização germânica no estado pode ser dividida cronologicamente em três etapas: de 1824 a 1845 (Fase de subsistência); de 1845 a 1870 (expansão do comércio); e após 1870 (desenvolvimento da industrialização).

²³ JORNAL ABC DOMINGO, 25 DE JULHO DE 2004, Suplemento: 180 anos da imigração Alemã.

²⁴ CUNHA, 2004, p.15

²⁵ No período entre 1822 e 1939.

A saga dos teutos no estado teve início em 1824, por ocasião da fundação da Colônia de São Leopoldo.

Quando, em 1824, começou a imigração alemã no Rio Grande do Sul, essa província tinha cerca de 100.000 habitantes. A única cidade era Porto Alegre. Havia ainda quatro vilas (Rio Grande, Santo Antônio, Rio Pardo e Cachoeira), 17 sedes paroquiais e 10 povoados. Na chamada Campanha se havia estabelecido uma sociedade pastoril, formada por antigos povoadores e descendentes de açorianos imigrados no século 18. Na zona da mata havia poucos habitantes e estes eram, na sua maioria, proprietários de vastas extensões de terra virgem. Iniciada a colonização governamental não tardaram esses proprietários brasileiros em lotear e vender suas terras aos teutos que assim desalojavam, pouco a pouco, à medida que a colonização avançava mata adentro os antigos moradores (WILLEMS, 1980, p.71).

Assim como houve diversos motivos para os germânicos emigrarem da Europa, também houve muitas razões para o Brasil investir na sua vinda para o país; o primeiro motivo estava ligado à questão da colonização de terras fronteiriças, como o Rio Grande do Sul, que se achavam expostas à concorrência espanhola e cuja posse a metrópole portuguesa, e depois o Império brasileiro, pretendia assegurar; uma estratégia geopolítica de ocupar e povoar os vazios populacionais.

O segundo motivo, por sua vez, observava a lógica de trazer imigrantes para substituir os escravos como mão de obra de trabalho. Desde 1808, quando se dá a abertura dos portos, a Inglaterra estabelece o monopólio com o comércio brasileiro, e com isso passa a ditar certas regras; uma delas, e a que mais transtornos causou, foi a questão da escravidão.

Graças à pressão diplomática [inglesa] sobre Portugal, são firmados tratados em 1810, 1815 e 1817, que previam, para breve, o fim do tráfico no Brasil. Após a Independência, mudam apenas os negociadores. Entre 1826 e 1830 são assinados novos acordos que transformam o tráfico em pirataria, atividade ilegal em qualquer ponto do Oceano Atlântico. No ano de 1845, por decisão unilateral inglesa, é aprovado o Aberdeen Act, que permitia o ataque, por parte de navios ingleses, aos navios de traficantes até mesmo em portos brasileiros (DEL PRIORE & VENANCIO, 2001, p.225).

Os emigrantes europeus surgiram, assim, como a alternativa para o fim da mão de obra africana;

o sistema escravista vigente no Brasil consistia num sério obstáculo à expansão capitalista inglesa. Nesta forma de trabalho, o escravo era privado do poder aquisitivo, o que limitava a expansão do mercado inglês. A Inglaterra tinha interesse em aumentar seu mercado consumidor, e para isso era imprescindível que se abolisse a escravidão (LANDO & BARROS, 1976, p. 10).

Um terceiro motivo aparece vinculado e fortalecido pelo objetivo anterior: o branqueamento da raça. Desta forma os imigrantes europeus, desempenhariam o duplo papel de aumentarem a eugenia na população brasileira²⁶ e de serem consumidores em potencial (entrando, assim, na lógica liberal inglesa). Segundo Martin Dreher, o branqueamento da raça foi a causa maior do investimento oficial na imigração. O medo de levantes, por parte da elite, e a busca dos “brancos” de manterem-se no poder, só “poderia ser mantida, caso se diminuísse a população negra e se aumentasse a população branca” (DREHER, 1995, p.71). Este argumento é reforçado por José Bonifácio, em carta de ao britânico Henry Chamberlain, no ano de 1823:

Você sabe o quanto eu, sinceramente detesto o tráfico de escravos, o quanto acredito ser ele prejudicial ao país, o quanto desejo a sua total cessação, embora isso não possa ser feito imediatamente. As pessoas não estão preparadas para isso, e até que seja feito, colocaria em risco a existência do governo, se tentarmos fazê-lo repentinamente. A própria abolição é uma das principais medidas que desejo apresentar à assembléia sem falta, mas isso deve ser administrado e não podemos ter pressa (...).Desejaria que seus navios de patrulha tombassem todos os navios negreiros que encontrassem no mar. Não quero mais vê-los, eles são a gangrena de nossa prosperidade. a população que queremos é branca, e espero ver chegar logo da Europa os pobres, os desditosos, os industriosos; aqui eles terão fartura, com um clima bom; aqui eles serão felizes; eles são os colonos que queremos (MAXWELL, 2000, p.192-193).

Um quarto motivo, defendido por Oberacker (1967), configura-se na intenção do Império em criar, com estes imigrantes, uma “classe média”, até então inexistente; localizar-se-iam estes estrangeiros, e seus descendentes, entre os dois extremos da sociedade de então: os latifundiários, acima, e os escravos, abaixo. O assentamento destes europeus criaria um novo modelo social, econômico e cultural, baseado na pequena propriedade, na mão de obra familiar e na policultura, que entraria em oposição/choque com os latifundiários, notoriamente

²⁶ É interessante observar que era negada aos imigrantes a apropriação de mão de obra escrava; segundo Martin Dreher, tal fato ocorria, por que o imigrante, para concorrer com o latifundiário, “teve que ter família numerosa, contribuindo, assim, indiretamente, para o branqueamento da raça” (DREHER, 1995, p. 72).

associados à grande propriedade, à monocultura e à exploração da mão de obra escrava. Além disso, os alemães seriam o mercado consumidor desejado pelos ingleses, que ainda não existia no Brasil.

Dreher (1995) aponta ainda alguns outros fatores que motivaram o governo a investir na vinda de imigrantes estrangeiros; dentre eles, é possível destacar a formação do exército nacional e a eliminação de nações indígenas²⁷. Este primeiro motivo esclarece-se, pois, recém independente, o país ainda não tinha condições de formar tropas regulares com a população da época. Assim, foram recrutados, não apenas colonos na Europa, mas também soldados que garantissem a soberania do jovem Império brasileiro²⁸. Quanto à segunda questão, ela é explicada pelo simples fato de que muitas das terras que os colonos receberam, localizavam-se em áreas de forte concentração do elemento indígena²⁹. Assim, os conflitos entre ambas as partes pela posse da terra foram inevitáveis e, até mesmo, estratégicas por parte do Império.

Apesar destes vários motivos para que a imigração fosse incentivada, houve forças contrárias a esta política. Em 1830, após São Leopoldo e colônias vizinhas receberem cerca de cinco mil imigrantes alemães, os incentivos à colonização foram eliminados, pois,

a certos círculos populacionais brasileiros, especialmente à aristocracia rural, desagradava este desenvolvimento. Temia-se a influência cultural

²⁷ O autor apresenta ainda outros motivos, tais como: a valorização fundiária que estes colonos trariam às terras que recebessem (devido a sua localização em áreas de escoamento da produção); o fato do imigrante servir como mão de obra barata (neste caso, relativo aos que atuaram de empregados nos latifúndios); a construção e a conservação de estradas, etc.

²⁸ Esses colonos, majoritariamente alemães, foram recrutados pelo Major Schaefer e formaram dois batalhões de infantaria e outros dois de caçadores, tendo auxiliado, dentre outras batalhas, na Guerra Cisplatina.

²⁹ A própria Colônia de São Lourenço localizou-se em terreno de origem indígena; o nome, Serra dos Tapes, como era conhecida anteriormente, já comprova essa hipótese; outros indícios são as pontas de flecha e outros vestígios desta etnia (COSTA, 1984, p.39). Não há, contudo, indícios de confrontos bélicos entre índios e colonos alemães ou luso-brasileiros. Os primeiros proprietários de terra datam do século XVIII. O brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, desde 1776, já possuía uma faixa de terras na costa da Lagoa dos Patos. Pinto Bandeira, porém, segundo Costa (1984, p. 40), nunca fixou residência nestas terras. O primeiro proprietário residente foi o capitão de dragões José Cardoso de Gusmão, que em 1786 recebeu uma sesmaria de terras neste município, “e tão logo as recebeu, tratou de estabelecer-se nelas, montando estâncias e iniciando a exploração pastoril da área recebida” (COSTA, 1984, p. 40). Aos poucos, outras sesmarias foram doadas pela coroa portuguesa, incorporando novos proprietários a estas terras. No início do século XIX predominavam os grandes latifúndios de exploração pecuária. A densidade populacional, existente apenas nesses estabelecimentos pastoris, era baixa e formada por peões, agregados e escravos. Por volta deste período é que começam a se formar os primeiros núcleos populacionais fora dos limites das fazendas, “em Campos Quevedos, em plena Serra dos Tapes, elementos de origem espanhola, vindos de São Paulo estabeleceram-se com pequenas propriedades na região. No Boqueirão, peões, agregados e escravos alforriados se instalaram nesta zona, formando um povoado e dando origem à primeira divisão do latifúndio, mediante propriedades de pequena exploração econômica. O desenvolvimento desses povoados estaria intimamente ligado ao surgimento do futuro município de São Lourenço do Sul” (COSTA, 1984, p. 43). Na freguesia do Boqueirão, um dos mais importantes aldeamentos de São Lourenço, fixaram-se os primeiros imigrantes, de origem italiana. Em 1850, Boqueirão e arredores contavam com cerca de 500 habitantes. Poucos anos depois, chegaram os primeiros colonos alemães trazidos por Rheingantz e Guimarães.

alemã e os latifundiários viam seus próprios interesses prejudicados. Eles empregaram todo seu poder político e conseguiram que os recursos orçamentários para a colonização fossem inicialmente reduzidos e que, em 1830, fossem completamente suprimidos contra a vontade do imperador (SCHNEIDER, 1980, p.84).

A partir de 1830 paralisam-se, então, quase todas as iniciativas imigratórias³⁰; ao mesmo tempo, a Revolução Farroupilha (1835-1845) isola a província. Problemas para os imigrantes que sonhavam em se mudar para o Brasil? Nem tanto, pois apesar de ser marcado como uma época “pobre” para a imigração, o período regencial manifestou por parte do governo uma dupla estratégia política;

de um lado procurou-se estimular as iniciativas particulares e a imigração espontânea de estrangeiros; de outro, houve um esforço no estabelecimento de medidas que preparassem e facilitassem, no futuro, a retomada do processo de imigração e colonização (CUNHA, 2004, p.25-26).

E justamente nessa época revolucionária, e, imigrando espontaneamente é que Rheingantz chega ao Rio Grande do Sul, em 1843. Não vinha ser colono, como os imigrantes subvencionados pelo governo ou pelos empresários; os “espontâneos” tinham um caráter urbano, comercial, quase desassociado da terra.

A imigração espontânea (...) não se dirigia para as colônias, mas sim para as cidades. Via de regra, o impulso para emigração não resultou da impossibilidade de sobrevivência na Alemanha, mas de expectativa por melhores oportunidades econômicas no Brasil. Tais imigrantes eram, freqüentemente, funcionários de casas comerciais alemãs e de companhias de navegação enviados pela matriz para o Brasil. Trata-se aqui de pessoas que, em sua maioria, já tinham adquirido experiência profissional, aplicando-a agora no Brasil, ou de pessoas que se julgavam capacitadas a exercer também outras atividades (SCHRADER, 1980, p. 202).

Estabelecendo-se na cidade do Rio Grande, Rheingantz arranhou trabalho pouco depois, na casa comercial de Guilherme Ziegenbein. Logo foi promovido para agente do vapor Rio-Grandense, sendo responsável pela compra de produtos de exportação. Em julho de 1848, Jacob casa-se com D. Maria Carolina Fella, enteada de seu patrão. Por ocasião do matrimônio tornava-se sócio da firma, “passando logo depois a dirigir a filial da casa na

³⁰ Segundo Jorge Luís da Cunha (2004, p. 25), em 1836 foi autorizada a fundação de duas colônias em Santa Catarina.

cidade de Pelotas, para onde por algum tempo transferiu a residência” (COARACY, 1957, p. 34).

O rápido progresso de Jacob, no Rio Grande do Sul, entusiasmou seu irmão, Felipe, a também “tentar a sorte” na América; sua chegada, em 1846, coincide com a retomada da iniciativa imigratória imperial no Brasil. Esta segunda fase do processo de colonização germânica no Rio Grande do Sul, também denominada “expansão do comércio”, é explicada por Fábio Kühn:

essa segunda etapa foi de expansão do comércio (1845-1870), já que, com a produção de excedentes agrícolas, tiveram início as trocas comerciais, surgindo a figura do comerciante de origem alemã, que passou a acumular as riquezas da produção colonial. Como os colonos ficavam praticamente isolados em seus lotes, o comerciante era o único que fazia alguma oferta aos excedentes produzidos, procurando, evidentemente, pagar o menor preço possível pelos produtos. Como somente ele possuía os meios de transporte (mulas e barcos) para levar a produção até Porto Alegre, acabava tendo uma dupla vantagem: pagava muito pouco aos colonos e vendia a bons preços na capital da província, que consumia boa parte dos excedentes agrícolas (KÜHN, 2004, p.92).³¹

Depois de 15 anos inerte, o Império sentiu novamente a necessidade de voltar-se para os estrangeiros³²; de 1846 até 1870 mais de 15 mil imigrantes alemães³³ chegaram ao Brasil. Esta razoável média foi alcançada devido às novas leis e ofertas que estimularam a imigração: em 1848, surge uma lei que dava às províncias, co-participação na iniciativa imigratória, exigindo que fossem concedidas “seis léguas em quadras de terras devolutas, as quais eram exclusivamente destinadas à colonização, não podendo ser arroteadas por braços escravos” (HUNSCHE, 1986, p.39). Pouco mais de um mês após a publicação desta, o governo provincial de Porto Alegre estabeleceu as suas ofertas aos imigrantes: 100.000 braças quadradas, ferramentas, sementes, e ainda o transporte do porto do Rio Grande até o local onde habitariam. A única despesa do viajante, seria com a passagem transatlântica.

Apesar das vantagens desta lei, e do razoável número de imigrantes que desembarcava nos portos brasileiros, o Império ainda não estava satisfeito. Os índices almejados não eram os

³¹ Este comerciante passou assim a uma acumulação de capital, que mais tarde, na terceira fase (pós 1870), seria reinvestido no setor industrial.

³² É interessante lembrar das pressões inglesas cada vez mais fortes visando a abolição da escravidão.

³³ Hunsche, 1986, p.41 e p.50

ideais, e isso se devia, em boa parte, aos problemas envolvendo a posse da terra no país, que ainda gerava desconfianças no imigrante.

Até o ano de 1850, havia três possibilidades de se obterem terras no Brasil: por doação, por compra ou por simples tomada de posse sem qualquer título. Isso levou à considerável insegurança jurídica. Dois terços de todos os homicídios ocorridos nesta época teriam sido motivados pela disputa das terras (SCHNEIDER, 1980, p.86).

Somente com a Lei das Terras de 1854 é que essa situação regulariza-se, pois determinava mudanças com relação às legislações anteriores; a começar pelas terras, que não seriam mais doadas e sim negociadas:

O tamanho das colônias a serem vendidas, continuavam sendo 100.000 braças quadradas (48 ha), sendo o preço mínimo de cada uma 300\$000 réis. Na medição e demarcação das colônias o presidente da província fazia reservar as terras necessárias para estradas, portos, igrejas, cemitérios e “outras servidões públicas, cuja necessidade se conhecer”. A venda das colônias podia ser feita a prazo que não podia exceder a cinco anos; sobre o excesso, o colono era obrigado a pagar juros de 1 por cento mensal, ficando as terras hipotecadas até o completo pagamento (HUNSCHE, 1986, p.41).

A Lei das Terras acabou tendo um lado positivo e outro negativo. Positivo, pois, regularizava as questões fundiárias para futuras negociações; mas negativo na medida em que gerou incertezas quanto à situação legal de vários proprietários, que afirmavam deterem a posse legal de suas terras³⁴. Em 1862, essas incertezas levaram o governo prussiano a intervir junto ao Império, sendo assim formada uma comissão com os seguintes objetivos: “1º extremação dos territórios da colônia, como referência aos proprietários confinantes; 2º integração dos lotes dos ex-colonos e verificação das terras devolutas neles encravadas; 3º legalização dos títulos” (HUNSCHE, 1986, p.49). A comissão alcançou um triplo êxito: eliminou a maior parte das querelas existentes, assegurou aos futuros colonos maior garantia legal e reabilitou o Brasil como país imigratório.

Esta “suspeição” européia quanto ao caráter emigracionista do Brasil não era nenhuma novidade: três anos antes dessa intervenção, o governo prussiano já havia se manifestado

³⁴ Foi o caso dos colonos alemães de São Leopoldo e de São Pedro de Alcântara (Santa Catarina), que diziam ter recebido seus lotes gratuitamente de D. Pedro I.

negativamente quanto à emigração de alemães para o país; em 1859, o Rescrito de von der Haydt mostrava-se temeroso com o bem-estar dos teutos no Brasil, insinuando que os imigrantes estariam sendo escravizados; além disto, destacava que os protestantes estariam sendo discriminados, por ser a religião católica a oficial do país. Para Achim Schrader estas alegações eram apenas desculpas, pois,

a Prússia começou uma política discriminatória de emigração por esta prejudicar os interesses dos latifundiários das terras ao leste do rio Elba, os quais se serviram dos excedentes demográficos como de uma reserva para baixar os salários, e por ela diminuir o número de recrutas para o exército prussiano e, posteriormente, o imperial. Nos outros estados alemães, em que os latifúndios eram de importância menor e cujo militarismo era menos desenvolvido, observa-se uma atitude positiva quanto à emigração, por ela aliviar a pressão populacional (SCHRADER, 1980, p.204).

Em defesa da imigração para o Brasil, o austríaco Josef Hörmeyer³⁵ assegurou aos europeus interessados em emigrar, que eram falsas estas afirmações de teutos sendo explorados no país;

no que diz respeito à atrelagem do arado e venda de imigrantes como escravos, é apenas uma estupidez malévola, inventada por certos interessados que julgam prestar serviço à pátria quando impedem a emigração dos pobres e necessitados e conservam, para os fabricantes nacionais o que eles chamam de mão de obra barata (HÖRMEYER, apud FLORES, 1983, p.94).

Ao lado da imigração oficial, encabeçada pelo império ou pela província, e da imigração espontânea, que ocorria por conta própria do emigrado, não podemos esquecer da ação dos empresários particulares; eles foram a solução encontrada pelo governo para não comprometer seus cofres e para tentar aumentar o número de entradas de estrangeiros no país. Juridicamente, a iniciativa privada, teve início em 1836, quando a província de Santa Catarina possibilitou à

uma pessoa física (empresário particular ou uma sociedade) candidatar-se a receber do governo terras cultiváveis, (este) fazia um contrato com os interessados em emigrar, adiantava-lhes o dinheiro para a viagem e permitia-lhes repor a quantia em prestações (SCHNEIDER, 1980, p.87).

³⁵ Agente oficial de colonização para o Brasil, na década de 1860.

No Rio Grande do Sul, a iniciativa privada teve início com a Lei 304 - promulgada em novembro de 1854. Rheingantz, após adquirir certo capital e sabendo da existência desta lei, projeta a fundação de uma colônia de imigrantes europeus. O próprio fato de ter sido um imigrante e de ter conhecimento sobre as tentativas anteriores de colonização nesta região³⁶, provavelmente, propiciaram a ele um razoável conhecimento de como proceder sobre o assunto. Após o estudo das áreas devolutas disponíveis³⁷, chega à Serra dos Tapes como o local ideal para o assentamento destes futuros colonos; estava pronto para abandonar a sociedade com seu sogro e partir para um novo empreendimento. No final de 1856, firma contrato com o Governo Imperial, comprando “8 léguas de terras devolutas, à razão de ½ real por braça quadrada, com a obrigação de medi-las dentro de 5 anos e povoá-las com colonos agricultores: alemães, suíços ou belgas. O seu número não devia ser inferior a 1440 almas” (RHEINGANTZ, 1907, p. 8). Segundo Jorge Luiz da Cunha (1995, p. 184), o “negócio” garantiria ao empresário 20\$000 por cada imigrante entre 5 e 10 anos e 30\$000 por imigrante entre 10 e 45.

A região de São Lourenço, neste período, ainda localizava-se dentro dos limites territoriais de Pelotas, e não se limitava exclusivamente à Serra dos Tapes; sua extensão compreendia, ainda, uma planície litorânea. Esta divisão geográfica foi, também, uma divisão de etnias: na primeira, fixaram-se os colonos trazidos por Rheingantz - espaço coberto de florestas privilegiou a pequena propriedade e a produção diversificada. Na planície estabeleceram-se, majoritariamente, os luso-brasileiros - ambiente caracterizado por ricas pastagens, ideais para a criação e exploração de gado, através das charqueadas³⁸.

Rheingantz, porém, não esteve sozinho neste negócio; formou uma sociedade com o fazendeiro José Antônio Oliveira Guimarães, luso brasileiro, que vivia na margem esquerda do Rio São Lourenço; Oliveira Guimarães, grande proprietário de terras, já havia doado em 1850, um oitavo de légua para que fosse construída uma vila na região litorânea de São

³⁶ Moacir Böhlke aponta para outras tentativas de se colonizar esta região, antes da sociedade entre Rheingantz e Guimarães: “Antes da fundação da colônia alemã de São Lourenço em 1858, a Serra dos Tapes já fora palco da tentativa de introdução de estrangeiros para povoar suas terras. Estes interesses surgiram tanto por iniciativa privada quanto Provincial” (BÖHLKE, 2003, p. 16). O autor cita alguns discursos de deputados provinciais, do ano de 1847, para comprovar a hipótese do interesse Provincial. O investimento particular ocorreu com a fundação da Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros, na cidade de Pelotas, no ano de 1850. Imigrantes irlandeses, auxiliados por esta associação, fundaram as colônias D. Pedro II e Monte Bonito, mas que duraram pouco tempo. Os irlandeses abandonaram as terras e as colônias fracassaram. Embasado nestas tentativas é que Böhlke questiona a originalidade da idéia de Rheingantz em criar uma colônia de estrangeiros, na Serra dos Tapes, como comumente aponta a história oficial.

³⁷ Terras devolutas são aquelas áreas que pertencem ao Estado e que, teoricamente, se encontram desocupadas, sem qualquer uso público.

³⁸ Naturalmente, não devemos esquecer de outras etnias na formação da sociedade sul-lourenciana; italianos, espanhóis, índios e negros.

Lourenço. Sete anos mais tarde, tornam-se sócios, firmando acordo válido pelo prazo de cinco anos³⁹.

Enquanto Jacob Rheingantz foi buscar e encaminhar na Europa os primeiros imigrantes para esta terra, Oliveira Guimarães preparou os lotes para assentamento dos imigrantes, contratando os serviços do agrimensor Carlos Othon Knüppeln, providenciando-lhes alojamento, organizando transporte para os lotes coloniais e dotando os imigrantes com animais domésticos para iniciarem suas atividades. Oliveira Guimarães ainda obteve recursos junto a terceiros de modo a financiar o empreendimento, o que foi decisivo para o sucesso da colonização (COSTA, 2003, p. 35).

Sobre a ação destes empresários, que investiram na imigração, é necessário vê-los como empreendedores; além de montarem uma colônia na América, deveriam contatar agentes e firmas na Europa, para fazerem a propaganda de sua colônia⁴⁰. Após reunirem os interessados na viagem, os agentes encaminhavam-nos aos portos de embarque, freqüentemente em Hamburgo ou Antuérpia, e daí, para seu destino, “do outro lado do mundo”. Já que Rheingantz e Guimarães estavam interessados na imigração de teutos, geralmente o porto escolhido era o de Hamburgo⁴¹; como agentes e representantes na seleção e embarque de passageiros optaram pela firma de Wilhelm Hühn & Cia. A primeira leva de futuros colonos, num total de 88, embarcou rumo ao Brasil em 31 de outubro de 1857, chegando ao seu destino nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte. Os passageiros chegavam com a garantia da companhia Wilhelm Hühn, de que os imigrantes embarcados eram “pessoas respeitáveis e que nenhum deles esteve jamais envolvido em questões policiais” (RHEINGANTZ, 1907, p. 30).

O transporte intercontinental realizava-se por via marítima, através da rota Europa - América do Sul (Buenos Aires), com escala no porto do Rio Grande. As escalas, porém, eram periódicas e demoradas, o que levava os empresários, em certas ocasiões, a fretarem navios da

³⁹ As cláusulas do contrato eram as seguintes: “Primeira: A sociedade entre José Antônio de Oliveira Guimarães e Jacob Rheingantz tem por fim estabelecer uma colônia agrícola em terras de que trata a cláusula segunda, na Serra dos Tapes, nesta província; e durará pelo espaço de 5 anos, a contar do dia em que se verificar a compra das terras e, continuará por mais tempo, se assim convier aos sócios. Segunda: O sócio José Antônio de Oliveira Guimarães comprará para a sociedade as datas ou sesmarias e posses de terra que julgar convenientes e precisas para a colônia, entre os arroios Grande e São Lourenço. Terceira: O sócio Rheingantz tomará sobre si encaminhar os colonos, por meios legais, para os estabelecimentos coloniais da sociedade e fornecê-los, logo que cheguem ao porto desta província, de comestíveis e ferramentas pelo espaço de seis meses. Quarta: o sócio Guimarães deverá preparar, com antecedência, agasalhos em grande escala para receber os colonos, no lugar ou lugares mais próximos do desembarque, das datas destinadas aos colonos, e igualmente fornecerá aos colonos o transporte do porto de São Lourenço para as datas, assim como animais vacuns, ovelhuns e aves de criação. Quinta: O sócio Guimarães fica com poderes para tirar dinheiro a prêmio para as mesmas medições das datas compradas e subdivisões das colônias nas mesmas” (BÖHLKE, 2003, p. 21).

⁴⁰ As despesas e o material de propaganda ficavam a cargo do empresário.

⁴¹ Embora, também, ocorressem embarques em outros portos.

Alemanha para esse fim específico. A viagem demorava cerca de dois meses, e “as despesas de transporte, em sua maior parte, eram custeadas pelo colonizador já que a subvenção do governo imperial, na realidade, correspondia a menos da metade da passagem” (COSTA, 1984, p. 58-59).

Hilda Flores destaca outros aspectos comuns a estes empresários particulares:

a viagem dos imigrantes corria por conta do empresário, do governo, ou dos emigrantes. Os empresários loteavam suas glebas em lotes rurais, vendiam-nos a prazo, construíam galpão para alojamento provisório dos colonos até a construção da choupana em seu lote colonial, proviam sementes, instrumentos agrícolas, gado (...). Um armazém para fornecimento, a crédito, dos víveres indispensáveis e colocação dos primeiros produtos coloniais ficava geralmente à alçada do empresário. Igreja e escola quase sempre eram iniciativa dos colonos (FLORES, 1983, p.98).

Caio Prado Júnior (1970), delimita um pouco a questão, diferenciando as iniciativas, em oficial (Imperial e Provincial) e particular (empresários); define a primeira como tendo o objetivo de ocupar e povoar zonas até então desocupadas e distantes na maior parte das vezes, da área de influência do latifúndio. Denominou-a de “colonização”, pois visava formar colônias de estrangeiros, que garantissem a ocupação permanente de certas regiões. Quanto à segunda iniciativa, feita por particulares, foi incentivada pelo governo visando à obtenção de braços livres para a grande lavoura, substituindo assim, os escravos como mão de obra⁴². Prado Jr. utilizou o termo “imigração”, para definir este empreendimento.

Podemos perceber assim, que, enquanto a “colonização” foi mais característica da Região Sul do Brasil, a “imigração”, teve mais semelhanças com o Sudeste, especialmente com São Paulo e seus cafezais. Embora fiquem claras essas associações, não podemos generalizá-las; Colônias como as de São Lourenço e de Blumenau, por exemplo, localizadas no Sul do país, e fundadas por empresários, constituem-se exceções. Segundo Lando e Barros, a consequência destas diferentes iniciativas é totalmente oposta:

no extremo sul essa política resultou na implantação de núcleos coloniais de pequenos proprietários; em São Paulo ela foi responsável pela formação de um proletariado rural que vendia sua força de trabalho, mudando constantemente de patrão (LANDO & BARROS, 1976, p.26).

E, por que o Brasil? O que fascinou mais de 250 mil alemães a migrarem para o país? Quanto aos motivos que levaram estas pessoas a embarcarem rumo a um novo lar, Jean-Pierre

⁴² Ressalta-se a influência Inglesa, neste tipo de imigração.

Raison, chama a atenção para um “jogo dialético” de razões, que atuaram tanto no país de origem, para partida, como no de destino, para entrada; “fatores repulsivos no local de partida, fatores atrativos nas zonas de chegada jogam sempre numa forma dialética. Existem apenas em função uns dos outros e reforçam-se reciprocamente” (RAISON, 1986, p. 490).

Como já vimos os fatores repulsivos que motivaram à saída, resta-nos ver os fatores atrativos que despertaram o interesse destes imigrantes em escolherem o Brasil como o local adequado para fixarem novo lar; o país tinha interesse nestes emigrantes, deveria, portanto, investir na sua vinda oferecendo atrativos que competissem com os demais países que também investissem na imigração estrangeira. Com a vinda da família real lusitana ao Brasil, mesmo vinculado a Portugal, começaram a ser sancionadas leis estimulando à imigração por todo o país, com maior intensidade⁴³: em 1808, foi promulgada uma lei que previa a concessão de sesmarias a estrangeiros. Um outro decreto de 1814 convidava imigrantes, prometendo-lhes terras, sem, contudo, conseguir o êxito desejado. Em 1818, D. João VI criou um fundo de assistência para imigrantes europeus. No mesmo ano, foi fundada, com o nome de Leopoldina, a primeira colônia alemã, na Bahia. Segundo Schneider (1980, p.79) não se tratava, contudo, de uma colônia de pequenos agricultores, mas, de latifúndios baseados no trabalho escravo.

Outro estabelecimento de imigrantes europeus deu-se em 1819, quando se fixou em Nova Friburgo (Rio de Janeiro) uma colônia de imigrantes suíços de língua francesa. Ela diferia da colônia baiana, pois os pequenos proprietários que nela residiam utilizavam sua própria força de trabalho. O governo concedeu-lhes terras gratuitamente, ferramentas, animais, subsídios e subsistência por dois anos.

Em 1820, seguiu-se o incentivo à imigração, com o governo prometendo terras gratuitas, isenção de impostos por dez anos e cidadania brasileira. O único pré-requisito é que os colonos fossem católicos. Inicialmente, os incentivos não surtiram o interesse esperado, e, somente sob a regência de D. Pedro I é que surgiram os primeiros resultados; em 1824, a constituição brasileira assegurou a liberdade condicional de culto e uma série de vantagens, semelhantes às oferecidas aos colonos suíços de Nova Friburgo. No mesmo ano instalaram-se em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, as primeiras famílias de imigrantes alemães.

Além das ofertas que se sucederam ao longo dos anos, variando para mais ou para menos, é possível citar a ação do governo e dos agentes de colonização (a serviço de

⁴³ Antes da chegada da coroa portuguesa ao Brasil, a imigração européia também era incentivada: vale lembrar a chegada de casais açorianos para o sul do Brasil em meados do século XVIII.

particulares) na Europa, como fundamental na hora do embarque; sempre à procura de novos interessados, estes agentes incentivavam quem encontravam, exagerando e exaltando as qualidades do local de destino;

o agente de colonização trabalhava em cadeia com uma série de sub-agentes e funcionários subalternos, fazendo promoção de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, junto às igrejas, centros administrativos ou comunais, a favor da nova pátria além-mar, que oportunizava desde os ‘pomos de ouro’ à possibilidade de aquisição de terras (FLORES, 1983, p.99).

Criou-se, então, no além-mar, devido a essa maciça divulgação, um imaginário fantástico de descrições sobre o Novo Mundo; a Terra da Cocanha⁴⁴, por exemplo,

retrata o paraíso das delícias, uma terra de promessa. Os rios são de vinho, as montanhas de ouro, as chuvas são de pérolas e diamantes, e este é o lugar onde quem mais ganha é quem menos trabalha. Essa era a imagem de uma América de abundância, encontrada na literatura dos países emigracionistas desde a época dos descobrimentos (ALVIM, 1998, p.217).

Tais relatos foram responsáveis pela chamada “febre emigratória”; em muito fruto das expectativas e do imaginário que se criou do além-mar. Estas propagandas motivaram os desesperados (ou quase isso) a tentarem resolver seus problemas com uma “simples viagem”. O suíço Thomas Davatz, que emigrou para São Paulo na segunda metade do século XIX, reflete bem a situação:

Lindas descrições, relatos atraentes dos países que a imaginação entreviu; quadros pintados de modo parcial e inexato, em que a realidade é por vezes deliberadamente falseada, cartas ou informes sedutores e fascinantes de amigos, de parentes; a eficácia de tantos prospectos de propaganda e também, sobretudo, a atividade infatigável dos agentes de imigração, mais empenhados em recheiar os próprios bolsos do que em suavizar a existência do pobre... – tudo isso e mais alguma coisa contribuiu para que a questão da emigração atingisse um grau verdadeiramente doentio, tornando-se uma legítima febre de emigração, que já contaminou muita gente. E assim como na febre física, dissipa-se a reflexão tranqüila, o juízo claro, coisa parecida ocorre nas febres de emigração (DAVATZ, 1941, p.36).

Existem ainda, alguns autores que acrescentam como motivos para esse êxodo europeu, um “espírito de aventura”, quase inerente à índole do imigrante. Somos obrigados a

⁴⁴ A Terra da Cocanha era um dos locais associados à América. Desde o século XVI relatos deste território fictício povoavam o imaginário europeu, como sendo uma espécie de paraíso na terra.

discordar destes escritores⁴⁵, por considerar que esta generalizante justificativa, muitas vezes, relega ao esquecimento as reais dificuldades que estes “aventureiros” enfrentavam. É de certa forma, uma interpretação romântica que procura exaltar estes viajantes, vinculando-os, por um lado, a nobres valores, e por outro, omitindo que muitos vieram por pura falta de opção.

Não é possível afirmar ao certo quais razões levaram Rheingantz a escolher o Brasil como seu novo lar; nem teorizar, com absoluta certeza, os motivos pelos quais resolveu abandonar a Alemanha; mas ao observar a trajetória da sua família vemos uma certa “tradição emigracionista”: Jacob, em 1840, ao se mudar para os EUA, esperava trabalhar com seu irmão, que já havia emigrado alguns anos antes. Seis anos mais tarde, é a vez de outro membro da família sair da Alemanha; só que desta vez é o crescimento econômico de Jacob, que permite isso. Anos mais tarde, já com o advento da colônia, vários outros parentes do empresário migraram para São Lourenço, incluindo seus pais. O que se deduz disso? Que a família Rheingantz é uma dentre tantas famílias que enfrentou dificuldades neste período, optando por cruzar o oceano para tentar resolver seus problemas. Segundo Herbert Klein “a maioria dos migrantes não deseja abandonar suas casas nem suas comunidades. Se pudessem escolher permaneceriam em seus locais de origem” (KLEIN, 2000, p.13); fazem isto devido à insuficiência de condições de permanecer (e sobreviver) no seu meio original.

Outro ponto importante a ser destacado, é a forma como estes imigrantes vieram e/ou se fixaram no Brasil; se no caso de São Lourenço, a maioria veio para se fixar definitivamente, não podemos esquecer que houve outros grupos que permaneceram de forma momentânea e outros ainda, que imigraram contra a sua própria vontade:

1. Imigração Definitiva: Fazem parte deste grupo de pessoas, aqueles que, naturalmente, fixaram-se definitivamente no solo brasileiro. Podemos citar como exemplo deste caso, os alemães que se localizaram nas colônias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina⁴⁶.

2. Imigração Temporária: Como o próprio conceito sugere, trata-se daqueles que vieram ao Brasil, de forma momentânea, muitas vezes com a esperança de enriquecer facilmente, para em seguida, voltar à sua pátria de origem. Os italianos que vieram “fazer a América”,

⁴⁵ Dentre os quais é possível citar: Aurélio Porto, Leonardo Truda e Ernesto Pellanda.

⁴⁶ Obviamente não devemos incorrer no erro da generalização; é certo que muitos dos imigrantes destas colônias agrícolas vieram com a intenção de permanecer definitivamente, mas, por motivos diversos, abandonaram seu novo lar e voltaram para sua terra natal, ou até mesmo para uma outra localidade.

empregando-se nos cafezais paulistas, são o principal exemplo dos que aqui se fixaram temporariamente⁴⁷.

Relativo a estes dois primeiros casos, existe a possibilidade de uma pequena contradição; Abdelmalek Sayad destaca-o, quando afirma que

a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade (SAYAD, 1991, p. 45).

3. Imigração Forçada: igualmente, muitos foram obrigados a embarcar rumo ao Brasil, contra sua própria vontade. É o caso de presidiários e mendigos, que foram deportados da Europa e enviados para a América, a fim de se “regenerarem”.

Como já dito, Rheingantz e os teuto-lourencianos se encaixam no primeiro perfil; o interessante é observar a mudança na condição de Jacob ao longo do tempo: passa de emigrante a colonizador, em menos de quinze anos; após emigrar três vezes finalmente alcança o êxito material, o que lhe permite investir em um negócio próprio; e o que escolhe se não aplicá-lo, justamente, no ramo da emigração? Era um negócio rentável: além do lucro que recebia por emigrante, ganhava também nos valores relativos à venda dos lotes de terra - geralmente medindo 100 braças (200 metros) de frente, por 1000 braças de fundo, negociados a valores superiores a 200\$000. O contrato de colonização, estabelecido entre o empresário e os colonos, dizia:

J. Rheingantz proprietário da colônia de São Lourenço, passa a vender a ... o lote No.... na picada... com 100 braças de frente e 1000 braças de fundo sob as seguintes condições:

1º) o respectivo preço é de ... mil réis, importância que durante dois anos não rendera juros. No terceiro ano devera o comprador pagar um quinto (1/5) da importância; no quarto, dois quintos (2/5) e no quinto ano, os dois quintos restantes, vencendo a dívida de 6 % de juros pagáveis anualmente.

2º) quaisquer adiantamentos deverão ser reembolsados dentro dos primeiros dois anos, com os mesmos juros de 6 % ao ano;

3º) os limites do lote serão estabelecidos de acordo com o decreto 1.784, de janeiro de 1857, capítulo I, artigo 8º, S 1º;

4º) o caminho em frente ao lote deverá ser feito pelo colono nos primeiros três meses e depois conservado;

⁴⁷ O mesmo pode-se dizer dos imigrantes temporários; muitos vinham com a intenção de permanecer por um tempo determinado, mas por um motivo ou outro, decidiram fixar-se definitivamente na nova terra.

5º) o colono comprador não poderá afastar-se do respectivo lote, nem abandonar a cultura correspondente. Também não poderá contrair dívidas sob garantia do respectivo lote, nem vendê-lo ou arrendá-lo;

6º) quaisquer divergências serão arbitradas pelo juiz municipal, nos termos do reg. 737 de 25 de novembro de 1850, título 8º, capítulo I, S 1º, com recurso para o Superior Tribunal Provincial.

A falta de observação de qualquer das condições acima da direito ao Sr. Jacob Rheingantz de dispor do referido lote e suas benfeitorias, de acordo com as disposições legais, visto que lotes e benfeitorias respondem pelo valor da compra e qualquer outro debito do respectivo colono. Acordes os contratantes, assinam este contrato na presença das testemunhas abaixo assinadas (COARACY, 1957, P.56).

Como as primeiras moradias não ficaram prontas a tempo para abrigar os colonos, foram construídos barracões coletivos. Os imigrantes seguintes passaram a morar com aqueles que já possuíam casas, e os barracões aos poucos perderam sua utilidade. No início da década de 1860, Rheingantz constrói casa na Roça⁴⁸, passando a administrar de lá os negócios relativos à colônia. Nestes primeiros anos, porém, o administrador não conseguiu alcançar o número de imigrantes estipulado em contrato com o governo:

1859 = 203 pessoas	1865 = 1482 pessoas
1860 = 213 pessoas	1866 = 1.637 pessoas
1861 = 431 pessoas	1869 = 3.200 pessoas
1863 = 1.003 pessoas	1870 = 3.280 pessoas
1864 = 1.330 pessoas	1875 = 5.130 pessoas

Fonte: SCHRÖDER, 2002, p. 301

A quota inicial de 1440 colonos ao final de cinco anos, só foi ultrapassada sete anos após a fundação da colônia; Carlos Grandmasson Rheingantz (bisneto de Jacob), citando um discurso de Edison Campos, proferido em homenagem a Rheingantz, explica o baixo índice:

⁴⁸ Mais tarde a Roça passa ser conhecida pelo nome de Coxilha do Barão devido a um dos administradores posteriores à Rheingantz: o Barão Curt Von Steinberg. O nome desta localidade, do interior de São Lourenço do Sul, perdura até hoje, embora muitos acreditem que seu nome seja originário de uma homenagem a Jacob Rheingantz. Nos capítulos seguintes, abordaremos um pouco mais esta questão.

O princípio da colônia foi de grande pobreza devido à falta de recursos (...). Dado este estado precário e outros motivos de ordem material, não foi possível colonizar no prazo de cinco anos, como estipulava o contrato com o governo e este resolveu então conceder um auxílio por pessoa⁴⁹ (...). Este auxílio não constituía absolutamente um favor e sim um estímulo a Jacob Rheingantz, e um apoio moral. Não obstante, muito mais dispendia ele com seus agentes na Europa (CAMPOS, apud RHEINGANTZ, 1941, p. 273-274).

Colônia particular e fora do grande eixo de concentração das demais colônias alemãs, São Lourenço constituiu-se de diversas particularidades interessantes a serem observadas; uma delas refere-se a uma queixa da história oficial local, quanto ao fato de a colônia desenvolver-se sem maiores auxílios do governo (imperial ou provincial);

competia à administração da colônia: abertura de novas picadas, estradas, conservação das existentes, criação de escolas, agremiações religiosas, enfim, todas as obras e organizações que havia foram de iniciativa privada sem contribuição oficial, que nunca demonstrou qualquer interesse em ajudar a nova colônia (COSTA, 1984, p.60).

Naturalmente, poderia haver maiores auxílios por parte do governo, mas, como São Lourenço era uma colônia particular, administrada por um empresário, que lucrava com o negócio, talvez devesse ser o próprio Rheingantz (ou Guimarães, enquanto participou da sociedade) a prestar os serviços a que os colonos tinham direito. E, de certa forma, foi o que se tentou fazer; de reuniões entre o diretor e os colonos é que surgiram certos avanços, da educação à segurança; em agosto de 1862, uma reunião na casa de Rheingantz, tinha como foco principal a construção de escolas. Os principais resultados desta foram: o compromisso dos colonos em contribuir na construção e no pagamento aos professores, a doação de telhas por parte do diretor, e o início das obras, marcado para março do novo ano. Nascia assim, em 1863, a primeira escola da colônia, localizada em Picada Moinhos⁵⁰.

Essa adaptação dos imigrantes à sua nova condição na América é destacada por Emílio Willems, quando se refere à atitude dos imigrantes diante da escola pública:

⁴⁹ O “auxílio” já estava previsto desde o início da colonização e não foi originado como um “estímulo” a Rheingantz.

⁵⁰ Novas escolas seguiram-se após esta, chegando a dezesseis em 1877. Na colônia, as aulas eram ministradas em alemão.

Em contato com essa sociedade em que a escola era um elemento adventício, de vida precária e mal integrado, os imigrantes alemães tentaram perpetuar a sua escola. Todavia, (...) esperavam, naturalmente, que também as autoridades brasileiras lhes dessem escolas. Em parte nenhuma da Alemanha, a escola surgiu como iniciativa própria das populações camponesas. Por toda parte o Estado as proveu de classes públicas e gratuitas (WILLEMS, 1980, p. 273-274).

Outro serviço que foi improvisado pelos próprios colonos era relativo à autoridade policial; para “garantirem a ordem”, eles mesmos serviriam como autoridades neste assunto. Para cada picada haveria um colono/inspetor responsável. Foi estabelecida uma carta de deveres, onde estes assumiriam compromissos. A cada dois anos realizar-se-ia nova eleição para inspetores.

Em novembro de 1867, porém, os “colonos inspetores” foram “aposentados”, pois o governo provincial resolveu, após insistentes pedidos de Rheingantz, enviar um pequeno destacamento policial, comandado pelo Tenente Francisco de Sá Queirós, para a colônia. Contudo, a vinda deste grupo não foi realmente rotineira; a colônia passava por momentos turbulentos e a autoridade de Rheingantz era frequentemente contestada por boa parte dos colonos; nem ele nem sua família estavam seguros. Por isso, é possível afirmar, que a tropa não foi enviada com o intuito formal típico de dar proteção à população; mas sim, de dar proteção ao diretor da colônia, Jacob Rheingantz, e a sua família. Aprofundaremos esta questão nos capítulos seguintes; por ora, resumiremos os fatos tal qual a história oficial os fez.

A chegada do destacamento parece não ter agradado aos colonos; segundo Carlos Guilherme Rheingantz (1907, p. 16), contemporâneo a estes eventos, os colonos teriam recebido mal as autoridades; Coaracy ao referir-se ao Tenente Sá Queirós afirma que ele “era um oficial distinto e bem intencionado; mas demasiado ríspido e autoritário que, além de desconhecer o ambiente, ignorava totalmente o idioma alemão” (COARACY, 1957, p.97).

Diante das instituições judiciárias nacionais, os imigrantes e seus descendentes assumiram, (...) uma atitude de reserva ou mesmo de suspeita. (...) A sensação de abandono e insegurança em épocas de intranquilidade pública, revolução, banditismo e recrutamento compulsório fê-los duvidar da existência ou eficiência das instituições jurídicas (WILLEMS, 1980, p. 368).

Em edital publicado a 25 de novembro de 1867, Sá Queirós determinava algumas medidas:

1º) Proíbe que os habitantes do distrito se apresentem armados, sob pena de lhes serem confiscadas as armas e os proprietários recolhidos ao quartel do destacamento.

2º) ordena que, nos casos de falecimentos ocorridos na colônia, os parentes ou amigos do falecido lhe comuniquem o fato sem demora.

3º) não se farão enterros sem que previamente lhe seja apresentado um atestado de óbito passado por médico residente na colônia ou por outro médico.

4º) proíbe que se realizem bailes públicos ou particulares na colônia sem sua prévia licença.

5º) proíbe, sob pena de prisão, ajuntamentos de mais de 3 (três) pessoas, como também quaisquer jogos nas vendas (citado por RHEINGANTZ, 1907, p. 17).

Segundo os três escritores o edital acabou gerando um clima de inconformidade entre os colonos; inconformidade, que acabou por trazer à tona várias queixas dos colonos contra Rheingantz. Quase um mês após a sua publicação estourou a revolta. Um grupo de aproximadamente duzentos colonos tomou o quartel do destacamento, desarmando os policiais. Os “arruaceiros⁵¹”, mais de 10% da população da colônia⁵², foram até a casa da família Rheingantz, invadindo-a e destruindo todas as dependências e mobiliário. “Os revoltosos exigiram de Rheingantz que assinasse documentos onde declarava entregar dinheiros recebidos e dar quitação de outras importâncias (...). Coagido o Tenente Queirós assinou como testemunha da extorsão” (COSTA, 1984, p. 67).

A atitude de Rheingantz, frente a estes acontecimentos, é abandonar a colônia, e partir rumo ao Rio Grande. Lá, relatou o ocorrido ao governo provincial, e este, em janeiro de 1868, mandou uma força policial de 68 homens para restabelecer a ordem, e prender os líderes da revolta. Foram presos “os cinco cabeças principais do motim (...) e removidos para Pelotas, onde foram processados” (COARACY, 1957, p.102). Liderando a força policial, veio o Barão de Kahlden, diretor da Colônia de Santo Ângelo e chefe da polícia da província.

⁵¹ Termo usado por Coaracy

⁵² Em 1867, a colônia contava com cerca de 1700 pessoas.

Conversando com os colonos e apurando as razões de suas queixas, verificou serem as imprecisões nos limites dos lotes e causados pelos acidentes do terreno. O barão realizou uma rigorosa medição, serenou os ânimos e desmentiu os insufladores da revolta, posto que nenhum colono recebera área menor que comprara, assim como nenhuma falta atribuída ao fundador foi provada⁵³ (COSTA, 1984, p. 67).

Após o restabelecimento da ordem, Rheingantz retornou à colônia para reassumir sua direção. Nesta etapa, tratou de expandir os limites territoriais de São Lourenço: “em 1871, adquiria de Manuel Matias da Terra Velha uma extensão de um quarto de légua de frente por meia légua de fundo entre os arroios Grande e Pimenta. Poucos meses depois (...) comprava no (...) Serrito meia légua quadrada de terrenos lavradios” (COARACY, 1957, p. 106). Em 1873, conseguiu do Presidente da Província, mais quatro léguas quadradas na Serra dos Tapes. Nos anos seguintes continuou a comprar terras de particulares para incorporar à colônia. Esta atitude de Rheingantz, muitas vezes interpretada sob o prisma de um benfeitor que queria o progresso da colônia, deve ser vista como o gesto de um empreendedor; para um bom investidor, ter terras é ter dinheiro, é ter lucro. Quem tem capital, nesta época, investe na compra de terras.

A década de 1870 marca também o investimento da família Rheingantz no ramo industrial; Carlos Guilherme Rheingantz, primogênito de Jacob, funda no Rio Grande, a fábrica têxtil Rheingantz, pioneira no ramo de tecidos de lã no Brasil⁵⁴. Fábio Kühn ao referir-se ao terceiro período de colonização alemã no Estado, que se dá após 1870, chama a atenção justamente para o investimento dos teutos na indústria:

De 1870 em diante, começou uma nova etapa marcada pelo desenvolvimento da industrialização. A acumulação de capital feita pelos comerciantes permitiu investimentos no setor industrial (...). Outra origem na indústria gaúcha é o burguês imigrante, como, por exemplo, os empreendimentos estabelecidos em Rio Grande e Porto Alegre, respectivamente pelos Rheingantz (1874, indústria têxtil) e Neugebauer (1891, fábrica de doces e balas). Esses colonos eram diferentes da grande maioria, que vinha empobrecida para a América. Traziam consigo capitais para investir (Kühn, 2004, p. 92-93).

⁵³ Nos capítulos seguintes veremos que esta não era a única queixa dos colonos (pelo contrário, havia diversas reclamações contra a administração colonial) e que Costa se precipitou um pouco ao afirmar que “nenhuma falta atribuída ao fundador foi provada”.

⁵⁴ Aurélio Porto (1934, p. 219-220), traz mais informações sobre a Fábrica Rheingantz.

Discordamos da afirmação de Kühn, quanto ao seu comentário sobre a família Rheingantz; Jacob, enquanto emigrante, não veio ao Brasil trazendo capitais para investir. Adquiriu-os após tornar-se sócio de Guilherme Ziegenbein e depois de fundar a Colônia de São Lourenço. Carlos Rheingantz, por outro lado, não era imigrante (nasceu em Pelotas) e contava com a renda do pai, de seu sogro e de um sócio inglês para a instalação da fábrica no Rio Grande; assim, tudo indica que parte do capital para o investimento têxtil dos Rheingantz foi proveniente dos lucros oriundos da Colônia de São Lourenço.

A década de 1870 é marcada como o período da grande imigração italiana no país; como os números referentes à entrada de alemães ainda ficava abaixo do planejado, e como as pressões para a abolição estavam maiores (vide: Lei do Ventre Livre - de 1871 -, movimentos abolicionistas e pressões inglesas), o governo passou a intensificar sua busca por braços livres, passando a investir na Itália. A partir de 1874, uma maciça propaganda do governo e de empresários, estimulando a imigração para o Brasil foi feita, e já no ano seguinte iniciada. A maioria foi para o centro do país sendo utilizada como a principal mão de obra dos cafezais paulistas. No Rio Grande do Sul, localizaram-se numa região que ainda não havia sido ocupada, nem por lusitanos, nem por germânicos: a região da encosta da Serra.

Com a chegada dos italianos, estes passam a ocupar o posto de mais intensa entrada de imigrantes no Rio Grande do Sul. Podemos observar abaixo a comparação com os alemães, que até 1874 lideravam este quadro:

Período	Alemães	Italianos e outros⁵⁵	Total
1860-1874	9.581	1.860	11.461
1875-1889	5.865	45.491	51.347
Total	15.856	47.371	62.808

Fonte: HUNSCHE, 1986, p.50

Em fins da década de 1870, a situação das colônias e dos imigrantes bancados pelo governo central foi contestada pelo Partido Liberal. Os Liberais gozavam na época, de supremacia no Império e defendiam, assim, uma imigração livre de despesas para os cofres do governo. Aprovaram, então, no ano de 1880, uma lei que, além de proibir a fundação de novas

⁵⁵ Apesar dos valores referirem-se também a outras nacionalidades, Hunsche apresenta os italianos como a grande maioria destes emigrantes.

colônias à custa do Estado, decretou ainda um crédito de 113 milhões de mil-réis para liberar as colônias governamentais da repartição das Terras Públicas. Dois anos mais tarde, quase todas as colônias imperiais estavam emancipadas⁵⁶, resultando em uma diminuição brusca no número de imigrantes que chegavam ao País⁵⁷.

A imigração segue após a abolição da escravidão, em 1888, e com o advento da república, no ano seguinte; aos poucos, porém, as levas vão diminuindo de intensidade, até que durante o governo Vargas são definitivamente “fechadas” as portas ao grande número de estrangeiros que quisessem se fixar definitivamente no país.

Em 1877, vinte anos depois de sua última viagem à Europa, Rheingantz vai a Hamburgo atrás de novos imigrantes; porém, logo após o desembarque, em 1º de julho, veio a falecer. Com a morte de Jacob, sucede-o na administração da colônia, seu filho mais velho Carlos Guilherme Rheingantz. O novo administrador, porém, fica pouco tempo na direção da colônia (devido a suas ocupações na cidade do Rio Grande, onde fundara a Fábrica Rheingantz), transferindo-a em seguida para o Barão Curt von Steinberg⁵⁸, genro de Jacob. É durante a sua administração que São Lourenço emancipa-se de Pelotas, em abril de 1884.

O Barão dirigiu São Lourenço até 1890, transmitindo a ocupação para Luís Valentim Rheingantz (filho de Jacob). Este ficou pouco tempo na direção, logo repassando-a à seu irmão mais novo, Oscar Felipe: “assumi a administração da colônia (...), o mais novo dos filhos de Jacob, que, mantendo-se no posto até 1898, foi o último Rheingantz a dirigir os destinos da colônia” (COARACY, 1957, p. 136).

Neste mesmo ano, terminada a administração de Oscar Felipe, sua mãe, Maria Carolina Rheingantz vende a João Batista Scholl, todos os interesses materiais da família no município. Em 1º de agosto do mesmo ano, Scholl publicou o seguinte edital:

Dna. Maria Carolina Rheingantz faz publico por este edital que vendeu em 22/7 do corrente ano todas as terras já medidas ou demarcadas, situadas nos municípios de Pelotas e São Lourenço, e pertencentes a sua colônia ao Sr. João Batista Scholl; que autorizou este a receber por ela quaisquer somas devidas de capital e juros sobre lotes coloniais ainda não saldados e de, em seu nome, fornecer escrituras e títulos, quando definitivamente liquidados pelos respectivos colonos. Colônia de São Lourenço, 1º de agosto de 1898, Ass. Maria Rheingantz (COSTA, 1984, p.73).

⁵⁶ Com exceção das colônias italianas no Rio Grande do Sul.

⁵⁷ Passou de 30.000 imigrantes em 1880, para 11.000 em 1881.

⁵⁸ Como mencionado anteriormente, o lugar antes conhecido por Roça passa a se chamar Coxilha do Barão em sua homenagem.

Maria Carolina faleceu em novembro de 1904, na cidade de Wiesbaden, na Alemanha. Seu primogênito, Carlos Guilherme, morreu no Rio de Janeiro em maio de 1909, apenas dois anos depois de publicar um livro sobre a Colônia de São Lourenço e seu fundador, Jacob Rheingantz.

Capítulo 3 *Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço - a construção de um mito fundador*

Neste capítulo, estudaremos o mito e as representações em torno de Jacob Rheingantz através de quatro meios diferentes: pela história oficial de São Lourenço do Sul (3.1) e pela historiografia relativa à imigração alemã (3.2), através do jornal “Voz do Sul”, em meio ao centenário de imigração alemã no município (3.3), e em comparação ao co-fundador José Antônio de Oliveira Guimarães (3.4).

3.1 *A construção do mito através da história oficial: o poder das palavras*

Jacob Rheingantz, fundador da Colônia de São Lourenço, é sempre lembrado e exaltado como o grande herói que trouxe vida a uma terra; em função disto, ao longo do tempo, foi agraciado com várias homenagens por seus valorosos atos - tudo para que sua memória e seus feitos não caíssem no esquecimento. Estrategicamente, a iniciativa de se homenagear os grandes homens recai sobre as datas comemorativas⁵⁹; Jacob Rheingantz, não se constitui exceção a esta regra, sendo mais lembrado (e homenageado) justamente em anos jubilares⁶⁰, ou na sua véspera. Um “ano jubilar” tem como característica a recuperação da história de forma muito mais intensa: livros são publicados, discursos são elaborados, vultos são homenageados...

A iniciativa de diferentes setores da sociedade para recuperar e divulgar suas memórias, através de livros, exposições, inauguração de monumentos e criação de centros de memória, tem como objetivo reelaborar identidades, difundir uma determinada visão sobre o passado, e reforçar a imagem pública de grupos ou personagens. São projetos em geral concebidos para valorizar o registro de trajetórias institucionais ou pessoais, para confirmar a importância de eventos considerados fundadores, bem como para instituir ou atualizar determinadas celebrações (FERREIRA, 2004, p. 98).

⁵⁹ “Data comemorativa”: são datas escolhidas para lembrar eventos históricos, conquistas importantes ou até mesmo os heróis de uma pátria ou região. Dependendo da importância da comemoração, o governo pode transformá-lo em feriado.

⁶⁰ “Ano jubilar”: ano de intensa comemoração de uma data; geralmente associado a um número “redondo”: cinqüentenário (50), centenário (100), sesquicentenário (150), etc.

O problema que envolve estas datas comemorativas é justamente a falta de uma maior criticidade por parte dos organizadores destes eventos; as homenagens ocorrem e uma borracha apaga boa parte do passado que não convém ser lembrada - os grandes feitos são destacados e os “piores momentos”, “deletados”. Tal prática, além de desfigurar a história, revela uma intenção de manipulação sobre o passado.

Aniversários e festejos são momentos importantes na vida de pessoas, instituições e países (...). Do ponto de vista dos historiadores, preocupa o fato de comemorações serem momentos de vulgarização do conhecimento histórico, sem que, muitas vezes, as informações veiculadas tenham sido objeto de avaliação e crítica (FERREIRA, 2004, p. 98).

Em São Lourenço do Sul, as datas comemorativas passaram a ser festejadas, de forma muito mais intensa, há exatos cem anos – justamente por ocasião do cinquentenário de colonização alemã no município. Os anos de 1907-1908 registraram, dentre outras atividades: construção de um monumento em homenagem a Jacob Rheingantz; transferência dos restos mortais do fundador, do Rio Grande para a Igreja luterana da Coxilha do Barão⁶¹; e lançamento do livro de Carlos Guilherme Rheingantz, *Colônia de S. Lourenço. Histórico de sua fundação por Jacob Rheingantz*. Assim como salientou Marieta Ferreira, o município cumpriu com seu papel de celebrar seus personagens históricos, dando maior evidência ao nome de seu fundador; talvez esteja aí localizado o embrião que deu vida ao herói - o primeiro passo na direção de tornar Rheingantz um mito local.

Cinquenta anos depois, por ocasião do centenário de colonização alemã na cidade, este nome foi novamente celebrado; dentre as diversas comemorações que ocorreram nos anos de 1957-1958, é possível destacar o lançamento do livro *A Colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*, de Vivaldo Coaracy, e a construção do “Monumento ao Colono”. Ambos prestam homenagens a Jacob Rheingantz⁶².

Esta seqüência de homenagens continuou ocorrendo com o passar do tempo, estando geralmente associada a eventos comemorativos⁶³ - em 1984, os festejos eram relativos ao

⁶¹ Localizada em frente à residência da Família Rheingantz.

⁶² Embora a figura destacada no monumento seja a de um colono anônimo, há, na sua base, uma placa com a figura de Rheingantz, homenageando sua iniciativa heróica. A falta de informações sobre este objeto da cultura material e a tradicional simplificação do passado, onde o anonimato precisa ganhar um rosto conhecido para ser “identificado”, produziram entre a população (ver capítulo 5.2) e a própria imprensa local (ver capítulo 3.3), uma idéia de que este objeto seria um monumento a Jacob Rheingantz. Ver anexos.

⁶³ Outras homenagens ocorreram com o passar do tempo - algumas ligadas a anos jubilares, outras não: no primeiro caso, é possível citar o ano de 1933, quando por ocasião dos 75 anos de fundação da colônia, uma placa foi acrescida ao monumento de 1908. Cinquenta e cinco anos depois, em 1988, ainda dentro da perspectiva dos

centenário de emancipação política de São Lourenço do Sul; dentre as diversas festividades que ocorreram ao longo deste ano, houve novo lançamento de livro - *São Lourenço do Sul – 100 anos* - desta vez com caráter bem mais abrangente que os anteriores. Cada capítulo foi organizado por um autor diferente, e os temas variavam desde religião e economia até política e educação. Comemoração mais ampla, livro mais complexo. Isso se refere, também, ao capítulo dedicado à história; escrita por Jairo Scholl Costa, não há referências apenas à colônia e seu fundador; por um lado, Costa, enfoca a história antes de Rheingantz – as origens indígenas da Serra dos Tapes, os primeiros proprietários de origem lusitana, a Revolução Farroupilha, etc. - e por outro narra os eventos posteriores ao fim da administração Rheingantz na Colônia de São Lourenço⁶⁴, indo até a década de 1930.

Esta tríade - Carlos Guilherme Rheingantz, Vivaldo Coaracy e Jairo Scholl Costa - organizou a “história oficial” do município, sendo até hoje a principal referência sobre o assunto; três obras “comemorativas”, “encomendadas” e com remetente direto:

No dia 15 de Janeiro de 1908 terão decorrido 50 anos desde que meu pai, Jacob Rheingantz, fundou a Colônia de São Lourenço. Em comemoração desta data, resolvi publicar alguns dados que se encontram nos papéis deixados por meu progenitor, dados esses que se referem à fundação e ao desenvolvimento da mesma colônia. Assim procedendo, **tenciono não só prestar homenagem à sua memória e aos grandes serviços por ele prestados à colonização, lembrando-os aos que deles se têm esquecido, e relatando-os a quem os não conhece**, como também por me parecerem ser elementos aproveitáveis para uma futura história da colônia (RHEINGANTZ, 1907, p. 5).

Carlos Guilherme Rheingantz evidencia seu alvo (falar de Rheingantz a quem não o conhece ou a quem já o esqueceu) e seu objetivo (prestar homenagem à memória de seu pai). Homenagear rima com exaltar. E lembrar anda muito próximo a “contar a sua versão dos fatos”. Junte-se tudo isso a uma data comemorativa e temos um discurso, tal como evidenciou Marieta Ferreira, carecendo de maior avaliação e crítica. Tentaremos evidenciar isto na fala dos três autores.

Carlos Guilherme Rheingantz, o primogênito de Jacob e Maria Carolina Fella Rheingantz, nasceu em 14 de abril de 1849, na cidade de Pelotas e faleceu no Rio de Janeiro em maio de 1909.

anos jubilares (130 anos de fundação da colônia), os restos mortais de Rheingantz foram descobertos dentro da Igreja onde estava enterrado e ganharam uma galeria para visitação popular no subsolo do mesmo templo (ambas em anexo). Quanto às homenagens que ocorreram em anos “não-jubilares”, temos o caso de 1940, quando houve a criação do museu da colônia, na casa da família Rheingantz (mais detalhes no capítulo 3.2).

⁶⁴ Como referido no capítulo anterior, Maria Carolina Rheingantz vendeu os direitos sobre a colônia, em 1898.

Comerciante e mais tarde industrial, montou a primeira fábrica de tecidos de lã do Brasil, em 1873, a Companhia União fabril, com sede na cidade do Rio Grande e filiais por todo o Brasil. Foi agraciado pelo Imperador Dom Pedro II com a comenda da ordem da Rosa (RHEINGANTZ, 1941, p. 278).

Carlos Rheingantz teve, ainda, alguma participação no ramo político, ao eleger-se vereador. Publicou em 1907, o livro *Colônia de S. Lourenço - Histórico de sua fundação por Jacob Rheingantz*, em dois idiomas: português e alemão. Carlos foi o primeiro a escrever sobre Jacob servindo, assim, como referência para estudos posteriores⁶⁵; ele ajudou a criar o mito em torno de seu pai, exaltando suas virtudes, sua coragem e seu sacrifício por São Lourenço:

Meu pai, não obstante **enormes sacrifícios**, concluiu a sua obra, elevando a sua Colônia de S. Lourenço ao primeiro e mais alto lugar de entre todas as colônias fundadas por particulares. Este resultado é devido à sua **energia** e ao seu **gênio** iniciativo.

Faço anteceder o presente pequeno esboço histórico da Colônia de S. Lourenço por estas considerações, porque me parece serem elas justa homenagem à memória de seu fundador, que **dedicou a essa colônia toda a sua vida**, que constituiu uma **série ininterrupta de trabalhos**, os quais só cessaram com a sua morte prematura (RHEINGANTZ, 1907, p. 6).

É interessante observar no discurso de Carlos, a relação que faz do pai com a colônia: “meu pai, (...) concluiu **sua** obra, elevando a **sua** Colônia de São Lourenço (...)”. Meu pai... Sua obra... Sua colônia. Poderosas palavras que transmitem ao leitor a clara idéia de que a colônia era dele e de que ela só progrediu, chegando “ao primeiro e mais alto lugar de entre todas as colônias fundadas por particulares”, graças aos seus enormes esforços. Meu pai... Sua colônia... Fundador... Já haviam passados 30 anos da morte de Jacob, mas para Carlos a colônia ainda era de seu progenitor. Segundo a história oficial é ele quem dá vida à terra, quem desbrava a mata virgem e quem a encaminha ao progresso. Rheingantz é o mito fundador de São Lourenço, e como tal mereceu a honra de ser celebrado como seu grande herói. Para Marilena Chauí (2004, p. 7), os heróis são forjados para o engrandecimento de um local. Sobre o valor da fundação, ela acrescenta:

A fundação se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a

⁶⁵ Tanto locais – como é o caso de Vivaldo Coaracy e Jairo Scholl Costa –, como regionais e nacionais – para outros pesquisadores interessados na temática relativa à imigração estrangeira no país. Ver capítulo 3.2.

fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação pretende situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar. Não só isso. A marca peculiar da fundação é a maneira como ela põe a transcendência e a imanência do momento fundador: a fundação aparece como emanado da sociedade e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade da qual emana. É por isso que estamos nos referindo à fundação como mito (CHAUI, 2004, p. 9-10).

É interessante salientar, também, a própria referência que Carlos faz a Jacob: “meu pai”; essa visão patriarcal se estende não só ao sentido familiar, mas também é relativo à colônia. Vivaldo Coaracy apropriou-se dela, sendo bem direto em sua devoção ao “patriarca”:

Inicialmente, a colônia constituiu-se sob um regime que quase se poderia chamar de patriarcal. O fato de Jacob Rheingantz ter transferido para o núcleo colonial a sua residência e da família, evidenciando o propósito de entrelaçar intimamente a sua vida pessoal com a obra que criava, dobrava-lhe o prestígio e a autoridade. Não era mero Diretor da Colônia e proprietário de terras. Tornou-se o conselheiro e orientador dos colonos que se habituaram a recorrer a ele não apenas nas emergências de sua vida econômica, como para lhe submeter os seus problemas individuais e as necessidades coletivas (COARACY, 1957, p.62).

O texto de Coaracy é recheado de “frases de efeito” que salientam a coragem, os ideais e o empreendedorismo de Rheingantz. Não são poucos os momentos de seu discurso, por exemplo, em que (laudatoriamente) cita os pontos de vista e as utopias do fundador, como se o tivesse conhecido pessoalmente:

(...) O êxito da empresa foi devido à dedicação que Rheingantz lhe consagrou. Do seu ponto de vista, a colônia não era apenas uma iniciativa comercial, uma aplicação de capital e trabalho destinada a proporcionar, em futuro próximo ou distante, lucros e proveitos compensadores. Era uma obra que realizava, uma criação do seu espírito e da sua vontade. Fazer surgir de uma região bruta e agreste um centro humano de atividade produtora; transformar a terra virgem em fonte de riqueza; facultar a semelhantes seus, descontentes com as condições de vida na Europa de então, a oportunidade de erguer um lar, fecundando pelo trabalho um solo que viria ser deles, realizando assim uma aspiração que na pátria feneceria sem esperança; contribuir para o bem estar de muitos e para a incorporação de novas glebas de lavoura à imensidade de uma nação ainda na juventude; há em tudo isso um anseio de criação, a febre da inspiração que anima e dá vida às obras do espírito.

Jacob Rheingantz obedecia a essa inspiração. Todos os seus atos e iniciativas desde que fundou a colônia são dominados pela preocupação com o empreendimento a que se dedicou. São expressões dessa atitude, a sua preocupação com o bem estar e satisfação dos colonos (...) (COARACY, 1957, p. 26).

Vivaldo Coaracy nasceu no Rio de Janeiro, em novembro de 1882. Entre outras atividades, foi jornalista, engenheiro e escritor; quanto a suas publicações, foi bastante eclético, reunindo obras nas mais diversas áreas: crônicas, romances, ensaios sociais, econômicos, políticos e históricos. Além disso, escreveu duas autobiografias: *Todos contam sua vida* (sobre sua infância e mocidade) e *Encontros com a vida* (mocidade e maturidade). Em 1957, visando às comemorações do centenário de fundação da Colônia de São Lourenço, escreveu *A Colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*.

Vivaldo Coaracy é, sem dúvida, quem mais exalta Jacob Rheingantz; sua obra é quase um romance histórico, onde o fundador da colônia assume a condição de herói-protagonista. Ao sair da Alemanha, Rheingantz é um jovem com espírito de aventura pronto para viajar o mundo⁶⁶. O tempo, a experiência e a sabedoria adquirida o levaram a escolher o Brasil como sua nova pátria - o local ideal para fixar raízes⁶⁷. Já em Rio Grande, sua habilidade e capacidade para os negócios rapidamente o fizeram progredir na firma de Guilherme Ziegenbein, seu futuro sogro. Porém, nada se compara ao que ainda estava por vir: a aventura de fundar uma colônia de conterrâneos seus, em plena Serra dos Tapes; desbravou a mata virgem e trouxe para lá os sofridos e desditosos, excluídos de melhores oportunidades no velho mundo. Em São Lourenço eles ganharam um lugar que poderiam chamar de “lar”. Coaracy foi romancista - o que explica, em parte, a linguagem metafórica do livro; Coaracy, também, se classifica como positivista⁶⁸, o que justifica, igualmente em parte, a exaltação do homem e dos seus feitos. A única coisa que não se pode afirmar, com certeza, é o porquê Coaracy escreveu um livro sobre Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço. Ao que nos parece, embora isso não possa ser comprovado documentalmente, Coaracy foi contratado para escrever este livro (provavelmente pela família Rheingantz, pela comissão do centenário ou ainda pela própria prefeitura municipal) em virtude dos eventos comemorativos do ano seguinte⁶⁹. Obras encomendadas em anos jubilares são extremamente tradicionais⁷⁰. De outro

⁶⁶ O que não deixa de ser a imagem tipicamente atribuída aos imigrantes: “Obedecia aquele ímpeto juvenil de correr o mundo” (COARACY, 1957, p. 30).

⁶⁷ “Teria ponderado que num país novo, onde tudo estava por fazer, as oportunidades para um espírito empreendedor e ativo seriam abundantes” (COARACY, 1957 p. 31).

⁶⁸ “Fui educado por positivistas. Devo-lhes a minha estrutura mental, se assim posso dizer. O mecanismo do meu raciocínio, o ponto de vista em que me situo para encarar um problema qualquer, a minha concepção do conhecimento, as leis fundamentais de filosofia primeira que orientam a minha atitude mental, a minha reserva diante da metafísica, o racionalismo que coordena as minhas idéias, tudo provém, nas suas raízes remotas, da filosofia positivista de Comte, eu o reconheço” (COARACY, 1962, p. 200).

⁶⁹ Alguns entrevistados também acreditam nesta hipótese – ver anexos.

⁷⁰ Coaracy, inclusive, faz referência à celebração de 1958, no próprio sub-título de sua obra: “Notas para a história. Contribuição às comemorações do centenário de fundação”.

modo, não concebemos o súbito interesse deste escritor por um assunto aparentemente tão distante de si. Caso Rheingantz e São Lourenço do Sul tivessem algum significado maior para o autor, certamente não passariam em branco na sua autobiografia; no entanto, não existe nenhuma referência sobre isto nesta sua obra de cunho pessoal.

O último e, também, o único dos três autores estudados que tem origem sul-lourenciana, é Jairo Scholl Costa. Formado em Direito pela UFPEL, atua tanto no campo da advocacia, quanto no da pesquisa; atualmente é Secretário da Cultura na administração municipal. Sobre a história local, organizou e publicou artigo no livro *São Lourenço do Sul - 100 anos*, intitulado *Origens históricas do município de São Lourenço do Sul*; além de ter publicado, mais recentemente, *Navegadores da Lagoa dos Patos - A saga náutica de São Lourenço do Sul* (1999)⁷¹ e *O Pescador de Arenques* (2007)⁷². Este autor trouxe acréscimos importantes à história municipal, não se limitando exclusivamente à colonização alemã, dando atenção, também, ao período pré-colonial, aos portugueses e à área litorânea, além dos eventos posteriores à morte de Rheingantz. O tom do seu discurso sobre o fundador, porém, é o mesmo que de seus antecessores:

Fundada em 15 de janeiro de 1858 por seu idealizador Jacob Rheingantz, (a Colônia de São Lourenço) estava destinada a servir de prova perene da vitória do homem sobre o meio hostil.

As terras dobradas da Serra dos Tapes, cobertas de matas virgens, praticamente esquecidas pelo homem luso-brasileiro que as desprezou em seu afã de buscar planícies com pastagens para rebanhos, acabou sendo o lugar onde homens e mulheres da Rhenania, do Holstein, da Prússia, da Pomerânia e de tantos outros lugares da loira Germânia, viriam a construir seus lares, iniciar seus negócios, plantar suas glebas, criar e educar seus filhos. Seria, ainda e por fim, onde, após uma existência profícua e laboriosa, haveriam de entregar suas almas ao criador!

Seria em São Lourenço, nas terras virgens da Serra dos Tapes, que a mais meridional das colônias formadas no solo brasileiro se formaria e acabaria por transformar a terra bruta e selvagem num local possível de acolher a vida humana, pelo prodígio do trabalho produzindo riquezas que viriam a granjear-lhe fama e respeito de todo o País!

A colônia de São Lourenço nasceu do sonho de Jacob Rheingantz (...) (COSTA, 1984, p. 54).

Esta apresentação de alguns trechos da história oficial nos mostra qual a imagem de Rheingantz que foi repassada a gerações de sul-lourencianos. De caráter extremamente laudatório, este discurso construiu um mito, um homem com qualidades e virtudes sobre-

⁷¹ Neste capítulo analisaremos apenas a sua primeira obra. Posteriormente nos aprofundaremos tanto em *Navegadores da Lagoa dos Patos - A saga náutica de São Lourenço do Sul* e, principalmente, em *O Pescador de Arenques*.

⁷² Romance histórico que versa sobre os pomeranos e a colonização de São Lourenço do Sul.

humanas - de modo que somente através da análise deste discurso, que ajudou a criar o mito, é que poderemos desconstruí-lo. Sabendo que todo discurso é carregado de concepções ideológicas, pois não existe “discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 1997, p. 99), devemos estar atentos para o que está implícito no texto. Procurando enxergar além do texto visível,

a análise do discurso constitui uma metodologia que tem como objetivo explicar como o discurso funciona historicamente e como transmite uma ideologia. (...) Quem o produziu? Quando foi produzido? Por que foi produzido? Para quem foi produzido? (SILVA e SILVA, 2005, p. 102 e 104).

A resposta a estas questões, analisadas dentro da lógica da história oficial, permitirá uma maior compreensão da importância do mito dentro da sociedade contemporânea. Ficará mais fácil, então, perceber a lógica por trás destes discursos em torno da imagem do herói. Antes de começar a responder estas perguntas, porém, é preciso ter em mente que Rheingantz se encaixa num modelo maior - ele não é um caso isolado, apenas fruto da homenagem de um filho ao seu pai, que foi sendo alimentada no decorrer dos anos, por escritores que estavam, unicamente, prestando uma homenagem a sua memória e a seus grandes feitos. A “construção” de mitos e heróis é um fenômeno global, extremamente comum na história de qualquer agrupamento humano⁷³.

Verificamos que, mesmo dizendo-se amíca e pretendendo actuar de uma forma mitofágica, a nossa sociedade aproveita todas as oportunidades para tentar criar e afirmar uma mitologia que pensa adequada à sua realidade (...). Se, para o homem comum, ele pode apresentar-se com um conteúdo deturpado, a verdade é que, ao longo dos séculos, o MITO tem servido de ponto de partida, de meio, de objectivo ou de resposta para atitudes da humanidade. (JABOUILLE, 1994, p. 15-16).

O mito é parte de uma grande estratégia, que muitas vezes passa despercebida de todos, por ser sutil, convincente, e por ter, principalmente, o apoio e a legitimidade do “poder estabelecido”. Segundo Pierre Bourdieu, estas “classes dominantes” têm o “poder simbólico” de instituir os valores que almejam que sejam perpetuados e aceitos pelos “dominados”;

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste

⁷³ “A universalidade do mito e sua grande importância para o pensamento humano é algo palpável no fato de que todas as sociedades elaboram mitos, quer sejam representações do inconsciente coletivo, das estruturas sociais, quer tenham função prática na sociedade” (SILVA & SILVA, 2005, p. 295).

modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico da mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” (...) mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia (BOURDIEU, 2000, p. 14-15).

Ou seja, se o mito Rheingantz segue sendo perpetuado, é porque é interessante, é porque há fortes interesses para que ele sobreviva. A história oficial nada mais é do que um dos instrumentos que legitimam os interesses “dominantes”.

As “condições de produção” de um discurso têm a ver com o “ideológico”, com os valores sociais da sociedade que o produz, ao passo que as “condições de seu reconhecimento” dependem do poder, isto é, das instâncias capazes de legitimar ou não a sua aceitação na sociedade (CARDOSO & VAINFAS, 1997, p.378).

Este “poder simbólico”, no Brasil, pôde ser posto à prova ao longo do século XX, pois, o povo passou a exigir maior integração na vida política, cultural e econômica. Mas, como as elites iriam satisfazer o povo sem abrir mão de seu poder? É justamente aí que entra o herói.

Como o herói foi sendo construído ao longo do século XX? Como pensar esse século e suas mudanças? É preciso lembrar que foi durante esse século que as massas bateram às portas da sociedade exigindo participar do “banquete” (modernidade, melhores condições de vida, participação na vida política). Isto teve conseqüências complexas (...). O que fazer com aqueles outros que passaram a querer participar e, pior, cujo número aumentava exponencialmente (?) (...). Como organizar as massas e suas demandas na nova sociedade? Como organizar/controlar a participação, ou como fazê-las partícipes? Todos os partidos, movimentos, ligas, associações tiveram que lidar com essa questão (OLIVEIRA, 2003, p. 67).

O herói passa a ser utilizado, então, de maneira estratégica pelas elites, para manipular a situação a seu favor. “Desde a mitologia grega, passando pelo universo da Igreja Católica, com a vida e morte de Cristo e dos santos, até hoje, os heróis e seus feitos oferecem exemplos, conforto e esperança aos comuns dos mortais” (OLIVEIRA, 2003, p. 75). O herói serve, assim, como um alento, uma esperança e um exemplo para as massas, para que se inspirem nele e no seu ideal de vida - Rheingantz é honesto, dedicado e trabalhador. “É assim que você

deve ser!”. Sua vida, seus feitos e seus atos tornam-se algo maior, servindo de exemplo para a sociedade, como forma de repassar a ela certas virtudes almeçadas. Os mitos e heróis servem, assim, como elementos de manutenção do *status quo*; por suas características serem exemplares, fornecem a tão desejada ordem para controlar os momentos sociais mais difíceis⁷⁴. Para a escola funcionalista o mito tem uma função, uma finalidade dentro da sociedade, podendo funcionar como forma de repassar a ela seus valores morais;

o mito reforça a coesão social e funcional do grupo e é um modo de revelação e de transmissão de uma ordem tradicional das instituições e dos comportamentos (...). O mito fundamenta os usos e as normas básicas do convívio, propondo uma justificação narrativa tradicionalmente aceita por todos (JABOUILLE, 1994, p. 71-72)

Observado desta maneira, trata-se de uma troca: Rheingantz enaltecido como herói local, cheio de virtudes e valores nobres, garante um controle social sobre as massas, para que aceitem mais facilmente seu “destino”, e não se revoltem contra a ordem estabelecida. Rheingantz e São Lourenço saem ganhando. Desta forma, o fundador refletindo valores heróicos, laboriosos e honestos serve muito melhor para São Lourenço, do que se refletisse outros de sentido negativo, como, explorador, mentiroso e desonesto. É possível concluir, então, que o fundador serve como arquétipo tanto para as atuais quanto para as futuras gerações desta sociedade, para que se inspirem nele e no seu exemplo de vida. Por um lado, selecionam-se os valores almeçados, por outro, rejeitam-se os modos desapreciáveis. A partir disto, o cidadão sul-lourenciano percebe como deve proceder e qual conduta deve seguir.

“O país que não tem lendas”, diz o poeta⁷⁵, “está condenado a morrer de frio”. É muito possível. Mas se um país não tivesse mitos, já estaria morto. A função da classe particular de lendas que são os mitos (...) é a de exprimir dramaticamente a ideologia de que vive a sociedade, de manter na sua consciência não só os valores que ela reconhece mas, principalmente, o seu ser e a sua própria estrutura, os elementos, os vínculos, os equilíbrios, as tensões que a constituem, justificar, no fundo, as regras e as práticas tradicionais sem as quais tudo o que é seu se dispersaria (JABOUILLE, 1994, p. 34-35).

A narrativa mítica torna-se, assim, “a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade” (CHAUI, 2004, p. 9);

⁷⁴ “Em momentos considerados como de crise, cresce a importância dos mitos e heróis” (OLIVEIRA, 2003, p. 75).

⁷⁵ Jabouille está citando Georges Dumézil, “Heur et malleur du guerrier”, Paris, P.U.F., 1969, p. 11.

Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido. “Ordenado por lendas e paisagens, por histórias de eras de ouro, antigas tradições, por fatos heróicos e destinos dramáticos localizados em terras prometidas, cheias de paisagens e locais sagrados” (DANIELS, apud WOODWARD, 2004, p. 23).

Em suma: quando o presente vai mal, reinventa-se o passado. “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, (e) sua complementaridade” (POLLAK, 1989, p. 9). É o Estado se apropriando da história, dos mitos construídos oficialmente e dos eventos heróicos ocorridos num passado longínquo, reutilizando-os de acordo com as necessidades do momento, visando manter a coesão social. É o poder estabelecido utilizando-se dos heróis para camuflar suas próprias falhas. O povo é manipulado para esta situação, servindo como instrumento para legitimar a perpetuação⁷⁶ ou até mesmo a criação de novos mitos/heróis. Assim, é para a sociedade em geral que o mito é construído.

É fácil perceber, agora, a importância desta tríade de escritores; foram eles que moldaram e selecionaram a personalidade de Rheingantz para aqueles que o desconheciam, vinculando-o a uma série de valores positivos. Seguindo sugestão de Cardoso e Vainfas (1997, p. 382) selecionamos seus traços de caráter, papel, posição social e familiar, demonstrando como ele é apresentado por estes escritores ao leitor⁷⁷.

Carlos Guilherme Rheingantz qualifica-o, como:

1. Pai
2. Fundador
3. Empresário
4. Diretor
5. Modesto
6. Dedicado
7. Gênio
8. Criativo

⁷⁶ “Num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte (...), é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais complacentemente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2000, p. 8).

⁷⁷ Várias destas “palavras-chave” repetem-se em dois ou até nos três textos, para evitar a repetição optamos por destacar cada uma delas apenas uma vez.

Por sua vez, Vivaldo Coaracy, associa a figura de Jacob Rheingantz com as seguintes características:

1. Patriarca
2. Criador
3. Trabalhador
4. Desbravador
5. Persistente
6. Estudioso
7. Generoso
8. Devotado
9. Carinhoso
10. Amoroso

Por fim, Jairo Scholl Costa, apresenta o fundador como:

1. Administrador
2. Inspirado
3. Idealizador
4. Idealista
5. Sonhador
6. Pioneiro

Estas vinte e quatro qualificações positivas, dentre outras, compõem a personalidade construída de Rheingantz⁷⁸. Com tamanho carisma e com uma história de bravura tão bem fabricada, ele passa a ser admirado como “O” modelo a ser seguido pelos outros sul-lourencianos. Rheingantz é o espelho. O povo procura nele as respostas para as dificuldades do cotidiano e, nas suas virtudes, a saída para as crises.

Todo esse sistema de imaginários sociais culmina na fabricação do carisma do grande chefe. Raramente a história forneceu um exemplo de fabricação de algo como o carisma (...). O fato de este carisma ter sido fabricado nada

⁷⁸ Não entraremos no mérito de julgar se Jacob Rheingantz era honesto/desonesto ou se possuía todas estas virtudes ou não. Na realidade, assim como enfatizou José Murilo de Carvalho, ao se referir, do mesmo modo, a Tiradentes, isso só nos “interessa enquanto relevante para a construção da mitologia” (CARVALHO, 1990, p. 57-58).

tira à sua eficácia real. Esta revelar-se-á suficiente para conseguir apoderar-se da imaginação coletiva daqueles (...) que (...) se vão reconhecer no sistema e no chefe que o encarnava (BACZKO, 1984, p. 330).

Naturalmente que, para alcançar a maioria da população, o mito não deve se restringir apenas aos livros de história - e é aí que entram as autoridades municipais, legitimando este grande nome, evitando que ele seja esquecido⁷⁹; através de eventos comemorativos cumprem uma dupla missão: exaltar o mito Rheingantz e, simultaneamente, garantir a sua autopromoção. É a política se apropriando dos personagens históricos. Assim, o município divulga a Coxilha do Barão, como o “local onde viveu o fundador”; sua casa, que já abrigou um museu, e seu túmulo, viraram pontos turísticos; monumentos e estátuas⁸⁰ foram erigidos em sua memória, e em agradecimento à sua valorosa contribuição; a própria comemoração do “Dia do Colono”, serve para celebrar Rheingantz, pois é realizada ao redor de todos estes símbolos: a casa, o túmulo e os monumentos. Naturalmente que, para completar o rol de homenagens, não poderiam faltar dois dos tributos mais comuns: escolas e ruas municipais estampando o nome do fundador. Sobre a importância destas homenagens, Michael Pollak afirma que,

além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc. (...) Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, freqüentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e origem (POLLAK, 1989, p. 10).

Outro aspecto comum, ainda dentro dessa lógica de valorização dos aspectos simbólicos da Coxilha do Barão, é a publicação de fotos dos objetos materiais vinculados à Rheingantz; não há livro de história (ou jornal, em edições comemorativas) que mencione a Colônia de São Lourenço, sem estampar uma imagem da casa, dos monumentos ou até mesmo da imagem do fundador⁸¹.

⁷⁹ “O temor ao esquecimento gera a obsessão pelos registros, pelos traços, arquivos, museus, cemitérios, coleções, festas, comemorações aniversários, tratados, processos verbais, monumentos – santuários, associações; processos que dão ilusão de eternidade” (FÉLIX, 2004, p. 50).

⁸⁰ “As estátuas apresentam em torno de sua simbologia a capacidade da materialização de toda uma produção de discursos em torno de acontecimentos de grandes personagens e, por meio deste peculiar atributo, há viva possibilidade de influir no sentimento da população, de modo a convencê-la a aceitar sua proposta política e/ ou cultural” (ALVES & FUÃO, 2005, p. 8).

⁸¹ Folders de divulgação de eventos em São Lourenço do Sul, também se encaixam nesta lógica.

A fotografia contribui (...) para a semantização do monumento-sinal. Com efeito, é cada vez mais pela medição de sua imagem, por sua circulação e difusão, na imprensa, na televisão e no cinema, que esses sinais se dirigem às sociedades contemporâneas. Eles só se constituem signo quando metamorfoseadas em imagens, em réplicas sem peso, nas quais se acumula seu valor simbólico assim dissociado de seu valor utilitário. Toda construção, qualquer que seja o seu destino, pode ser promovida a monumento pelas novas técnicas de ‘comunicação’. Enquanto tal, sua função é legitimar e conferir autenticidade ao ser de uma réplica visual, primeira, frágil e transitiva, à qual doravante se delega seu valor. Pouco importa que a realidade construída não coincida com suas representações midiáticas ou com suas imagens sonhadas (CHOAY, 2001, p. 22-23).

Garante-se, assim, uma veiculação massiva de imagens e símbolos relacionados à Rheingantz - como há uma grande divulgação deste ícone, há a possibilidade de ele perpetuar-se por mais tempo. Não há quem não conheça Jacob Rheingantz em São Lourenço⁸²; ele foi muito bem “fabricado⁸³”.

Além de construírem uma imagem de Rheingantz onde só existem virtudes, e onde vários aspectos do passado foram apagados, algumas informações veiculadas por estes autores não estão corretas; pequenos episódios, que poderiam passar despercebidos, mas que dizem muito sobre a construção do mito; é o caso deste trecho em que Coaracy comenta sobre a cota de imigrantes que o empresário teria que alcançar ao término de cinco anos: “A colônia crescia e se desenvolvia rapidamente. Antes de completado o prazo de cinco anos, fixado no contrato, já estava de muito excedido o número de 1.440 imigrantes que Jacob Rheingantz se obrigara a trazer dentro daquele período” (COARACY, 1957, p. 59). Ora, conforme salientado no capítulo anterior, este número só foi ultrapassado ao fim de sete anos. Mas, por que alterar este simples fato do passado de Rheingantz e da colônia? A idéia é a mesma de antes: preservar a imagem do fundador. Naturalmente não seria interessante que o herói local estivesse ligado à idéia de um fracasso inicial, certamente. Como já dito, Rheingantz deve ser acompanhado de valores ideais, na medida em que serve para repassar os valores para os cidadãos lourencianos; obviamente uma imagem ligada ao insucesso não seria adequada para as circunstâncias, pois na “nossa” sociedade não queremos fracassados!

⁸² Esta hipótese poderá ser comprovada mais adiante, no capítulo 5.1.

⁸³ Para utilizar uma expressão de Peter Burke em seu livro, “A fabricação do Rei – A construção da imagem pública de Luis XIV”. Nele, o autor explica a criação da imagem real, por meio de um poderoso esquema de propaganda. Talvez seja um exagero comparar Rheingantz e Luis XIV: o fundador de uma pequena colônia ao sul do Brasil e o poderoso Rei-sol; mas, mesmo assim, as idéias e o culto aos personagens são semelhantes.

Há uma forma mais insidiosa do embuste. Em lugar da contra-verdade brutal, há a soturna manipulação: interpolações em documentos autênticos; na narração acréscimos sobre um fundo toscamente verídico, detalhes inventados [interpola-se, geralmente, por interesse. Acrescenta-se, com frequência para enfeitar] (BLOCH, 2001, p. 101).

Como já dito, muitos fatos foram “apagados” da história do município para “limpar” o nome de Rheingantz. Porém, uma revolta dos colonos contra seu diretor foi preservada por estes escritores. Seria uma tentativa de ser “imparcial”? Já que muitos fatos foram apagados, porque não “esquecer” mais este? Talvez, porque ele ainda estivesse presente na memória de colonos e descendentes; Carlos Rheingantz destacou-o primeiramente, quarenta anos após o ocorrido. Muitos revoltosos ainda estavam vivos. Mediante isto, o que fazer então? Reescrever os incidentes, de forma oportuna. Assim, as diversas queixas dos colonos contra Rheingantz passaram a ser representadas exclusivamente por um único evento: “A Grande Revolta”. Nela, Rheingantz transforma-se na vítima e não no desencadeador do processo; além disso, os escritores passaram boa parte da responsabilidade ao Tenente Sá Queirós, que foi utilizado como bode expiatório, eximindo Rheingantz de maior culpa, e acusando ainda “elementos de fora”, desajustados e que não se encaixavam dentro dos modelos de disciplina impostos pelo diretor, como os elementos que teriam manipulado os ingênuos colonos. Sobre as diversas reclamações dos colonos contra o diretor, dentre elas a questão da medição dos lotes de terra, um dos principais motivos da revolta, ela é totalmente minimizada e posta de lado, pois “nenhum colono recebera área menor que comprara, assim como nenhuma falta atribuída ao fundador foi provada” (COSTA, 1984, p. 67).

Como mencionado no capítulo anterior, a revolta teria se originado devido ao edital do Tenente Sá Queirós, que trouxe à tona queixas dos colonos contra Rheingantz. Ao exemplificarmos estas manifestações revezaremos os autores, como forma de aproximar os discursos e compará-los, já que as idéias reproduzidas são as mesmas, não alterando o sentido do texto:

Desse descontentamento aproveitaram-se os elementos perturbadores para insuflar nos habitantes da colônia um sentimento de revolta e propagar a insubordinação. Instigaram ressentimentos, fomentaram animosidades, exploraram a ignorância de uns e as ambições de outros, instilaram desconfianças. Na véspera do natal, quando muitos dos colonos, tendo-se excedido nas libações festivas em celebração da data, estavam incapazes de raciocinar, explodiu a desordem (COARACY, 1957, p.99-100).

A situação evoluiu e atingiu seu clímax na véspera do Natal daquele ano, quando estourou a revolta. Um grande grupo de colonos (instigados por

“elementos estranhos”), embriagados após as comemorações natalinas, tomou de assalto o quartel do destacamento, desarmando os policiais. A partir daí, arrombaram as portas das casas tomaram as bebidas das vendas e espalharam o terror. Ao final, dirigiram-se à casa de Rheingantz, no alto da Coxilha do Barão, onde ele comemorava a data com a família (COSTA, 1984, p. 67).

Na noite de 23 para 24 de dezembro de 1867, um grupo de descontentes obrigou a muitos colonos alheios aos fins revolucionários dos cabeças (cujos nomes deixo de mencionar, para não reacender odiosidades, visto descendentes deles ainda existirem na colônia) a acompanhá-los até a residência do empresário (RHEINGANTZ, 1907, p.17-18).

Apesar de a essência permanecer inalterada, neste primeiro bloco de citações, podemos encontrar uma discordância quanto à data do ocorrido: enquanto os dois primeiros autores afirmam que a revolta se deu na véspera do Natal, o último menciona a madrugada anterior. Faz diferença? Acreditamos que sim, pois se tratava da véspera de Natal, um feriado religioso geralmente associado à paz. É mais um motivo para “jogar” o leitor contra os “revoltosos” e para justificar na embriaguês dos colonos (pois, eles “estavam incapazes de raciocinar”), seu descontrole (ficando assim facilmente manipuláveis). Visto que o único presente no acontecimento foi Carlos Rheingantz, então com 18 anos de idade, temos motivos para acreditar que ele realmente ocorreu no dia 23 de dezembro de 1867⁸⁴.

Dando seqüência aos acontecimentos da revolta, e a narração dos autores:

A chegada da turba enfurecida foi dos mais pavorosos episódios que a crônica da colônia registrou. Como era noite e os amotinados portavam tochas, quiseram, inicialmente, incendiar a casa no que foram impedidos por pessoas de bom senso que embora acompanhando a massa, não tinham o intuito de desordens. Mesmo assim, não lograram impedir a invasão da residência pela horda que destruiu todas as dependências e mobiliário (COSTA, 1984, p.67).

(Seguindo conselhos) o empresário evitou o encontro com o grupo ameaçador; compareceu, porém, quando os ânimos se tinham acalmado um pouco. Obrigaram-no os revoltosos a submeter-se às suas imposições, subscrevendo tudo quanto dele exigiam, por exemplo: vender os lotes coloniais inteiros (de 100.000 braças quadradas) a 300\$000, do que muitos se aproveitaram, compelindo-o a aceitar 300\$000 em dinheiro por lotes anteriores comprados a prazo e por maior preço; outros que já haviam pago os seus lotes comprados ao preço, então corrente, de 400\$000 exigiram a restituição do excedente, no qual foram obedecidos (RHEINGANTZ, 1907, p.18).

⁸⁴ Como veremos no capítulo 3.2, Ernesto Pellanda e Jorge Luiz da Cunha também sugerem o dia 23 de dezembro, como sendo a data do ocorrido. Cunha, porém, coloca que a revolta iniciou na tarde deste dia, e não na madrugada.

Na sua ignorância, cometeram os amotinados um erro fatal. Pensando dar-lhes assim valor legal, exigiram do Tenente comandante do destacamento que assinasse, como testemunha, os papéis que extorquiam. Tornaram assim o oficial testemunha da coação sob a qual haviam sido conseguidos os documentos e que os anulava (COARACY, 1957, p.101).

Sobre essa influência negativa que os “elementos estranhos” (COSTA, 1984, p. 66) ou “elementos vindos das cidades vizinhas” (RHEINGANTZ, 1907, p. 14-15), exerceram sobre os colonos no ataque a Rheingantz, há uma interessante explicação nas palavras de Kathryn Woodward, quando ela descreve a relação entre forasteiros e locais:

A ordem social é mantida por meio de oposições binárias, tais como a divisão entre “locais” (insiders) e “forasteiros” (outsiders). A produção de categorias pelas quais os indivíduos que transgridem são relegados ao status de “forasteiros”, de acordo com o sistema social vigente, garante um certo controle social. A classificação simbólica está, assim, intimamente relacionada à ordem social. Por exemplo, o criminoso é um “forasteiro” cuja transgressão o exclui da sociedade convencional, produzindo uma identidade que, por estar associada com a transgressão da lei, é vinculada ao perigo, sendo separada e marginalizada (WOODWARD, 2004, p. 46).

Essa visão dos eventos assume proporções maniqueístas⁸⁵: há os bons, que querem o progresso da colônia e tentam fazê-la prosperar (Família Rheingantz e os “bons colonos”); os maus, que trazem a discórdia e a bagunça (os “elementos estranhos”); e ainda, os que transitam entre eles de maneira ingênua (o resto dos colonos). Esta divisão do mundo entre bem e mal, luzes e trevas é totalmente parcial, sendo mais uma forma de manipular o leitor, para que este se identifique com uma causa e, simultaneamente, repudie outra. “É a este (chefe redentor) que se acha reservada a tarefa de livrar a Cidade das forças perniciosas que (através de complôs maléficis) pretendem estender sobre ela a sua dominação” (GIRARDET, 1987, p. 15).

⁸⁵ O próprio Erico Veríssimo, que serviu de inspiração para a introdução deste trabalho, pode voltar a ser citado, no que tange ao caráter maniqueísta de certos livros de História: “Os livros escolares, cujo objetivo é ensinar-nos a história da nossa terra e do nosso povo, são em geral escritos num espírito maniqueísta, seguindo as clássicas antíteses – os bons e os maus, os heróis e os covardes, os santos e os bandidos. Via de regra, não se empregam nesses compêndios as cores intermediárias, pois seus autores parecem desconhecer as virtudes dos matizes e o truísmo de que a história não pode ser escrita apenas em preto e branco” (VERISSIMO, 1978, p. 24)

Devemos observar isto, no entanto, como uma questão necessária para a própria identidade do município; assim como há a necessidade de heróis, existe a urgência por vilões; estas narrativas que visam induzir condutas estabelecem o modelo a ser seguido e aquele que deve ser repudiado: bêbados, vagabundos, desordeiros, conspiradores e mesmo forasteiros, não são bem vindos e bem vistos na sociedade ideal.

(...) Homens da sombra, os homens do Complô escapam por definição às regras mais elementares da normalidade social. Constituem, no interior de toda comunidade consciente de sua coerência, um corpo exógeno obscuramente submetido às suas próprias leis, obedecendo apenas a seus próprios imperativos ou a seus próprios apetites. Surgidos de outra parte ou de parte alguma, os fanáticos da conspiração encarnam o Estrangeiro no sentido pleno do termo. (...) A ameaça que representam é aquela que jamais deixou de obsedar os sonhos das cidades pacíficas: a do vagabundo, do nômade que ronda as casas felizes. A do viajante sem nome que traz com ele a doença ou a epidemia, cuja chegada faz apodrecer a colheita e perecer o gado. A do intruso que se introduz nos lares prósperos para levar-lhes a perturbação e a ruína. A insegurança e o medo começam com a passagem dos desconhecidos que vagueiam na noite (GIRARDET, 1987, p. 43-44).

Fica claro, desta forma, que o grau de importância destes escritores não pode ser desconsiderado, nem minimizado. Esta tríade não apenas criou e formou um herói, nem elaborou somente a história oficial do município: estes escritores foram muito além, construindo uma identidade própria aos habitantes de São Lourenço do Sul, onde cada membro encontra o seu lugar já previamente demarcado. É exatamente o que afirma Bronislaw Baczko, ao explicar a formação da identidade como fruto do imaginário de uma coletividade, onde

ela elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o do “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser. Porém, designar a identidade coletiva corresponde, do mesmo passo, a delimitar o seu “território” e as suas relações com o meio ambiente e, designadamente, com os “outros”; e corresponde ainda a formar as imagens dos inimigos e dos amigos, rivais e aliados, etc. (BACZKO, 1984, p.309).

Como salientado no capítulo anterior, após a revolta, a família Rheingantz refugia-se no Rio Grande e a colônia é sitiada pelas forças provinciais, lideradas pelo Barão Von

Kahlden; retornamos à história oficial para narrar a “dramática” volta de Rheingantz à direção da colônia.

É natural que, ressentido e magoado com o procedimento dos colonos, ferido pela ingratidão de muitos que lhe deviam favores e serviços, Rheingantz houvesse pensado, mesmo com grave dano para o seu patrimônio, em liquidar a empresa e se recusasse a princípio a regressar ao ambiente em que sofrera tão grande decepção. Cuidaria de entregar a outrem os encargos de direção (COARACY, 1957, p. 104).

Ele relutou. Afinal, estava magoado. Sua família sofrera com a violência e era natural que estivesse amargurada, não mais desejando voltar (COSTA, 1984, p. 67).

Ante a insistência e os argumentos (...). Vencendo o ressentimento muito compreensível, dominou a consideração de que era aquela a sua obra, a que havia consagrado longos anos de vida e trabalho, todas as suas energias e capacidade e a que se dedicara com amor e esperança. Nenhum outro a completaria como ele havia projetado. Não poderia transferir a um estranho o idealismo com que a concebera e o carinhoso devotamento com que da aspereza agreste da mata virgem fizera surgir uma comunidade humana encaminhando-a, desde o nascedouro, para um futuro próspero e feliz (COARACY, 1957, p. 104).

Afinal, após deixar o leitor angustiado sobre o retorno ou não do fundador - num suspense de fazer inveja a Hitchcock -, Coaracy conclui em uma única palavra: “Voltou” (1957, p. 104). Não é preciso dizer mais nada. Apenas “voltou.” Esta dramática narrativa, criada em torno de Rheingantz, tem somente uma função: sensibilizar o leitor. Foi caprichosa neste sentido a construção discursiva para com o protagonista desta história; é através de recursos lingüísticos como este que ressalta a ingratidão dos colonos e a benevolência de Rheingantz, em perdoar a fraqueza de seus filhos⁸⁶, que ele se tornou o mito, lembrado e perpetuado até hoje como o grande fundador da cidade⁸⁷. Após voltar à colônia, Rheingantz retoma sua direção, “como se nada houvesse acontecido (...). A tempestade passara sem deixar vestígios duradouros. Seguiram-se anos de labor fecundo. A colônia prosperava francamente” (COARACY, 1957, p. 105). Tudo voltou a ser, como era antes...

Um herói é digno de uma saga; Rheingantz viveu-a nas páginas da história oficial. Uma aventura que renderia um bom romance ou um filme de Hollywood; nesta trama há a referência aos primeiros tempos, uma idade de ouro, onde o fundador desbravou a mata

⁸⁶ Não podemos esquecer do caráter patriarcal, descrito pela história oficial, como caracterizando a relação entre Rheingantz e os colonos.

⁸⁷ Jacob Rheingantz não é o fundador da cidade, mas muitas vezes recebe tal mérito. No capítulo 5.2, aprofundaremos um pouco mais esta questão.

virgem para povoar, com amor e prosperidade, um local onde “a vida corria serena e mansa sob o regime quase patriarcal” (COARACY, 1957, p. 95); há o sinal de perigo, onde, em uma “Grande Revolta”, conspiradores tramam contra a ordem e harmonia, estabelecidas pelo fundador; e o final, onde uma dramática narração nos sensibiliza e nos faz refletir para a bondade e benevolência do herói, que passa por cima de tudo, “como se nada houvesse acontecido”, e “volta”, para reconduzir seu povo e sua colônia rumo à “ordem e o progresso”.

Denúncia de uma **conspiração maléfica** tendendo a submeter os povos à dominação de **forças obscuras e perversas**. Imagens de uma **idade de ouro** da qual convém redescobrir a felicidade ou de uma revolução redentora que permite à humanidade entrar na fase final de sua história e assegura para sempre o reino da justiça. **Apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem** ou conquistador de uma nova grandeza coletiva (GIRARDET, 1987, p. 11).

Jacob Rheingantz morreu em julho de 1877, há cento e trinta anos; no entanto, alguém ousaria afirmar que São Lourenço do Sul percorreu todo esse tempo sem a sua presença? É correto concluir, portanto, que Rheingantz foi tão útil em vida, para este município, quanto nos anos posteriores a sua morte.

3.2 *Muito além da história oficial: uma visão além do alcance*

No tópico anterior, vimos o modo como Jacob Rheingantz foi representado pela história oficial de São Lourenço do Sul; tal foi o processo de construção em torno de sua imagem, que “o homem” se tornou “O mito”. Mas, qual a visão do restante da historiografia sobre este herói? Livres para assumir uma postura mais crítica, e menos comprometida com uma causa, como estes escritores representaram Rheingantz, os colonos e a relação entre ambos? Na tentativa de esclarecer a questão, e visto a importância de Rheingantz no contexto da imigração alemã, analisaremos, basicamente, a historiografia clássica sobre o assunto. Outros autores, não ligados a esta temática, também serão analisados em menor escala, na medida em que possam acrescentar opiniões e dados relevantes sobre Rheingantz e sua colônia. Afinal, o mito ultrapassou fronteiras, ou ficou restrito ao município de São Lourenço do Sul?

Aqui, importam as interpretações e as representações sobre Rheingantz, mas importam também as informações veiculadas por estes autores, na medida em que sirvam para acrescentar novos dados sobre a colônia. Eles cumprem, assim, o duplo papel de fonte e objeto de pesquisa.

A historiografia relativa à temática da imigração alemã no Rio Grande do Sul teve início em 1924, em função das comemorações ao centenário da imigração germânica no Estado. Novamente a questão das datas comemorativas, e dos anos jubilares, volta à cena - afinal, muitos destes autores foram contratados para escreverem em função deste centenário. É o caso de Theodor Amstad e de Ernesto Pellanda. Apesar de lançarem suas obras no mesmo ano e em função da mesma comemoração, os autores fazem uma representação distinta de Jacob Rheingantz.

A colonização germânica no Rio Grande do Sul, de Ernesto Pellanda, apesar de ser uma obra comemorativa e encomendada (assim como foram os livros da tríade Rheingantz - Coaracy – Costa) não reproduz um discurso laudatório (ao menos) quanto à figura de Jacob Rheingantz; pelo contrário, o autor acrescenta dados muito importantes sobre a “Grande Revolta”. Ao referir-se às “desordens de vulto” que ocorreram nos municípios de colonização alemã, Pellanda afirma:

Desordens de vulto só conheceram S. Leopoldo e São Lourenço (...); esta com as desordens motivadas pela ganância dos empresários sobre as terras vendidas aos colonos, pagas e não regularizadas.

Tal foi o vulto da questão que degenerou em franca revolta.

Os colonos armados expulsaram o empresário Jacob Rheingantz, depois de cercá-lo na casa de residência que arrombaram e depredaram nos dias 23 e 24 de dezembro de 1867.

Tendo conhecimento do fato a presidência da Província expediu para o local o agente interprete da imigração, no Rio Grande, Carlos Miller, que com assistência do Juiz municipal de Pelotas e do delegado de policia dali, arrecadou os bens do empresário. Foi então nomeado a 28 de janeiro de 1868 comissário do governo, junto à colônia, o Barão de Kahlden, diretor da colônia de Santo Ângelo.

Na mesma data seguiu para o local o chefe de policia da província, resultando dessa viagem a prisão de seis colonos e a fuga de dois.

A 7 de março o Presidente Homem de Mello ordenou a ratificação das medições, cujas despesas seriam feitas por conta do empresário conforme a cláusula 10ª. do contrato respectivo, mostrando-se os colonos dispostos a auxiliarem os trabalhos.

Parecia, assim, terminado o assunto, sendo dispensado o Barão de Kahlden em 16 de fevereiro de 1864⁸⁸, quando novas imprudências de Rheingantz, exaltaram mais uma vez os ânimos.

⁸⁸ Possivelmente tratou-se de um equívoco do autor, pois o Barão de Kahlden chegou em janeiro de 1868. Carlos Rheingantz sugere que sua partida tenha ocorrido em fevereiro de 1869, o que parece ser precedente.

A 8 de julho de 1869, oficiava este ao presidente Dr. João Sertorio, declarando que não podia comparecer à colônia sem risco de vida.

Enviado ao local o agente intérprete e pedindo o auxílio ao cônsul da confederação da Alemanha do Norte, Sr. L. von Lause, puderam eles, com a intervenção, ainda, do Sr. João Bruger, sanar as dificuldades, celebrando-se um acordo que foi, após aprovado pelo governo imperial.

Para a direção da colônia foi nomeado Affonso Mabilde, que ficava diretamente subordinado ao presidente.

Não pararam aí as questões. Surgiam de todos os lados reclamações contra os esbulhos que Rheingantz ia praticando, não só contra os colonos, mas contra particulares de cujas terras se apossava sem formalidade alguma. Foi dessa maneira que a colônia se estendeu grandemente para o sul, indo parar nas proximidades de Pelotas.

O Barão de Kahlden já havia mandado retificar a medição de grande parte da colônia, gastando 9:532\$720, e recebendo da província por adiantamento 7:200\$000. O governo imperial, porém, julgava indébita a intervenção da província no assunto, por isso que nem o empresário requeria a medição, nem ele, governo geral a autorizara, negou-se a responsabilizar Rheingantz por esse valor, ficando o Barão no desembolso da diferença.

Surgindo as novas questões de 1869 o agente intérprete encontrou-as tão difíceis de resolver, que aconselhava como único meio para consegui-lo proceder-se à nova medição.

E, assim continuou sempre confusa a posse de terras da colônia. (PELLANDA, 1924, p. 33 a 35).

É bastante interessante a descrição de Pellanda sobre a revolta e seus desdobramentos; ao contrário da história oficial que enumera uma série de adjetivos que evidenciam a perfeição de Rheingantz, Pellanda aponta o empresário como sendo ganancioso, imprudente e espoliador.

Theodor Amstad, no mesmo ano de 1924, organizou o livro *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924)*⁸⁹; como dito anteriormente, a representação que faz de Rheingantz é contrária à de Pellanda e se assemelha muito à da história oficial de São Lourenço:

O comerciante alemão Jakob Rheingantz concretizou, com meios modestos, uma colônia modelo que evoluiu, com seus 24 mil habitantes de hoje, para um dos municípios mais florescentes da região colonial. (...) Também esta colônia teve que passar por sua prova de fogo. Em dezembro de 1869⁹⁰, **alguns maus elementos provocaram distúrbios**, ao ponto de o Sr. Jacob Rheingantz se vir obrigado a transferir seu domicílio para a vila de São Lourenço e mais tarde para Rio Grande. A ordem foi rapidamente restituída, com firme intervenção do então Presidente da Província, Homem de Mello, um grande incentivador da colonização alemã, e a ação inteligente do barão de Kahlden, administrador da colônia indicada pelo governo. A colônia

⁸⁹ “A organização da obra, assim como a maior parte de seu conteúdo, esteve a cargo do Padre jesuíta Theodor Amstad, embora não conste formalmente no seu texto original. Amstad contou, sem dúvida, com numerosos informantes e colaboradores” (nota de divulgação do livro, encontrada em suas “orelhas”).

⁹⁰ Possivelmente tratou-se de um erro de digitação, visto que a revolta ocorreu em 1867.

entrou num ritmo de desenvolvimento positivo. (...) A Colônia de São Lourenço é, com certeza, ao lado de São Leopoldo, aquela que contou na sua população, com o maior número de imigrantes alemães. O mérito principal dessa colonização homogênea, cabe a seu fundador, que não mediu nenhum esforço, nem sacrifício ao se tratar de fortalecer a sua colônia com novos reforços. Por esta razão, Jakob Rheingantz se credencia a um lugar de honra entre os colonizadores do Rio Grande do Sul (AMSTAD, 1999, p. 92 e 94).

As razões para discursos tão distantes podem ser medidas pelas fontes utilizadas por estes dois autores; enquanto Pellanda baseou-se em documentos produzidos pelos atores desta história, Amstad está utilizando, em seu trabalho, o livro de Carlos Guilherme Rheingantz - por isso a semelhança de seu texto com o da história oficial (Amstad cita inclusive certos “maus elementos”, como causadores do “distúrbio”). Além disso, existe o caráter comemorativo das duas obras; recém havia terminado a primeira guerra mundial, e os alemães, segundo Dreher (1999, p. 7-8), ainda estavam ressentidos com sua auto-imagem; aos poucos, porém, “os valores da germanidade ressurgiram”, de modo que seu centenário pôde ser comemorado com certo orgulho; o livro de Amstad contribui nesse sentido...

“Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul” pretendeu trabalhar a auto-estima do descendente de teutos no Rio Grande do Sul, mostrar a contribuição teuta na formação da nação brasileira e evidenciar aos alemães no além-mar europeu as conquistas de alemães e descendentes no Brasil (DREHER, 1999, p. 8).

As obras de Pellanda e Amstad, assim como as de Aurélio Porto e Leonardo Truda, posteriormente, serviram para alimentar a auto-estima dos teuto-descendentes. No caso de Pellanda, ela não interferiu na produção de seu texto sobre o fundador da Colônia de São Lourenço; o mesmo, porém, não se pode dizer de Amstad, onde Rheingantz adquire traços que o assemelham a um *self made man*. Rheingantz passa a ser, assim, um exemplo aos futuros imigrantes, do homem que veio sem nada, e aqui construiu sua vida. O mito ganha várias formas e pode ser moldado de acordo com as circunstâncias. Neste caso ele ultrapassou as fronteiras de São Lourenço, servindo como arquétipo para pretensões maiores.

Há situações em que a mesma figura pode apresentar diferentes imagens de heróis para diferentes setores da população (...). Por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, o herói nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz (CARVALHO, 1990, p. 14).

Leonardo Truda, em *A Colonização alemã no Rio Grande do Sul*, publicada no início da década de 1930, menciona uma questão deixada de lado pela maioria dos autores que trabalhou com a Colônia de São Lourenço:

Carlos von Koseritz, em seu relatório como agente interprete da colonização, em 1867, referindo-se à Colônia de São Lourenço, lamentava que esta tivesse “vindo a sofrer com intrigas e perturbações de ordem pública, provocadas por alguns indivíduos de más intenções, que valendo-se de pretextos religiosos, tem sabido semear a discórdia no seio daquele florescente estabelecimento colonial” (TRUDA, 1930, p. 84).

Os “pretextos religiosos” referidos por Koseritz, e citados por Truda, dizem respeito ao interesse, por parte de alguns colonos, da construção de uma capela na colônia. Existem alguns documentos que mencionam o assunto - é o caso desta carta, enviada pelo Presidente da Província a Rheingantz, intentando obter maiores informações sobre o assunto:

Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Palácio do governo de Porto Alegre, 26 de setembro de 1866.

Foi remetido à esta presidência com aviso do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 10 deste mês, o requerimento em que diversos colonos aí residentes pedem uma subvenção, a fim de ser construída uma capela para atos religiosos.

Para que esta presidência possa tomar em consideração o mesmo requerimento, convém que V. Senhoria informe se existe plano e orçamento da referida capela; bem como qual a quantia arrecadada dos fiéis⁹¹.

Rheingantz, respondendo ao ofício do Presidente da Província, é bem claro ao afirmar qual será o destino dado ao dinheiro da capela...

Ilustríssimo Excelentíssimo Presidente da Província:

Respondo ao ofício de Vs. Excia. datada de 23 de fevereiro, **procurei impedir os colonos que foram pedir donativos para edificar igrejas nesta colônia**. Mas como estes tiveram a **proteção das autoridades locais**, nada pude fazer a ida deles. Ao ofício de 26 de setembro do ano passado desta presidência **respondi** em primeiro de novembro **que nada sabia sobre a planta e orçamento da Igreja**, que ainda hoje não há; porém, **sei que os fiéis tem recebido donativos sem dar contas a mim do que recebem**. Um destes fiéis é o colono **José Pons**, belga que se julga ter recebido de dois a três contos de réis (Rheingantz risca a frase seguinte:) empregando parte destes em suas despesas particulares, e continua a fazer o mesmo (a frase é reformulada e substituída por:) **que está empregando em suas despesas particulares**. Outros de nome Guilherme Kath e Jeremias Ostenberg de menos receita seguem o mesmo sistema. Tendo este último

⁹¹ Biblioteca Rio-Grandense. Coleção Rheingantz. Caixa 1. Documento 110.

conspirado (palavra, igualmente, riscada) e o dito **José Pons feito reuniões para convencer os colonos que não deviam cumprir as condições de contratos, que tinham comigo**. As necessidades que houverem de igrejas e outras, mais tarde informarei a Vs. Excia. Os meus reclames as autoridades competentes tem sido baldadas.

Deus guarde V. Excia.
J. Rheingantz
Empresário da colônia

São Lourenço do Sul, 9 de março de 1867 ⁹².

Há nesta missiva um ponto de fundamental importância: a denúncia do empresário, de que o dinheiro para uma obra pública estava sendo desviado para interesses particulares; esta acusação se encaixa numa lógica de rivalidades extremamente afloradas, que serão mais bem explicadas no quarto capítulo. De qualquer forma, a consequência desta informação é óbvia: independente do seu grau de veracidade, Rheingantz está comprando (mais uma) briga com estes colonos, visto que está frustrando os seus planos – de construir a igreja ou de, realmente, desviarem a verba. Ela foi escrita em março de 1867; ou seja, nove meses antes dos colonos “pegaram em armas”.

Vivaldo Coaracy não passou em branco nesta questão; o escritor aproveita o episódio da “questão religiosa” para introduzir suas queixas contra os “elementos perturbadores”. Mais tarde, segundo Coaracy, serão eles os responsáveis pela “Grande Revolta”. Naturalmente, sua leitura do episódio é totalmente previsível: começa demonstrando a boa vontade do fundador em querer ajudar os fiéis católicos e protestantes no seu intento de construir templos religiosos. Seu objetivo, porém, não foi alcançado graças aos “interesses pessoais e as mesquinhas rivalidades que alguns dos moradores instigavam” (COARACY, 1957, p. 88).

Alguns desses **elementos perturbadores, que sempre aparecem em todas as coletividades**, com objetivos pouco claros, dirigiram-se ao governo da província solicitando subvenção para a construção de uma capela (...). Não tendo conseguido obter da administração provincial a suposta subvenção, deslocaram-se para a capital do império os indivíduos que pretendiam utilizar-se **em seu próprio proveito** das dúvidas e hesitações que cercavam a construção de um templo na colônia (COARACY, 1957, p. 88-89).

Além disso, Rheingantz é apresentado, por Coaracy, como totalmente alheio ao que está sendo tramado pelos “maus elementos”. Tudo está sendo planejado na “surdina” e quando o diretor recebe a carta do Presidente da Província, questionando sobre os colonos que

⁹² Biblioteca Rio-Grandense. Coleção Rheingantz. Caixa 1. Documento 118.

queriam recursos para a construção dos templos, mostra-se totalmente surpreso com tal atitude.

Para comprovar o que está afirmando, Coaracy publica a correspondência entre Rheingantz e o Presidente da Província⁹³ - numa demonstração de sua ingenuidade positivista, que atribui ao discurso de um documento total imparcialidade. Ora, naturalmente que Rheingantz iria atacar seus opositores. Mas, o que seus opositores afirmavam em sua defesa sobre o assunto? Obviamente isso não veio à tona... Coaracy encerra a questão novamente enaltecendo o administrador, pois este “reiterava a proposta anteriormente feita (de auxiliar na construção de igrejas e escolas), ampliando-a” (COARACY, 1957, p. 92) ainda mais.

Leonardo Truda apesar de citar estas “desconhecidas” “questões religiosas”, não menciona outros possíveis problemas que teriam ocorrido na colônia, esquecendo ou ignorando as questões envolvendo a posse da terra, geralmente lembrada quando se trata de problemas em São Lourenço. O interessante é que o autor cita algumas querelas fundiárias de teutos no Estado, mas não analisa o caso da colônia de Rheingantz.

No ano de 1941, a “Revista genealógica brasileira”, por intermédio de Carlos Grandmasson Rheingantz, do “Instituto Genealógico Brasileiro e do Instituto de Estudos Genealógicos do Rio Grande do Sul”, publicou: *Jacob Rheingantz (1817-1877) Fundador da Colônia de São Lourenço - Seus ascendentes e descendentes*. Novamente a Família Rheingantz levantava-se para exaltar seu membro mais conhecido; afinal, Carlos era bisneto de Jacob. Assim, depois de citar alguns nomes, apresentar biografias, genealogias e fotos, Carlos detém-se em seu bisavô; sua fala é, na verdade, um discurso que havia sido proferido um ano antes, em homenagem ao fundador da colônia⁹⁴:

Biografia resumida, extraída de um discurso proferido a 28-I-1940 pelo senhor Edison Campos, orador oficial da cerimônia levada a efeito por ocasião da inauguração de um museu de relíquias e documentos na casa que pertenceu ao fundador da colônia, no lugar denominado “Picada Moinhos”⁹⁵(RHEINGANTZ, 1941, p. 270).

⁹³ Apesar de não ser a mesma correspondência que apresentamos na página anterior, o diálogo é o mesmo, com pequenas variações. Possivelmente a “nossa” versão tenha sido o rascunho da carta que foi enviada ao Presidente da Província.

⁹⁴ O discurso, na íntegra, se encontra na edição especial de primeiro aniversário do jornal sul-lourenciano “A Tribuna”, publicado no ano de 1940.

⁹⁵ Para dar maiores informações sobre o evento, Carlos Grandmasson Rheingantz cita uma reportagem veiculada pelo Diário Popular (de Pelotas), no mês de fevereiro de 1940: “O ato teve a presença do capitão Leônidas Ribeiro Marques, prefeito do Município de São Lourenço, altas autoridades e grande número de distintas famílias e personalidades daquele próspero município” (RHEINGANTZ, 1941, p. 274).

Edison Campos na seqüência, e involuntariamente, toma a fala da revista, dando inicialmente algumas informações biográficas e, em seguida, assumindo um discurso muito semelhante aos dos já exaustivamente citados autores da história oficial do município:

(Sobre o período em que Jacob esteve nos EUA): Em terra estranha e sem conhecimentos, a sua tenacidade e o seu desejo de vencer na vida, foram mais fortes do que qualquer vislumbre de desânimo que se lhe pretendesse incutir. Chegou-lhe ao conhecimento, como uma estrela luminosa, apontando-lhe o caminho para o grande empreendimento, que um pequeno vapor de nome “Rio Grandense”, construído nos estaleiros Yankees, partiria em breve para o Brasil, onde, por conta da firma Ziegenbein, seu novo proprietário, iniciaria a linha entre Rio Grande e Pelotas, com cargas e passageiros. A sorte protegia-o e, assim, conseguiu colocação nesta mesma firma, que logo após, o nomeava seu agente na cidade de Pelotas (...). Pelo seu devotamento e capacidade de trabalho, conseguiu ser admitido como sócio da casa, em 1848 (CAMPOS, apud RHEINGANTZ, 1941, p. 270 e 273).

Neste pequeno trecho já fica clara a representação de Campos sobre Rheingantz: ele possui tenacidade e desejo de vencer na vida, era devotado e trabalhador, superou qualquer desânimo pela morte do irmão, e a sorte estava a seu favor; mas, o momento mais interessante deste trecho é o que aponta Rheingantz como uma pessoa iluminada, que recebe, como um aviso dos céus, o local do seu destino: “Chegou-lhe ao conhecimento, como uma estrela luminosa, apontando-lhe o caminho para o grande empreendimento (...)”.

Anunciador dos tempos por vir, ele lê na história aquilo que os outros ainda não vêem, ele próprio conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia seu povo pelos caminhos do futuro. É um olhar inspirado que atravessa a opacidade do presente; uma voz, que vem de mais alto ou de mais longe, que revela o que deve ser visto e reconhecido como verdadeiro (GIRARDET, 1987, p. 78).

O mais interessante, é que esse discurso foi realizado em 1940, o que comprova que as homenagens ao fundador da colônia não ocorriam somente em “anos jubilares”, sendo mais freqüentes do que se supunha. Como ele foi realizado próximo à data da chegada dos imigrantes, no mês de janeiro, deduz-se que era uma alusão aos 82 anos de colonização germânica no município - o que, por sua vez, reforça o caráter fundamental das datas comemorativas. Este é um período extremamente delicado para alemães e descendentes no sul do Brasil: estamos no meio do Estado Novo e da segunda guerra mundial, o que valoriza ainda mais este discurso realizado em favor de um alemão. “É precisamente nesses períodos de intermitência da legitimidade, nesses momentos de desequilíbrio, de incerteza ou de

conflito que estão cronologicamente situados os apelos mais veementes à intervenção do herói salvador” (GIRARDET, 1987, p. 89). Por outro lado, se pensarmos neste discurso inserido na lógica do “culto à personalidade”, outra característica totalitária do período, ele faz bastante sentido...

No Brasil as mudanças acontecidas e incentivadas na chamada Era Vargas cuidaram de organizar os trabalhadores e procuraram fazê-los participar da sociedade a partir do mundo do trabalho, da carteira profissional, da organização sindical, do Ministério do Trabalho. Por outro lado, foi nesse tempo que se criou uma identidade simbólica/cultural através de festas cívicas, de feriados, assim como do rádio, do cinema, da propaganda e das biografias (...) (OLIVEIRA, 2003, p. 67-68).

Edison Campos prossegue narrando os anos que se seguiram, até o estabelecimento da colônia:

(Após a chegada dos imigrantes): Parecia reinar o desânimo entre aquela gente, antes tão disposta ao trabalho. Eis então novamente Jacob Rheingantz tomando todas as providências para que não fossem fracassados os seus esforços e não se desfizesse esse sonho que ele acalentara tempos antes e que se tornara uma realidade. E as picadas e os caminhos se foram abrindo... (CAMPOS, apud RHEINGANTZ, 1941, p. 273)

Rheingantz aparece novamente representado como o guia do seu povo. Talvez, por isso, não se faça nenhuma referência à “Grande Revolta”. Igualmente, não é citada, a sociedade realizada com José Antônio Oliveira Guimarães. Assim, neste discurso, o empresário merece exclusivamente os louros pelo empreendimento, e escapa de enfrentar qualquer oposição a seu maravilhoso trabalho.

Os dois últimos parágrafos do discurso são carregados de emoção e, por isso, são os mais interessantes de serem analisados:

Foi uma obra de grande sacrifício, mas de extraordinária relevância para o desenvolvimento do país. E o serviço prestado por Jacob Rheingantz neste desiderata, maior mérito adquiriu por se tratar de uma colônia isolada, onde todas as iniciativas eram cercadas das maiores dificuldades. **Foi realmente Jacob Rheingantz um verdadeiro paladino da nossa grandeza moral e material. Curvemo-nos reverentes ante os seus preciosos despojos e rendamos à sua memória imperecível o tributo da nossa gratidão.** É oportuno repetir aqui o pensamento do Ministro da Agricultura, Senhor Barão de Lucena: “A Colônia de São Lourenço é uma maravilha e Jacob Rheingantz um benemérito”.

Jacob Rheingantz cerrou os olhos em Hamburgo a 15 de junho de 1877, mas podemos ficar certos que um de seus últimos pensamentos foi para esta sua segunda **pátria, pátria** de sua esposa e de seus filhos, **pátria** que ele

soube honrar e a que dedicou o melhor de suas energias (CAMPOS, apud RHEINGANTZ, 1941, p. 274)

Neste trecho, são destacadas as grandes dificuldades enfrentadas pelo “paladino” Rheingantz e sua enorme contribuição para o desenvolvimento do Brasil. É interessante observar que, no último parágrafo, a palavra “pátria” aparece repetida por três vezes, estando associada à: “segunda pátria”, “pátria de sua esposa e de seus filhos” e “pátria que ele soube honrar e a que dedicou o melhor de suas energias”. Ora, a idéia é clara, o remetente é direto; em tempos de nacionalismo, esse texto “cai como uma luva”, pois também aí Rheingantz está cumprindo o seu papel de servir de exemplo aos demais cidadãos - no caso, para os descendentes de alemães à espera da nacionalização. “Sigam o seu modelo de vida e contribuam para o desenvolvimento do país”, parece dizer Edison Campos aos alemães do interior de São Lourenço, na inauguração do museu.

Quase não há, hoje, grupo político que não ache sempre necessário, quando se trata de afirmar sua legitimidade ou de garantir sua continuidade, apelar para o exemplo e para as lições de certo número de “grandes ancestrais” sacralizados pela lenda. É em nome da fidelidade às mensagens que eles ditaram, da conformidade aos princípios que estabeleceram ou às instituições que fundaram que se pretende corresponder às interpelações e aos desafios do presente (GIRARDET, 1987, p. 78).

Agora, observemos o trecho abaixo:

Ele foi muito mais do que um diretor honesto; era o guia de seus colonos, isolados pela mata virgem, no campo econômico, espiritual e cultural. Colonizar era para ele muito mais que uma questão meramente econômica; era uma missão, uma tarefa de alcance cultural que merecia, como ele próprio afirma, o sacrifício do patrimônio particular, da saúde, de toda uma vida (OBERACKER, 1967, p. 235). .

É inegável a semelhança desta citação, com os discursos da história oficial de São Lourenço ou mesmo com o discurso de Edison Campos, acima mencionado; porém, existe uma diferença fundamental: este trecho não está se referindo à Jacob Rheingantz, mas, sim ao Dr. Hermann Blumenau⁹⁶, e seu autor não é Vivaldo Coaracy, mas sim Carlos Oberacker Jr. O mais interessante, é que na seqüência deste trecho, Oberacker faz a comparação dos dois empresários:

⁹⁶ Empresário responsável pela colonização de Blumenau, em Santa Catarina.

Há uma grande diferença entre a colonização de um idealista como o Dr. Blumenau e a de um comerciante como Jacob Rheingantz, para quem o problema era, em primeiro lugar, um caso de loteamento de terras a serem vendidas para os imigrantes, angariados na Europa. Não que Rheingantz se tivesse esquecido do aspecto cultural da colonização; não lhe foi possível, porém, dar à sua obra um cunho cultural de tal perfeição como o fez o Dr. Blumenau. O motivo parece ter sido em parte, o fato de Rheingantz ter descuidado da formação de um centro urbano fixando nele, como o fez Blumenau, camadas burguesas (OBERACKER, 1967, p. 235).

Essa interessante comparação de Jacob Rheingantz com o Dr. Hermann Blumenau, porém, não foi idéia exclusiva de Oberacker; coincidentemente Carlos Guilherme Rheingantz e Vivaldo Coaracy já o haviam feito, alguns anos antes, com uma diferença um tanto quanto óbvia:

As maiores colônias particulares do Brasil são Blumenau, em Santa Catarina, e São Lourenço, no Rio Grande do Sul. Aquela, denominada em honra do seu fundador, perpetua-lhe o nome; esta, derivando a sua denominação do arroio de São Lourenço, que atravessa parte de seu território, não memora o fundador, porque meu pai, por excessiva modéstia, não quis ligar seu nome ao de sua meritória empresa. Eis por que pouco se fala no nome de Jacob Rheingantz, quando se trata de assuntos relativos a nossa colonização. Este fato é deplorável, pois, a meu ver, foi meu pai o colonizador a quem compete de entre todos lugar proeminente. O Dr. Blumenau não conseguiu por esforços próprios a definitiva conclusão da empresa colonial por ele fundada, pois teve que solicitar a encampação pelo Governo Imperial; em consequência desse auxílio, a colônia tornou-se propriedade do governo, sendo o Dr. Blumenau nomeado diretor da mesma (em 1860). (RHEINGANTZ, 1907, p. 5-6).

Não fosse a tenacidade de Rheingantz e a confiança que ele depositava no seu empreendimento, e muito possivelmente teria sido arrastado à mesma atitude desiludida do Dr. Blumenau entregando à administração do governo imperial a colônia que fundara, contentando-se com assistir ao seu desenvolvimento como simples funcionário do mesmo governo. Mas Jacob Rheingantz era de outra fibra. Teimou. Teimou e venceu (COARACY, 1957, p. 84-85).

Rheingantz e Blumenau tiveram uma trajetória semelhante: migraram da Alemanha rumo ao Brasil, ainda no século XIX; firmaram contrato com o império, e se tornaram empresários particulares interessados na imigração de europeus. Tiveram suas colônias e nelas enfrentaram uma série de problemas. Provavelmente, eles nem tenham se conhecido pessoalmente. O mais interessante, a nosso ver, foi o fato de que (indiretamente) tenham se tornado rivais por meio da historiografia, onde a exaltação de um, implicava (necessariamente) o desmerecimento do outro. Relativo a isto, Bronislaw Baczko afirma:

As situações conflituais entre poderes concorrentes estimulavam a invenção de novas técnicas de combate no domínio do imaginário. Por um lado, estas visavam a constituição de uma imagem desvalorizada do adversário, procurando em especial invalidar a sua legitimidade; por outro lado, exaltavam através de representações engrandecedoras o poder cuja causa defendiam e para o qual pretendiam obter o maior número de adesões (BACZCO, 1984, p. 300).

Hilda Flores, em seu livro *Canção dos imigrantes*, em alguns momentos destaca o nome de Rheingantz; é o que faz, por exemplo, ao falar da ação dos empresários particulares, que promoviam a entrada de imigrantes no país: “(...) Jacob Rheingantz, que deu vida e prosperidade à Colônia de São Lourenço, em Pelotas” (FLORES, 1983, p. 97). Em um outro momento, destaca a dependência que os colonos tinham do empresário:

Igreja e escola quase sempre eram iniciativa dos colonos, ainda que sob a orientação do empresário, como no caso de Rheingantz, em São Lourenço. Nessa colônia os imigrantes pomeranos esperavam tudo de seu loteador, desde justiça, que na Europa recebiam do senhor da terra (FLORES, 1983, p. 98).

É quase a mesma dependência citada pela história oficial, do pai colonizador, para com seus filhos pródigos.

O Salvador (...) pode aparecer (...) sob a forma de uma espécie de substituto da autoridade paterna. Pai procurado e redescoberto (...) o sentimento de respeito e de devotamento que se dirigem ao personagem heroificado vão em primeiro lugar (...), para o Protetor: a ele o encargo de apaziguar, de restaurar a confiança, de restabelecer uma segurança comprometida; a ele também a tarefa de fazer frente às ameaças da desgraça (...). Mas a ele cabe também o cuidado primordial de garantir a perpetuação da comunidade, da qual carrega doravante a responsabilidade. Fiador, em outras palavras, da regularidade do jogo das continuidades, das transmissões e das sucessões, dos valores que encarna são os da perenidade, os do patrimônio, e os da herança. Seu papel é o de prevenir os acidentes da história, evitar suas fendas, responder pelo futuro em função da fidelidade a um passado com o qual se acha muito naturalmente identificado. Quase seria preciso dizer que a construção mítica não está aqui no limite, fora do domínio de certa concepção cósmica da Ordem universal. Guardião da normalidade na sucessão dos tempos, no decorrer das gerações, assim parece, nessa perspectiva, a função essencial atribuída ao herói salvador (GIRARDET, 1987, p. 91).

Luiza Helena Kliemann, em 1986, lança *RS: Terra e poder – História da questão agrária*. Apesar de não ser um livro que verse primordialmente sobre imigração, é importante a sua leitura, na medida em que aborda a questão fundiária no Estado; ora, como bem

sabemos, os conflitos sobre a posse da terra nas colônias alemãs e, em especial, em São Lourenço, foram alvo de inúmeras querelas. Por isso, sua inclusão neste trabalho. Kliemann começa chamando atenção sobre um fato importante:

Talvez, por ter sido um empreendimento particular que prosperou numa zona um pouco afastada da região conhecida como tipicamente colonial, a Colônia São Lourenço atraiu a atenção de alguns estudiosos gaúchos⁹⁷. **Os trabalhos de pesquisa realizados demonstram o desenvolvimento da colônia, os êxitos da empresa Rheingantz, fazendo pouca menção aos problemas fundiários advindos da colonização daquela extensa área** (KLIEMANN, 1986, p. 23-24).

Kliemann vai direto ao ponto: por um lado, estes autores (exceto Pellanda), ressaltam os êxitos da colonização iniciada por Jacob Rheingantz, e, por outro, esquecem dos problemas enfrentados pelo administrador. A seguir, a autora menciona sua percepção sobre algumas contradições na colonização da região:

No entanto, ao retomar a documentação da Diretoria de Terras e Colonização, que inclui requerimentos, autos de medição de terras e correspondência, observam-se contradições merecedoras de novas reflexões sobre a Colônia São Lourenço e sobre a colonização e os problemas fundiários em geral (KLIEMANN, 1986, p. 24).

O parágrafo seguinte serve para contextualizar o leitor, com os conflitos: “Os litígios que surgiram em São Lourenço são atribuídos à exploração dos colonos que se revoltaram com os altos preços dos lotes e à invasão de terras particulares pela empresa Rheingantz” (KLIEMANN, 1986, p. 24). Mais adiante ela parte para sua análise dos documentos:

Examinando isoladamente os autos de medição de todas as parcelas requeridas por Rheingantz, não se encontram problemas: os processos tiveram sentença favorável e a entrega do título foi aprovada tanto pela Diretoria como pelo Presidente da Província. Não obstante, tanto a correspondência da Repartição como a da Comissão de Terras de Pelotas, evidenciam, a partir de 1880, a existência de conflitos entre a empresa e os colonos. Tais episódios deixam a descoberto as irregularidades cometidas quando da medição de terras (KLIEMANN, 1986, p. 24).

Este ponto nos deixou um pouco confuso: Kliemann aponta para problemas pós 1880, e parece sugerir que anteriormente nada foi provado contra Rheingantz. Ora, como Jacob morreu em 1877, a autora parece sugerir que sua administração teria saído ileso destas

⁹⁷ Kliemann cita em nota de rodapé: Vivaldo Coaracy, Hilda Flores e Ernesto Pellanda.

querelas com os colonos. Porém, no parágrafo seguinte, ela aponta para irregularidades nas terras adquiridas por Rheingantz desde 1872: “Essas medições e títulos tornam-se motivo de litígio quando, devido à venda de lotes a colonos, ocorrem invasões em terras particulares confrontantes” (KLIEMANN, 1986, p. 24-25). Isso parece indicar que a “verdade” só veio à tona na década seguinte, e que havia sim irregularidades na forma como Jacob estava adquirindo as terras. Porém, não compreendemos se a autora estava a par dos conflitos anteriores a este, como a “Grande Revolta”, por exemplo. Após isso, Kliemann segue em seu texto, mas se concentra nos problemas fundiários entre a Família Rheingantz e o governo, após a morte de Jacob. Novas medições nas terras da colônia evidenciaram que o governo havia cometido irregularidades contra a família do empresário, e que devia restituir à mesma 66.498.158 m². Fica claro que, nestas disputas por poder, havia muitas irregularidades sendo cometidas na Colônia de São Lourenço; especialmente de cima para baixo: do governo para com a Família Rheingantz e desta para com os colonos.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim (...), para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 2000, p. 11).

A nosso ver a pesquisa mais interessante sobre a Colônia de São Lourenço, no que tange aos problemas de Rheingantz com os colonos, pertence ao historiador Jorge Luiz da Cunha. Dispondo de fontes magníficas, fruto de sua pesquisa na Europa, desenha com bastante clareza o relacionamento entre o diretor e os colonos, acrescentando informações preciosas sobre o assunto. A origem da pesquisa de Jorge Luiz da Cunha se refere ao período em que esteve na Alemanha, defendendo sua tese de doutorado sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Jorge Luiz da Cunha, apesar de utilizar Vivaldo Coaracy como uma de suas referências bibliográficas, não compartilha seu tom laudatório sobre Rheingantz; isto talvez se deva ao simples fato de sua pesquisa não ter sido “encomendada”, estando ele, assim, livre para não se vincular a uma causa específica. Além disso, Cunha está amparado por documentos encontrados na própria Alemanha: jornais, cartas, relatórios, etc., e a maioria destes se contrapõem ao que foi escrito por este agente da história oficial.

Depois de fazer um breve histórico dos primeiros anos da colônia – acordo de Rheingantz com o governo, instalação dos colonos nos lotes, contrato de Rheingantz com os colonos... – Cunha se detém na questão dos problemas envolvendo o diretor da colônia e os imigrantes que trouxe para o Brasil. O texto de Cunha é tão rico que não seria exagero citá-lo na íntegra; porém, fixar-nos-emos apenas nas principais questões, e elas não são poucas:

Em 1867 houve em São Lourenço uma insurreição por parte dos colonos contra Rheingantz, motivado pelo caráter especulativo do empreendimento de Rheingantz (...). Desde o começo alguns colonos sentiram-se logrados por Rheingantz. Este mandou então seu irmão Felipe Rheingantz medir os lotes da colônia, porém ele não era engenheiro, nem tinha conhecimento de medição de terras. Além do mais a medição da maioria dos casos era realizada de forma incompleta. Uma outra razão para a insatisfação e a insurgência dos colonos era o contrato firmado entre a empresa e os colonos. Este previa que **os colonos que não pagassem o valor do lote, os adiantamentos para a viagem, os alimentos e a construção de uma casa num período de cinco anos, perderiam os seus direitos sobre a terra recebida. Os pagamentos que eventualmente já tivessem sido feitos ficavam sem efeito e tinham que abandonar a colônia.** A maioria dos colonos não podia pagar as suas dívidas em curto prazo. Um outro ponto de frustração era o fato de que **Rheingantz durante a sua estada em Hamburgo durante o ano de 1857 ofereceu e vendeu terras por preços entre 200.000 e 250.000 Réis, um preço que a muitos motivou. Mas, chegando em São Lourenço os colonos deveriam pagar entre 400.000 e 800.000 Réis** (CUNHA, 1995, p.186).

Jorge Luiz da Cunha chama atenção sobre três pontos bastante interessantes: 1º) O fato de ter sido Felipe Rheingantz o responsável pela medição dos lotes de terra. Ora, além de Felipe não ser agrimensor, servindo assim de forma improvisada para efetuar o serviço, ele era irmão de Jacob, o que põe sob suspeita suas medições; no quarto capítulo veremos que esta é uma das várias queixas dos colonos. 2º) A falta de pagamento total dos débitos significaria uma dupla perda aos colonos: do dinheiro investido, pois ele não era devolvido, e o abandono da colônia. Neste caso, só Rheingantz saía ganhando. Aquele colono que passasse por alguma dificuldade financeira acabava perdendo todo o investimento feito, até então; e, como salientou Cunha, “a maioria dos colonos não podia pagar as suas dívidas em curto prazo”. 3º) A falta de “palavra” de Rheingantz para com os colonos - ao vender os lotes por um preço em Hamburgo, aumentando seu valor absurdamente ao chegar ao Brasil; desta forma, os colonos ficavam presos a Rheingantz por suas dívidas.

Jorge Luiz da Cunha segue em suas descrições sobre os problemas do período, salientando as dificuldades no relacionamento entre Rheingantz e os colonos:

A partir dos anos 60 de século XIX **os protestos contra Rheingantz ficaram cada vez maiores**. Os colonos queixaram-se junto ao conselho da cidade de Pelotas e até ao governo provincial, **mas estas queixas não foram ouvidas**. No início de março de 1865 depois que **Rheingantz havia levado algumas famílias ao tribunal de Pelotas** porque não haviam podido pagar as suas dividas, **um grupo**⁹⁸ **redigiu um documento endereçado à representação diplomática da Prússia**, cujo conteúdo foi publicado pelo jornal “Algemeine Auswanderungszeitung” (CUNHA, 1995, p. 186).

A falta de flexibilidade com que o diretor parecia administrar seus negócios torna-se especialmente afluída na representação de Cunha sobre Rheingantz. Assim, após algumas famílias de colonos terem sido levadas perante a Justiça, pelo não pagamento de suas dividas, novo protesto é articulado contra Rheingantz; é o que Cunha passa a citar, e que havia sido publicado originalmente na edição de 24 de agosto de 1865, do “Algemeine Auswanderungszeitung”:

Os pobres elevados à condição de escravos que assinam o presente documento na sua premente necessidade dirigem-se a Sua Excia. com as seguintes queixas principais: **1.** Rheingantz vendeu a sua terra ao bel prazer por preços diversos e sob diferentes condições. **2.** Ele não mandou medir a colônia e assim nenhum colono conhece exatamente as suas divisas e por esta razão agora surgem frequentemente conflitos. **3.** Ele entrega o documento de posse somente depois que o comprador tenha saldado os eventuais adiantamentos para a viagem e assim por diante até seu último vintém. **4.** O recém chegado não encontra, como em outras colônias, uma casa de acolhida, mas, ele precisa, caso nenhum outro familiar ou alguém complacente o acolha, alugar-se ao relento. **5.** Ele nada faz para o melhoramento dos caminhos e pontes e diz depois de ter aberto as rudimentares picadas que os melhoramentos posteriores de estradas e construção de pontes devem ser pagos pelo colono. **6.** As 960 almas (!) que formam a velha colônia a 18 anos ainda não tem igrejas e escolas, pelo contrário, Rheingantz até vendeu um pedaço de terras destinado originalmente para a construção de uma escola e pediu agora para os colonos que eles mesmos arcassem com os custos da construção de igrejas e escolas e que mais tarde pagassem o professor e o clérigo; mas, como os colonos eram pobres, as crianças cresciam sem educação. **7. Rheingantz impede todo o comércio e negócio na colônia por ser ele o único comprador. Ele tem os meios de impedir que alguém outro queira realizar um investimento comercial não comprando dele os produtos. Assim não há concorrência possível na área comercial. E isto é cada vez mais grave para os colonos, porque estes têm que vender os seus produtos pelo preço que Rheingantz oferece.** **8.** Não se conseguiu nem de Rheingantz uma cópia do contrato de compra dele e o governo. É desejável que os colonos tivessem um pouco de luz nesta relação. Estas seriam as suas principais queixas e pediam à S. Excia. que as acolhesse e **nos libertasse da escravidão suportada com paciência durante sete anos** (CUNHA, 1995, p. 186-187).

⁹⁸ Segundo Böhlke (2003, p. 26), o grupo que enviou esta carta, era composto por mais de 150 pessoas.

São diversas queixas que mostram uma insatisfação muito grande por parte dos colonos contra Rheingantz. Inicialmente, chama atenção a comparação que os colonos fazem de sua condição com a de escravos. Estariam eles se sentindo realmente nesta condição ou seria um exagero para sensibilizar o governo prussiano?⁹⁹ A situação na colônia era tão ruim que muitos colonos queriam voltar à Europa? É uma questão difícil de ser respondida. Provavelmente muitos não tenham se adaptado à sua nova condição de vida na colônia; ainda mais em vista do regime quase opressor com que Rheingantz parece ter administrado seu negócio. Outros, comprovadamente, aproveitaram melhor sua mudança para o Brasil e tiveram um grande retorno financeiro e pessoal. Mas, o mais intrigante é a comparação (por duas vezes) com os escravos. O regime escravista já não era mais uma novidade para os colonos, pois apesar da proibição dos imigrantes comprarem escravos, haviam alguns teutos mais abastados que possuíam negros - o próprio Rheingantz, inclusive, parece ter sido um deles¹⁰⁰. Esta hipótese não deixa de ter certa lógica, na medida em que essa mesma visão era compartilhada pela elite lusitana da época, de modo que para o imigrantes ela deveria fazer certo sentido - como vimos anteriormente, os alemães posicionaram-se na faixa intermediária dos dois extremos da sociedade brasileira de então, formando uma espécie de “classe média”: acima figuravam as elites de origem portuguesa, abaixo os escravos. Lucia Serrano Pereira, destaca a visão que as elites tinham dessa nova classe:

os imigrantes eram desprezados pelos luso-brasileiros, eram de etnia diferente, professavam uma religião que não era católica, não era a religião oficial, eram desqualificados porque trabalhavam com as mãos na terra (daí o apelido de alemão batata, tão comum até hoje), para o português quem põe a mão na terra é o negro, o escravo, o índio, não o branco, - e aqui o curioso: os luso-brasileiros chamavam esses colonos de “negros”, ou seja, a referência direta aos escravos (PEREIRA, 1999, P. 173).

Mesmo, talvez, sendo um pouco exagerada esta comparação, provavelmente para os imigrantes ela fazia sentido. Some-se a isso as outras reivindicações feitas pelos colonos e temos uma situação problemática. Além disso, sobressai-se nestas queixas, uma não muito usual: o fato de Rheingantz ser o único comprador do excedente produzido pelos colonos;

⁹⁹ Vale lembrar que seis anos antes, em 1859, por conta do Rescrito de von der Haydt, a Prússia já havia se manifestado contrária à emigração de seus súditos, alegando, inclusive, que eles estariam sendo escravizados no Brasil.

¹⁰⁰ Carta de alforria encontrada no Arquivo Público, de Porto Alegre: “**Pedro**, Africano; Srs. Guilherme Ziegenbein (e sua mulher, Joana Ziegenbein) e Jacob Rheingantz (e sua mulher); dt. conc. 17-05-62; dt. reg. 19-05-62 (Talão 23, p.78v). Desc.: A carta foi concedida mediante o pagamento, pelo escravo, de 1:000\$. A carta foi passada pelo procurador do casal Ziegenbein, Antônio José de Azevedo Machado”.

assim, o fundador garantia o monopólio sobre a compra, impedindo uma possível concorrência e uma maior valorização dos preços de venda dos produtos agrícolas; desta forma, como eles mesmos explicam, tem-se que “vender os produtos pelo preço que Rheingantz oferece”. Ou seja, o diretor compra ao preço que quer (provavelmente muito menos do que vale), lucrando muito mais na hora da revenda¹⁰¹.

Jorge Luiz da Cunha segue em seu texto, salientando a progressiva indignação dos colonos e o temor de Rheingantz com uma possível revolta. É dentro deste contexto que chega à colônia o Tenente Sá Queirós: “na metade de 1867 Rheingantz exigiu do Conselho da cidade de Pelotas uma tropa policial já que ele se sentia ameaçado com as agitações da colônia” (CUNHA, 1995, p. 187). A primeira atitude da autoridade policial é aumentar a vigilância: decretos são expedidos e o rigor aumenta; a revolta dos colonos também. Rheingantz, por sua vez, ataca, aumentando os juros. “Ao mesmo tempo Rheingantz avançou contra os colonos de forma cada vez mais brutal. Ele aumentou os juros da colônia de 6% para 12% e ameaçou com prisão a todo aquele que se manifestasse contrário a isso” (CUNHA, 1995, p. 187-188).

Essa dupla atitude autoritária da ordem estabelecida parece ter sido a “gota d’água”. A paciência dos colonos se esgotou e a revolta saiu do papel.

No dia 23 de dezembro de 1867 ao redor das 16 horas¹⁰² apareceu diante da casa de Rheingantz um grupo de mais ou menos 200 homens que antes disso haviam atacado e desarmado os policiais. A maioria estava armada e alguns até bêbados. Eles pediram que Rheingantz os recebesse. O pedido não foi aceito e imediatamente foram fechadas todas as portas e janelas. Seguiu-se uma chuva de balas e pedras contra a casa e a porta principal foi derrubada. Rheingantz havia se escondido no porão e não foi achado imediatamente. Ele somente apareceu quando alguns dos revoltosos ameaçaram incendiar a casa. Rheingantz foi obrigado pelos manifestantes a assinar uma declaração por eles ditada. Neste momento ele se comprometia, entre outros, a cobrar somente 200.000 e 250.000 Réis por lote de terra que ele havia vendido e de devolver todo o dinheiro que houvesse cobrado a mais. Além disso ele deveria prometer que mandaria novamente medir as terras por sua própria conta. Depois disso Rheingantz foi preso na cadeia da

¹⁰¹ Moacir Böhlke aborda esta questão mais profundamente: “No caso da Colônia de São Lourenço o único comerciante estabelecido era Rheingantz. O fato de não haver concorrência deixava o colono na dependência do preço ofertado pelo diretor da colônia” (BÖHLKE, 2003, p. 30). Em outro momento, comparando preços com a Colônia de São Leopoldo, Böhlke afirma que o valor pago por Rheingantz aos colonos era “irrisório” (BÖHLKE, 2003, p. 29).

¹⁰² A data é a mesma sugerida por Carlos Guilherme Rheingantz, mas o horário não; segundo a história oficial a revolta teria ocorrido na noite/madrugada, e que por isto os colonos estariam portando tochas. Raoul Girardet, em seu livro, “Mitos e mitologias políticas” (1987), salientou a importância simbólica da noite; segundo ele, é nela que se desenvolvem os complôs maléficis que planejam estender sua dominação sobre os filhos da luz: “o tema da conspiração maléfica sempre se encontrará colocado em referência a uma certa simbólica da mácula: o homem do complô desabrocha na fetidez obscura” (GIRARDET, 1987, p.17).

colônia. A sua família, o oficial e os policiais foram obrigados a abandonar São Lourenço. A família Rheingantz foi para a cidade do Rio Grande para onde também se mudou, depois que o governo da província tomou o controle da situação (CUNHA, 1995, p. 188).

É deveras interessante o acréscimo de Cunha, sobre o fato de que Rheingantz teria sido preso por estes colonos¹⁰³. Enquanto a história oficial aponta para um movimento desorganizado, comandado por baderneiros sem fins específicos, Cunha representa estes imigrantes como engajados, conscientes e indignados com a sua nova situação no país. Os colonos, mesmo que por pouco tempo, tomaram o poder e o controle da colônia, derrubando a ordem estabelecida, que tanto lhes desagradava. Trata-se de uma atitude extremamente politizada. O fato de estes imigrantes ainda não possuírem plenos direitos políticos, não muda este quadro, pois não significava que eles não lutassem por seus direitos e não contestassem a ordem vigente¹⁰⁴, centralizada (neste caso) na figura do diretor da colônia. Isto contradiz uma longa tradição historiográfica municipal e regional: a primeira, por descrever a relação de Rheingantz com os colonos como “quase patriarcal”; e a segunda, por apresentar os teutos, e seus descendentes, como figuras afastadas e desinteressadas dos processos políticos locais¹⁰⁵. Apesar de todos estes aspectos que evidenciam a consciência deste grupo de colonos, eles não são o melhor exemplo para os futuros cidadãos de São Lourenço do Sul - ao menos, segundo a ótica dominante -, pelo simples fato de terem desafiado a ordem estabelecida. Este poder, antes representado por Rheingantz, foi contestado, combatido e retirado à força, por estes colonos: deve-se evitar que a história se repita neste aspecto. Por isso, eles foram tão depreciados pela historiografia oficial - “simplesmente”, para evitar que estes “agentes subversivos” inspirem novos rebeldes.

Cunha segue narrando os desdobramentos da revolta: fuga da família Rheingantz para Rio Grande; estabelecimento do Barão von Kahlden, como autoridade responsável para averiguar os motivos do protesto; chegada de um representante do consulado prussiano, em Porto Alegre, para supervisionar o desenvolvimento da situação. Kahlden examinou as

¹⁰³ A história oficial narra apenas que, após a revolta, a Família Rheingantz abandonou a colônia (rumo à Rio Grande), sem dar maiores detalhes sobre o assunto.

¹⁰⁴ “A contestação torna (...) a política responsável por tudo o que deixa a desejar numa sociedade, e a utopia leva a crer que é também a política que detém a solução de todos os problemas, inclusive os das vidas das pessoas” (REMOND, 1996, p. 25).

¹⁰⁵ “Há uma longa tradição que atribui aos gaúchos de descendência alemã um total desinteresse pelos destinos políticos do Rio Grande do Sul e do Brasil. No mínimo até a Segunda Guerra, se falava com muita frequência de ‘quistos étnicos’, verdadeiras ‘ilhas estrangeiras’, que eles formariam dentro da sociedade gaúcha, totalmente afastados e desinteressados por aquilo que acontecesse ao seu redor, pois estariam só pensando em si próprios e na sua ‘verdadeira pátria’ distante, a Alemanha” (GERTZ, 2004, 78).

práticas administrativas de Rheingantz, assim como avaliou todas as queixas dos colonos, determinando

que todos os lotes fossem novamente medidos e registrados no livro de registros. Em março de 1868 um grupo de quatro agrimensores sob o comando de von Kahlden começou este trabalho. Depois que os lotes da colônia haviam sido novamente medidos foi constituído um novo livro de registros para a colônia e todos os colonos receberam novas certidões de propriedade nas quais constava o tamanho exato, as divisas e os preços dos lotes adquiridos de Rheingantz (CUNHA, 1995, p. 188-189).

Em novembro de 1869 o jornal “Algemeine Auswanderungszeitung”, noticiava que na Colônia de São Lourenço novamente havia paz e ordem¹⁰⁶. Os líderes da revolta foram levados a julgamento, fato igualmente distorcido pela história oficial:

No que se referia à transgressão das leis do país, a perturbação da ordem pública através de uma revolta formal dos colonos, o governo provincial tomou as decisões que deveriam constituir exemplo e evitar que novas revoltas deste tipo se repetissem. Elas ordenavam que os líderes da insurreição dos colonos deveriam ser presos e condenados. Com exceção de três, que conseguiram fugir, todos os supostos instigadores foram presos. Os jurados declararam os acusados como não-culpados. O promotor recorreu da decisão junto ao tribunal de apelação do Rio de Janeiro. Embora os acusados tenham sido eximidos de culpa pelos jurados o governo provincial ordenou que os principais acusados deveriam ser afastados da colônia (CUNHA, 1995, p. 189).

Naturalmente, a leitura da história oficial sobre o episódio é totalmente simplificada e desfigurada;

A ordem foi prontamente restabelecida. **Os cinco cabeças principais do motim, desordeiros confirmados, foram presos e removidos para Pelotas onde foram processados.** Verificou-se que **a enorme maioria dos colonos, trabalhadora e ponderada, condenava o movimento de insubordinação para o qual não via justificativa.** Era mais um exemplo dos casos em que **uma minoria ativa e audaz consegue momentaneamente dominar uma situação ante a passividade da maioria sensata, mas inerte.** Os atos de violência que geralmente se seguem, quando ocorrem semelhantes condições, **são produto da turbulência irracional da multidão, excitada por agitadores.** De tais atos, **passado o tumulto, se arrependeram e envergonharam** muitos dos que neles tomaram parte, **sem compreender como,** numa espécie de **delírio,** a eles se deixaram arrastar (COARACY, 1957, p.102-103).

¹⁰⁶ CUNHA, 1995, p. 188

Todo este discurso é manipulado para justificar uma situação excepcional: o exagero nos atos da maioria ponderada. A minoria de “desordeiros confirmados” foi presa. O resto acordou do pesadelo e se arrependeu de tais atos, fruto de uma espécie de “delírio” (!?) coletivo. É interessante observar que Rheingantz não é mencionado neste parágrafo, mas percebe-se claramente que ele está oculto no texto; este argumento de Coaracy é usado para justificar, em um descontrole momentâneo e descabido, a revolta dos colonos contra seu líder. Mas, voltemos para Cunha, onde ele diz que os acusados foram inocentados pelo tribunal. Se eles foram declarados “não-culpados”, isto significa que os auditores consideraram procedentes as suas queixas. O fato de terem sido afastados da colônia serviu, provavelmente, mais como exemplo para outros “agentes subversivos”, do que como uma pena severa. Do mesmo modo, e por conseqüência, Rheingantz parece ter saído derrotado deste julgamento. Ou seja, provavelmente o diretor da colônia estava realmente exagerando nos seus métodos, visando obter vantagens sobre os colonos. Esta hipótese é comprovada pelo parágrafo seguinte do texto de Jorge Luiz da Cunha:

Numa declaração pública o ministro imperial da agricultura rescindiu o contrato assinado com Rheingantz em 1857. Nesta declaração o ministro dizia que os colonos que se radicaram em São Lourenço até aquele momento tivessem recebido adiantamentos para a travessia de Hamburgo até a colônia pagassem as suas dívidas diretamente à caixa do Estado ao invés de a Rheingantz (CUNHA, 1995, p. 189)

Ou seja, as dívidas contraídas pelos colonos passaram a ser pagas diretamente ao governo; Rheingantz teve seu contrato rescindido e perdeu os direitos sobre o capital que os colonos lhe deviam. Mas, nada disso é mencionado pela história oficial. Esta contradição entre o fundador heróico e o diretor perseguido é extremamente interessante - depois de entender a importância dos mitos e heróis, fica fácil perceber porque tantos fatos foram omitidos e desfigurados para se preservar a imagem de Rheingantz. E, Jorge Luiz da Cunha, como está distante desta lógica extremamente tendenciosa, acaba, embasado documentalmente, produzindo uma história bem mais próxima da realidade do período. De negativo, apenas o fato de que este texto esteja tão restrito, pois foi publicado apenas em alemão¹⁰⁷, o que acaba sendo um fator positivo para os que querem manter imaculada a imagem do herói.

Günter Weimer, em seu livro *Arquitetura popular da imigração alemã*, embora esteja voltado primordialmente para as construções arquitetônicas das colônias, também trata de

¹⁰⁷ Este texto nos foi traduzido, do alemão para o português, por Breno Dietrich.

alguns aspectos históricos destes municípios; sobre São Lourenço, menciona, dentre outros aspectos, a revolta dos colonos contra Rheingantz:

Ao que tudo indica, a colonização de São Lourenço ocorreu com menos tensões entre o grupo imigrante e a sociedade envolvente porque havia um responsável direto. A questão da posse da terra que, quase desde o início, causou grandes desavenças entre nacionais e alemães na Colônia se São Leopoldo (...) não se fez sentir em São Lourenço porque foi canalizada contra a pessoa de Rheingantz (AMSTAD, 1924, p. 86-87; COARACY, p. 95-108) e não contra o governo (WEIMER, 2005, p. 305).

Weimer, no entanto, não vai além. O interessante, a se destacar, é a referência a Vivaldo Coaracy e Theodor Amstad; como bem sabemos ambos constroem uma explicação para a “Grande Revolta”, onde Rheingantz é a grande vítima de um complô maligno. Apesar de utilizá-los, como referência, Weimer não se utiliza do mesmo argumento, preferindo apenas citar o acontecido, sem apontar heróis e vilões. Até mesmo porque este não era o objetivo de seu trabalho.

Por fim, duas obras locais; um livro didático e uma monografia de conclusão de curso. Iniciamos por este livro de história voltado para o Ensino Fundamental¹⁰⁸, produzido no próprio município. “Como lidar com a construção do herói nesses novos tempos marcados pela transformação veloz e pela sedução da memória? Precisamos investigar como são contadas as histórias para criança nos dias de hoje” (OLIVEIRA, 2003, p. 77). De alcance mais limitado, porém, não menos importante e eficaz - visto que seu alvo são as crianças e os jovens - esta obra didática tem importância fundamental neste estudo, na medida em que, através de seu discurso, é possível fazer uma projeção quanto ao futuro deste mito; a imagem de Rheingantz segue, nas escolas, sendo trabalhada de maneira heróica? Caso a resposta seja sim, isto é um indicativo de que ele tem um longo futuro pela frente. Do contrário, algo vem sendo feito contra esta imagem, e isto indicaria um período de instabilidade na própria identidade do sul-lourenciano, na medida em que Rheingantz passaria a representar certos valores negativos¹⁰⁹. Porém, isto não se confirma, e as autoras Clarisse Rosa Holz e Lídia Lisboa Könzgen seguem a linha clássica de exaltação ao herói produzida pela história oficial do município. As autoras, aliás, fazem uma referência direta a esta historiografia, através de

¹⁰⁸ O mesmo livro também é voltado para a matéria de Geografia, cumprido as expectativas de um livro didático.

¹⁰⁹ “Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, um instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2006, p. 43-44).

uma citação de Jairo Scholl Costa: “Aliado à natureza hostil, os colonos, como o próprio administrador, não possuíam muitos recursos, razão pela qual a colonização na Serra dos Tapes foi uma verdadeira epopéia de coragem e sacrifício!” (COSTA, apud HOLZ & KÖNZGEN, 2003, p. 21). Mais adiante, elas acrescentam:

Passados os obstáculos iniciais que surgiram na instalação da colônia (afinal as dificuldades enfrentadas pelos colonos e Rheingantz só ocorreram nos primeiros anos), esta passa, em seguida, a conhecer um surto de crescimento vertiginoso graças à administração direta de Rheingantz, que estabeleceu sua moradia na localidade hoje conhecida como Coxilha do Barão, e ao trabalho dos colonos que passaram a produzir gêneros que iam sendo colocados no mercado gerando divisas e assegurando o futuro da colônia (HOLZ & KÖNZGEN, 2003, p. 21)

Logo abaixo, ilustrando este tópico, mais duas referências diretas ao fundador: fotos de sua casa e do monumento erigido em sua homenagem. Estas citações constantes, seja através de textos oficiais, que evidenciam as virtudes do fundador, seja por meio da veiculação de imagens, criam uma fácil identificação deste homem e dos símbolos que o acompanham. A criança e o adolescente, expostos a essa padronização cultural, acabam tendo um primeiro contato com a ideologia que rege o funcionamento da sociedade sul-lourenciana.

Tenho procurado explorar como os livros escritos para crianças fornecem as melhores pistas para percebermos como foram construídos os heróis e as crenças que compõem a história nacional. Nesses textos os autores sintetizam seus argumentos, explicitam os seus pontos de vista e as posições que assumem frente à nacionalidade. A cultura, o contexto histórico e, acima de tudo, as questões e os debates simbólicos relevantes se fazem presentes nas histórias narradas para crianças. Esses livros demonstram a existência de um esforço pedagógico que foi desenvolvido ao longo do século XX. Alguns dos livros escritos para crianças, (...) apresentam certos recursos narrativos, fazem uso de eventos históricos e contribuem de forma particular na construção da identidade nacional (OLIVEIRA, 2003, p. 68).

Podemos perceber, desta forma, que o mito já vai se incorporando ao imaginário do aluno, acompanhando-o por toda a vida, pois está sendo trabalhado desde a infância.

Já a monografia de conclusão de curso¹¹⁰, escrita por Moacir Böhlke, é uma das obras mais críticas e lúcidas já produzidas por um lourenciano, sobre Rheingantz e a Colônia de São Lourenço. Böhlke fez uma pesquisa bastante interessante, criticando a história oficial e apontando outras fontes para complementar seu argumento. Dentre outros aspectos, ele

¹¹⁰ História – licenciatura, UFPEL, 2003.

aponta, por exemplo, a não originalidade da obra de Rheingantz, como a historiografia local pregou exaustivamente.

O insucesso destes projetos¹¹¹ deixou a Serra dos Tapes sem possuir uma colônia que atendesse aos anseios e necessidades da região. Caberia a Jacob Rheingantz a tarefa de introduzir em 1858 imigrantes alemães. O fracasso das tentativas anteriores vislumbra duas conclusões; a primeira diz respeito à suposta originalidade na idéia de Rheingantz (Coaracy, 1957) que não pode ser considerada, pois, tanto o Governo Provincial quanto a iniciativa particular já reconheciam há anos a potencialidade da região a outra conclusão versa sobre o fato de tendo Rheingantz conhecimento dos fracassos anteriores com a colonização na Serra dos Tapes, moldará a colônia de forma que não ocorra o mesmo que nas colônias de Dom Pedro II e Monte Bonito (BÖHLKE, 2003, p. 18).

O trabalho de Böhlke, intitulado *A colônia particular de São Lourenço: seu contexto dentro do processo colonial do Rio Grande do Sul* aborda vários pontos interessantes, que também foram tratados neste trabalho: a valorização de José Antônio de Oliveira Guimarães (e seu esquecimento, por parte de alguns autores), as revoltas (não tratadas como obra de “elementos estranhos”)¹¹² e principalmente a crítica a dois autores da história oficial: Carlos Guilherme Rheingantz e Vivaldo Coaracy:

Estas duas obras são as mais lembradas quando se fala na Colônia de São Lourenço. Entretanto, elas possuem pequenos equívocos e omissões que podem ser facilmente compreendidos quando analisado o contexto em que é produzido a obra.

A monografia do Comendador Rheingantz (1907), figura importante do partido republicano, possui dados importantes, mas peca pelo excesso de elogios ao fundador. Esta idéia da história contada pelo feito dos grandes homens, na figura do herói, está atrelada à filosofia positivista vigente no início do século, sob ditadura do partido republicano¹¹³.

A obra de Coaracy (1957) (...), está situada dentro do princípio social desenvolvimentista do período J.K, baseado num discurso ufanista, projetando uma visão de mundo movida pelo idealismo (BÖHLKE, 2003, p. 19-20).

¹¹¹ A intenção de se criar uma colônia agrícola, com imigrantes europeus, na Serra dos Tapes já havia sido estudada tanto pela iniciativa privada, quanto provincial – ver capítulo 2.

¹¹² “Muitos autores nem comentam este assunto, outros, como Coaracy procuram minimizar o acontecimento sem dar-lhe a relativa importância” (BÖHLKE, 2003, p. 26).

¹¹³ Moacir Böhlke faz referência a Pedro Caldas, “Tribuna Popular”, de 17 de junho de 1995, p. 7.

A visão de Böhlke está absolutamente correta; não apenas porque é embasada teórica e documentalmente, mas porque busca a explicação dentro do contexto da época. Após adquirir esta percepção, tudo se torna mais claro, e a explicação para os processos históricos passa a levar em consideração o ser humano, e não o sobre-humano.

O desenvolvimento da colônia e sua eventual prosperidade não pode ser atribuída a uma única pessoa¹¹⁴, à alguém diferente, “superior”, a um “herói” movido pelo idealismo, mas parte de uma ação conjunta, coletiva, de todas as pessoas que de uma forma ou de outra fizeram parte deste processo histórico (BÖHLKE, 2003, p. 20).

Provavelmente existem outros autores que também trabalharam com esta questão envolvendo Rheingantz, os colonos e a Colônia de São Lourenço; mas, nos parece que estes autores selecionados já dão uma idéia bastante clara sobre o modo como Rheingantz é representado pelo restante da historiografia. Estudos, orientados exclusivamente na história oficial, tendem a reproduzir o mesmo tom laudatório sobre o assunto. Por outro lado, pesquisas embasadas documentalmente e sem vinculações ideológicas, podem apresentar uma visão minimamente neutra ou um pouco mais crítica sobre o fundador.

Por isso, é possível “enquadrar” estes autores selecionados em três grupos, no que tange às representações sobre Rheingantz: 1º. Aqueles que apresentaram Rheingantz, aos leitores, da mesma maneira que a história oficial de São Lourenço, ou seja, de forma heróica. 2º. Aqueles que representaram Rheingantz de forma crítica, salientando aspectos negativos de sua administração. 3º. Aqueles que não assumiram um lado - nem herói, nem vilão.

Após rever os autores e seus discursos, parece-nos que a classificação poderia ficar assim distribuída: no primeiro grupo - que enaltece Rheingantz - estariam: Theodor Amstad, Carlos Grandmasson Rheingantz (e, por conseguinte, Edison Campos), Hilda Flores, e, as autoras do livro didático, Holz e Könzgen. O interessante é que todos eles fazem referência a pelo menos um livro da tríade Rheingantz – Coaracy – Costa. Isso pode ser mais um indício que justifica tal postura discursiva. Mais um ponto para a história oficial do município, pois além de perpetuar essa visão sobre o caráter heróico de Rheingantz para os cidadãos locais, também serve de referência para outros livros de história (com conteúdos mais amplos), que ao citarem a Colônia de São Lourenço e seu fundador, também, assumem esse discurso laudatório.

¹¹⁴ Böhlke está se referindo à contribuição prestada por Guimarães, para o sucesso do empreendimento.

No segundo grupo, que observa Rheingantz de forma mais crítica, temos três autores - Ernesto Pellanda, Jorge Luiz da Cunha e Moacir Böhlke. Como já dito, eles buscam nos documentos produzidos pelos atores desta história, as razões para criticar Rheingantz.

O último grupo é composto por outros quatro autores: Leonardo Truda, Carlos Oberacker Jr., Luiza Helena Kliemann e Günter Weimer. Estes escritores, apesar de citarem alguns problemas, não assumiram um “lado”, permanecendo com uma postura relativamente “distante” – seja ela de louvações ou de críticas a respeito do fundador da Colônia de São Lourenço.

Naturalmente estas não foram as únicas obras pesquisadas; vários outros autores que trabalham com imigração foram analisados, embora não tenham trazido posicionamentos relevantes (e revelantes) sobre o assunto; é o caso de Emilio Willems, Aurélio Porto, Carlos Henrique Hunsche, Ferdinand Schröder, Jean Roche, Aldair Marli Lando e Eliane Cruxên Barros, etc. Estes (as) escritores (as), até poderiam ser classificados no terceiro grupo, porém, parece-nos exagerado considerá-los “em cima do muro”, na medida em que mal tocam no assunto.

Parece claro que a história oficial de São Lourenço conseguiu um grande feito ao repassar a sua representação de Rheingantz a outros autores. O fundador segue assim, sendo legitimado como herói por um grupo com muito mais abrangência e alcance na historiografia. As condições para a perpetuação deste mito estavam muito bem solidificadas, mas nos últimos anos estão sendo produzidos trabalhos mais críticos e menos laudatórios, de modo que, a visão heróica sobre Rheingantz começa a ser revisada.

3.3 *As comemorações do centenário de imigração alemã em São Lourenço do Sul, através do discurso do jornal “Voz do Sul”.*

Informação é poder. Cidadão Kane¹¹⁵, clássico do cinema, comprova tal assertiva. Até hoje, este filme é referência quando se fala na influência que a imprensa escrita exerce sobre seus leitores. Nestas horas, informação rima com manipulação.

¹¹⁵ Cidadão Kane, sob direção de Orson Welles, foi rodado nos Estados Unidos, no ano de 1941; o filme conta a história de Charles Foster Kane (também interpretado por Welles), um menino pobre que acaba se tornando um dos homens mais ricos e poderosos do mundo. Seu “império” foi sustentado, também, por meio de um jornal, com o qual Kane manipulava as informações de acordo com seus interesses.

Com a aproximação do centenário de imigração alemã, São Lourenço do Sul passou a se mobilizar para a realização do evento. Além do lançamento do livro de Vivaldo Coaracy e da construção do “Monumento ao Colono”, uma extensa programação, visando homenagear os pioneiros de 1858, foi preparada. Mas, Rheingantz também seria alvo destas homenagens ou os colonos anônimos seriam a prioridade dos organizadores? A fonte escolhida para tentar responder esta questão é o jornal “Voz do Sul”, que desde 1957, vinha destacando os planos elaborados por uma comissão municipal para celebrar esta data. Ao lado desta questão inicial, outra pergunta, ligada ao comportamento discursivo do jornal, “paira no ar”: “Voz do Sul” também assumiu o discurso laudatório em prol do fundador? Ou, emanou uma postura crítica e minimamente “imparcial” sobre o assunto?

Partindo da premissa de que “um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente”, e que (...) “somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contêm a história poderá o historiador realizar o seu trabalho” (CARDOSO & VAINFAS, 1997, p. 377 - 378), procuraremos fazer uma leitura própria destes textos jornalísticos, tentando tornar mais perceptível a intencionalidade destes escritores ao se pronunciarem (ou não) sobre Rheingantz; afinal, discursos não são isentos de imparcialidade.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (CAPELATO E PRADO, 1980, p. XIX).

Ou seja, a imprensa, enquanto formadora de opinião, tem o poder de convencer seu leitor a acreditar naquilo que publicou. Teoricamente quanto mais emitir determinada opinião, mais força está idéia ganhará entre seus simpatizantes; ou, também, quanto mais exaltar um determinado nome (Rheingantz, por exemplo), mais ele poderá ser reverenciado pelos cidadãos, que desta forma ficarão convencidos muito mais facilmente de suas supostas virtudes.

A imprensa escrita, desde sua polarização como veículo de comunicação, tem exercido um significativo papel ao longo das transformações de diversas das sociedades contemporâneas. Presentes em diversos movimentos revolucionários, os jornais contribuíram como propagadores dos ideais inovadores, assim como, estiveram também ao lado de forças conservadoras, em busca da manutenção de determinado *status quo*. A importância da imprensa tem sido tão evidente que ela chegou a ser denominada de “quarto poder”, ao marcar sua presença, fiscalizando, criticando, elogiando, atacando, apoiando, censurando, agindo, enfim, como elemento determinante da formação histórica das mais diferentes comunidades (ALVES, 1997, p. 15).

A história da imprensa em São Lourenço do Sul passa obrigatoriamente por três nomes que estão de certa forma, interligados: Pastor Alexandre Leopoldo Voss, Max Stenzel e Pamphilio Friedo Stenzel. Pastor Voss nasceu em Leipzig (Saxônia), em 1845; veio para o Brasil e se instalou na Colônia de São Lourenço, sendo contemporâneo à administração de Jacob Rheingantz. Uniu o sacerdócio à atividade jornalística, fundando em 1892 a gráfica Edda e o semanário “Der Bote von São Lourenço”. Exerceu o pastorado por 25 anos na Picada Moinhos, vindo a falecer em 1903. Max Stenzel, também nascido na Alemanha (Breslau, 1880), foi auxiliar do Pastor Voss, no “Der Bote”, e após sua morte foi quem assumiu o controle do jornal, dando prosseguimento às publicações do semanário. Além de modernizar as edições, trazendo novas máquinas da Alemanha, Stenzel incorporou a língua portuguesa como idioma de publicação deste periódico. Anos mais tarde “Der Bote” saiu de circulação; Stenzel, no entanto, seguiu no ramo, fundando seu próprio semanário intitulado apenas “Jornal”. Seu filho, Pamphilio Friedo Stenzel seguiu seus passos, herdando a gráfica e o gosto pelo jornalismo: fundou em 1948 o semanário “Voz do Sul”. Pamphilio ou Capitão Frido, como era conhecido, nasceu em 26 de maio de 1910, em São Lourenço do Sul, falecendo na mesma cidade no ano de 1983.

“Voz do Sul” circulou em São Lourenço por mais de quinze anos - entre 1948 e 1964 – sendo um referencial do cotidiano da cidade e do interior, neste período; o semanário, que chegava às bancas nas manhãs de sábado, intitulava-se “órgão dos interesses locais” e contava com diversos redatores (aceitava, inclusive, publicações de leitores). A primeira referência que faz sobre as comemorações do centenário, data de 05 de outubro de 1957.

Realizou-se dia 29 do corrente mês, nos salões da casa comercial de Walter Reissig uma concentração de colonos e pessoas representativas de todas as classes produtoras deste município, para o fim de tratar de diversos assuntos referentes a solenidades a realizar-se a 18 de janeiro de 1958, data do primeiro centenário da colonização de São Lourenço do Sul, **quando serão**

homenageados o comendador Jacob Rheingantz e João Batista Scholl, fundador e continuador da colonização respectivamente¹¹⁶.

O jornal segue, fazendo referência aos organizadores das festividades e dando a provável programação dos eventos que irão ocorrer no dia determinado: inauguração de monumento, recepção a autoridades estaduais e nacionais, missas católica e protestante, churrasco, confecção de selo comemorativo e, dentre outras, uma “homenagem” do próprio jornal “Voz do Sul”, que por ocasião das solenidades irá lançar uma edição especial.

A cada nova edição surgiam mais informações sobre os preparativos da festa: foi organizado um grandioso concurso para escolha da Rainha do centenário (por meio de votação popular), em todos os distritos e sub-distritos, na cidade e colônia; cunhagem de moedas comemorativas; programação na rádio local todas as terças e sextas feiras, com palestras referentes aos festejos, etc.

Durante este período de comemorações, “Voz do Sul” aproveitou para publicar uma matéria com um de seus habitantes mais antigos, Lúcido Prestes, como forma de colaborar (historicamente) com os festejos que já estavam próximos; em determinado momento do texto, o Sr. Prestes menciona tanto Jacob Rheingantz, quanto José Antônio de Oliveira Guimarães; ele, no entanto, não fazia referência à sociedade colonizadora, que fundou a colônia...

São Lourenço do Sul estava fadada a ser uma grande cidade, não fora o espírito retrógrado e ambicioso de um certo Sr. Guimarães, proprietário, á época, das maiores glebas de terras não só dentro como nos arredores do povoado de então.

Naquele tempo, o velho Rheingantz e seus filhos possuíam pequena fábrica de tecidos em São João Batista da Reserva (interior). Pretenderam transferi-la para o centro urbano, no que frustraram seus esforços, em face de questão surgida sobre o valor do terreno em que seriam feitas as instalações, obstáculo interposto pela **ambição desmedida de seu proprietário** a que acima me referi. Em conseqüência disso, **os Rheingantz resolveram transportar-se, com máquinas e bagagens, para Rio Grande, onde floresceu e se projetou até hoje a grande indústria¹¹⁷.**

O leitor deste texto possivelmente chegará à conclusão de que São Lourenço só não progrediu ainda mais, porque alguém (“um certo Guimarães”, ex-sócio de Rheingantz) se

¹¹⁶ Voz do Sul, “Primeiro centenário da colonização alemã em São Lourenço do Sul”. 05 de outubro de 1957, p. 01.

¹¹⁷ Voz do Sul, “Um pouco de história de São Lourenço do Sul – impressões de um antigo morador.” 14 de dezembro de 1957, p.01.

interpôs no caminho do empresário, evitando, desta forma, que ele trouxesse maiores progressos para a cidade. Rio Grande, onde se instalou a Fábrica Rheingantz, viu florescer a grande indústria. Temos assim, Jacob exaltado tanto pelo que fez, quanto pelo que tentou fazer por São Lourenço. “Do jornal local ao diário nacional, do órgão de grande tiragem ao semanário de opinião, somente a imprensa dispõe de uma gama de virtualidades sem rival, um leque excepcionalmente rico de manipulação da realidade” (NORA, 1988, p. 182).

“Alerta Colonos!” é o título de um texto enviado por um cidadão, não ligado ao jornal, pedindo aos colonos que despertassem com maior vigor para as festividades que estavam por se realizar em breve. Sobre Rheingantz, informa:

A Câmara Municipal de Vereadores, unanimemente consignou no orçamento para o corrente exercício, uma verba especial para reparos no mausoléu, do **saudoso pioneiro Rheingantz** (...). Colonos, não deixeis passar despercebida, vossa grandiosa data, aquela que reverencia a memória, o esforço e a capacidade produtiva de vossos antepassados. Daqueles que com seu eficiente trabalho conquistaram a base sólida, em que se apóia hoje, a vossa independência econômica e financeira¹¹⁸.

A data inicialmente marcada para 18 de janeiro de 1958 teve, porém, que ser remarcada para o mês de março; mesmo que as comemorações tenham sido adiadas em quase dois meses, houve celebrações na data original. “Voz do Sul”, em texto de capa intitulado “Um século de amor e trabalho” enaltece Rheingantz e os colonos de maneira grandiosa. A seguir, destaca:

(...) Agora, que o solo ubérrimo e dadivoso do município na policromia de sua vegetação engalanado pelos gorjeios da passarada, e pelo murulhar das cristalinas águas dos seus córregos e cascatas, como vozes alegres a se misturarem, ao por do sol¹¹⁹, ás preces agradecidas do agricultor, ao Pai Todo Poderoso, emergem nas brumas do passado como **he-róis invencíveis, os vultos redivivos dos primeiros colonos germânicos**. É evocando esses desbravadores dos matagais de outrora, em luta permanente com a precariedade de recursos e meios de comunicações e rodovias, que a história de São Lourenço, rende sua glória e abençoa os obreiros do seu engrandecimento, **na honra e na memória de Jacob Rheingantz, o pioneiro da vinda e aclimação dos cultivadores do solo** (...). Deve-se (afirmar), sem melindre de errar, que a imigração alemã de colonos, em tão feliz e inspirada hora, **encaminhada pelo magnânimo incentivador da nossa riqueza agrícola Jacob Rheingantz**, esta comuna

¹¹⁸ Voz do Sul, “Alerta Colonos” (texto de autoria de Mário da L. Gonçalves). 11 de maio de 1957, p. 03.

¹¹⁹ “Entre as razões do orgulho nacional estão primeiramente aquelas que exaltam a natureza. Essas se sobrepujam a qualquer evento histórico já que as belezas naturais são perenes e, portanto, superiores a construções humanas.” Trata-se do “mito da natureza como Jardim do Éden” (OLIVEIRA, 2003, p. 69- 70).

ocupa saliente posição econômica, e com muita justiça denominada – **“Celeiro do Brasil”**¹²⁰.

O texto segue sempre no mesmo ritmo, não diferindo em nada, por exemplo, dos textos que Vivaldo Coaracy havia escrito um ano antes, sobre a colônia e seu fundador. A respeito dos acontecimentos de 18 de janeiro, o semanário registrou que a inauguração do monumento contou com a participação de descendentes do fundador:

O monumento ficou colocado próximo da casa da família Rheingantz, onde de uma tribuna, eloquentemente discursou o professor Eduardo Wilhelmy, que se referiu a colônia e ao **seu saudoso fundador**, seguindo-se a inauguração do **monumento de Jacob Rheingantz**, ao som dos hinos brasileiro e alemão. (...) A todos, comovidamente agradeceu, em discurso o comendador Rheingantz. O semanário “Der Bote Von São Lourenço” deu uma edição especial, com o retrato do fundador da colônia¹²¹.

É interessante destacar o título, apresentado pelo jornal, ao objeto material recém inaugurado: “monumento de Jacob Rheingantz”; porém, o nome correto é “monumento ao colono”. Informação errada ou deturpada? Provavelmente tratou-se de um equívoco; no entanto, parece-nos claro que o discurso do jornal era tão forte em enaltecer Rheingantz, através de suas virtudes e seus méritos, quanto foi o texto de Coaracy, por exemplo. Além de algumas citações que comprovam esta afirmação, a própria estrutura visual destas matérias reforça esta lógica; afinal, a forma como ele chega aos leitores pode variar, assim como a possível leitura do mesmo;

o pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas (...). Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretendia atingir (LUCA, 2005, p. 140).

A grande maioria destes textos surge como matéria de capa, ocupando, muitas vezes, toda sua superfície; as letras, sempre maiores e em negrito, redobram a atenção do leitor.

¹²⁰ Voz do Sul. “Um século de amor e trabalho.” 15 de fevereiro de 1958, p. 01.

¹²¹ Voz do Sul. “Um século de amor e trabalho.” 15 de fevereiro de 1958, p. 01.

Quanto aos títulos, destacam de maneira grandiosa a celebração do centenário e os seus preparativos: “Um século de amor e trabalho”; “Prosseguem com brilhantismo os preparativos para os festejos do centenário da colonização deste município”... Mas, por que chamar tamanha atenção para esta festa e para este nome (Jacob Rheingantz)? Várias poderiam ser as respostas: maior vendagem, apoio ao evento, patrocínio da prefeitura, etc. Todas estas respostas são possíveis e prováveis¹²²; no entanto, como buscamos a relação do jornal com o herói, com o mito Rheingantz, devemos questionar um possível engajamento do jornal no engrandecimento proposital do fundador. Como negamos o caráter imparcial do mesmo, e mediante os exemplos acima citados de exaltação pura ao fundador, semelhantes aos discursos da história oficial, acreditamos que “sim”, o jornal está imbuído da intenção de enaltecer o mito Rheingantz, contribuindo, desta forma, para a sua maior propagação e aceitação por seus leitores.

Mas, qual o alcance do jornal entre os habitantes de São Lourenço? É uma questão importante, pois nos permite observar seu grau de difusão e aceitação entre a população - ou seja, a penetração e influência de suas idéias. Informação é poder, mas, quão poderoso era o Capitão Frido e seu semanário de notícias? Segundo Jair Carvalho e Edilberto Hammes¹²³, pesquisadores e amigos de Pamphilio, “Voz do Sul” era o único jornal lourenciano do período, sendo distribuído tanto na cidade quanto no interior. Carvalho e Hammes, porém, não souberam afirmar qual a tiragem exata do jornal¹²⁴, só informaram que, com certeza, ele era bastante difundido e aceito entre os cidadãos. Tratam-se de poucas informações, que refletem a escassez de maiores estudos sobre a história da imprensa em São Lourenço, mas, que ilustram, de certo modo, a relativa importância deste semanário no município.

Talvez a principal edição de “Voz do Sul”, tenha sido a publicação que comemorou o centenário de imigração alemã no município; não é raro, por exemplo, encontrar pessoas que ainda tenham esta edição (original ou xerocada) em casa. Datada de 16 de fevereiro de 1958, situou-se entre as duas datas comemorativas: a de janeiro - data oficial da chegada dos imigrantes, e a de março - mês em que se realizaria a festa. “Os discursos sobre o passado de grupos, divulgados através da imprensa escrita, principalmente em momentos festivos,

¹²² “Uma informação pura e simples não é mercadoria. Para tanto, é preciso que ela seja transformada em notícia. (...) O jornal, então, cria a partir da matéria prima informação, a mercadoria notícia, expondo-a à venda, por meio de uma manchete, de forma atraente. Sem esses artifícios, a mercadoria não vende, seu valor de troca não se realiza” (MARCONDES, apud OLIVEIRA, 2002, p. 22).

¹²³ Entrevistas em anexo.

¹²⁴ Não há, nem mesmo nas próprias edições do jornal, maiores informações complementares sobre este periódico.

apresentam-se como importantes instrumentos de análise das construções de identidades culturais” (STEIN, 2004, p. 186).

Destarte, é interessante chamar atenção sobre quatro pontos: **1º**. As edições do jornal tinham, normalmente, de 6 a 8 páginas, no máximo. O “número do centenário” teve 60 páginas. **2º**. As propagandas ocuparam quase metade do jornal. Quase todas fazendo referência à comemoração; geralmente saudando os colonos pela data. **3º**. Mais de 100 mil votos foram apurados para a escolha da “Rainha do Centenário”¹²⁵. **4º**. A celebração foi momento, também, de promoção política; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), estampando uma enorme foto de Getúlio Vargas, aproveitou a ocasião para igualmente saudar o povo lourenciano pela passagem da data.

As homenagens a Rheingantz são freqüentes; o jornal abre sua capa com o “monumento ao colono”. Na terceira página, o título já indica: “Homenagem da ‘Voz do Sul’ ao impulsionador da colonização alemã, no seu primeiro século de fecundo trabalho”. Abaixo, três fotos: a maior, ao centro, é de Rheingantz; os dois menores, e mais abaixo, trazem a casa da família e o monumento em sua homenagem. O texto em si é recheado de frases, que poderiam ter sido escritas em qualquer livro positivista da época:

(...) Baseados nessa perspectiva, de ordem irrecusável e emergente da verdade, é que estamos a ressaltar nesta **homenagem de gratidão à memória imorrível do Barão Jacob Rheingantz, a grandiosidade da sua secular obra que todos os lourencianos festejam, aclamando o seu benemérito nome, como um batalhador dos mais eficientes** da expansão colonial germânica. Encarnado pelo **cérebro e pelo coração**, a figura do Barão Jacob Rheingantz, como **pioneiro** (...) que trouxe, há cem anos, as primeiras levas de famílias de colonos germânicos, até nossas picadas inóspitas, agrestes, até então órfãs de braços, como enamoradas de carinhos e tratamento (...)¹²⁶.

Ao lado da sempre marcante biografia do homenageado, onde são ressaltados seus gestos mais valorosos, sua luta interminável pelo bem estar dos colonos e sua enorme contribuição para o país, começam a surgir outros traços que se sobressaem aos demais, porque se referem à personalidade. Se são os grandes feitos que transformam o homem em herói, é o caráter que o eleva a condição de mito. Ao dizer que Rheingantz é “coração e cérebro”, o jornal de Stenzel afirma que ele é guiado tanto pela razão, quanto pela emoção.

¹²⁵ O município contava, na época, com cerca de 36 mil pessoas. Destas, aproximadamente 30 mil moravam no interior. Isto indica que o concurso foi muito valorizado e que os votos eram ilimitados. Apenas a título de curiosidade, a grande vencedora foi Virginia Schnorr, com 23.232 votos. In: Voz do Sul. “Virginia Schnorr, aclamada Rainha do Centenário”. 16 de fevereiro de 1958, p. 45.

¹²⁶ Voz do Sul. “Homenagem da ‘Voz do Sul’ ao impulsionador da colonização alemã, no seu primeiro século de fecundo trabalho”. 16 de fevereiro de 1958, p. 03.

Foi este ser fenomenal que deu vida à Colônia de São Lourenço. Não seguir seu exemplo é desonrá-lo.

O texto prossegue anunciando os monumentos¹²⁷:

(...) Há no local denominado “Picada do Moinho” um monumento que é uma **justa homenagem do povo de São Lourenço do sul ao fundador da colônia, Jacob Rheingantz**, com placa contendo dizeres alusivos a biografia do homenageado. O monumento em apreço vai ser substituído por outro, que segundo o projeto já aprovado e dado o seu desenho e perfil, **será uma maravilha arquitetônica condizente com as honras que merece o homenageado**¹²⁸.

Mais adiante há um “apanhado histórico” do município, onde o autor aproveita para fazer uma (nova) “homenagem especial” ao fundador:

(...) Queremos com o presente, prestar uma justa e merecida homenagem aos bravos colonizadores desta rica gleba gaúcha, e **o fazemos no nome ilustre de JACOB RHEINGANTZ, o precursor da colonização deste município** (...). (Nosso objetivo) Além da homenagem aos colonizadores foi, também, de prestar, modestamente, a nossa cooperação ao Ensino Fundamental Comum do município (...). Uma visão panorâmica a mais possivelmente exata e simples do aspecto físico, econômico e histórico do município¹²⁹.

Pode parecer apenas mais uma das várias homenagens a Rheingantz, mas não é. Isto porque, o autor revela o desejo de que seu texto possa servir de auxílio aos estudantes do ensino fundamental, como um livro escolar. Ficando claro quais os receptores almejados deste texto - os alunos do 1º. Grau - podemos verificar a intenção de que este mito seja perpetuado desde a infância; garante-se, assim, uma maior longevidade a ele. Como vimos no capítulo

¹²⁷ “Em primeiro lugar, o que se deve entender por monumento? O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (advertir, lembrar), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranqüiliza, conjurando o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento” (CHOAY, 2001, p. 17-18).

¹²⁸ Voz do Sul, “Monumentos históricos”, 16 de fevereiro de 1958, p. 15.

¹²⁹ Voz do Sul. “1º. Centenário da colonização alemã - São Lourenço do Sul”, 16 de fevereiro de 1958 p. 06

3.2, os livros didáticos, contribuem enormemente para a formação da identidade e da ideologia dos futuros cidadãos de uma sociedade. O jornal, ao destacar Rheingantz como um pioneiro, que lutou pela instalação da colônia e pelo bem estar dos colonos, cria uma figura a ser admirada tanto pelas crianças, quanto pelos adultos¹³⁰. A diferença reside na ausência de uma maior criticidade por parte dos primeiros, em relação aos segundos. Logo, o controle e a influência que estes meios exercem sobre as crianças é muito maior.

Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à história que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões, idéias fugazes ou duradouras (...) mas permanecem indeléveis as marcas das nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções (FERRO, 1983, p. 11).

O custo elevado da publicação especial da “edição do centenário” fez com que sua circulação fosse retomada apenas em 3 de abril de 1958; um mês e meio após o último número. O tema não poderia ter sido outro: as repercussões da grande comemoração de 16 de março. O impresso narrou os eventos do dia: caravana da cidade à colônia, missa campal, presença de ilustres convidados, churrasco, nova inauguração do “monumento ao colono”, desfile da Rainha do Centenário, execução do hino nacional, hasteamento das bandeiras brasileira e alemã, presença de descendentes de Jacob Rheingantz, banda de música, chefes políticos, foguetório, discurso do Dr. Rheingantz (agradecendo as homenagens ao seu bisavô), etc. Além disso, pode-se notar como o evento foi usado para fins políticos; houve discursos de toda parte: do prefeito municipal (João Batista Brauner) ao governador estadual (Ildo Menegheti), passando por outros de maior e menor escalão. A data é propícia e reúne uma multidão; nada mais lógico que seja aproveitado para fazer “comício”. Prova disso é a presença dos dois candidatos à sucessão governamental: Leonel Brizola e Walter Peracchi de Barcelos. Naturalmente, muitas promessas foram feitas. Além disso, chama a atenção o público que participou da festa: cerca de 12 mil pessoas! Ou seja, 1/3 da população lourenciana, mesmo que alheia aos reais intentos destas celebrações, esteve presente no evento que homenageou Jacob Rheingantz e os bravos pioneiros de 100 anos atrás.

Que maravilhoso campo de observação é a festa para o historiador: momento de verdade em que um grupo ou uma coletividade projeta

¹³⁰ “(...) A História que se conta às crianças e aos adultos permite conhecer ao mesmo tempo a identidade e a situação de fato de uma sociedade através do tempo” (FERRO, 1983, p. 12).

simbolicamente sua representação de mundo, e até filtra metaforicamente todas as suas tensões (VOVELLE, 1987, p. 246-247).

Como esta festa foi organizada? Ela foi realizada na Coxilha do Barão, ao redor de toda a simbologia Rheingantziana¹³¹: a casa, os monumentos e o túmulo - o palco do espetáculo. Quem são os atores? Os políticos e o povo - ou seja: o poder estabelecido e os receptores diretos da construção mitológica - legitimadores inconscientes de tal esforço oficial.

É pela festa que, em um mesmo ímpeto e em um mesmo fervor, os homens do tempo presente recuperarão as condições de sua união fraterna. Salvo do isolamento graças à efusão coletiva, o indivíduo se verá reintegrado na grande aventura humana, reconquistará, em outras palavras, seu pleno peso de humanidade (GIRARDET, 1987, p. 169).

Assim, o jornal pode ser considerado tão importante (pelo menos na época em que circulou) quanto a historiografia, no que tange ao enaltecimento de Rheingantz; afinal, ambos estão servindo aos interesses do poder estabelecido, para manutenção do *status quo*. Pode-se concluir, portanto, que “Voz do Sul” soube honrar com méritos o título que carregava: “órgão dos interesses locais”. O leitor, bombardeado por informações homogêneas, só tem uma saída: acreditar. “Remar contra a corrente, desafinar do coro dos contentes¹³²”, significaria comprar uma briga desgastante e cansativa. Mas, extremamente válida.

3.4 José Antonio de Oliveira Guimarães e o panteão de heróis sul-lourencianos

Ao longo deste 3º capítulo vimos como Jacob Rheingantz foi representado de maneira heróica pelo discurso da história oficial de São Lourenço; uma das muitas explicações para a exaltação de sua figura fazia referência ao mito de origem¹³³ - muito em função desta valorização sobre a fundação é que se tornou o herói que hoje inspira este trabalho, e que serviu de espelho para inúmeras gerações de sul-lourencianos. Mas, como já dito, Rheingantz

¹³¹ Termo criado para designar de forma sintética o processo de heroificação/mitificação em torno da imagem de Jacob Rheingantz.

¹³² Trecho da música “Pose” da banda Engenheiros do Hawaii (Várias Variáveis, de 1991).

¹³³ Que, para Marc Bloch, seria uma espécie de obsessão para os antigos historiadores – “Tudo inclinava essas gerações (de pensadores românticos e historiadores) a atribuir, nas coisas humanas, uma importância extrema aos fatos do início” (BLOCH, 2001, p. 57).

não esteve sozinho na instalação da colônia - José Antonio de Oliveira Guimarães foi seu sócio durante os cinco primeiros anos da empreitada¹³⁴; então, porque ele também não foi mitificado? Porque ele foi deixado de lado, em contrapartida ao processo de heroificação que seu sócio sofreu? Afinal, foi da sociedade entre os dois que se deu a colonização alemã no município; logo, dentro da lógica de valorização das origens, ele deveria ser igualmente alvo de diversas homenagens.

A criação de um mito de origem é fenômeno universal que se verifica não só em regimes políticos, mas também em nações, povos, tribos, cidades. Com frequência disfarçado de historiografia, ou talvez indissolúvelmente nela enredado, o mito de origem procura estabelecer uma versão dos fatos, real ou imaginada, que dará sentido e legitimidade (CARVALHO, 1990, p. 13-14).

O mito de origem dará “sentido e legitimidade”; *legitimidade* para o regime político, institucional e cultural que se utiliza da imagem do herói; *sentido*, para a vida de muitas pessoas que se inspiram nos seus atos e no seu ideal de vida. Ora, é mais um ponto a favor de Oliveira Guimarães, afinal ele é de ascendência portuguesa, e boa parte da população do município é constituída de luso-descendentes, de modo que estes poderiam se identificar muito mais facilmente com ele, por ser de mesma etnia, do que com o “alemão” Rheingantz - “Toda identidade é uma construção histórica: ela não existe sozinha, nem de forma absoluta, e é sempre construída em comparação com outras identidades, pois sempre nos identificamos com o que somos para nos distinguir de outras pessoas” (SILVA & SILVA, 2005, p. 204). Ou seja, estrategicamente isto poderia ter sido mais bem explorado pelo poder estabelecido, pois simbolicamente São Lourenço teria dois fundadores e dois mitos, que representariam duas das etnias formadoras do município: Jacob Rheingantz, os alemães, e Oliveira Guimarães, os portugueses.

Estaria, então, Oliveira Guimarães relegado ao esquecimento, em comparação com Rheingantz, devido ao insucesso de sua imagem junto ao povo? José Murilo de Carvalho, por exemplo, afirma que “há tentativas de construção de heróis que falham pela incapacidade da figura real de permitir tal transformação” (CARVALHO, 1990, p. 14). É uma possibilidade;

¹³⁴ Moacir Böhlke faz um pequeno apanhado da vida de Oliveira Guimarães após o término da sociedade com Rheingantz: “Ao término dos cinco anos de vigência do contrato, Oliveira Guimarães desfaz a sociedade na empresa de colonização e passa a dedicar-se ao projeto de povoar a região do porto onde localiza-se hoje a zona urbana de São Lourenço (...). Nos anos de 1860 elege-se vereador na Câmara de Pelotas. Com a proclamação da República, devido a sua posição republicana, toma posse em 18 de outubro de 1892 como primeiro intendente de São Lourenço (BÖHLKE, 2003, p. 21-22).

por isso, é necessário voltar à história oficial - afinal, foi ela quem deu origem ao mito Rheingantz, e, também, através dela é possível verificar a representação de Guimarães.

Carlos Guilherme Rheingantz só menciona o nome de Oliveira Guimarães em uma oportunidade e, embora faça elogios a sua pessoa, nada informa sobre a sociedade entre ele e seu pai:

Cumpre-me aqui registrar, e faço-o com prazer, os muitos e bons serviços prestados ao falecido empresário por este (...) cavaleiro (Oliveira Guimarães) nos primeiros tempos da fundação da colônia, auxiliando-o na compra dos terrenos limítrofes da mesma colônia (RHEINGANTZ, 1907, p. 10).

Vivaldo Coaracy, no seu afã em exaltar Rheingantz, consegue ser ainda mais injusto com Oliveira Guimarães; se Carlos Rheingantz ao menos concedeu certa importância a ele, por auxílios prestados ao seu pai, Coaracy só o menciona como um dos estancieiros que moravam à margem da Lagoa dos Patos (1957, p. 37). O pior, é que Coaracy ainda comenta sobre a intenção de Rheingantz em ter um sócio para seu empreendimento, mas, afirma que o empresário não encontrou ninguém disposto a investir no negócio:

É certo que, inicialmente, pensou ele formar uma empresa colonizadora, com a participação de outros sócios que correspondessem com parte do capital necessário (...). Não conseguindo (...) formar a sociedade que imaginara, decidiu-se Rheingantz a levar a empresa por diante individualmente, com os seus próprios e exclusivos recursos (COARACY, 1957, p. 39-41)

Ou seja, para os dois autores, Rheingantz é o único responsável pela colonização alemã no município. É mais um caso em que a borracha destes autores entra em ação para apagar parte do passado, neste caso, para que Rheingantz tenha todos os louros pela iniciativa do projeto colonizador¹³⁵. Então, se dependesse de Carlos Rheingantz e Vivaldo Coaracy, não haveria méritos para Oliveira Guimarães na colonização e na fundação da vila sul-lourenciana; ele seria apenas o estancieiro Guimarães - nunca, jamais, o herói José Antônio de Oliveira Guimarães. Sua imagem não é resultado de um fracasso, pela não aceitação do povo;

¹³⁵ Moacir Böhlke, também percebeu este “esquecimento”, por parte dos dois autores: “A omissão ao nome do sócio fundador Coronel José Antônio de Oliveira Guimarães (...), pelas mais tradicionais e principais fontes (Böhlke está se referindo justamente a Carlos Rheingantz e Vivaldo Coaracy), que relatam a História da Colônia de São Lourenço, relegaram quase ao esquecimento a contribuição do referido sócio no estabelecimento do empreendimento” (BÖHLKE, 2003, p. 19-20).

é isto sim, o produto de uma omissão por parte de determinados autores, que estavam mais interessados em valorizar a trajetória do sócio alemão.

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. Em alguns, os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que precederam a nova ordem das coisas. Em outros, de menor profundidade popular, foi necessário maior esforço na escolha e na promoção da figura do herói. É exatamente nesses últimos casos que o herói é mais importante. A falta de envolvimento real do povo na implantação do regime leva à tentativa de compensação, por meio da mobilização simbólica. Mas, como a criação de símbolos não é arbitrária, não se faz no vazio social, é aí também que se colocam as maiores dificuldades na construção do panteão cívico. Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado. Na ausência de tal sintonia, o esforço de mitificação de figuras políticas resultará vão. Os pretendidos heróis serão, na melhor das hipóteses, ignorados pela maioria e, na pior, ridicularizados (CARVALHO, 1990, p. 55-56).

Por maior que tenha sido a penetração e a influência dos livros de Carlos Rheingantz e de Vivaldo Coaracy em São Lourenço, eles não conseguiram perpetuar a imagem de apenas um fundador – isto porque o jornal sul-lourenciano “A Tribuna”, no ano de 1940, já havia destacado a sociedade entre Rheingantz e Guimarães. Em texto intitulado “São Lourenço e sua história”, escrito por ocasião do primeiro aniversário do jornal, um enorme subtítulo anuncia: “Os pródromos de uma grande campanha colonizadora – José Antônio de Oliveira Guimarães e Jacob Rheingantz, os campeões da jornada de povoamento...”¹³⁶. Em 1958, apenas um ano após o lançamento do livro de Coaracy, a edição especial de “Voz do Sul”, em comemoração ao centenário da imigração alemã em São Lourenço, também relembra a importância do Coronel Guimarães na sociedade colonizadora: “Rheingantz contou com o indispensável apoio financeiro do **grande lourenciano** Cel. José Antônio de Oliveira, sem o qual talvez não fosse possível realizar sua empresa”¹³⁷. Como vimos no capítulo 3.3, “Voz do Sul” foi um dos importantes instrumentos de legitimação a favor de Rheingantz; agora, este mesmo periódico, voltava-se para ajudar a reparar uma injustiça histórica cometida contra o também fundador, José Antônio de Oliveira Guimarães.

¹³⁶ A Tribuna. “São Lourenço e sua História”, 3 de março de 1940; p. 4 e 5.

¹³⁷ Voz do Sul. “1º. Centenário da colonização alemã - São Lourenço do Sul”, 16 de fevereiro de 1958; p. 06

Jairo Scholl Costa pesquisou estas duas edições comemorativas da imprensa sul-lourenciana¹³⁸; aproveitou, assim, muitas informações ali veiculadas para seu artigo no livro *São Lourenço do Sul – 100 anos*. O papel de Oliveira Guimarães como sócio de Rheingantz foi igualmente destacado por Costa, porém, de forma muito mais enfática. Este é um dos poucos momentos em que a sintonia tão afinada desta tríade perde o compasso, pois Costa crítica o esquecimento do sócio português como um dos colonizadores do município: “A participação do Coronel Oliveira Guimarães na colonização de São Lourenço do Sul foi inteiramente esquecida pela história o que se constitui numa injustiça que somente agora pode vir a ser reparada” (COSTA, 1984, p. 55).

Costa introduz o assunto, ao comentar sobre a intenção de Rheingantz em encontrar um sócio para a sua empresa colonizadora; até mesmo nisto há uma oportunidade para exaltar-se Rheingantz, então, um idealista que almejava realizar o sonho de sua vida:

Inicialmente, Rheingantz pretendeu formar uma empresa colonizadora para a **grande aventura** (...). Procurou diversas pessoas de posse e influências nas cidades de Pelotas e Rio Grande, mas, **embora fosse conhecido e respeitado**, não conseguiu sensibilizar ninguém para associar-se a ele na iniciativa.

No entanto, **numa dessas incríveis surpresas que o destino reserva aos idealistas**, acabaria por encontrar um sócio justamente na terra onde dispunha realizar **seu sonho** (COSTA, 1984, p. 55).

A própria referência a um sonho a ser realizado e a uma grande aventura indica que Costa está se referindo a um herói que está prestes a realizar o grande feito de sua vida. Na seqüência, entra em cena o “injustiçado” Oliveira Guimarães: “Em São Lourenço, entraria em contato com o fazendeiro José Antonio de Oliveira Guimarães e ambos constituiriam uma sociedade para a colonização planejada” (COSTA, 1984, p. 55). Após isto, Costa passa a exaltar o sócio português, justificando sua importância dentro da empresa colonizadora:

O sócio Oliveira Guimarães foi figura de **enorme importância** para a concretização do trabalho colonizador, pois, **além de obter grandes somas de dinheiro junto a terceiros para financiar o empreendimento**, em 8 de julho do mesmo ano (1857), **firmava contrato com o agrimensor** Carlos Othon Knüppeln para **medição das terras** compradas e **determinação dos lotes** que os primeiros colonos deveriam receber.

Segundo se sabe, Oliveira Guimarães **teria, ainda, preparado o alojamento para abrigar os imigrantes**, além de **fornecer-lhes o transporte para os lotes e os animais domésticos necessários para iniciarem sua atividade** (COSTA, 1984, p. 55).

¹³⁸ Elas constam em sua bibliografia.

Por fim, Costa reafirma a importância de Oliveira Guimarães dentro da colonização alemã no município, sugerindo que assim como Rheingantz, seu nome também passe a ser exaltado;

Portanto, o Coronel Oliveira Guimarães é igualmente merecedor do respeito e admiração prestados a Jacob Rheingantz já que, olvidar-lhe a participação, ativa e direta no empreendimento, **é perpetuar-se uma injustiça que não se coaduna com os postulados da verdade que devem nortear a história** humana (COSTA, 1984, p. 56).

Eis uma frase interessante de ser analisada: “Portanto, o Coronel Oliveira Guimarães é igualmente merecedor do respeito e admiração prestados a Jacob Rheingantz”. Ou seja, ele também merece ser nosso herói! Tudo aquilo que foi feito em homenagem a Rheingantz, ao longo dos anos, também deve ser feito para Guimarães, a partir de agora. Afinal, ele também é um dos fundadores, e como tal merece ser lembrado e exaltado.

O processo de transformação social envolve a constituição de uma memória coletiva. E a constituição da memória, é preciso lembrar, envolve diversas batalhas simbólicas pela apropriação de eventos do passado que devem ser lembrados, assim como a demarcação daqueles que devem ser esquecidos. O mesmo acontece em relação aos homens que devem ser considerados extraordinários e que merecem ser incluídos em uma galeria de heróis que compõem o panteão nacional. Cada época constrói sua memória e seus heróis (OLIVEIRA, 2003, p. 68).

No fim do livro, em um breve apêndice intitulado “Vultos históricos de São Lourenço do Sul”, Jairo Scholl Costa retoma a fala, destacando os personagens ilustres do município. Rheingantz e Guimarães, naturalmente, não ficaram de fora, sendo novamente ressaltada a sua importância para a formação de São Lourenço. Comparando apenas esta última parte, nota-se uma maior exaltação de Costa para com Guimarães, do que para com Rheingantz¹³⁹, o que não deixa de ser lógico, pois, Rheingantz já era uma figura consolidada na história local há muitos anos, visto as inúmeras homenagens que recebeu, por sua contribuição na fundação do município. Guimarães, por sua vez, ainda era apenas o protótipo de um herói, relegado ao esquecimento por muitos anos - alguém que pode vir a tornar-se um herói, mas que ainda não é, sendo Costa um dos primeiros a lembrar da importância de seu trabalho; nada mais

¹³⁹ Isso não significa, porém, que Rheingantz tenha sido diminuído, em comparação ao seu sócio; de forma alguma. Costa apenas procurou salientar com mais ênfase sua já conhecida biografia. Apesar disso, existem momentos típicos de exaltação a Rheingantz: “(Ele) dedicou toda a sua vida à obra colonizadora, tendo desenvolvido a colônia administrando-a até sua morte” (COSTA, 1984, p. 178).

previsível, portanto, que ele se detivesse um pouco mais em destacar a sua contribuição na formação da colônia.

(Oliveira Guimarães) sempre demonstrou um **elevado espírito cívico e grande visão para o futuro**, pois foi um dos maiores defensores da idéia de fundar a Vila de São Lourenço (...). A participação de Oliveira Guimarães foi exponencial, devendo-se a ele a concretização do **sonho de Rheingantz** em instalar a colônia na Serra dos Tapes (...). Não obstante tão **expressiva e ativa presença no crescimento de São Lourenço do Sul, a História, durante todo o tempo colocou-a numa imerecida penumbra, o que se constitui em uma injustiça histórica** (COSTA, 1984, p. 179-180).

Há, nesta citação, os mesmos elementos de antes: as virtudes que o qualificam a ocupar um lugar de honra entre os grandes homens do município (elevado espírito cívico e visão para o futuro) e sua participação decisiva na empresa colonizadora, auxiliando Rheingantz a realizar seu sonho;

Todo regime político busca criar seu panteão cívico e salientar figuras que sirvam de imagem e modelo para os membros da comunidade. Embora heróis possam ser figuras totalmente mitológicas, nos tempos presentes são pessoas reais. **Mas o processo de ‘heroificação’ inclui necessariamente a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas** (CARVALHO, 1990, p. 14).

Jairo Scholl Costa, no entanto, neste mesmo apêndice, não se limita a exaltar apenas os homens responsáveis pela colonização alemã, em São Lourenço. Como já dito, é dele a pesquisa mais ampla sobre a história do município, e isto se reflete no seu texto sobre os *Vultos históricos de São Lourenço do Sul*¹⁴⁰, onde são acrescentados outros heróis ao panteão cívico municipal; é o caso do Almirante Joaquim Francisco de Abreu e de João Batista Scholl. O primeiro, apresentado como um valoroso combatente da Guerra do Paraguai¹⁴¹, e o segundo, como o “continuador” da colonização, iniciada por Rheingantz e Guimarães. João

¹⁴⁰ COSTA, 1984, p. 177.

¹⁴¹ “Na Guerra do Paraguai, encontrava-se embarcado no navio ‘BELMONT’ que se achava no teatro de operações e que havia recebido ordens de subir o Rio Paraguai. Nessa ocasião, o comandante do ‘BELMONT’ foi acometido de enfermidade, razão pela qual Santos Abreu foi incumbido de assumir o comando do navio. Foi então que se viu cercado por navios inimigos, no caso, quatro naus paraguaias, que abriram fogo contra o ‘BELMONT’ que era testa de fila da esquadra brasileira. Santos Abreu resistiu ao ataque inimigo durante cinco horas, tendo conseguido encalhar o navio à margem do rio, já que contava com 37 rombos no costado e propagava-se incêndio a bordo. Embora **gravemente ferido, ordenava e dirigia** o navio do passadiço de comando, permanecendo nessa posição de resistência até a chegada de recursos. **O feito do Almirante Abreu é reconhecido como um dos maiores atos de heroísmo de nossa história naval e seu exemplo é mantido vivo pela nossa Marinha, que o povo brasileiro nunca o esqueceu. Depois da Guerra do Paraguai, o Almirante Abreu prestou inúmeros e relevantes serviços ao Brasil**” (COSTA, 1984, p. 184).

Batista Scholl, por sinal, é bisavô de Jairo Scholl Costa; e, assim como ocorreu na família Rheingantz, mais uma vez a história se repete...

Em 1898, (João Batista Scholl) foi procurado pela Viúva Maria Carolina Rheingantz que lhe ofereceu à venda todos os interesses da família Rheingantz na Colônia de São Lourenço. A viúva, na ocasião, lhe expôs que o havia procurado para vender os remanescentes da colônia, em vista de saber tratar-se de Scholl de **pessoa imbuída de ideal suficiente para continuar a obra de Jacob Rheingantz (...)**. Scholl se empenhou em continuar o trabalho colonizador de Rheingantz, abrindo novas picadas, trazendo e instalando imigrantes, fundando igrejas, escolas e sociedades entre elas, a de Picada Moinhos, da qual foi o primeiro presidente. Em 30 de junho de 1935, com 87 anos de idade, João Batista Scholl faleceu nesta cidade, encerrando uma **vida profícua e dedicada ao progresso de sua terra** (COSTA, 1984, p. 182).

Porém, assim como havia ocorrido com Oliveira Guimarães, foi a imprensa quem deu o primeiro passo para homenagear João Batista Scholl – foi “A Tribuna” quem primeiramente fez o resgate de sua história¹⁴². “Voz do Sul”, dezoito anos mais tarde, também destacou o papel do “continuador da colonização”; o mais interessante, no entanto, é que o autor deste texto é Júlio Moreira Scholl, filho de João Batista Scholl. Podemos perceber, então, após esta série de homenagens “caseiras”, que a história em São Lourenço ainda é marcada e tratada de maneira muito “familiar”. A motivação que rege a pesquisa, geralmente, está ligada a pretensão de homenagear os antepassados. E o pior, os seus antepassados...

Convidado por nimia gentileza e bondade de meu prezado amigo Pamphilio Friedo Stenzel, para narrar parte da vida de meu querido e saudoso pai, o faço não somente com orgulho e prazer, como também com imensa gratidão, pelo ensejo que me deu de vir pelas colunas do brilhante semanário “Voz do Sul”, órgão dos interesses gerais do povo lourenciano, trazer a lume um pouco da vida daquele que foi tão útil, que tudo fez, tudo envidou pelo bem estar e felicidade de seus contemporâneos e que agora descansa na paz do senhor (...). Era meu pai um homem de inteligência lúcida, esclarecido e de grande e humaníssimo coração, amigo sincero, pai amantíssimo, adorado de todas as crianças, a quem dispensava todas as suas atenções, sem olhar cores ou raça, era o vovô de todas elas, como o chamavam¹⁴³.

O interessante dos heróis de São Lourenço do Sul é que nenhum deles é um legítimo sul-lourenciano. Rheingantz e Scholl nasceram nos estados alemães (antes da unificação); e

¹⁴² João Batista Scholl, é descrito como o “proseguidor de uma obra patriótica”; em tempos de Estado Novo, este é um título que deve ter agradado ao DIP. In: A Tribuna. “São Lourenço e sua história”, 3 de março de 1940; p. 4 e 5.

¹⁴³ SCHOLL, Júlio Moreira. In: Voz do Sul. “1º. Centenário da colonização alemã - São Lourenço do Sul”, 16 de fevereiro de 1958; p. 05.

Guimarães e Abreu, apesar de terem nascido dentro do território de São Lourenço, eram “pelotenses”, visto que a emancipação do município só ocorreu em 1884. O século XX até acrescentou alguns nomes à história do município, mas, com certeza, todos menos reconhecidos em comparação aos vultos do século XIX¹⁴⁴.

Analisando exclusivamente os casos de Rheingantz e Guimarães, é possível sintetizar da seguinte maneira: ambos são os fundadores da Colônia de São Lourenço, mas apenas Rheingantz é um mito. Oliveira Guimarães ainda é apenas um herói; o protótipo de algo que pode vir a se tornar um mito. Heróis existem vários; mitos são poucos. Nosso argumento é justificado pela própria história das homenagens aos dois personagens: Rheingantz é alvo de homenagens há exatos 100 anos, sendo celebrado constantemente durante todo este período: livros, monumentos, rua, túmulo, casa, escola, etc. Guimarães foi lembrado pela primeira vez há menos de 70 anos pelo jornal “A Tribuna”, e em livros locais, apareceu tardiamente em 1984. Rheingantz tem sua casa, seu túmulo e seus monumentos constantemente visitados como pontos turísticos no interior do município; Oliveira Guimarães não é, sequer, nome de rua. Claro que isso pode vir a mudar, pois, a história não é fixa, e Guimarães pode inclusive desbancar Rheingantz na hierarquia dos vultos sul-lourencianos. Tudo depende dos interesses do momento e dos valores que se pretende resgatar.

¹⁴⁴ Outro aspecto relevante é que as famílias Abreu, Scholl e Guimarães são famílias extremamente tradicionais em São Lourenço do Sul; coincidentemente, apenas a família Rheingantz não possui mais descendentes diretos nesta cidade.

Capítulo 4 *Jacob Rheingantz e os 24 alemães ébrios: a desconstrução da relação patriarcal*

O passado pode ser alterado? Não? Sim? Da forma convencional e literal não. Mas, para os historiadores sim. Um poder recentemente conquistado e de valor inestimável, pois todo um mundo novo se elaborou a partir desta e de outras premissas formuladas inicialmente pela Escola dos Annales. A ênfase em novos métodos - interdisciplinaridade, valorização de novas fontes e de novos objetos - que rompiam com o exclusivismo dos grandes homens e dos grandes feitos, trouxe outras cores ao arco-íris da história, passando, assim, a uma nova era, onde a verdade deixou de ter um valor absoluto. “A ciência não é um corpo de conclusões fixas e indubitáveis, mas sim um somatório de resultados não-definitivos de um contínuo processo de investigação, no qual está sempre presente um método intelectual de crítica” (KERN, 1982, p.65). E é justamente procurando assumir uma postura minimamente crítica e interpretativa que elaboramos este capítulo, buscando as contradições da história de São Lourenço do Sul: aquela produzida oficialmente e uma outra, relegada ao esquecimento, silenciada à força por força dos interesses de uma coletividade. É na análise de documentos esquecidos, emudecidos por mais de um século - produzidos por colonos, agentes do governo e até mesmo por Jacob Rheingantz e sua família -, que buscamos esta “outra história” da Colônia de São Lourenço.

Devemos estar atentos, porém, ao fato de que estes documentos são originários de interesses particulares, oriundos de um período de rivalidades extremamente afloradas, não podendo ser tomados, portanto - como se interpretava, a menos de um século -, como resíduo imparcial e objetivo do passado. Jacques Le Goff, neste sentido, cria o conceito de “documento-monumento”, para teorizar a idéia de que o próprio documento, assim como o monumento, é fruto de uma intencionalidade.

(O documento) É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (...). Um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar,

demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF, 1984, p. 102).

Após esta medida cautelar, que recomenda não tomarmos os documentos ao “pé da letra”, suspeitando de algumas informações veiculadas por seus autores, fica mais fácil prosseguir; isto porque, nestas correspondências, fica evidente que havia muitos interesses em jogo, o que nos exige uma desconfiança redobrada quanto à veracidade de algumas informações.

O historiador não pode se submeter à sua fonte, julgar que o documento é a verdade (...); antes de tudo, ser historiador exige que se desconfie das fontes, das intenções de quem as produziu, somente entendidas com o olhar crítico e a correta contextualização do documento que se tem em mãos (BACELLAR, 2005, p. 64).

Estes documentos apontam para uma verdadeira “Guerra Fria” em curso na colônia - Rheingantz acusando os colonos de conspiradores e temendo por sua vida; colonos questionando a autoridade do empresário e ameaçando sua família. Era só questão de tempo para que a “paz armada” se transformasse em um conflito real; uma outra leitura, no entanto, afirma que “a vida corria serena e mansa sob o regime quase patriarcal...” (COARACY, 1957, p. 95). Tratam-se, sem dúvida, de duas leituras opostas; por fim, o leitor poderá escolher a sua, concordando com alguma ou discordando de ambas.

Destarte, quais as fontes utilizadas por estes autores que escreveram a história oficial? Começamos pelo pai do mito (ou seria o filho do herói?): Carlos Guilherme Rheingantz, além de ser contemporâneo à maioria dos eventos ocorridos na colônia – fundação, demarcação dos lotes de terra, chegada dos imigrantes, negócios entre Jacob e os colonos, etc., ou seja, de ter vivenciado estes fatos e de usufruir de sua memória, para elaborar seu texto, dispunha ainda de grande parte da documentação produzida no período (de seu pai, do governo, dos colonos e de sua própria parte; afinal, Carlos era o braço direito de Jacob e foi seu sucessor, após sua morte). Em seu livro, no entanto, selecionou tanto os documentos, quanto sua memória, privilegiando os fatos que não comprometessem a imagem do fundador.

A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas, lidos em livros, ensinados e apreendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras (...). Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de

um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa, desperta somente quando eles já estão muito distantes do passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança (...). O único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 2004, p. 85).

Coincidência ou não, Carlos Guilherme Rheingantz faleceu apenas dois anos após publicar seu livro. Vivaldo Coaracy tem nele a sua principal fonte; para complementar seu estudo, faz referência a outros documentos:

As páginas que se seguem são calcadas sobre a monografia que, há cinquenta anos atrás (...), publicou (...) Carlos Guilherme Rheingantz sob o título “COLÔNIA DE S. LOURENÇO”. Em grande parte, a presente narrativa é apenas o desenvolvimento daquela memória, com o acréscimo de informações e documentos extraídos dos arquivos (...). O presente trabalho nada mais pretende ser do que uma contribuição oportuna à comemoração do centenário da fundação de São Lourenço do Sul (COARACY, 1957, p. 28).

Coaracy, porém, igualmente sonegou os documentos que desmentissem a suposta relação patriarcal entre Rheingantz e os colonos. Sua obra é quase um romance histórico, onde desenvolve sua habilidade como escritor para criar paisagens e situações, tentando envolver o leitor em sua trama de exaltação ao herói.

Jairo Costa, por sua vez, cita em suas referências o uso de jornais, almanaques, relatórios, dados do IBGE e, os livros de Carlos Rheingantz e de Vivaldo Coaracy. Sobre Jacob Rheingantz e a colonização alemã no município, segue a mesma linha de seus antecessores.

Assim, a tríade “embasada documentalmente” construiu sua imagem e representação da colônia e dos seus habitantes; eles eram trabalhadores, fortes, ingênuos e sua relação com Rheingantz era quase de pai para filho. Uma versão, um lado da história. Negando boa parte destas “representações”, comprometidas com causas particulares, passamos a citar outros documentos, desconhecidos ou propositadamente esquecidos - cartas, abaixo-assinados e relatórios - que não convinham ser lembrados, para que a memória do fundador fosse preservada. De um lado, protestos dos colonos contra seu diretor; de outro, queixas de Rheingantz sobre o comportamento dos imigrantes; “correndo por fora”, o tenente Sá Queirós e os agentes do governo, tentando entender a complexidade da situação. Vista desta forma, a

“Grande Revolta” parece apenas a eclosão de uma crise que já vinha se desenhando desde os primórdios da colônia.

Afirmamos isto, pois, em 1861, apenas três anos após a fundação da colônia, já havia os primeiros sinais de descontentamento¹⁴⁵. O interessante é que estes abaixo assinados não foram produzidos por colonos já fixados na terra, mas por recém-chegados que protestavam contra a casa Guilherme Hühn & Cia., firma contratada por Rheingantz para fazer o transporte dos emigrantes:

Nós abaixo assinados passageiros do navio hamburguês Carolina, Capitão Köln, destinados para São Lourenço, expedidos em 22 de junho em Hamburgo pelos Srs. Guilherme Hühn & Cia. e chegados aqui em 12 do corrente mês, com o presente **protestamos as injustas e altas passagens** a nós feitas pebs ditos Srs. Guilherme Hühn & Cia. que quase a metade dos passageiros do mesmo navio pagarão como colonos para Porto Alegre 60 thalers por maiores e 38 por menores de 10 anos e são expedidos pelos mesmos Srs. Guilherme Hühn & Cia. motivo e para podermos fazer do dia do vencimento dos adiantamentos as nossas justas reclamações¹⁴⁶.
Rio Grande do Sul, 14 de setembro de 1861¹⁴⁷.

Nós abaixo assinados com nossas famílias chegados ontem pelo navio hamburguês Mathilde, como colonos para a Colônia de São Lourenço, fomos expedidos em Hamburgo no dia 7 de agosto do corrente ano, pelos Srs. Guilherme Hühn & Cia. pelos quais e abordo do mesmo navio **fomos forçadamente obrigados a assinar papéis de adiantamento** para a mesma casa sem que alguém nos desse clareza a respeito. Nós pelo presente protestamos contra Guilherme Hühn & Cia. para no dia do vencimento podermos fazer nossas justas reclamações sobre passagens sobrecarregadas e despesas a nós causadas pela demora em Hamburgo¹⁴⁸.

Rio Grande, 18 de novembro de 1861¹⁴⁹.

O tom é quase o mesmo, mudando apenas as queixas - pelas altas passagens, no primeiro, e contra a assinatura indevida de documentos¹⁵⁰, no segundo. A maioria destes imigrantes desconhece sua nova condição, é analfabeta, não sabe ao certo os termos de seu

¹⁴⁵ Talvez já houvessem ocorrido querelas anteriores, esta, porém, foi a mais antiga que encontramos.

¹⁴⁶ Seguem-se 12 assinaturas.

¹⁴⁷ Biblioteca Rio-Grandense. Coleção Rheingantz. Caixa 1. Documento 27.

¹⁴⁸ Seguem-se 4 assinaturas.

¹⁴⁹ Biblioteca Rio-Grandense. Coleção Rheingantz. Caixa 1. Documento 27 d.

¹⁵⁰ É provável que o referido documento, que os colonos foram obrigados a assinar, tenha conteúdo semelhante a este: “Documento de dívida de emigrantes para a Colônia de S. Lourenço, na província do Rio Grande do Sul. Nós abaixo assinados declaramo -nos devedores das somas mencionadas, junto às nossas assinaturas (...) recebidos em Hamburgo dos Srs. Wilhelm Hühn & C. e nos obrigamos a seguir logo depois de nossa chegada ao Rio Grande para a Colônia de S. Lourenço, pertencente ao Sr. J. Rheingantz, e a pagar as somas recebidas daquele senhor à sua ordem, o mais tardar depois de 2 anos, e mais o juro à razão de 6% ao ano até final embolso. Hamburgo, 21 de Junho de 1861 (RHEINGANTZ, 1907, p. 29).”

contrato, ou sequer o local do novo lar; isso sem contar o estranhamento com a cultura e a língua local. Esta nova realidade criou no imigrante uma identificação comum, resultando em um processo de cooperação e solidariedade para superar as adversidades. Rheingantz tornou-se o alvo de muitos, por ser a principal autoridade da colônia, por queixas e suspeitas levantadas pelos colonos, mas, também, por ter sido ele quem os trouxe para esta nova condição.

Os anos passam e as crises tornam-se mais frequentes: em 1863, a “Guerra Fria” entre a família Rheingantz e os colonos, rende a instauração de um processo crime:

Ilmo. Sr. Subdelegado de Polícia

Diz Jacob Rheingantz, diretor da Colônia São Lourenço e morador na mesma, tendo justos motivos para queixar-se contra Jorge Diedrich e Cristiano Luiz Thurow, o primeiro morador em São Lourenço e o segundo morador no prazo colonial No. 7 da Colônia São Lourenço, vem fazer para este juízo para que sua presente queixa lhe seja tomada, passa a instruí-la segundo as exigências do _____¹⁵¹ e seguintes do código do processo criminal. Que estando o _____ (refere-se à Rheingantz) no dia 19 do corrente mês e ano em São Lourenço, em sua ausência, à 5 ½ horas da tarde do mesmo dia, foi sua casa violada, sua família injuriada e ameaçada com palavras indecentes; e bastantes assustados por verem dentro de sua casa e dentro da sala os _____ (acusados), inimigos capitais do _____ (Rheingantz) que __ meios sinistros os levaria em sua casa por ignorarem a ausência de _____ (Rheingantz). A carta junta melhor explica os fatos e as testemunhas Juliana Hadler, Margaretha Bauer, Henriquetta Blanck, Pedro Hadler e Fernando Nickel que presenciaram e sabem do mal intento dos _____ (acusados); ora como por este procedimento, evidenciado pela carta e testemunhos é claro que os acusados cometeram o crime de ameaça especificado¹⁵².

A carta referida pelo investigador e que acompanha, em anexo, o processo, foi escrita pela esposa de Jacob, Maria Carolina Rheingantz:

Querido Rheingantz:

¹⁵¹ Infelizmente, algumas palavras estão ilegíveis nestes documentos – seja pela ação do tempo ou da caligrafia do redator – sendo substituídas por lacunas. Como é possível deduzir o significado da maioria destas palavras, graças ao seu contexto na frase, achamos adequado apresentá-lo da forma como o encontramos, pois seu valor não pode ser desconsiderado, mesmo com a ausência destas palavras. Embora se trate de uma perda, ela é minimizada, pois a idéia do documento parece permanecer inalterada. Do contrário, seríamos obrigados a abdicar da utilização destas fontes.

¹⁵² Arquivo Público. Processo crime. Réu: Cristiano Luiz Thurow e Jorge Diedrich. Autor: Jacob Rheingantz. N: 632. M: 15. E: 35. Ano 1863. Cartório Júri. Município: Pelotas.

Neste instante o Born já estava aqui na sala, e querendo por força que eu lhe vendesse vinho, eu lhe respondi que fosse para sua casa e mandasse um dos seus filhos para comprar, porém que em nossa casa eu não consinto. De repente entrou o Sr. Jorge Diedrich, de São Lourenço, o Sr. Cristiano Thurow, Guilherme Klumb, Guilherme Reinbrecht, e também pedem vinho, eu disse-lhes que não vendo em varejo, porém, Cristiano respondeu que aqui é venda e eu tenho que vender. Eu respondi que não vendia. Respondeu um deles então, nos de um copo de água. A mana Maria trouxe um copo com água. O Jorge Diedrich perguntou quanto custa, ela respondeu que água não se vende, como ele bem saberá, principiou a caçoar com os camaradas (...). Eu então lhes disse vocês querem caçoar, saiam daqui para fora, e isto já, então respondeu o Thurow que eu tinha que vender por força porque aqui é venda e te pagas direitos, isto tudo com um tom muito atrevido. O Reinbrecht disse-lhes vamos embora, para este fim eu não vim cá. A senhora diz que não tem vinho vamos embora. Não, respondeu o Thurow; aqui é venda, ela não tem querer e tem que nos dar por um vintém de cachaça ou cuspo a venda toda e a dona da casa tem que limpa-la. Eles vieram juntos da casa do Guilherme Herman e pela picada já (vinham) com palavras atrevidas contra ti, tudo isto já foi negócio arranjado, como eu ouvi do vizinho Hadler. Porém, os sujeitos viram que eu estava com coragem, montaram a cavalo e com palavras atrevidas foram para a casa do Thurow. O Jorge Born estava a pé e também saiu, e de passagem pela casa do Hadler, disse (...) que o Rheingantz (se) escondeu; eles todos pensaram que tu estava em casa. Tu faça idéia do susto que nós tivemos (...), eu mandei chamar o velho Bauer e Hadler para ficarem esta noite aqui. Agora fale com o Sr. Guimarães para ver que isto não pode seguir desta maneira. Eu com o pequeno no peito e estes homens ao pé de mim, porém eu não perdi a coragem¹⁵³.

Tua,
Maria Rheingantz

Durante o inquérito, o delegado pergunta a Jacob Rheingantz se essa era a primeira ofensa que havia recebido:

Jacob Rheingantz respondeu: “que não era a primeira, e que por várias vezes já se tinha queixado deles nesta sub-delegacia por _____ e insultos que dos mesmos tinha recebido, mas desta vez foram acompanhados pelos colonos mencionados na mesma carta os quais _____ o diretor (classificou) como turbulentos e desordeiros (...). Na casa do diretor, entraram na sala de sua residência (...), acompanhados de colonos e pelas maneiras e modos que usaram (...) tudo indica que (...) queriam fazer mal (...) (ao) diretor se o encontrassem em casa¹⁵⁴”.

Estamos em 1863, e se passaram apenas cinco anos desde a fundação da colônia. Eram pouco mais de mil os imigrantes que haviam chegado por intermédio de Rheingantz a São

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Idem.

Lourenço, e esta já é a segunda referência direta a problemas entre eles, encontrada em documentos. O fato de Maria, sua esposa, também ter sido afrontada, mesmo estando com seu filho pequeno “no peito”, parece indicar o quão inconformados estavam os colonos com a administração do diretor; por fim, o depoimento de Rheingantz, temendo agressões e afirmando que não era a primeira vez que havia sido ameaçado, complementam a hipótese de que esta era uma rixa antiga. Segundo os autores da história oficial, porém, a “Grande Revolta” foi um caso isolado.

O ano agora é 1866, e uma carta é enviada ao Presidente da Província pelo colono José Pons - um dos mais impetuosos adversários de Jacob Rheingantz; em vários documentos seu nome é citado, como sendo um dos principais “conspiradores” contra a administração do empresário; nesta missiva remetida a Homem de Melo, Pons ataca:

Os abaixo assinados colonos da Colônia de São Lourenço, nesta província, aproximam-se de V. Excia. para submeter à sabedoria de V. Excia. a seguinte petição e rogam-lhes encarecidamente, esta vez tomar reflexão a estes seus pedidos, depois já diversas vezes terem sido feito esforços baldados, para eles verem coroadas de um feliz êxito as suas queixas.

A Colônia de São Lourenço, sob direção de um tal Jacob Rheingantz sofre em geral apreensões morais e materiais de toda a sorte, que aquele diretor (!) lhe impõe desde a fundação até o dia de hoje, mas nós queremos formular as nossas queixas distintamente em verbo como segue:

1. Sendo diretor o tal Rheingantz vende ele contra a ordem do governo, e o contrato celebrado com ele, os lotes coloniais mais caro, do que lhe está permitido, e prejudica assim o crédito deste distrito e fora do império, queixando-se os colonos, que o governo não cumpre com as suas promessas feitas pelos seus agentes. V. g. vende o tal diretor lotes coloniais de mato virgem até o preço de 300\$000 réis conforme lhe fizer conta em quanto ele recusa de passar recibo em maior importância do que de 200\$000. Isto mostra ou que ele prejudica os cofres provinciais em imposto dos direitos do selo de 6% para de 200\$000 réis para cima ou que ele rouba a Fazenda Nacional aquelas quantias impostas a capital de 200\$000 para cima.

2. Segundo as ordens do governo provincial, prometeu-nos o “Diretor”, principalmente àqueles colonos que pagaram já os preços de seus lotes, de fornecer-lhes os respectivas títulos de posse, mas não obstante de já terem passado mais de dois anos, ele não fez o mínimo esforço de obter do governo provincial os questionados títulos, com quanto que nós sabemos que o governo não hesitaria de nos mandar entregar os respectivos papéis, se o “Diretor” tivesse tido o cuidado de pedi-las. Nós pedimos por causa disso humildemente à presidência de despachar ordem ao “Diretor” de nos mandar títulos de posse de nossos lotes coloniais.

3. As colônias que o “Diretor” em nome do governo nos prometeu entregar medidas e demarcadas, não o são ainda hoje, e ninguém dos colonos o possui de lotes coloniais sabe ainda as suas divisas, assim que em o curso do tempo não se poderá evitar processos sobre as divisas causadas pela negligência do “Diretor”. Pedimos por isso, V. Excia. tomar medidas enérgicas para evitar confusões sobre limites. Ao processo entre os

vizinhos, mandando um engenheiro hábil para a colônia, (que não seja “parente” do “Diretor”) que meça os lotes coloniais as custas do “Diretor” negligente.

4. Já faz anos, prometeu-nos o “Diretor” de obter do governo provincial a fundação de uma aula de primeiras (?) letras, criada e sustentada pela Fazenda nacional resp Provincial e não haverá dúvida alguma, que nós tenhamos à isto tanto direito como as outras colônias; o Diretor porém não tem tido cuidado em nada disso, assim que _____ (?) uma grande porção de meninos de ambos os sexos, sem instrução alguma. Nós pedimos por isso à V. Excia., queira ter a bondade de tomar medidas aptas para nós obtermos uma escola pública pelo menos para o sexo masculino.

5. Finalmente rogamos em nome de toda a colônia à V. Excia. queira dignar-se destituir ao tal Jacob Rheingantz do seu posto de Diretor da colônia e intermediador entre nós e o governo e meter-nos imediatamente debaixo das autoridades policiais, judiciais e administrativas assim como os cidadãos brasileiros de nosso distrito pois nos declaramos alta e francamente que a atual administração não terá outro fim se não a certa ruína de toda a colônia mais cedo ou mais tarde ¹⁵⁵.

José Pons

São Lourenço, aos 20 de Julho de 1866¹⁵⁶.

A ofensiva de Pons é feroz: queixa-se do alto preço dos lotes de terra, da não entrega dos títulos de posse, dos limites não demarcados, da falta de escolas, etc.¹⁵⁷. Tudo isto tendo como alvo, o diretor da colônia, Jacob Rheingantz. É interessante destacar o próprio modo com que Pons se refere à Rheingantz: “diretor”, entre aspas e seguido de um ponto de interrogação e de uma exclamação (?!), demonstrando extrema ironia - como se o empresário tivesse assumido tal título de maneira imprópria, indevida. Mas, alguns outros pontos também chamam atenção: no começo da carta, o colono faz referência a outros pedidos não atendidos pelo Presidente da Província, dando a impressão de que as queixas elaboradas pelos colonos contra o seu diretor, são costumeiras e bem antigas¹⁵⁸. No parágrafo seguinte afirma que estes problemas com Rheingantz ocorrem desde a fundação até o momento presente; ou seja, segundo Pons, são oito anos de crise, em oito anos de história. Por fim, chama o diretor de negligente e pede a destituição do mesmo, antes que a colônia seja arruinada, pela sua má administração. Naturalmente Pons deve ser observado como um grande adversário de Rheingantz, e como tal, dificilmente poderia elaborar uma carta minimamente não tendenciosa, sobre a administração da colônia. Se a história oficial se coloca num extremo, a

¹⁵⁵ Seguem-se cerca de 50 assinaturas.

¹⁵⁶ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo documental: Imigração e colonização. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1866.

¹⁵⁷ A própria referência à falta de um “engenheiro hábil (que não seja parente do diretor!)” é interessante de ser observada; no capítulo 3.2, vimos que este trabalho era realizado por Felipe Rheingantz.

¹⁵⁸ Isso reforça a declaração de Rheingantz no documento anterior.

carta de Pons coloca-se no outro, de modo que ambas parecem exageradas em, por um lado, enaltecer Rheingantz e, de outro, em combatê-lo. Nunca é tarde para lembrar que “documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou órgão que o escreveu” (BACELLAR, 2005, p. 63). Em um universo onde os interesses estão tão aflorados, é difícil encontrar uma leitura com um mínimo de bom senso; deixar que o documento fale por si só, neste momento, é deveras perigoso. Por isso, é necessário acrescentar a estes documentos uma leitura crítica e interpretativa, para compreender melhor os jogos de interesse por trás dos atores desta história. No entanto, o mais importante nesta carta, e nas anteriores, é perceber que a revolta não era motivada apenas por imprecisões na medição dos lotes de terra, causada por acidentes no terreno¹⁵⁹; os colonos já estão organizando suas reivindicações e suas queixas há muito mais tempo do que se supunha. E elas não são poucas. Percebe-se que se trata de um movimento organizado e interessado em entender melhor a sua nova situação dentro da colônia e do império.

As críticas, porém, não funcionavam só nesta direção; Rheingantz, também, em vários momentos toma a iniciativa para reclamar dos colonos; é o que faz, por exemplo, após receber uma cópia deste documento encabeçado por José Pons.

Ilmo. Exmo. Sr. Presidente da Província

Em cumprimento ao respeitável disparate por V. Excia. emanado na representação de alguns colonos da colônia de minha propriedade, a qual inclusa devolvo a V. Excia., cumpre-me informar o seguinte:

Aquela representação, tão disparatada na forma, quão falsa na matéria, é um documento inteiramente gracioso, e todos os colonos que o assinaram, com exceção do primeiro de nome José Pons, que é o autor da intriga, não entendem uma palavra de português, e não sabem o que assinaram, se é que assinaram, por que grande parte das assinaturas é feita por outras pessoas, como me informaram vários colonos cujos nomes ali figuram e que não assinaram, assim como não menos graciosa é a declaração dos dois indivíduos desta cidade que, reconheceram como próprias as firmas de todos os indivíduos, colonos de S. Lourenço que ali figuram e de que eles não tem o menor conhecimento ocorrendo que o respectivo tabelião declara que o reconhecimento de firmas por ele feitos, não foi em esta representação e sim numa dirigida a assembléia em negócios de Igreja de sorte que o autor da intriga aproveitou a 2^a folha daquela outra representação, na qual está o reconhecimento, para juntá-la à representação de que trata, a fim de dar-lhe um caráter mais sério, que na realidade não tem, nem pode ter.

Passo agora a responder as diversas queixas formuladas na representação, devendo porém notar V. Excia., que a pessoa que elaborou aquele parto monstruoso, parece equivocar-se singularmente sobre a mesma posição,

¹⁵⁹ Como propõe a história oficial, como sendo o motivo da revolta.

julgando-me empregado do governo, quando sou simples e puramente proprietário da colônia.

Ao 1º quesito tenho a declarar, que nenhuma ordem do governo existe nem pode existir, que me obrigue a vender os meus lotes coloniais ao preço de 200\$000 réis, dependendo de mim vender as minhas terras, segundo a qualidade e situação das mesmas, ao preço que me convier, por que sou livre proprietário delas, e não tenho a este respeito compromisso algum com o governo. Entretanto me cumpre declarar, que estabeleci preços fixos e razoáveis por meus lotes coloniais, que não são superiores aos que pede a província em suas colônias¹⁶⁰.

O governo nada tem que ver com isto, por que os colonos foram contratados por mim e não pelo governo, que nenhuma promessa lhes fez, nem teve agentes que os engajassem, visto serem engajados por agentes particulares meus. Eis a primeira falsidade.

Ao 2º quesito respondo, que não há ordem alguma do governo acerca de títulos de propriedade em minha colônia, e tão extravagante é essa acusação, que os peticionistas querem que eu lhes obtenha títulos de propriedade do governo provincial, quando as terras são minhas e o governo não pode de maneira alguma passar títulos de lotes coloniais de minha propriedade. Logo que um colono paga o imposto de suas terras, eu lhe passo escritura de venda das mesmas; aos colonos que ainda não pagaram, não posso por certo passar papel de venda, nem posso supor que o governo possa ordenar-me passar escritura de venda aos colonos, sem ter recebido o imposto dos lotes coloniais. Eis a Segunda falsidade.

Ao 3º quesito tenho a dizer, que nada prometi, nem podia prometer aos meus colonos em nome do governo, visto ser a minha colônia propriedade particular minha. Aliás é completamente falsa a alegação, que os prazos (?) coloniais não são medidos e demarcados, quando eu entrego todos eles medidos e demarcados, achando-se agora mesmo o agrimensor Otto Knüppeln (legalmente habilitado) ocupado em novas medições e demarcações. Não compreendo como o governo provincial possa mandar um engenheiro (que não seja meu parente!!) para tornar a medir aquilo que já está medido e de mais a mais à minha custa. Nova falsidade e novo disparate¹⁶¹.

O 4º quesito é ainda mais extravagante; acusam-me por que ainda não consegui o estabelecimento de uma aula pública na colônia, quando ai criei com sacrifícios 5 escolas particulares e tenho-me empenhado o mais possível com os deputados provinciais de minha amizade, para a criação de uma cadeira pública, o que agora foi conseguido a instâncias minhas pelos deputados Nascimento Barcellos e Vieira da Cunha.

No 5º quesito sobe de ponto a extravagância, por que os signatários pedem que V. Excia. me demita do posto de Diretor, como se eu fosse empregado do governo; pedem eles nada menos ao governo do que, que ele me esbulhe de minha propriedade e me faça sair da minha posse para abandoná-la aos colonos, que não querem pagar o preço de minhas terras. Disto não se responde.

Do pouco que devo dito, V. Excia. compreenderá que o documento incluso não passa de uma intriga tão mal baseada, quão disparatada, que as acusações nele contidas são inteiramente falsas.

¹⁶⁰ Rheingantz defende-se em parte, pois esquece-se de comentar a queixa de Pons sobre os recibos preenchidos com valor inferior ao correspondente.

¹⁶¹ Vale lembrar da referência de Cunha, no capítulo 3.2, ao afirmar que as medições eram realizadas pelo irmão de Jacob, Felipe Rheingantz.

A verdade é que o primeiro signatário do requerimento, um tal José Pons, tem coletado em toda a província e na corte do império, dinheiro para a edificação de uma igreja, e não tendo ele prestado conta desse dinheiro, havendo ao contrário fundadas suspeitas que ele o gaste em serviço seu particular, tenho querido render-lhe contas desse procedimento, e daí proveio o dia que me voto e que ele tem sabido explorar a custa das questões religiosas¹⁶², plantando a vilania e a desordem em minha colônia, onde antes disto sempre reinou a melhor harmonia e que atingiu um raro grau de florescimento.

Sou eu pelo contrário que à V. Excia. deva pedir providências, para que a polícia intervenha e livre a colônia deste integrante tão perigoso, que por maior desgraça agora soube arranjar com que fosse empregado como professor subvencionado, quando não fala uma palavra em português e é a causa da ruína de toda a colônia.

Deus vos guarde a V. Excia.:

Porto Alegre, 29 de janeiro de 1867

Ao Ilmo. Exmo Dr. F. I. Marcondes Homem de Mello

Digníssimo Presidente da Província

Empresário da Colônia de São Lourenço

Jacob Rheingantz¹⁶³

Em sua resposta, item por item, Rheingantz, está defendendo-se das acusações que lhe foram atribuídas, mas também está tomando uma atitude política: está tentando manter seu poder e, apesar de mostrar uma atitude de independência frente ao governo, sabe que ele é um importante aliado para suas pretensões futuras. Por outro lado, Rheingantz também tratou de atacar Pons: se na carta enviada pelo colono, é o diretor a ruína da colônia, na correspondência de Rheingantz, os papéis se invertem, sendo Pons o responsável pelos problemas. É interessante observar, também, que ambos pedem que o outro seja removido da colônia, como se essa providência solucionasse os conflitos internos. Na verdade, é impossível saber quem está certo em suas colocações; Pons parece ter um bom argumento, mas, após a leitura da carta de Rheingantz, essas reivindicações parecem perder um pouco a força, mediante as explicações do diretor. Nem todas elas, porém, foram convincentes (conforme destacamos nas notas de rodapé), o que comprova o caráter “franco-atirador” dos depoentes, na sua tentativa de convencer o Presidente da Província. “Acima de tudo, o historiador precisa entender as fontes em seus contextos, perceber que algumas imprecisões demonstram o interesse de quem as escreveu” (BACELLAR, 2005, p. 64).

O documento seguinte, enviado novamente por Rheingantz ao Presidente da Província, ainda no ano de 1867, clama pela presença de uma autoridade policial e, mais, transparece o quão caótico estava o estado da colônia.

¹⁶² Igualmente referidas no capítulo 3.2.

¹⁶³ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo documental: Imigração e colonização. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1867.

Ilmo.Exmo.Sr.

Remetido ao Sr. Dr. Chefe de Polícia para tomar na devida consideração.
Palácio do Governo em Porto Alegre, 13 de setembro de 1867.

Em cumprimento à ordem verbal que de V. Excia. recebi, passo a expor à V. Excia. quais as principais necessidades da Colônia São Lourenço, de minha propriedade, a fim de que cessem os inconvenientes que já tenho por vezes ponderado ao governo provincial e que não tem outra fonte, se não as intrigas de alguns intrusos (?) que comprando terras de outros colonos, não querem trabalhar e encabeçarão aquele movimento contra mim, iludindo os colonos e persuadindo-lhes que eu não cumpro com os deveres que me impõem o meu contrato. Entre os maus colonos da colônia acham eles facilmente partidários, tendo mais quando lisonjeiam as paixões e instigam a cobiça dos mesmos, dizendo-lhes, por exemplo, que o meu contrato com o governo me obriga a vender-lhes os lotes coloniais por 200\$000 e que eu peço 400\$000, quando nenhuma cláusula do meu contrato limita os preços que devo pedir, e eu vendo prazos de diversos tamanhos por diversos preços, como é natural.

Por esta e outras intrigas de mesmo juízo promovidos pelos principais instigantes José Pons, Jeremias Ostenberg e João Ratke, procurarão eles indispor parte dos colonos contra mim e o conseguirão com facilidade com aqueles que são desordeiros relapsos e que entendem que pedir a minha exoneração do cargo de diretor (cargo que não tenho do governo, nem posso ser exonerado de minha propriedade como empresário da colônia) era bem mais (fácil que) de saudassem as suas dívidas. Em virtude disto, começarão a fazer ajuntamentos ilícitos, procurando os citados chefes, em público e congregando as massas, incitando-as a destruírem a minha habitação e até convidando-as para me assassinar. Tenho vivido, Exmo.sr., em verdadeiro estado de sítio, com a casa fechada e guardada por bons colonos, que não comungam com aqueles turbulentos. As cartas que são a mim dirigidas são interceptadas no caminho, abertas e lidas pelos colonos sediciosos. Onde quer que eu e minha família aparecemos somos injuriados e ameaçados pelos tais sediciosos que já destruíram o meu pomar, arruinaram as minhas roças e arrasaram plantações inteiras de outros bons colonos; as marcas das medições são arrancadas, os sediciosos destroem cercados e valas. Não há mais ordem, nem respeito, nem segurança de vida e de propriedade na colônia.

Além dos tais indivíduos acima citados, (Pons, Ostenberg, e Kath, que são os que têm esmolado para a construção de uma igreja, de cujo dinheiro nunca prestarão contas) há mais três que se dedicam ao mesmo ofício de instigarem e fazem parte da direção dos sediciosos; são eles Christiano Thurow, Felipe Schneid e Carlos Reimbrecht, todos homens vadios que não são verdadeiros colonos, se não intrusos que vieram domiciliar-se na colônia sem comprarem terras minhas com exceção do Jeremias Ostenberg que me deve mais de 700\$000 reis. São esses os homens que, promovendo constantes ajuntamentos ilícitos nas numerosas (?) tabernas da colônia tem encabeçado todo o movimento, reduzindo São Lourenço à um estado de completa desordem e anarquia, que não pode continuar sem grave risco para mim, para minha família e para os colonos laboriosos e bem intencionados. Se medidas enérgicas não forem tomadas para restabelecer a ordem na colônia, ver-me hei obrigado a dizer aos meus agentes na Alemanha, que não adiantem mais dinheiro a colonos que queiram vir, por que então vejo a próxima desgraça da colônia e minha, certa e inevitável. As medidas que julgo de absoluta necessidade para se por fim a esse estado de desordem e

anarquia são as seguintes: 1º. Formar-se um distrito policial aparte, da Colônia S. Lourenço que hoje tem 1700 habitantes, como se fez em Nova Petrópolis, pelas mesmas razões e com o melhor sucesso. 2º. Nomear-se subdelegado de polícia do novo (?) distrito um oficial do corpo policial que possa ao mesmo tempo comandar o destacamento policial, e perante o qual possam os turbulentos serem obrigados a assinarem termos de bem viver e de segurança, por que a falta de uma autoridade policial é causa de estarem sem andamento os processos que tenho feito instaurar à alguns desses turbulentos, por injúrias que me _____ (?). 3º. Tomar-se providência acerca (?) da construção da Igreja Católica, cuja direção atualmente está nas mãos do pior dos turbulentos da colônia, o tal José Pons. 4º. Criar-se uma cadeira pública de ensino primário, a qual já passou (?) em segunda discussão na Assembléia Provincial, e deve ser provida de professores. Tomadas estas providências posso garantir que a ordem e o sossego serão restabelecidos na colônia e nada mais se oporá ao livre desenvolvimento e progresso da mesma.

Deus guarde a V. Excia.

Porto Alegre, 12 de setembro de 1867.

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello.
Digníssimo Presidente desta província.

J. Rheingantz

Empresário da Colônia S. Lourenço ¹⁶⁴

É de assustar a descrição de Rheingantz sobre as perseguições que vinha sofrendo: depois de ter o pomar, as roças e as plantações destruídas, passa a temer pela própria vida e da sua família. Mediante tudo isto, nada mais natural que desejasse uma autoridade policial na região para substituir o improvisado serviço de colonos inspetores. Talvez idealizasse que a chegada de alguém de fora conseguiria acalmar os ânimos e impor respeito. A leitura de documentos como este, em que o desespero de Rheingantz está evidente, mediante as ameaças dos colonos, só demonstra o quão inevitável era a eclosão de um incidente de maiores proporções; a “Grande Revolta” já estava sendo desenhada há muitos anos.

Um dos pontos mais interessantes deste documento, porém, reside no fato de o próprio Rheingantz repassar a responsabilidade das intrigas a intrusos; podemos aí, fazer uma associação a “elementos de fora”, responsabilizados pela história oficial, e pensar que a “Grande Revolta” realmente foi motivada, em grande parte, por causa destes forasteiros. Mas, há uma diferença fundamental - Jacob Rheingantz os chama de intrusos, por eles não terem chegado da maneira habitual, comprando terras suas, mas sim, de outros colonos. Enquanto isso, nos livros, não existe esta definição; os *outsiders* simplesmente são taxados desta forma como se tivessem acabado de desembarcar na colônia no dia da revolta; como se estivessem alheios a tudo, desconhecendo inclusive a magnífica relação existente entre os colonos e

¹⁶⁴ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo documental: Imigração e colonização. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1867.

Rheingantz, sem ter propósito nenhum a não ser manipular os colonos e trazer a discórdia ao “paraíso”.

Porém, a própria história oficial se volta contra Rheingantz neste momento; Vivaldo Coaracy, em seu livro, traz em anexo a “relação dos compradores de colônias (1957, p. 139 a 161)” – de 1º de Janeiro de 1859 a 30 de junho de 1893: quatro dos cinco acusados de serem “intrusos” estão na lista, o que parece indicar que eles realmente compraram terras diretamente do empresário, e não de outros colonos¹⁶⁵; além disso, eles já estão na colônia há um bom tempo, o que desmente uma possível chegada “relâmpago”, pouco tempo antes da revolta: o primeiro a chegar foi Cristiano Thurow, menos de um ano após a fundação da colônia, instalando-se na Picada São Lourenço em 01/1/1859. Os outros três eram vizinhos na Picada Boa Vista: Felipe Schneid (setembro de 1863), Carlos Reimbrecht (outubro de 1861) e o “perigoso” José Pons, que comprou um lote de 242.000 m² ao preço de 250\$000 em outubro de 1861, mais de seis anos antes da revolta¹⁶⁶.

Outro ponto alto da carta reside na afirmação de Rheingantz de que ele está sendo protegido por “bons colonos”; ou seja, ao mesmo tempo, em que ele insinua ao Presidente da Província, que está sendo questionado por um grupo de revoltosos, descontentes com sua administração, ele mostra que existem “pessoas de bem”, que estão do seu lado e que não vêem motivos para descontentamento. Parece claro que a colônia estava bastante dividida quanto aos que apoiavam e aos que contestavam o fundador. Estes colonos que não tomaram parte entre os “conspiradores” certamente não estavam se sentindo prejudicados pela administração Rheingantz, ou não se convenceram dos argumentos dos “sediciosos”. Provavelmente eram eles que serviam de inspetores, antes da chegada da força policial.

Essa divisão no núcleo colonial, evidenciada na carta de Rheingantz, entre “intrusos” e “bons colonos” é explicada por Norbert Elias (2000) em seu livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*; segundo Elias, esse comportamento é um tema humano universal e se desenvolve por meio de relações não amistosas entre o grupo majoritário, que se auto-representa como “superior” ou mais “poderoso” (Rheingantz e os “bons colonos”), e o grupo minoritário, “intruso”, despossuído de uma espécie de carisma grupal, relegado a uma condição de inferioridade. Rheingantz ao taxar pejorativamente este outro grupo de pessoas descontentes, de “intruso”, passa ao menos para o Presidente da Província, a imagem de um grupo marginal, desalinhado do restante da população. Como vimos no capítulo anterior, esta mesma

¹⁶⁵ Caso eles tivessem comprado os lotes de terra de outros colonos, provavelmente Rheingantz não teria as informações detalhadas de seus negócios como, por exemplo, o preço, o tamanho do lote e a data da aquisição.

¹⁶⁶ Se a denúncia de Pons estiver correta, sobre os recibos alterados, é possível até mesmo pôr sob suspeita os valores citados por Coaracy neste anexo.

explicação foi dada pela história oficial por ocasião da manipulação a que os “elementos estranhos” submeteram o restante da população, no episódio da “Grande Revolta”; seu alvo, porém, eram os leitores.

O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 22-23).

Ora, façamos a seguinte constatação: 1º) Pelos documentos apresentados anteriormente fica claro que a suposta relação patriarcal nunca existiu (a não ser que ela se referisse especificamente ao seio da família Rheingantz, ou, ao empresário e “meia dúzia” de “bons colonos”); 2º) Não são apenas os “intrusos” que estavam reclamando da administração Rheingantz; 3º) É mais fácil para o diretor repassar a culpa a “elementos de fora” (ou seja, para imigrantes não trazidos por ele), do que culpar aqueles que ele trouxe – assim, ele pode continuar com crédito pelos “bons colonos” que arregimentou para cultivar o progresso no país; 4º) Ao desmerecer estes colonos, Rheingantz está se precavendo de novas acusações dos queixosos. A colônia vivia uma situação delicada e cada grupo estava procurando se armar do seu jeito; tratava-se, em realidade, de um jogo político onde Rheingantz e os colonos estavam tentando adquirir um importante aliado: o poder provincial. 5º) Estes colonos (“intrusos”) devem ser analisados de acordo com seus interesses, assim como Rheingantz, e não como meros agitadores. E quais eram os interesses destes dois grupos? Sobre os colonos parece claro que pairava uma total desinformação quanto à sua situação na colônia; repassam, assim, a culpa para o diretor por se sentirem lesados, por ter sido ele quem os trouxe para a colônia, e por ser ele a maior autoridade local. Por parte de Rheingantz, seu interesse girava em torno da questão de valores monetários - vide a falta de pagamento de muitos colonos (tanto estabelecidos como outsiders) - e quanto ao fator segurança.

A acusação de complô não cessou de ser utilizada pelo poder estabelecido (...) para legitimar os expurgos e as exclusões, bem como para camuflar suas próprias falhas e seus próprios fracassos (GIRARDET, 1987, p. 49 – 50).

Poucos meses após enviar esta carta, Rheingantz tem seu pedido atendido, e finalmente entra em cena o terceiro ator desta história; aquele que é apresentado como o estopim da revolta: o Tenente Francisco de Sá Queirós. Após publicar o “fatídico” edital¹⁶⁷, que “gerou a revolta”, Sá Queirós percebe que sua força era ínfima frente à organização dos colonos. É o que ele expõe ao Presidente da Província, em carta datada de dezembro de 1867; nela, a autoridade policial, inicia seu texto referindo-se à queixa de um colono de origem portuguesa contra outro, de origem alemã. O primeiro acusa o segundo de incendiar madeiras suas. Sá Queirós chama o acusado à delegacia, mas este só obedece, quando o tenente destaca seus homens para buscá-lo...

Desculpou-se o colono e disse-me que não tinha cumprido logo o meu chamado, tinha sido devido aos conselhos que ele tem tido de seus patrícios e de diferentes brasileiros moradores no 4º distrito e do próprio juiz de paz Francisco dos Santos Abreu, que lhe tem dito, que ele não tem que me obedecer em nada, por que não sou autoridade aqui e sim um intruso trago por Jacob Rheingantz, empresário desta colônia. Então, fiz-lhe ver o engano que ele e seus patrícios estavam (cometendo), e o fiz retirar-se de sua casa. A noite, porém, houve uma reunião, em casa do colono José Pons, perto de minha residência de grande número de colonos, onde se embebedaram-se, deram muitos tiros, fizeram-me desafios e não lhes pude ser bom, nem fazer respeitarem-me, porque infelizmente não sou autoridade policial e mesmo a reunião era superior a força de meu comando, que além de ser diminuta está quase toda desarmada e apé. Pois bem Sr., meia dúzia de turbulentos embriagados não me farão recuar do cumprimento de meus deveres, por que me havia fazer respeitar ainda que me custasse a vida. Assim pois vejo-me _____, sem força suficiente, sem armamentos, sem cavalos para o serviço e sem autoridade neste lugar, porém assim mesmo não deixarei de garantir o lugar que ocupo confiado por V. Excia. e peço a V. Excia. que se digne levar (?) este destacamento a mais de trinta praças, e estas do corpo policial, porque _____ nenhuma confiança deposito nos doze praças da Guarda Nacional que aqui se acham destacados, porquanto sei que os colonos tentam darem um assalto ao quartel do destacamento, logo que aja qualquer oportunidade (?) e ontem até depois de 2 horas da madrugada estive com o destacamento pronto para repelir qualquer insulto, tendo apenas cinco praças armados.

A vista pois, do que exponho a V. Excia., e tomando em consideração o ocorrido mandará suas sábias ordens.

Deus guarde à V. Excia.

Quartel do destacamento policial do 5º. Distrito da cidade de Pelotas na Colônia de São Lourenço,
15 de Dezembro de 1867¹⁶⁸

Lá está o Tenente Sá Queirós, recém chegado a este ambiente hostil. Sua situação não é das melhores - conta com poucos homens, e não confia neles; está sem cavalos, sem armas e sem o mais

¹⁶⁷ Datado de 25 de novembro de 1867, conforme vimos no capítulo 2.

¹⁶⁸ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fonte documental: Polícia avulsa. Caixa: 72. Maço: 144. Estante DT-11. Ano: 1867.

importante: sem autoridade, como ele próprio observa – os colonos não o respeitam. Tentou publicar um edital, talvez com a intenção de intimidar os colonos, mas o resultado foi inverso - só aguçou a sua ira. Fator importantíssimo a ser destacado, também, é a data da correspondência: 15 de dezembro de 1867. Ou seja, pouco mais de uma semana depois a “paz armada” dá lugar ao confronto aberto. Sua previsão sobre a tomada do destacamento estava absolutamente correta.

Após a revolta e a fuga da Família Rheingantz para Rio Grande, o governo sente a necessidade de investigar o que está ocorrendo, e envia para a colônia o Barão von Kahlden - chefe da polícia provincial. Isto é narrado pela história oficial. O que não consta nestas páginas é que 143 colonos ingressam na justiça contra Rheingantz¹⁶⁹. Para uma população de aproximadamente 1700 pessoas, temos cerca de 8,5 % dos imigrantes apresentando queixas contra o empresário. Mas, como entraram na justiça apenas os líderes de família, esse número cresce ainda mais - visto que havia cerca de 400 famílias¹⁷⁰ - chegando a um índice superior a 35% da população. Ora, será que todas estas 600 pessoas - os 35% que apresentaram queixas - teriam sido manipuladas pelos (seis) intrusos descritos por Rheingantz? Ou seriam 600 intrusos? Ou será que suas queixas realmente têm alguma procedência?¹⁷¹

Voltemos, então, à história oficial para re-analisar as queixas quanto aos motivos da revolta; este episódio é um dos poucos momentos em que há discordâncias para a tríade – apenas um elemento é unânime aos três escritores: o Tenente Sá Queirós. Coaracy, inclusive, deposita nele a única explicação para a revolta, simplificando demasiadamente o conflito: havia os turbulentos que, se aproveitando das comemorações de natal, manipularam os ingênuos colonos, que embriagados acompanharam a massa por mera curiosidade... Costa amplia um pouco a questão, chamando atenção para um possível problema referente ao tamanho dos lotes de terra; mais tarde, afirma, porém, que “nenhum colono receberá área menor que comprara, assim como nenhuma falta atribuída ao fundador foi provada” (COSTA, 1984, p. 67). O interessante é que é, justamente, Carlos Rheingantz quem apresenta o maior número de razões para a revolta, citando, além dos fatores explanados por Costa e Coaracy, o preço dos lotes de terra e os juros cobrados pelo empresário, como os fatores da revolta. Fala, inclusive, que não foi um ato de má fé, por parte do empresário... Ora, ao que parece, Carlos Rheingantz está fazendo uma espécie de *mea culpa* em nome do pai.

¹⁶⁹ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo documental: Imigração e colonização. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1869.

¹⁷⁰ Incluem-se aí aqueles que vieram solteiros da Alemanha e ainda não haviam constituído família.

¹⁷¹ Vale lembrar que a própria revolta contou com a participação de cerca de 200 colonos; ou seja, mais de 10 % da população da colônia protestou em frente da casa de Jacob Rheingantz neste dia.

Houve entre os colonos alguns que se julgaram prejudicados na medição dos seus lotes. Se neste sentido se deram algumas irregularidades, a memória do empresário impõe-me o dever de declarar terminantemente que elas nunca lhe podem ser atribuídas como atos arbitrários ou de má fé (RHEINGANTZ, 1907, p. 15).

Parece ficar claro que, se o filho de Jacob assumiu a culpa por possíveis erros do pai, há uma grande chance de isso ser procedente; mas, para tirar maiores dúvidas citamos um termo de conciliação entre Rheingantz e o colono Carlos Neugebauer, que comprova irregularidades quanto à medição dos lotes de terra recebidos pelos colonos¹⁷²:

Termo de conciliação

Entre o empresário da Colônia de São Lourenço, Jacob Rheingantz e o colono da mesma, Carlos Neugebauer.

Aos vinte oito dias do mês de dezembro de mil oitocentos e setenta, na Colônia de São Lourenço, na casa de residência da comissão especial, sendo presentes (?) em pública audiência a convite da mesma comissão, Jacob Rheingantz, empresário, e Carlos Neugebauer, colono, da mesma colônia, foi por eles dito e declarado que se queriam conciliar na questão pendente entre os mesmos, mediante as condições que nessa ocasião ajustaram, tudo pela maneira seguinte: Carlos Neugebauer declarou que tendo comprado ao empresário Jacob Rheingantz o prazo colonial número sessenta e nove da linha de Bom Jesus por quatrocentos mil réis, ainda não pagas, com a superfície de cem mil braças quadradas se reconhecendo-se depois pela medição ter o mesmo prazo somente oitenta e três mil duzentas e quinze braças quadradas, ele colono se obrigava a pagar à vista duzentos e cinquenta mil réis pelo prazo em questão nas condições em que se acha e com esta superfície de oitenta e três mil duzentas e quinze braças quadradas e vem assim liquidar suas contas com a extinta casa comercial do empresário pagando também à vista a quantia de quatorze mil quatrocentos e quarenta réis que à mesma devia declarou logo após o empresário que, conquanto não reconhecesse justiça da parte do proponente, todavia, para concluir semelhante questão, concordava com tal proposta e perdoava-lhe os juros vencidos na forma do comércio, obrigando-se a passar-lhe o título de propriedade do referido prazo na primeira ocasião em que à colônia vier o escrivão do juiz de paz do quarto distrito do município de Pelotas, dando-lhe desde já quitação daquelas quantias neste ato recebidas. Do que, para a todo o tempo constar e não mais prevalecer qualquer reclamação, mandou a comissão lavrar este termo, que, lido, foi assinado pela mesma e pelos interessados, por acharem-no conforme. E eu, Eduardo Valentim de Magalhães, _____ (?) da comissão, o escrevi¹⁷³.

¹⁷² Este documento insere-se no contexto da “pós-revolta”, em que uma comissão especial julga as petições dos querelantes contra Rheingantz.

¹⁷³ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo documental: Imigração e colonização. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1870.

Dois pontos importantes decorrem da leitura deste documento: 1º. “Cai por terra” a afirmação de Costa de que “nenhum colono receberá área menor que comprara, assim como nenhuma falta ao fundador foi provada”. 2º. Independente da má fé ou não de Rheingantz, os colonos realmente estavam sendo lesados, de modo que havia motivos para a insatisfação quanto à administração Rheingantz.

Um ano e meio antes, ainda no exílio em Pelotas, Rheingantz explanava ao Presidente da Província, sua situação longe da colônia:

Ilmo. Exmo. Presidente da Província

Pelo mapa estatístico que ora tenho a honra de enviar à V. Excia. pertencendo ao ano de 1866, conhecerá V. Excia. qual o estado da colônia São Lourenço até então. Daí para cá, em consequência do estado de desordem em que tem chegado esse estabelecimento, e que me obrigou a retirar-me daí, sem ter podido voltar até hoje por receio dos turbulentos, como o tenho feito sentir à essa presidência, só posso informar à V. Excia. que desde (?) data do mapa junto (?) para cá, foram para essa colônia 507 colonos lavradores alemães, sendo 374 de sexo masculino e 233 feminino todos por mim introduzidos. Infelizmente não é dado, como tanto desejará e era conveniente, apresentar à V. Excia. um relatório minucioso e exato desse importante estabelecimento, e sinto profundamente, não poder cumprir na totalidade a ordem que V. Excia. se serviu dar-me em ofício de 31 de março findo.

Aproveitando este ensejo, peço à V. Excia. que se digne lançar suas vistas benéficas sobre o mau estado em que se acha essa colônia com o que não deixam de sofrer os interesses da colonização e eu me vejo muito sacrificado.

Deus guarde à V. Excia.

Jacob Rheingantz
Empresário da Colônia de São Lourenço

Pelotas, 26 de Abril de 1869 ¹⁷⁴.

Quase um ano e meio após os incidentes de dezembro de 1867, Rheingantz ainda não podia voltar para a sua colônia, temendo novas revoltas. Na história oficial, porém, não há registro sobre o tempo total de seu “exílio”; é relatado simplesmente que após a revolta, começaram as investigações, foram presos os responsáveis, e, após pesar prós e contras, vencendo o ressentimento, Rheingantz “volta”. Após isso, retoma a administração da colônia, tratando de ampliar os limites territoriais da mesma, “e tudo voltou a ser como era antes...”.

Novamente isso não pode ser afirmado. Tomemos por base o relatório anual, apresentado por Rheingantz ao Presidente da Província, referente ao ano de 1874; nele há um

¹⁷⁴ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo documental: Imigração e colonização. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1869.

rico detalhamento da vida na colônia: economia, cotidiano, população, etc. É também, nesta hora, a oportunidade do diretor fazer solicitações e denunciar os problemas enfrentados.

(...)

É para lamentar a falta aliás sensível de autoridade num centro tão populoso como este, onde as questões e conflitos se sucedem continuamente, pela certeza da impunidade nos delitos, ou quando acontece serem punidos é com tanta tardança que não produz o efeito moral que se tem em vista e de impedir a sua continuação. Existe no 5º distrito do município de Pelotas, na qual é compreendida toda esta colônia, um subdelegado e dois suplentes, dispondo apenas um pequeno destacamento, é este sem energia necessária para impedir o abuso que constantemente se dá de novos crimes, servindo unicamente acoroçar os criminosos ao desrespeito das leis.

V. Excia. facilmente compreenderá nos centros para onde afluírem os emigrantes, todos ignorando as leis do país, torna-se de necessidade absoluta a ação enérgica da autoridade na repressão do crime, para que estes não se sucedam com tanta freqüência em detrimento não só das leis do país, como da moralidade tão necessárias entre uma população laboriosa e amante do trabalho.

São estes dados que presentemente me é possível apresentar, à V. Excia. relativo ao ano p.p. de 1874. A quem Deus guarde

Jacob Rheingantz
Empresário da Colônia de São Lourenço

Colônia de São Lourenço, 2 de Janeiro de 1875 ¹⁷⁵

Neste relatório fica claro que o conflito não pode ser delimitado tendo por base a “Grande Revolta”, nem anterior, nem posteriormente; afinal, ele foi redigido mais de sete anos após o fatídico episódio, e o clima seguia o mesmo! Fica claro, assim, que a situação era muito mais complexa do que se supunha oficialmente...

O tempo passa e os problemas seguem; a questão do tamanho dos lotes de terra, tão polêmica, ganha novos horizontes após análise do relatório elaborado pelo Capitão Gustavo Cristiano Desouzar; em carta ao Presidente da Província, abrangendo o período de dezembro de 1873 a março de 1875, ele lança fortes suspeitas sobre Rheingantz. Por ser o agrimensor da região, e por ter ligações com o fundador, Carlos Otto Knüppeln também é fortemente atacado. A dupla é acusada da medição errônea de terras em favor do empresário. Para que isso não viesse à tona, Rheingantz teria subornado antigos investigadores e o próprio Desouzar.

¹⁷⁵ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo documental: Imigração e colonização. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1875.

(...) Encontrará V. Excia. mencionados esclarecimentos a respeito do reconhecimento de que venho de tratar; bem como de todos os fatos que foram precedendo dos trabalhos da comissão, e das grandes dificuldades que teve de superar este juízo para conseguir um resultado favorável, a despeito mesmo da má vontade, que o empresário Jacob Rheingantz, e José Gonçalves Moreira tem sob este juízo, por não os ter acompanhado de baixo de uma atmosfera impregnada de miasmas, que lentamente os tem corrompido, e buscar romper o véu de suas ilusões, descobrindo a verdade, para que não venham a realizar seus ambiciosos planos (...) ¹⁷⁶.

Após lançar uma primeira impressão sobre a colônia e seu fundador, Desouzart explica seus objetivos ¹⁷⁷ e segue narrando os passos de sua trajetória, em São Lourenço:

Segui para a Serra dos Tapes, e ali fiz verbalmente ciente ao dito empresário, a fim da minha comissão: ao que respondeu-me não consentir que fosse verificado o perímetro da colônia, como também a distribuição de prazos por ele feitas, visto temer que os colonos de novo se revoltassem contra sua pessoa; todavia pedia a este juízo, que prosseguisse nas discriminações das terras particulares (...)

As diferenças para mais nestas linhas aumentando também nas que lhe são correspondentes, como se depreende do desenho, trazendo um acréscimo de 190,4072 hectares para a área inscrita no perímetro, em benefício do empresário (...).

Aqui peço (...) a V. Excia. para apresentar algumas ponderações a respeito dos documentos juntos aos autos da medição, de que venho tratar, a vista das asserções que correm a respeito, e das reclamações de vários proprietários que estão em litígio com o empresário a fim de reivindicarem suas propriedades das quais tem sido _____ pelos abusos praticados por este (...).

Chamado o autor Jacob Rheingantz para apresentar documentos que bem viessem elucidar estas irregularidades (...), declarou que este juízo nada fazia em seu favor, e que dispunha de somas para ir ao Rio de Janeiro, representar ao Exmo. Ministro da Agricultura (...).

Assim definidos estas terras devolutas que vem aumentar as terras que já estão de posse do empresário (...), (disse) o empresário Jacob Rheingantz, que não lhe convinha receber pequenas frações de terras, e _____ separadas das áreas já discriminadas, por isso propunha a este juízo, não levá-las em conta deixando passar por alto, sem comunicar o governo da província; visto assim ter convencionado com o falecido juiz (...); tanto que até lhe havia dado a quantia de um conto e quinhentos mil-réis, para que ele não perdesse o trabalho.

Só um homem inconsiderado, cuja alma acha-se gangrenada pelo engano desde seus primeiros passos na sociedade podia sem rubor, descomedir-se para insidiosamente deslustrar, aquele ex-juiz, com o fim de ver, se por este meio chegava a satisfazer a sua ambição; não vacilando diante das observações feitas por este juízo, para tentar estigmatizar um nome, que pertence hoje a eternidade (...).

¹⁷⁶ Biblioteca Rio-Grandense. Coleção Rheingantz. Caixa 1. Documento 168.

¹⁷⁷ “Discriminação das terras da Colônia de São Lourenço (...). Verificar a medição do perímetro da mesma colônia, distribuição dos prazos feitos pelo respectivo empresário, e discriminar as terras particulares das devolutas”. Biblioteca Rio-Grandense. Coleção Rheingantz. Caixa 1. Documento 168.

Para provar o espírito _____ do empresário, aqui estão as continuadas representações dos colonos, e o catálogo de pleitos a que tem ele, obrigado a muitos cidadãos distintos, que possuem terras na Serra dos Tapes, a fim de reivindicarem suas propriedades, invadidas por este empresário; não precisando pois descer além.

Tentou o empresário mais um assalto neste juízo, tendo requerido que se lhe passasse certidão das medições que tem mandado fazer (...), para que este juízo mandasse passar, mesmo daquelas que não foram ainda julgadas (...) ficará V. Excia. ciente dos meios que sempre busca o empresário para transviar a verdade dos fatos.

Chegou este juízo ao conhecimento de que aquele agrimensor Carlos (Otto Knüppeln), ocultava em cada marco um certo número de metros dos que marcou a amplitude medida, buscando assim diminuir a superfície da zona que se explorava, com o fim sem dúvida de reverter em favor dos quinhões que teria ele mais tarde de traçar no terreno (...)

Para provar o procedimento abusivo a que está habituado este agrimensor em seus trabalhos (o remetente envia como prova a cópia de outra carta (...), pela qual ficará V. Excia. ciente da maneira porque o dito agrimensor tem abusado, nas medições que faz levando o escândalo a pontos de invocar a autoridade daquele juiz municipal (...).¹⁷⁸

A impressão que Desouzart lança sobre Rheingantz é extremamente pejorativa; além de levantar suspeita sobre o seu caráter, acusando-o de ser desonesto e mentiroso, para “realizar seus ambiciosos planos”, chama atenção para as tentativas de suborno e para os métodos que ele e Knüppeln utilizavam para diminuir o tamanho dos lotes; Desouzart contribui, também, na medida em que afirma que Rheingantz está com medo de uma nova rebelião por parte dos colonos – certamente o trauma da “Grande Revolta” ainda era muito recente. Por fim, escrito a lápis (no mesmo documento), duas significativas frases pairam no ar:

“Desaforos do Desouzart”:

“Papéis relativos a negócios coloniais que não convém destruir.”

O que se depreende daí: 1º. Naturalmente que estas sentenças não foram escritas por Desouzart – ou seja, elas são posteriores ao envio da missiva ao Presidente da Província. 2º. Como este documento se encontrava na Coleção Rheingantz, provavelmente ele foi repassado de Porto Alegre para a Colônia de São Lourenço, talvez exigindo alguma explicação do diretor¹⁷⁹. 3º. Parece-nos claro que foi alguém da família Rheingantz, talvez Jacob (ou o próprio Carlos Guilherme), que escreveu este “apêndice” no documento, visto a indignação

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ O que nada mais era do que o procedimento padrão para este tipo de ocorrência.

com tais “desaforos”. 4º. Não era conveniente que este papel fosse destruído, por isto ele sobreviveu; mas, algum outro documento certamente convinha ser eliminado, e, foi. Conclusão: os próprios documentos da Coleção Rheingantz foram selecionados para preservar a memória do fundador. Assim, aquele pesquisador que entrasse em contato com este acervo, e se interessasse pelos grandes feitos do fundador, teria pouco material que contradissesse os escritos da história oficial; provavelmente só sobreviveram os documentos de extrema relevância¹⁸⁰, e aqueles que se localizaram em outros arquivos do Estado. Ainda assim, este acervo é extremamente valioso para o estudo da colônia, e ocasionalmente, se encontra um documento que vai na contramão do senso comum; é o caso desta carta enviada por Carlos Rheingantz, ao Jornal do Comércio, em 1876 - o primogênito de Jacob está respondendo acusações, contra seu pai, publicadas por este mesmo jornal, três semanas antes:

Tendo chegado ao meu conhecimento que no Jornal do Comércio de Pelotas de 19 de março ____ (?) apareceu um violento artigo contra o meu pai, o empresário da Colônia de São Lourenço, procurei tomar conhecimento do mesmo e cumpre-me responder o seguinte:

A arbitrariedade de que se fala não é senão um direito facultado pela condição 11ª do contrato com o governo Imperial que diz: “fica lícito ao empresário abrir através das terras devolutas consignas ao terreno demarcado, vias de comunicação para qualquer parte que lhe pareça conveniente, e bem assim através de sesmarias e terrenos particulares, sujeitando-se a qualquer indenização a que tiverem direitos esses proprietários”.

Independente disso o Sr. Jacob Rheingantz pediu e obteve há 9 meses licença do respectivo proprietário. Enquanto as ameaças, que segundo o artigo foram pelo empresário dirigidas ao seu delegado, sucedeu o contrário e a meu ver não parte o tal artigo senão desta autoridade, que não encontrou no empresário aquilo que talvez dele esperava.

Está assim combatida a primeira acusação, enquanto as outras a respeito do incêndio do rancho de J. Bernardino Soares e dos deveres dos estrangeiros, tratam-se de colonos, são demais ridículos para que eu me preste a explicar qualquer coisa.

Afinal devo declarar, que muito estranho o “Jornal do Comércio” franquear (?) suas colunas para receber tão injuriosas acusações contra uma pessoa, que pelo menos serviços prestados a sua 2ª pátria merecia mais consideração.

Rio Grande, 6 de abril de 1876

Carlos G. Rheingantz

Carlos G. Rheingantz ao Sr. redator de mandar ainda hoje inserir o artigo acima entre ‘A pedidos’ e de chamar sobre ele a atenção.¹⁸¹

¹⁸⁰ Documentos de valor histórico (sem acusações e protestos), papéis que comprovassem a idoneidade do empresário (recibos, doações, boas ações) ou, contas que remetessem a débitos dos colonos.

¹⁸¹ Biblioteca Rio-Grandense. Coleção Rheingantz. Caixa 1. Documento 171.

Esta carta, enviada ao Jornal do Comércio, só comprova que Carlos Rheingantz já fazia a defesa do seu pai, trinta anos antes de publicar seu livro. As denúncias seguem a mesma linha das anteriores, em torno das questões fundiárias, mas ganham relevo com a acusação do incêndio em um rancho. O interessante é que Carlos combate a primeira arbitrariedade, citando contratos e elaborando justificativas, mas ao mencionar esse suposto incêndio, limita-se a diminuir os colonos que levantaram estas suspeitas, chamando-os de “ridículos”, sem apresentar qualquer outro argumento. Por serem colonos, são ridículos, logo, não merecem atenção. Nada surpreendente, afinal em seu livro (p. 16), os designa como “ignorantes”... Este linguajar depreciativo demonstra o modo como estes colonos eram vistos pelo primogênito de Jacob.

Carlos Rheingantz está se defendendo da seguinte manchete, publicada no Jornal do Comércio, de 19 de março de 1876:

Noticiário:

Pedem-nos a publicação das seguintes linhas, para as quais chamamos atenção das autoridades competentes:

A Colônia S. Lourenço continua a dar demonstrações de quanto sofre com a falta tão sensível de força pública, pois dispõe de dois policiais.

O Sr. Rheingantz, visando apenas às próprias conveniências, não trepida em lançar mão da força armada, para invadir a propriedade alheia, chegando até a afrontar a própria autoridade, cujo respeito e segurança individual não encontra desagravo, tendo, como tem apenas dois homens para sua garantia. Há pouco tempo o Sr. Rheingantz, supondo-se rei absoluto, manda abrir uma picada em terreno de propriedade do Sr. Simão Soares, de quem é procurador seu genro o Sr. José Bernardino Soares, que dirigindo-se ao zeloso sub-delegado de polícia Sr. Joaquim Xavier de Carvalho, participou o ocorrido e obteve ordem para proceder novamente a tapagem da dita picada, o que foi feito.

No dia 12 do mês de passado, porém, por ordem do Sr. Rheingantz, 24 alemães armados e bastante ébrios, depois de novamente abrirem a dita picada, dirigiram-se a casa do Sr. José Bernardino Soares, a tomar-lhe satisfações acerca do seu procedimento, em relação a ter fechado a picada em questão, e o Sr. Soares comunicou-lhes que havia assim procedido autorizado pelo Sr. sub-delegado, a quem se queixara.

Então, os 24 alemães, sempre armados, acompanhados pelo Sr. Soares, tiveram a coragem de dirigirem-se àquela autoridade e, segundo consta, chegaram a ameaçá-la.

A ser isto exato, é o maior escândalo que se pode dar, muito mais partindo ele de estrangeiros que tem por dever restrito respeitar nossas leis.

Informam-me que o Sr. sub-delegado de polícia fizera auto de corpo de delito nos estragos causados na abertura da picada e prossegue nas mais providencias no sentido de responsabilizar os autores do abuso.

(Há) Ainda mais.

Ao amanhecer de 7 do corrente achando-se ausente o Sr. José Bernardino Soares, foi a sua casa incendiada perdendo-se tudo ou quase tudo que nela existia.

Será este lamentável desastre filho da casualidade (!) ou da vingança vil e mesquinha.

É o que não se pode garantir, por falta de provas. Contudo, a publica opinião, errônea ou não errônea, julga já o incêndio como um crime e aponta o nome de seu autor ou mandatário. O passado quase sempre é a garantia do presente.

Escrevendo estas linhas, tive por fim fazer conhecer ao amigo redator do jornal a triste situação de S. Lourenço, e pedir-lhe para levá-la ao conhecimento das autoridades superiores da província ¹⁸².

Como a carta não foi assinada, nem há uma menção no jornal sobre seu autor, ou sua origem, podemos levantar algumas hipóteses: seu autor, provavelmente, não é alemão; ao afirmar que os “estrangeiros (...) tem por dever restrito respeitar nossas leis”, este escritor se acusa como um não-estrangeiro; logo, ele deve ser um brasileiro, provavelmente de descendência lusitana. Ora, os sobrenomes dos envolvidos na trama - José Bernardino Soares, Simão Soares e o próprio sub-delegado Joaquim Xavier de Carvalho (a quem Carlos Rheingantz, aponta como o autor da carta) - tem igualmente origem portuguesa. Ou seja, Rheingantz não estava tendo problemas apenas com os imigrantes alemães que trouxe para sua colônia; os luso-brasileiros, que “entraram” em seu caminho também tiveram rixas com ele e se mostravam insatisfeitos com seus métodos administrativos. Além disso, esta carta publicada no “Jornal do Comércio” acusa Rheingantz de intimidar e atacar a família Soares, com seus “24 alemães ébrios”. Trata-se de uma mudança na estratégia do próprio Rheingantz; pois, até então, ao menos no que se deduz das cartas citadas neste capítulo, o fundador sempre assumia uma postura defensiva, “acuada”, ante a ameaça dos colonos. O que não mudou, no entanto, é a imagem que os “correspondentes” fazem de Rheingantz; desta vez, o irônico remetente o classifica como “rei absoluto”; de certo modo, não deixa de ser uma imagem semelhante ao “patriarca” de Coaracy. Afinal, na teoria do direito divino dos reis (absolutistas), o monarca é o pai do povo...

Pode-se dizer que a colônia estabeleceu uma série de normas próprias, concomitantes às leis imperiais e/ou provinciais, estabelecidas para as características peculiares deste “povoado”. Neste mundo paralelo, particular, Jacob Rheingantz surge como o diretor deste “universo”, ou seja, como o poder estabelecido deste local. Quando surge a crise, e sua autoridade é contestada, ele tem que procurar alguém acima, mais poderoso que ele, ou seja, o Presidente da Província; é através de diversas reclamações suas, quanto a problemas

¹⁸² Jornal do Comércio. Pelotas. Ano: VII. 19 de março de 1876, p. 2.

referentes à segurança na colônia, que Rheingantz consegue a vinda do Tenente Sá Queirós. Talvez tenha imaginado que, desta forma, resolveria a questão; que a chegada de alguém de fora conseguiria acalmar os ânimos e impor respeito... Ledo engano! A situação só piorou e o próprio Sá Queirós sentiu que sua autoridade era ínfima frente à revolta dos colonos. Quando previu o pior, a quem procurou se não o mesmo Presidente da Província? Esta mesma estratégia foi igualmente utilizada pelos colonos; espertamente, procuraram denunciar os prejuízos que sentiam estar sofrendo. Quem sabe não idealizassem que o afastamento de Rheingantz, do posto de diretor, não resolveria seus problemas?

Quanto à Grande Revolta, ela só foi a extrapolação de uma situação que já vinha se tornando insuportável desde a chegada dos primeiros colonos: propagandas enganosas feita na Europa, promessas que não foram cumpridas, falta de esclarecimento sobre o funcionamento da colônia e de sua própria condição jurídica no Brasil... Some-se a isto, a imagem tirânica com que Rheingantz parece ser visto, e os colonos passam a ter um inimigo real em quem descontar suas frustrações; afinal, foi ele quem os trouxe para esta situação. Acreditamos que, mediante tudo isso, uma revolta era inevitável.

Capítulo 5 *O mito hoje*

Há exatamente um século teve início o culto à personalidade de Jacob Rheingantz; neste processo de heroificação foram privilegiados os momentos que evidenciassem as virtudes e os grandes feitos do “fundador” da Colônia de São Lourenço, em contrapartida aos momentos mais questionáveis de sua vida. Mas, a história oficial foi bem sucedida ao repassar a sua representação deste homem à população local, ou ainda hoje prevalecem as lembranças de um passado traumático, onde Rheingantz é associado à exploração dos colonos? Aprofundando estas questões e alterando o público alvo, como Rheingantz é observado por pesquisadores locais? Da mesma maneira que a maioria da população, alheia ao assunto, do mesmo modo que a história oficial, ou por uma terceira via, original e diferente das anteriores? Estas questões serão analisadas ao longo do quinto capítulo, respectivamente em 5.1 – que também observará a representação de Rheingantz no novo livro de Jairo Scholl Costa - e 5.2 – que simultaneamente abordará o sesquicentenário de colonização alemã em São Lourenço do Sul.

5.1 *A memória pública e o pescador de arenques*

“Esta é a vaca, tem-se que ordenhá-la todas as manhãs para que produza o leite e o leite é preciso ferver para misturá-lo com o café e fazer café com leite” (MÁRQUEZ, 2000, p. 51). Essa (cômica) frase sintetiza o que precisaram fazer os habitantes de Macondo, fictício povoado criado por Gabriel Garcia Márquez, em *Cem anos de solidão*, para lembrar o nome e a função das coisas ao seu redor. E tudo começou com uma crise de insônia que se espalhou por todo o povoado, levando seus habitantes ao completo esquecimento...

O próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos. Assim, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos (SILVA E SILVA, 2005, p. 276).

Esse mesmo esquecimento, que quase levou os habitantes de Macondo à loucura, muitas vezes também acomete os roteiristas e os atores da história. Como vimos, ao longo deste trabalho, muitos fatos “não-interessantes” foram apagados e esquecidos da história de São Lourenço do Sul, especialmente sobre seu período “colonial”. Geralmente estas lembranças que são ocultadas, estão ligadas a eventos traumáticos, o que explica o desejo de algumas testemunhas oculares silenciarem sobre o passado. Assim, apesar de muitas vezes o esquecimento ser voluntário, são fatores diferentes que levam estes dois grupos à negação da lembrança: os atores silenciam por culpa, vergonha ou medo; os roteiristas, por interesse.

Funes, o memorioso, conto do escritor argentino Jorge Luiz Borges, ao contrário de *Cem anos de solidão*, aborda exatamente o oposto: uma memória prodigiosa, livre do esquecimento. Funes, personagem que apresenta este dom, não só é capaz de lembrar de todos os detalhes de sua vida, como também de tudo aquilo que aprendia. Contudo, apesar de ser uma verdadeira enciclopédia ambulante, Funes não conseguia elaborar minimamente os seus conhecimentos, pois havia se tornado refém de suas lembranças.

Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos (BORGES, 1979, p. 484).

Segundo Kalina e Maciel Silva, Jorge Luis Borges “explora a possibilidade de um indivíduo que nunca se esquece de nada, e de como isso o faria perder a própria capacidade de pensar, visto que esta se baseia na seleção e associação de memórias” (SILVA E SILVA, 2005, p. 277). Naturalmente, que não há (nem nunca houve) um Funes em São Lourenço ou em qualquer outra parte do mundo; no entanto, a contribuição simbólica do personagem fictício de Borges é extremamente grande para a história: vivemos em uma era globalizada, onde há um excesso de (des)informação, e, ao contrário de Funes, ao invés de convivermos com a perpétua lembrança, sofremos com o esquecimento; e, frente às incertezas do presente, nos voltamos para o passado:

Oposto à imagem de um presente sentido e descrito como um momento de tristeza e de decadência, ergue-se o absoluto de um passado de plenitude e de luz. Resultado quase inevitável: cristalizando ao seu redor todos os

impulsos, todos os poderes do sonho, a representação do “tempo de antes” tornou-se mito. E mito no sentido mais completo do termo: ao mesmo tempo ficção, sistema de explicação e mensagem mobilizadora (GIRARDET, 1987, p. 98).

Esta obsessão pelo passado, frente ao excesso de informações do presente (sentido como descontínuo e fragmentado), oprime e confunde. Logo, na medida em que cresce a importância do passado, também aumenta a valorização da história, pois vulgarmente ainda existe a idéia de que o “tempo de antes” é caracterizado por certezas e verdades absolutas.

Em 2008, São Lourenço do Sul terá uma grande oportunidade de voltar ao seu passado, através do sesquicentenário de colonização alemã; Rheingantz é um personagem privilegiado neste contexto, pois é um dos poucos nomes que vive tanto no passado, de 150 anos atrás, quanto no presente. Rheingantz não é Funes, “o memorioso”, mas, o fundador da colônia acabou se tornando tão lendário e ficcional quanto o personagem criado por Borges. Igualmente, São Lourenço não é Macondo, do contrário ninguém conheceria Rheingantz... Bom, na verdade, esta é uma hipótese que ainda deve ser comprovada; afinal, sabemos que houve uma tentativa de construção mitológica em torno de Rheingantz, mas, ainda não sabemos se ela foi bem sucedida.

Inicialmente, este capítulo se propõe descobrir justamente isto: Rheingantz foi aceito como o grande herói do município? Ou, as lembranças do passado e dos conflitos ainda são tão fortes em São Lourenço, que mesmo após 100 anos de massiva propaganda, Rheingantz ainda é visto com desconfiança?

Ainda que quase sempre acreditem que “o tempo trabalha a seu favor” e que “o esquecimento e o perdão se instalam com o tempo”, os dominantes freqüentemente são levados a reconhecer, demasiado tarde e com pesar, que o intervalo pode contribuir para reforçar a amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados, que se exprimem então com os gritos da contraviolência (POLLAK, 1989, p.9).

Apesar de Michael Pollak, neste momento, referir-se à memória de forma polarizada - entre dominantes e dominados - é importante observarmos que existe uma multiplicidade de memórias em disputa; o próprio Pollak coloca isso, quando destaca, “a existência, numa sociedade, de memórias coletivas tão numerosas quanto as unidades que compõe a sociedade” (POLLAK, 1989, p. 12). Verena Alberti complementa este raciocínio afirmando que “o

reconhecimento da diversidade constitui, portanto, a melhor alternativa para evitarmos a polaridade simplificadora entre ‘memória oficial’ e ‘memória dominada’ e realizarmos uma análise mais rica dos testemunhos obtidos em nossa pesquisa” (ALBERTI, 2005, p. 168). A partir da teoria de Robert Frank, ela sugere uma classificação da memória em quatro tipos:

Robert Frank (...), propôs uma classificação em quatro tipos, que vai desde a memória oficial da nação, passando pela memória dos grupos (dos atores, dos partidos, das associações, dos militantes de uma causa, etc.) e pela memória erudita (dos historiadores), até a memória pública ou difusa (ALBERTI, 2005, p. 167).

Ao longo deste trabalho observamos, através do discurso da história oficial, o modo como foi construída a história e a memória em torno de Rheingantz; “apesar de haver uma distinção entre memória e história, elas são inseparáveis, pois se a história é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória” (SILVA E SILVA, 2005, p. 276). Assim, é inegável a importância da história, na constituição da memória coletiva¹⁸³. Logo, a imagem que as pessoas têm de Rheingantz deve ser a melhor possível, afinal, a história contada sobre ele, até agora, só elogiou. Acontece que a memória histórica da população não se forma apenas através do conhecimento adquirido pelos livros e na sala de aula; mas, também, em casa e na rua, por meio da socialização com parentes e amigos. Pode surgir aí, entre estes dois campos de aprendizagem, uma interessante contradição, que pode desmentir esta premissa inicial:

Em todas as nações, ou quase todas, superpõem-se ou confrontam-se várias histórias. (Muitas vezes a história) (...) ensinada na escola difere sensivelmente da que é contada em casa (...). A memória coletiva e a história oficial enfrentam-se assim numa verdadeira prova de força que testemunha, sem dúvida melhor do que o trabalho dos historiadores, os problemas suscitados pela História (FERRO, 1983, p. 12).

Existe, assim, a possibilidade das versões simplesmente se contradizerem; por isso, é interessante saber se o povo simplesmente aceitou, sem questionar, o que lhe foi repassado por meio destes livros, ou, se ficou guardado na lembrança, um outro lado que não “bate” com o que foi escrito de modo tão “belo”. É a partir da recuperação das lembranças destas pessoas, não comprometidas com causas particulares, que tencionamos descobrir a representação

¹⁸³ “Memória coletiva: lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo” (SILVA E SILVA, 2005, p. 276).

pública de Rheingantz. Os entrevistados compartilham a mesma visão da história oficial, ou, discordam dela?

Para tentar solucionar esta questão, vinte pessoas foram escolhidas para responderem um pequeno formulário de três perguntas (as duas primeiras objetivas, e a terceira dissertativa); estas entrevistas escritas têm três objetivos¹⁸⁴: 1º. Saber se o entrevistado já havia ouvido falar de Jacob Rheingantz. 2º. Descobrir qual a imagem que as pessoas têm dele - imagem positiva, negativa ou um meio termo, com valores positivos e negativos. 3º. Analisar as justificativas dadas pelos depoentes sobre a visão que têm de Rheingantz, para, observar as diferentes opiniões sobre este personagem.

As entrevistas começaram a circular pela cidade, entre janeiro de 2006 e novembro de 2007. Os vinte entrevistados foram escolhidos, ao acaso, sem distinção de etnia, credo, escolaridade ou idade¹⁸⁵. Houve apenas dois pré-requisitos: deveriam ser 10 moradores da cidade (5 homens e 5 mulheres) e 10 do interior (5 homens e 5 mulheres); assim, como 10 homens (5 da cidade e 5 do interior) e 10 mulheres (5 da cidade e 5 do interior). Esta etapa da pesquisa é, ao mesmo tempo, quantitativa (pois, leva em conta os resultados percentuais), e qualitativa (visto que, as manifestações escritas também têm uma enorme importância). Acharmos adequado dividir os resultados de três maneiras: 1º) Na sua totalidade (ou seja, sem maiores diferenciações); 2º) Através de diferenças geográficas; 3º) Através de diferenciações de sexo. Existe diferença no modo como as pessoas da cidade e do interior vêem Rheingantz? E, entre homens e mulheres, a representação é a mesma?

A resposta para a primeira pergunta não necessita diferenciação nenhuma, pois todos os vinte entrevistados (100%) já haviam ouvido falar em Jacob Rheingantz. Ou seja, pelo menos no quesito “divulgação” a história oficial foi extremamente bem sucedida¹⁸⁶. A segunda questão, no entanto, referente à imagem que as pessoas tinham de Rheingantz, já foi um pouco mais dividida:

55 % têm uma imagem positiva (11 pessoas).

40% o vêem com valores positivos e negativos (8 pessoas).

E apenas,

¹⁸⁴ O formulário que serviu de modelo para a entrevista se encontra nos anexos, assim como todas as manifestações dos depoentes.

¹⁸⁵ A idade, por exemplo, variou de 20 a 65 anos.

¹⁸⁶ Realmente, São Lourenço do Sul não é Macondo.

5 % têm uma imagem negativa de Rheingantz (1 pessoa).

Percebe-se, assim, que a grande maioria dos depoentes tem uma imagem positiva do fundador, enquanto apenas uma pessoa demonstrou ter uma lembrança negativa dele. Claro que não podemos generalizar, e considerar que esta pesquisa reflete a opinião das cerca de 45.000 pessoas que moram em São Lourenço do Sul, mas acreditamos que seja algo aproximado da diversidade de opiniões que existem sobre Jacob Rheingantz. O fato de não existir uma maior diferenciação, tomando em consideração as diferenças geográficas (Tabela I) e de gênero (Tabela II), também parece contribuir para comprovar esta hipótese.

Tabela I: Diferenças geográficas

	Imagem positiva	Meio termo	Imagem negativa
Interior	50%	50%	0%
Cidade	60%	30%	10%

Tabela II: Diferenças de gênero:

	Imagem positiva	Meio termo	Imagem negativa
Homens	60%	40%	0%
Mulheres	50%	40%	10%

Não resta dúvida, então, que a construção mitológica desenvolvida pela história oficial foi extremamente bem sucedida; primeiro, porque todos os depoentes já haviam ouvido falar de Jacob Rheingantz; segundo, pois a grande maioria tinha uma imagem positiva dele. Terceiro, porque os argumentos utilizados por estes depoentes são quase os mesmos utilizados pela história oficial, na sua tarefa de exaltar Rheingantz. Dentre outras qualidades, os entrevistados destacaram seu empreendedorismo, seu espírito de aventura, seu humanismo e, principalmente, o fato de ele ter sido o fundador da colônia.

A memória coletiva fundamenta a própria identidade do grupo ou comunidade, mas normalmente tende a se apegar a um acontecimento considerado fundador, simplificando todo o restante do passado (SILVA E SILVA, 2005, p. 276).

Ou seja, cristalizaram-se na memória da maioria da população as lembranças relativas aos seus magníficos feitos; e, mesmo quando, por exemplo, é citado algum aspecto negativo, ainda prevalece a imagem positiva; é o caso da professora aposentada Clara Klumb, moradora do 6º. Distrito, que ao justificar sua indicação, afirma:

A imagem que tenho é positiva, reconheço que os valores negativos são mínimos. Ele era aventureiro, pois tinha vontade de conhecer o mundo, o que fez, mas para isso teve que trabalhar muito em diversas atividades. Mas, era também empreendedor e muito humano nas suas atividades. Deixou sua vida confortável e estável para consolidar seu projeto de colonização em região árida, mas de solos férteis (Clara Klumb).

Além disso, por duas vezes, os depoentes deste primeiro grupo¹⁸⁷, chamaram atenção para o fato de que Rheingantz é o nome de uma rua; é o caso de Orli da Rosa Rodrigues:

Como não possuo origem alemã, não conheço sua história. Porém, seu nome acabou virando nome de rua, e eu desconheço alguém com imagem negativa que tenha conseguido tal façanha (Orli da Rosa Rodrigues).

Ou seja, além da produção dos discursos oficiais, não se pode desconsiderar a importância do poder estabelecido em lembrar seus heróis, através das mais diversas homenagens.

O grupo de oito pessoas que escolheu o “meio termo” como alternativa, em geral, procurou destacar os dois lados: os bons e os maus momentos de Rheingantz. Assim, foi comum ver a referência à fundação ou à colonização (como fato positivo) e a exploração dos colonos (como aspecto negativo), andando lado a lado. Em comparação com o grupo anterior, as respostas revelaram-se um pouco maiores e mais críticas. O interessante, é que alguns depoentes chamaram atenção para as lembranças de seus antepassados, ao justificar a parte negativa de sua resposta¹⁸⁸; foi o caso de Jorge Luiz Schneider, que além de lembrar dos relatos de sua avó, também observa uma notada contradição, tão destacada ao longo deste trabalho.

¹⁸⁷ Os 55% que têm uma imagem positiva de Rheingantz.

¹⁸⁸ O que comprova a teoria de Marc Ferro, anteriormente citada, sobre o confronto entre a história oficial e a memória coletiva.

Ele teve seus méritos, pois iniciou a colonização, mas de negativo, ele explorou muito os colonos. As lembranças da minha avó sempre chamaram atenção para esta exploração, que não “bate” com o que foi escrito nos livros de História (Jorge Luiz Schneider).

Ou seja, há a percepção de que existe algo “errado” nesta história. É inegável que Rheingantz teve seus méritos; isso é inquestionável. Mas, onde está relatada a exploração dos colonos, tão manifestada em documentos e até mesmo nestas entrevistas? Afinal, 25% dos depoentes, independente do modo como vêem Rheingantz, mencionam diretamente esta suposta exploração.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade (POLLAK, 1989, p. 5).

Houve também, neste grupo, quem chamasse atenção para Oliveira Guimarães; foi o caso de Dóris Helena Halfen Freitas:

Sou professora da 3ª. Série e por muito tempo estudamos este personagem como único e incontestável herói da colonização de São Lourenço. Hoje já compreendo que nenhum fato histórico ocorre por obra e graça de um único homem. José Antônio de Oliveira Guimarães financiando a vinda dos colonos e organizando os lotes e o mínimo de estrutura, foi peça fundamental no sucesso da colonização alemã em nosso município. É primordial a pesquisa sobre esse assunto tão rico (e) fundamental para nossa história, para que se desmistifique o homem e permaneçam suas realizações (Dóris Helena Halfen Freitas).

O argumento crítico de Dóris é bastante interessante; além de mencionar a contribuição de Guimarães, ela sugere “que se desmistifique o homem e permaneçam suas realizações”. O que Dóris sugere, na verdade, é justamente o objetivo deste trabalho. É preciso observar Rheingantz enquanto ser humano, responsável pela administração de um negócio, que teve seus méritos e suas dificuldades, e, não como o Super-Homem, desbravador e bondoso, pintado pela história oficial. Além disso, é necessário que exista uma percepção

crítica sobre o modo como ele foi utilizado de maneira estratégica para camuflar os problemas do presente.

Por fim, falta o grupo de pessoas que posicionou-se de maneira mais crítica com relação a Rheingantz; ou seja, restou-nos observar o depoimento de Jussara Pedrollo, a única pessoa que manifestou ter uma imagem negativa do fundador;

Para a maioria da população local, Jacob Rheingantz ainda é tido como herói. Atualmente, sua imagem começa a ser desmistificada e a história oficial parece começar a ser recontada, com evidência no vulto de Guimarães. A imagem de Rheingantz está estreitamente associada à exploração de colonos imigrantes que “vieram fazer a América” e aqui encontraram já nos seus primeiros dias na terra a desilusão e o fim dos seus sonhos. O historiador Jairo Scholl Costa é um dos responsáveis pela “recuperação” da história local, que a meu ver, deve ser recontada, resgatada (Jussara Pedrollo).

Há no discurso de Jussara, a percepção sobre o modo heróico como as pessoas vêem Rheingantz, há o destaque a Guimarães e há a referência ao resgate da história, através de Jairo Scholl Costa. A visão de Jussara está correta, especialmente quando chama a atenção sobre a recuperação da história local por meio de Costa. Apesar deste escritor ter enaltecido Rheingantz em sua primeira experiência historiográfica, ao longo dos anos, ele mudou bastante sua concepção sobre o fundador: de 1984, quando escreveu as *Origens históricas do município*, no livro que comemorou o centenário de emancipação política, até 2007, vinte e três anos se passaram e mais dois livros seus foram publicados: *Navegadores da Lagoa dos Patos* e *O Pescador de Arenques*¹⁸⁹. O primeiro, de 1999, estuda a saga náutica de São Lourenço do Sul, e o segundo, lançado em outubro de 2007, narra a história fictícia de Peter Kampke, um pescador pomerano que emigra para São Lourenço, na década de 1870. Costa passa da exaltação (em 1984), à “neutralidade” (eximindo-se de maiores louvações ao

¹⁸⁹ “O Pescador de Arenques” tem uma proposta um pouco mais ampla do que narrar apenas a história da Colônia de São Lourenço; Jairo Scholl Costa, constrói a trama a partir de uma família de pescadores pomeranos, em meio à transição da estrutura feudal para a capitalista; Peter Kampke, o último membro deste clã, após se mudar para a Renânia e lutar na guerra franco-prussiana, emigra para o Brasil, mais precisamente para o porto de São Lourenço. Ao longo do livro, ele conhece Rheingantz e a colônia, que já havia sido fundada há cerca de 15 anos. Rheingantz, ou colonos falando sobre ele, aparecem apenas em alguns momentos, mas, são essas aparições que mais importam para este trabalho.

fundador da colônia – em 1999) e finalmente alcança um “ar” um pouco mais crítico (em 2007)¹⁹⁰.

Algumas passagens marcantes deste romance histórico são dignas de nota, pois evidenciam esta sua mudança de posicionamento; Costa, por exemplo, já não considera a “Grande Revolta” como um episódio isolado, gerado por “elementos estranhos”. Pelo contrário, ele aponta fatos anteriores e, também, questionamentos posteriores ao trabalho realizado por Jacob Rheingantz. Harold Schmidt, um dos personagens do livro, exportador e dono de uma casa comercial, explica o episódio da revolta ao protagonista da trama:

Houve um pequeno episódio a lamentar nesta colônia e não foi pelas causas da natureza, mas dos homens. Por pouco que o empreendimento não pereceu. Nem todos os colonos pomeranos apreciam Rheingantz. Em passado não distante, houve muitas reclamações contra ele por parte dos imigrantes. Diziam ter se tornado servos do administrador (...). Houve queixas perante a Câmara Provincial Regional em Pelotas e, também, junto ao próprio Governo Provincial. Havia uma lista com mais de 150 colonos insatisfeitos, que chegaram a reclamar diretamente ao Governo prussiano (...) (COSTA, 2007, p. 247-248).

Schmidt, em seguida, cita o jornal “Allgemeine Auswanderungzeitung”, de 24 de agosto de 1865, onde estão publicadas algumas queixas dos colonos¹⁹¹:

Havia reclamos da venda de terras com diferenças arbitrárias, medições incorretas de lotes coloniais que geravam atritos e alojamentos insuficientes, impedimento de que os colonos negociassem diretamente sua produção, ficando a cargo do administrador a intermediação, cobrança de juros no atraso de parcelas e mais uma série de reclamações (...). O resultado disto foi um motim dos colonos no natal de 1867, que obrigou Rheingantz e a família refugiarem-se aqui no porto e, depois, irem para o Rio Grande (...). Porém, a intervenção do Barão de Kahlden pacificou a colônia. Houve prisões. Mas, o Barão ouviu os colonos e, desentendimentos desfeitos, Rheingantz voltou (...). Atualmente, reina a prosperidade, embora, ainda persistam nos corações de alguns o rancor e a desconfiança em relação ao administrador (COSTA, 2007, p. 248).

¹⁹⁰ Costa alterou bastante a sua representação sobre Rheingantz, mas não abandonou completamente o tom laudatório que rege o seu discurso; especialmente em homenagem aos pomeranos e à natureza.

¹⁹¹ Estas queixas já foram citadas no capítulo 3.2, a partir de Jorge Luiz da Cunha.

O assunto não se esgota por aí e, ao longo do livro, são acrescentados novos momentos que evidenciam os problemas entre o administrador e os colonos; isto se deve, muito em função das características do personagem principal. Peter Kampke, imigrante pomerano, é extremamente contrário à exploração do homem pelo homem, e como muitos colonos estão se sentindo explorados por Rheingantz, nada mais justo que ele se identifique com esta causa. Como ele é um recém chegado, e muitos capítulos desta trama já ocorreram, ele e os leitores ficam sabendo destes eventos por outras pessoas; ocorre que muitos destes informantes estão, ou estiveram, diretamente envolvidos nestas querelas. Ou seja, ao informarem Kampke repassam uma visão inteiramente tendenciosa sobre o assunto, e como se trata de um tema polêmico, as opiniões vão de um extremo ao outro¹⁹². Há um trecho excelente que demonstra na prática o que afirmamos em teoria: Peter, ao redor de um grupo de colonos pomeranos, comenta com Arnold Fischer, braço direito de Rheingantz:

- Fischer, estou vendo que a vida aqui é muito difícil – falou Peter – E olhe que nunca li nenhum folheto dos agentes de imigração descrevendo isto na Alemanha.

- Eles não falam de muitas coisas – disse outro pomerano (...). - Secas causticantes, enchentes **dluvianas**, **gente que não perdoa nossas contas** apesar dos bichos e da natureza. **Ao contrário, chama a polícia para cima de nós, nos cobra juros se atrasamos o pagamento, não entrega os lotes se o último centavo não está pago.**

Arnold¹⁹³ que “pescou” alguma coisa do dialeto pomerano do homem, resolveu abreviar a conversa, dizendo que o tempo urgia e que precisavam ir até a Roça (...).

Constrangido em falar no assunto, Arnold disse que havia alguns colonos que tinham ressentimentos contra o administrador Rheingantz. Mas, que segundo ele, eram exageros e idéias inculcadas por turbulentos que viviam na colônia, que eram questões passadas, que agora tudo estava resolvido (COSTA, 2007, p. 298).

A dialética simbólica do ataque e da defesa, lado a lado. Vimos isto ao longo de todo trabalho. Colonos protestando contra Rheingantz. O administrador, e/ou seus partidários, defendendo-se (ou acusando). Em vista destas semelhanças, poderíamos, até mesmo, identificar

¹⁹² Já vimos algo semelhante no Capítulo 4.

¹⁹³ Como Peter e o colono falavam em pomerano, o descendente de renanos, Arnold, não compreendeu a totalidade da conversa.

os personagens desta história com alguns outros que já conhecemos: Arnold Fischer, é a própria história oficial; o colono, não seria exagero identificá-lo, como sendo o “feroz” José Pons; e, Peter Kampke, nada mais é do que o leitor, alheio ao assunto, tentando entender o que se passa na colônia. Como Peter está perdido entre as informações que chegam, a história oficial, digo, Arnold Fischer surge com uma explicação:

- Eu ainda não tinha vindo para cá. Sei o que me contaram. Ocorre que há alguns anos atrás, na noite de natal de 1867, houve uma revolta contra Rheingantz. Alguns colonos haviam bebido demais e se dirigiram à casa do administrador. Primeiro, desarmaram uns três ou quatro soldados do Império, que eram comandados por um tenente. Aliás, eu acho que foi aquele homem, com suas ordens draconianas (...) que precipitou aqueles terríveis acontecimentos (...). O que parece ter acontecido foi o seguinte: colonos bêbados, muitos deles gente boa, levados pelos agitadores foram incentivados a incendiar a casa de Rheingantz (...). Cinco colonos foram levados presos para Pelotas e, ao fim de vários meses, o Barão de Kahlden, harmonizou a colônia. Fez ver aos colonos que suas queixas não procediam e quando estes se acalmaram, deu por completa a sua missão. O problema é que Rheingantz não queria mais voltar. Foi preciso um esforço sobre-humano do Barão de Kahlden para convencer Rheingantz a retomar a administração da colônia e seus investimentos (...). Diante dos argumentos do Barão, Rheingantz sufocou seus receios, retornou a sua casa e continuou a administrar a colônia como se nada houvesse acontecido (COSTA, 2007, p. 298-300).

Ora, esta nada mais é do que a explicação oficial/tradicional. Foi muito inteligente da parte de Costa utilizá-la, mesmo que ele não pense mais assim. Porque, metaforicamente está ali representada a construção típica sobre Rheingantz, que o leitor já está acostumado a observar. Ao surgirem personagens que contestam esta descrição, o leitor, automaticamente, pode compreender as contradições por trás desta trama; ele, assim como Peter Kampke, aos poucos, começa a desconfiar das diferentes versões sobre Rheingantz e a revolta:

- Mas, parece que há brasas debaixo das cinzas – falou Peter – Aquele homem lá atrás me pareceu guardar um rancor quase incontido. Acho que o Barão de Kahlden não convenceu a todos. Sou pomerano, sei como eles pensam. O pomerano amarga estas coisas em silêncio. Ora, Arnold, se chegou a haver intervenção militar, fique certo que pesou o respeito à farda e à autoridade do Barão. Era assim na Pomerânia. O pomerano é um sobrevivente! Ele é desconfiado, foi muito subjugado, acostumado a ser sempre perdedor e procura preservar o possível. Por isto, inicialmente, ele recua diante do peso e da força da autoridade. Mas, esquecer... Isto, fique certo, ele jamais esquece.

- Mas será possível, que eles viverão lembrando amargamente este episódio isolado? Indagou-se em voz alta Arnold.

- Eles lembrarão, Arnold. Talvez, passe tempos sem que ninguém toque no fato, mas certamente um dia ou outro, alguém voltará a abordar o assunto (...). Nem que seja daqui há cem ou duzentos anos (COSTA, 2007, p. 300).

Kampke não é tolo, percebe que a história não é tão simples quanto afirma Arnold e, além do mais, sabe que ele trabalha para o administrador da colônia. Sua desconfiança quanto ao argumento de Fischer, somada a sua perceptível identificação étnica, habilitam o leitor a compartilhar de sua visão crítica sobre Rheingantz. No mais, destaca-se neste trecho a referência ao silêncio do pomerano sobre seu passado traumático. Silêncio que não rima com esquecimento, pois “eles lembrarão (...) nem que seja daqui há cem ou duzentos anos”. Estamos no meio disto e, como vimos, ainda existem colonos que guardam na memória esta lembrança. João Alfredo Kath, morador de São João da Reserva, mesmo local onde Kampke e Fischer haviam parado para conversar com o colono pomerano que criticou Rheingantz, ao justificar sua indicação pelo “meio termo” na entrevista escrita, afirmou:

Positivo: pela liderança e ter trazido os imigrantes para São Lourenço.

Negativo: pela exploração das pessoas que ficavam dependentes dos seus comandos e também financeiramente.

História passada pelos antepassados (João Alfredo Kath).

Ou seja, ainda existem redes de comunicação que não foram englobadas pelas fontes oficiais. E, nelas, a lembrança permanece;

Essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Essas lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 8).

O Pescador de Arenques é um bom livro, não apenas de literatura, mas também de História; isto, porque Costa conseguiu descrever um período extremamente complicado da História de São Lourenço do Sul de forma bastante perspicaz – por um lado, salientando, sem

exageros, a importância de Rheingantz, e, por outro, observando-o de forma crítica, quando necessário. Roger Chartier, um dos principais defensores da ideia de que a literatura, além da historiografia, também está capacitada para representar o passado, afirmou, em recente entrevista, que “a força de atração do romance histórico, se for escrito segundo os padrões que permitam encontrar um público amplo, é maior do que a da história como disciplina” (CHARTIER, 2007, p. 53). Ou seja, o livro de Costa está apto para uma mudança de paradigma, no que tange à representação sobre Rheingantz. Afirmamos isto, pois este livro tem um enorme potencial para reacender o assunto, e, muitas histórias que ficaram “esquecidas”, podem voltar à tona. O mais interessante é que o retorno destas memórias pode ocorrer justamente em 2008, quando completam-se 150 anos de fundação da Colônia de São Lourenço. É quase uma contradição pois, como vimos, estas festas caracterizam-se pelo caráter laudatório e pela falta de criticidade.

5.2 A memória erudita e o Sesquicentenário de Colonização alemã, em São Lourenço do Sul

Memória e história. Apesar das enormes diferenças entre estes dois conceitos, é comum ocorrerem confusões sobre sua equivalência. Este trabalho está intimamente ligado à seletividade de ambas¹⁹⁴, pois a escolha do que lembrar e do que esquecer (nos livros de história) pode condicionar a memória.

A história capta e estuda memórias, constrói-se também com elas, mas história e memória não se equivalem. A história constrói-se com diferentes memórias e registros na dupla dimensão do recordar (as lembranças) e do esquecer (os silêncios, os não-ditos). As memórias são marcadas pelas fronteiras do poder e passíveis de manipulações por interesses políticos e de grupos (FÉLIX, 2004, p. 90).

Como a manipulação da memória é fruto de interesses particulares e ocorre, muitas vezes, através da história, garante-se o controle do passado e a dominação do presente.

Todo povo que tiver “a história na mão” como instrumento de construção, isto é, quem tiver memória e consciência histórica, com mais segurança, será dono do seu presente e do seu futuro. Todo grupo social que esquece

¹⁹⁴ Apesar das diferenciações entre memória e história, “ambas (...) são obrigatoriamente seletivas” (FÉLIX, 2004, p. 41).

seu passado, que apaga sua memória é mais facilmente presa de artimanhas e interesses de grupos; penaliza seu presente e desorienta-se diante do futuro (FÉLIX, 2004, p. 17).

No capítulo 5.1, vimos como o tom laudatório da história oficial foi determinante para se formar uma memória pública favorável ao fundador da Colônia de São Lourenço. Esta narrativa privilegiou os grandes feitos de Rheingantz, em contraposição aos demais eventos em que este personagem foi questionado, sendo bem sucedida ao repassar ao povo a sua representação do passado. Mas, e quanto às outras memórias? Afinal, como vimos neste mesmo capítulo, existe uma diversidade muito grande de memórias coletivas - elas também aceitaram esta versão oficial ou posicionaram-se de modo mais crítico? Por outro lado, qual o público alvo que mais poderia contribuir com sua memória histórica, sobre Jacob Rheingantz? Caso escolhêssemos as pessoas ao acaso, como havia ocorrido nas entrevistas escritas, continuaríamos trabalhando com o mesmo tipo de memória e provavelmente alcançaríamos os mesmos resultados já obtidos. Por isso, concentramo-nos em procurar pessoas que pudessem acrescentar novos dados e idéias sobre Rheingantz e a colônia. Decidimos ampliar um pouco mais o foco e escolhemos pessoas que pudessem representar o que Robert Frank chamou de memória erudita¹⁹⁵; Rheingantz também seria enaltecido por este grupo, que investiga um pouco mais profundamente a sua vida?¹⁹⁶

Na verdade, as quatro pessoas que foram selecionadas para esta etapa¹⁹⁷ - Loni Hax, Itto Sträher, Pedro Caldas e Edilberto Hammes – podem, também, ser consideradas formadoras de opinião, pois ocupam uma posição “influyente” no município. Temos respectivamente: uma professora de História, um pastor luterano, um radialista e um escritor (e médico). Como sabemos, os formadores de opinião carregam consigo uma espécie de “credibilidade simbólica” muito forte - suas opiniões, por isso, geralmente são aceitas pela população (independente de serem, ou não, especialistas no assunto de que estejam falando). Assim, muitos deles podem estar a serviço do poder estabelecido, ajudando a perpetuar os valores designados e almejados para a manutenção do *status quo*. Falando em poder estabelecido, ele também está presente neste capítulo; um dos entrevistados foi o prefeito José

¹⁹⁵ Embora Frank estivesse se referindo a historiadores, adaptamos seu conceito para as circunstâncias locais e escolhemos como público alvo, algumas pessoas que se interessassem mais profundamente pela História de São Lourenço do Sul. Poderíamos nomear, então, este grupo, simplesmente de “pesquisadores”, embora provavelmente eles não se caracterizem de tal maneira.

¹⁹⁶ Muda o público alvo e, também, o modelo de entrevista. Se, entre o público não especializado prevaleceu a entrevista tipo enquete, com os pesquisadores optamos pelo registro oral.

¹⁹⁷ Não foi pré-requisito, para a concessão da entrevista, a condição de o entrevistado ser sul-lourenciano. Era necessário apenas o fato de o depoente morar ou ter morado no município e conhecer a história da colônia e de seu fundador.

Nunes. A entrada do chefe do executivo municipal, neste seletivo grupo, justifica-se na medida em que é interessante saber sua opinião sobre o assunto. Como o maior representante político da cidade observa o fundador da colônia?

Quanto às entrevistas, todas elas começaram com a mesma pergunta: “O que você sabe sobre Jacob Rheingantz?” Pergunta simples e direta, permitiria ao entrevistado discorrer sobre qualquer ponto relativo ao fundador da colônia – desde seus traços biográficos até o ataque à sua imagem, ou à sua veemente defesa. Ela serviu como uma espécie de sondagem, para saber a opinião do entrevistado, e para escolher as novas perguntas; questões que, por sinal, não estavam pré-programadas - elas dependiam da resposta inicial. Tal improvisado, na hora de formular as perguntas, proporcionou-nos uma maior adaptação à fala do entrevistado.

Nessa primeira questão, o normal era ouvir uma breve biografia de Rheingantz – saída da Alemanha, chegada ao Brasil, instalação da colônia, etc. Porém, nem todos os entrevistados fizeram o óbvio; Pedro Caldas, radialista e pesquisador, direcionou a entrevista, desde o início, para questões mais amplas; assim, quando lhe perguntamos o que sabia sobre Jacob Rheingantz, ele respondeu: “A primeira informação que eu tenho, e que se comumente se divulga a respeito, é que ele teria sido o fundador da Colônia de São Lourenço” (Pedro Caldas). Apesar de conhecermos o entrevistado, não esperávamos que ele fosse aprofundar a discussão tão “cedo”. Logo entendemos para onde ele queria orientar a conversa: para o sócio de Rheingantz, o também fundador José Antônio de Oliveira Guimarães. Aliás, este foi um tema freqüente das entrevistas: a não valorização do sócio português. Edilberto Hammes, que se prepara para lançar quatro volumes sobre a História de São Lourenço do Sul, em determinado momento de sua fala bradou: “Tá na hora de lembrar que o José Antônio de Oliveira Guimarães também foi fundador da colônia” (Edilberto Hammes). José Nunes, prefeito do município, também chamou a atenção sobre este aspecto:

Ele (Rheingantz) se associou com um fazendeiro daqui - e essa é uma outra parte da história que ninguém fala, nesse papel desse fazendeiro; isto tá quase apagado da história, eu só fui saber da sociedade com esse fazendeiro depois que eu era moço, quando eu tinha 20 anos, porque ninguém falava nada desse fazendeiro, dessa sociedade deles; e, de repente, apareceu que realmente teve a sociedade com o Guimarães (José Nunes).

Parece-nos claro que essa reclamação, pela falta de destaque a Guimarães dentro da sociedade colonizadora, presente tanto nas entrevistas orais, quanto nas escritas, demonstra certa indignação, de alguns depoentes, contra a importância que se deu apenas para um fundador. Isso, talvez, seja um indicativo de que a percepção sobre essa campanha pró-

Rheingantz já esteja no subconsciente da população. A consciência de alguns entrevistados sobre essa manipulação, aliás, rendeu momentos interessantes de discussão; José Nunes demonstra bem o modo como é trabalhada a imagem do fundador para a população, citando o seu próprio caso, como exemplo:

Tudo aquilo que a gente aprendeu na escola (...) e (mais) a informação sempre que chegou, foi de fato o de uma figura do Jacob como sendo alguém que fez uma grande proeza, um grande bem pra São Lourenço do Sul de ter (...) trazido os pomeranos e alemães da Alemanha e ter criado a Colônia de São Lourenço, e nesse feito sempre se falou muito da pujança da Colônia de São Lourenço do Sul, ele como sendo o grande articulador, idealizador, enfim; isso sempre foi uma coisa muito forte, muito marcante: a figura do Jacob como sendo uma figura extremamente elevada no município, em termos de importância (José Nunes).

Loni Hax, professora de História, no entanto, parece não reproduzir esta visão de Rheingantz, quando trabalha o assunto em sala de aula:

Eu não vejo ele como um herói. Eu vejo ele como um grande empreendedor, que trouxe pra cá (muita gente), que começou um projeto aqui (...). E, todo mundo coloca ele como esse herói. E o que eu tenho ouvido, é o outro lado da moeda. Então, pra mim, ele foi um grande empreendedor, mas que ele explorou muito os colonos (...). Eu trabalho bastante essa questão em sala de aula; e, alguns alunos, também trazem, de casa, uma lembrança negativa do Rheingantz; eu lembro de falar com o avô de um aluno, e esse senhor me contou dessa parte toda, das dificuldades que eles passavam e da intransigência dos administradores da colônia. E aí, eu até comentei com eles, “mas foi uma das colônias particulares que deu certo no Brasil” - que no caso seria, a de Blumenau, que foi uma colônia particular de Santa Catarina, que foi o Barão de Blumenau que implantou, e nós aqui. Aí, ele disse: “é, deu certo porque NÓS colonos trabalhamos muito, a gente produzia muito, e nós nos uníamos muito” (...). Mas, que se fosse pelos administradores eles teriam tirado tudo, praticamente. (Loni Hax)

A comparação com Blumenau, aliás, é outro aspecto interessante, pois não se limitou apenas à historiografia¹⁹⁸; além de Loni Hax, Edilberto Hammes também chamou atenção sobre este ponto:

O Rheingantz foi tão fantástico porque ele simplesmente quando foi embora fugido pra Rio Grande, ele podia dizer: “Ó, tô vendendo, não quero mais saber!”. Mas, ele voltou pra cá, onde ele continuou a colonização; por quê? Porque alguma coisa ele gostou em São Lourenço! E aí, vem a coisa: “Não, ele gostou porque tinha dinheiro atrás disso, ele tava ganhando, e tudo

¹⁹⁸ Conforme vimos no capítulo 3.2.

mais...” Até pode ser, mas daí eu vou te recomendar (...) o livro “Dr. Blumenau”, de 1933, o autor: J. Ferreira da Silva (...); e o Blumenau, ao contrário de Rheingantz, não agüentou, (pois) ele teve pressões bárbaras; ele trabalhou, foi um homem extremamente empreendedor, como Rheingantz. E o Blumenau sofreu todo o tipo de pressão de pessoas que viam nele, também como um empreendedor, um visionário (...). E ele acabou desistindo, entregou pro governo, pro Império; o Rheingantz teve a perspicácia de continuar até quando ele morreu; ele viria lá de Hamburgo pra continuar a colonização aqui (Edilberto Hammes).

Essa repetição de discursos, sobre muitos pontos que também foram trabalhados pela história oficial, parece demonstrar o quão importante foi o trabalho destes escritores; mesmo que as opiniões dos entrevistados, algumas vezes, não sejam as mesmas destes autores, é inegável o sucesso destas obras, pois difundiram uma série de hipóteses e idéias entre seus leitores.

As repetições, (...) podem trazer informações importantes para a análise da entrevista (...). Quando certos acontecimentos são narrados sempre da mesma forma, isso pode indicar que estão cristalizados na memória do entrevistado e cumprem um papel específico no trabalho de significação do passado (ALBERTI, 2005, p. 179).

É até mesmo possível reconstituir, através destas entrevistas, a história da colônia; porém, uma história paralela, fruto de uma memória mesclada, negociada, entre uma diversidade de lembranças adquiridas com o tempo. Assim, o senso comum mistura-se a elementos novos e originais, sendo normal ouvir-se, em um momento, os mesmos relatos da história oficial e, no seguinte, observações surpreendentes de antepassados, que revelam um cotidiano extremamente marcado pela crise. Estes silêncios sobre o passado, quando voltam à tona, muitas vezes, através de memórias subterrâneas, completam lacunas, ajudando a entender contextos mal explicados e informações deturpadas.

Estudar memória é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária, que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social. E, no campo das memórias subterrâneas, é falar também nas memórias dos excluídos, daqueles que a fronteira do poder lançou à marginalidade da história, a um outro tipo de esquecimento ao retirar-lhes o espaço oficial ou regular da manifestação do direito à fala e ao reconhecimento da presença social. Nesse sentido, esquecimento e morte se aproximam (FÉLIX, 2004, p. 42).

No campo das histórias esquecidas, está a transferência dos restos mortais de Rheingantz, do Rio Grande para a Coxilha do Barão. Não que ela não tenha sido noticiada pela história oficial; pelo contrário, Coaracy (1957, p. 138), inclusive, relata este acontecimento ao registrar os festejos do cinquentenário de 1908; o que o autor, porém, deixa de mencionar, é a recepção que Rheingantz teve ao chegar à colônia. “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 2004, p. 29). Loni Hax, a partir das lembranças de seu avô, trouxe à tona algumas informações que ficaram esquecidas sobre o sepultamento de Rheingantz;

Muitos colonos não queriam que ele fosse enterrado aqui (...), por que ele tinha explorado muitos colonos, principalmente os de origem pomerana (...). Eles ainda tinham na lembrança essa memória de que ele não teria sido uma pessoa boa pro pessoal da colônia. Inclusive, o vovô, sempre quando a gente falava nisso aí, ele dizia assim: “Jacob, aquele explorador, aquele ditador...”, ele dizia. Eles tinham essa visão dele. E ainda agora, muitos na colônia ainda têm essa (mesma) visão (...). E eles não sabiam que tava ali os restos mortais dele. Quando foram reformar a igreja depois, tempos depois, é que eles (o) acharam embaixo da igreja. Ninguém sabia disso daí (...).Aí, quando eles foram reformar a Igreja da Coxilha do Barão é que eles acharam o túmulo embaixo (...). E ele sempre disse, que quando eles trouxeram os restos mortais, que era uma coisa quadrado, tipo um ferro, tanto que ia passando pela colônia e tinha gente que atirava pedra, atirava ovo - eram contra, né? Mas que o pessoal que teve lá, fez uma solenidade, que teria colocado embaixo da igreja (Loni Hax).

O livro de Carlos Guilherme Rheingantz se insere na lógica do cinquentenário de colonização alemã, em São Lourenço do Sul; o monumento erigido no ano seguinte, também. Naturalmente que a transferência dos restos mortais de Rheingantz, do Rio Grande para São Lourenço, igualmente. Estamos em 1907, no auge do positivismo. Fazia poucos anos que Júlio de Castilhos, o principal defensor desta teoria, no Rio Grande do Sul, havia falecido. Detalhe interessante a ser destacado, é o fato de que Carlos Rheingantz, em 1907, já sabia (ou já esperava) que no ano seguinte estariam sendo preparadas atividades comemorativas para festejar a colonização alemã no município¹⁹⁹. Seu livro publicado em português e alemão na véspera do cinquentenário, encaixa-se no perfil desta corrente do pensamento e, segundo imaginamos, só pode ter sido uma tentativa relâmpago de tentar suavizar o retorno de seu pai à colônia. Talvez Carlos imaginasse que o passado já tivesse sido esquecido e os problemas

¹⁹⁹ “(...) As festas que se vão realizar em regozijo do quinquagésimo aniversário da existência da colônia (...)” (RHEINGANTZ, 1907, p. 27).

superados. Mas, ao que parece, ele continuava bastante vivo na memória dos colonos. O trauma era maior do que se supunha. O depoimento de Loni, citando as lembranças de seu avô, contribui historicamente, completando as lacunas desta festividade, mas confirma também a teoria de Pollak:

Este exemplo mostra também a sobrevivência, durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. Apesar da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. (POLLAK, 1989, p. 5).

Apesar dessa manifestação contrária ao sepultamento do fundador, a solenidade ocorreu e os festejos prosseguiram. Rheingantz havia falecido há apenas trinta anos, e as lembranças de sua administração ainda eram muito recentes. Aos poucos, porém, o passado foi sendo esquecido e Rheingantz passou a ser quase uma unanimidade dentro do município. As homenagens se sucederam e a história foi sendo reescrita.

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito”, à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização (POLLAK, 1989, p. 9).

Ou seja, tudo “conspira” a favor de Rheingantz - a própria descoberta de seu corpo, após ficar oitenta anos enterrado no subsolo da Igreja luterana, na Coxilha do Barão, comprova esta teoria. Como salientou Loni Hax, a reforma do templo possibilitou a descoberta do corpo, e mais uma homenagem veio se acrescentar: Rheingantz ganhou uma espécie de galeria para visitação popular, embaixo da mesma Igreja. O mausoléu, guardado por grades de ferro e ornado com flores, ainda é acompanhado de uma placa onde se lê:

Galeria construída e entregue à visitação pública pela Prefeitura municipal e Comunidade evangélica de Picada Moinhos, em homenagem ao fundador de nosso município, Jacob Rheingantz, que com seu espírito empreendedor e força de vontade fez surgir de uma região bruta e agreste a colônia progressista, pujante e respeitada de hoje²⁰⁰.

²⁰⁰ Ver imagem no anexo.

O poder estabelecido prossegue, assim, com sua dupla missão: enaltecer Rheingantz e se auto-promover. A exaltação ocorre através da criação desta galeria, onde uma placa indica a importância do homem que está ali enterrado²⁰¹, garantindo, desta forma, mais um momento de valorização ao herói (cada vez mais um mito consolidado). Já a autopromoção ocorre de duas maneiras: pelo meio mais óbvio, que é erguer o mausoléu e inaugurá-lo em uma festividade, com a presença do povo; e pelo mais simbólico: o Estado, ao celebrar o fundador, está se vinculando aos supostos valores e virtudes de sua índole. Por fim, não poderia faltar a distorção de informações que tanto caracteriza estes momentos: ora, Rheingantz não é “O” fundador do município, como indica a placa; ele é “um dos” fundadores da colônia. É inegável que a colônia teve um papel preponderante para se alcançar esta passagem - de povoado à vila e de vila à cidade -, mas é um exagero considerar Rheingantz como sendo o fundador do município. Até mesmo, porque, o município só “nasceu” em 1884, quando a colônia estava sendo administrada pelo Barão Curt von Steinberg. Então, se fosse para considerar alguém, ligado à colônia, como sendo o fundador do município, este deveria ser Steinberg, e não Rheingantz. O Pastor Itto Sträher, ainda nesta lógica de confusões que envolvem o nome do “fundador”, chamou atenção, justamente, para a falta de reconhecimento ao nome do Barão, que mais uma vez é deixado de lado em comparação ao seu sogro²⁰².

Por que estes livros (da história oficial) não deram peso ao genro do Rheingantz, que justamente aqui se deu bem? E é por isso que a Coxilha do Barão tem esse apelido, Picada Moinhos é o nome, mas tem o apelido de Coxilha do Barão por causa do genro do Rheingantz que é o von Steinberg. Mas as pessoas historicamente não guardaram isso e acham que é por causa do Rheingantz esse nome (Itto Sträher).

Essa confusão de informações a respeito de Rheingantz é uma decorrência típica das construções mitológicas; quando alguns poucos homens são enaltificados em uma sociedade, a população tende a achar que tudo ao seu redor é direcionado para celebrar estes ícones. Assim, pensa-se que Rheingantz é o fundador do município e que a Coxilha do Barão tem esse nome em sua homenagem. É a tradicional simplificação do passado. Sträher, neste mesmo sentido, lembra de outra informação deturpada a respeito do empresário.

(Sobre o “Monumento ao Colono”) Isso é um agricultor semeando. Eu digo: “Olhem!” Eles nunca foram ajudados a enxergar dessa maneira. Nas

²⁰¹ “Com seu espírito empreendedor e força de vontade fez surgir de uma região bruta e agreste a colônia progressista, pujante e respeitada de hoje”.

²⁰² O Barão Curt von Steinberg foi casado com a filha mais velha de Rheingantz, Theresa Guilhermina.

próprias escolas foi dito; tem alunos que têm nos cadernos dito, que esse monumento foi em homenagem ao Rheingantz. E esse monumento aqui foi em homenagem aos colonizadores. O Rheingantz, tá do lado (Itto Sträher).

Itto Sträher chama a atenção, também, para uma estratégia de Rheingantz para conter a revolta dos colonos - doação de terras para entidades religiosas²⁰³; para Itto, isso também foi explorado pela história oficial, como forma de chamar atenção para os seus bons momentos. É através da ênfase a estes momentos de benevolência, e no “esquecimento” das diversas contestações, que se fundamentou a estratégia discursiva destes escritores; assim, parece totalmente descabida a idéia de uma revolta. Afinal, se Rheingantz era tão bom, porque se revoltar contra ele? Ora, porque sempre surgem elementos estranhos para contaminar a ordem e harmonia do organismo do qual fazem parte. Mas, como se deu a vitória de uma versão sobre as demais?²⁰⁴ Como prevaleceu a interpretação da história oficial sobre o passado? Sträher também tem uma teoria sobre isso:

Olha, eu acho que tem um pouco a ver com a etnia. O grande número de pessoas que vieram para cá, são descendente de pomeranos, e o pomerano, por si, não gosta muito de contar a história dele, por que a história dele é triste. E então ele não tinha muito interesse do que se contasse aqui, se era o lado bom, correto, se era o lado ruim, isto tanto fazia para ele, desde que não se tocasse (no assunto), por que era uma ferida que sempre machuca muito, a história. Então, a história que foi contada a partir de alguns, poucos, que tinham interesses bem particulares para contar a história, do jeito que eles achavam que era mais importante para eles e não para o povo, em si; não era uma história para construir, era uma história apenas para lembrar e para colocar no pedestal, alguém. E por isso eu vejo essa diferença, de que algumas coisas foram deixadas para trás, principalmente conflitos mais acirrados (Itto Sträher).

Esse silêncio decorrente de lembranças traumatizantes, citados por Sträher como característico dos pomeranos, foi analisado por Michel Pollak; para ele, estas memórias encontram dificuldades de integração na memória coletiva local, por uma série de razões:

Existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”(...). Essa tipologia de discursos, de silêncios (...), é moldada

²⁰³ “Me chamou atenção (...), que o Rheingantz doou terras pra todas as entidades religiosas. Isso na verdade era pra amenizar os conflitos. Uma forma de dizer: ‘viu como eu sou bonzinho!’” (Itto Sträher). Na realidade, era pra ocorrerem doações de terra para escolas e igrejas. Isso, de qualquer modo, não desvaloriza a referência de Sträher, pois ao citar estes aspectos, o pastor demonstra uma percepção do modo estratégico com que esta historiografia conduz seu discurso sobre Rheingantz: priorizando os melhores momentos do fundador em detrimento dos momentos mais questionáveis.

²⁰⁴ “A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa (...), uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado deseja passar e impor” (POLLAK, 1989, p. 8).

pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK, 1989, p. 8).

É deste modo, então, que ocorre a vitória de uma versão sobre a outra. Assim, a história oficial faz prevalecer a sua interpretação do passado, negando tudo que diga o contrário; e, quando uma lembrança “proibida” vem à tona, ela é facilmente rebatida, pois a maioria do povo aceitou a visão oficial. Afinal, esta versão é legitimada por vários setores da sociedade, que “lucram” com a perpetuação deste mito. “A elaboração desse tipo de memória (em disputa) implica num trabalho muito árduo, que toma tempo, e que consiste na valorização e hierarquização das datas, das personagens e dos acontecimentos” (POLLAK, 1992, p. 204). Loiva Otero Félix, complementando este raciocínio, afirma que essa “manipulação mostra o quanto o presente encobre o passado” (FÉLIX, 2004, p. 46).

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, apud FÉLIX, 2004, p. 45).

Neste contexto de manipulações, talvez o evento mais interessante seja a “Grande Revolta”, certamente um dos momentos mais traumatizantes da história local. Ela é destacada por quase todos os entrevistados - começamos pela teoria do Dr. Edilberto Hammes:

Eu parto do seguinte princípio: todo líder tem inimigos! Todo! Basta ser um líder pra ter inimigos. E pelo que eu observei aquilo que aconteceu com o Rheingantz não foi diferente, por que na realidade, o Rheingantz é acusado de ganhar dinheiro em cima dos colonos. (...) (E) as pessoas que insuflaram os colonos contra Rheingantz foram, segundo a história conta também, algumas pessoas descontentes; e aí, eu fico imaginando, eu não vi essas pessoas nem nada, mas que tipo de pessoas eram essas? Porque geralmente quando as pessoas falam mal (...) de alguém, tu pensa sempre que eles ficaram devendo; (...) mas, eu parto do princípio de que havia inflação, tudo subia, tudo subiu sempre e ele cobrou em cima disso até como empresário, e ele era empresário e tanto que a grande maioria enriqueceu vindo pra São Lourenço, eram pobres quando estavam lá na Pomerânia, quando estavam na Renânia, e vieram pra cá começando a trabalhar, eles começaram a ganhar dinheiro e esses não eram contra Rheingantz; existiam poucos que insuflaram alguns ou muitos contra ele; e ele teve que sair fugido daqui(...). Então, tu mais ou menos tu deve estar imaginando assim: “o Hammes é a favor do Rheingantz!”. Não! Eu olhei os dois lados, e eu sempre procuro desenhar isso aqui (um quadrado com um pontinho no meio), mas, eu pergunto o que tu enxergas aqui? Aqui tem um quadrado e um pontinho no meio do quadrado (...).(As pessoas só enxergam o pontinho e esquecem da parte branca ao fundo, que é bem maior) (...) A parte branca do quadro é

muito maior! O pontinho é bem pequenininho! E as pessoas vão no pontinho preto, eles muitas vezes enxergam só a parte ruim; o que o Rheingantz fez de bom, tanto que eu não estaria aqui e milhares de pessoas não estariam aqui, se não fosse Rheingantz. Então, só isto tem uma enorme justificativa a favor do Rheingantz (Edilberto Hammes)

Por fim, Hammes faz referência à história oficial, afirmando que “nenhum autor se furtou, até o próprio filho, a dizer que houve problemas com os colonos” (Edilberto Hammes). Uma frase de Itto Sträher poderia perfeitamente complementar esta: “os conflitos estão muito caracterizados (...), só que é contado de um outro jeito” (Itto Sträher). Essa percepção, sobre o modo como a história pode ser utilizada para manipular a coletividade dos indivíduos de uma sociedade, é especialmente interessante, pois produz várias interpretações sobre o passado: Edilberto Hammes e Itto Sträher sabem que ocorreu uma revolta, mas difere profundamente o modo como eles observam essa manifestação. Enquanto para Hammes, ela é fruto de alguns poucos devedores que insuflaram outros colonos, para Sträher ela é explicada através da índole dos pomeranos;

o descendente de pomerano (...), são pessoas de muita confiança; só que demora para ele ter confiança em você - isso leva seu tempo; agora, quando ele te assumiu, ele põe a mão no fogo por ti. Agora, não queira ter ele como inimigo - isso não tem retorno, não tem volta. E eu posso entender que o Rheingantz criou alguns inimigos; e esses arrumavam qualquer pauzinho pro Rheingantz não ter chance. (...) Então, essa revolta eu posso entender muito bem; se tinha dois ou três com raiva do Rheingantz, já puxaram a frente, e o resto veio atrás! (Itto Sträher)

Loni Hax parece concordar com o pastor, pois também leva em consideração este aspecto étnico.

O meu avô, que faleceu em 1981, com 95 anos, sempre contava que a mãe dele veio para cá com 14 anos (...), e ela contava como havia sido a travessia toda, e que ela, o pai dela, a família dela – ela na época com 17, 18 anos, quando houve essa revolta - que eles foram, também, pra Coxilha do Barão e participaram do movimento. E o intuito deles era... Assim, tinha colonos muito radicais, muito revoltados, porque uma característica dos pomeranos, eles são muito honestos e muito trabalhadores, e eles não admitem ser explorados (...); eles eram muito do trabalho, então eles não admitiam também ser explorados. E como eles não tinham dinheiro pra pagar e talvez eles tivessem que pegar dinheiro com os comerciantes das picadas, enfim, eles acabaram se revoltando, e aí tentaram invadir a casa do Jacob e aquela coisa toda. E o vô sempre contava (...), que a mãe dele narrava que eles chegaram todos armados de foice, de enxada e porretes (...). Então ficou uma situação difícil; parece que foi um pastor que fez a mediação, e acabou acalmando eles mais, mas eles ficaram realmente

revoltados, e aí o Jacob se assustou e se apavorou e acabou tendo que fugir de São Lourenço (Loni Hax).

Estas pessoas, mesmo distantes temporalmente deste episódio, não podem ter sua memória desconsiderada, apenas por não terem sido contemporâneas a este evento; Pollak, ao explicar a formação da memória individual e coletiva, defende justamente o potencial destas lembranças vividas “por tabela” e/ou “herdadas”:

Quais são os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada. De fato (...), podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação (POLLAK, 1992. p. 201).

Como bem sabemos, a “Grande Revolta” foi um evento traumático de enormes proporções e conseqüências para São Lourenço do Sul; tanto, que ela não pôde ser omitida da história oficial do município²⁰⁵. O mais interessante, é que ela também teve repercussões muito fortes na Alemanha, em função dos laços que estes imigrantes ainda mantinham no velho mundo, seja ele de parentesco ou de amizade. Assim, muitas notícias foram enviadas para lá, inclusive sobre os eventos deste dezembro de 1867. E, assim como destacou Pollak, estas lembranças não ficaram perdidas naquele espaço-tempo. Itto Sträher, ao lembrar da visita de um grupo de turistas alemães, conterrâneos de Jacob Rheingantz²⁰⁶, a São Lourenço do Sul, na década de 1990, surpreendeu-se com a conversa que teve com um destes visitantes, na qual ele destacava justamente aspectos deste episódio:

Em 1867, o que aconteceu... Na verdade eu lembro do que aquele senhor da Alemanha me contou (em visita a São Lourenço, na década de 1990), quando eu mencionei o outro lado da história, e ele me puxou pro lado e disse: “Olha, não vamos falar alto, por que têm uns quantos aqui que não

²⁰⁵ No fim das contas, ela foi extremamente útil para esta historiografia, pois determinou o modelo a ser repudiado pelos cidadãos lourencianos.

²⁰⁶ Da cidade de Sponheim.

estão interessados, em ver esse lado ruim; mas, antes de vir para cá (São Lourenço), nós tivemos uma sessão e (...) foi pedido que “agora vamos apresentar um documento, mas do qual, vocês não devem falar”, e ele: “esse documento fecha com o que você diz”. Era uma carta, que já explicava coisas que outras pessoas já haviam escrito para familiares, de que naquele 24 de dezembro o pessoal atacou a casa do Rheingantz e o Rheingantz reclamou: “Olha, o que vocês tão fazendo aqui, arruaça, vocês deviam estar em casa, festejando o natal.” E eles disseram: “Nós não temos nada para festejar, porque você nos roubou. Você tá nos devendo, nós não temos dinheiro”. (E a resposta de Rheingantz:) “Não, mas, se vocês querem, eu tenho aqui pra vender.” (Os colonos:) “Como? Se nós não ganhamos nenhum dinheiro, já temos dívidas, e vamos ter mais, só para festejar o natal”. E ele conta, esse senhor alemão, que a carta menciona o fato de que Rheingantz foi levado à força para Rio Grande e colocado no porto e dito: “Vai embora, se você volta, você tá morto.” (Itto Sträher)

A descrição feita por Sträher é extremamente interessante, e se assemelha muito ao que foi apresentado nos capítulos anteriores; Rheingantz acuado, os colonos indignados... Todos os depoentes, em algum momento da entrevista, fizeram menção aos supostos problemas que levaram à revolta; especialmente aos problemas financeiros e de terra. Pedro Caldas foi um pouco além e, ao destacar a relação entre diretor e colonos, acrescentou, como motivo para o motim, a opressão que os teutos sentiam na relação com Rheingantz:

Aqui, em São Lourenço, muito por causa das promessas não atendidas e também pelos altos valores cobrados pelo Rheingantz dos colonos - coisas que deveriam ser gratuitas, ele cobrava; terras que eram vendidas, ele não dava as escrituras; as pessoas não tinham liberdade de ir e vir... Na verdade, eu entendo que a colônia, nos primeiros tempos, era quase como um campo de concentração; e, então, claro, qualquer ser humano que é submetido a um regime de opressão, com uma vida insegura, que não tem certeza de que amanhã, não vai ter como ganhar a sua vida, ele começa a pensar coisas, ele não se contenta, e nem todos os colonos eram pessoas sem expressão intelectual; havia gente com entendimento, que... “Peraí, nós estamos sendo explorados aqui; isto é pior do que o feudo na Europa, onde nossos antepassados eram tratados como escravos”. Então, daí veio a revolta, e os familiares do Rheingantz não tratam disso com a devida isenção; porque eles não vão dizer que o pai deles submetia os colonos a um regime de opressão; então, se deu algum problema, é porque sempre há os baderneiros, os arruaceiros... (Pedro Caldas).

Pedro Caldas faz referência à manipulação sofrida pelos colonos (ou, mais especificamente, ao mito do complô), que tanto foi utilizado para justificar essa revolta;

O mal que se sofre, e mais ainda, talvez, aquele que se teme (...), ganhou uma forma, um rosto, um nome. Expulso do mistério, exposto em plena luz e ao olhar de todos, pode ser enfim denunciado, afrontado, desafiado (...). O mito do Complô tende, assim, a preencher uma função social de

importância não negligenciável, e que é da ordem da explicação (GIRARDET, 1987, p. 55).

A revolta é explicada aos leitores, através de todos aqueles elementos que vimos ao longo do trabalho: na manipulação, na bebedeira, no descontrole, no “delírio coletivo”... Tudo para tirar Rheingantz do foco dos problemas. Mas, estaria Caldas, citando estes problemas, apenas interessado em ver o “pontinho preto”, citado por Hammes? Esta é uma questão muito interessante, pois nos parece que ao fazer a defesa de Caldas podemos também fazer a nossa; afinal, estaríamos nós, apontando todos estes problemas entre Rheingantz e os colonos, interessados apenas em macular a imagem do fundador? Caso nossa idéia fosse essa, estaríamos fazendo o mesmo trabalho que já foi feito, só que inverso. A diferença de extremos, entre exaltar e desvalorizar, é a mesma que constrói heróis e vilões. Caso não mostrássemos os conflitos e as queixas, além de ajudar a perpetuar essa imagem intacta de Rheingantz, jamais poderíamos desconstruir a suposta relação patriarcal. Ao salientar estes aspectos que foram apagados da história, também observados por alguns entrevistados, começamos a entender a importância dos mitos e heróis; a explicação para se esquecer tanta contestação veio simultaneamente. Ou seja, caso não explorássemos o “pontinho preto” jamais teríamos conseguido realizar este trabalho. Naturalmente que o “fundo branco” também existe - não negamos a importância que Rheingantz teve para a formação do município - só achamos que ele não é tão grande...

Vamos tentar, também, fazer a defesa de Pedro - inicialmente através de sua teoria a respeito da exaltação a Rheingantz:

Bom, a minha teoria é a seguinte: as obras que durante décadas pautaram qualquer coisa relativa à história de São Lourenço, sempre foram as histórias baseadas num trabalho escrito por um filho do Jacob Rheingantz, em 1907, e depois em 1957, num livro publicado em nome de Vivaldo Coaracy²⁰⁷ (...). Então, (há) aí um interesse de uma parcela da população de São Lourenço de associar a sua condição de origem alemã à aquele idealismo da cultura alemã, ou germanismo, então, se enfatizou muito a figura do Rheingantz (...). Eu entendo que dentro daquela tradição que havia, não só no Rio Grande do Sul, mas no contexto político e cultural da época, da primeira metade do século, que se tinha uma cultura de ícones, de grandes homens, que é uma herança do positivismo; então, esse era mais

²⁰⁷ Pedro Caldas tem, também, uma teoria sobre o livro escrito por Vivaldo Coaracy; segundo ele, o texto teria sido montado por familiares do Rheingantz. “Nunca mais ninguém ouviu falar de Vivaldo Coaracy, aqui em São Lourenço - a não ser quando foi publicado esse livro. Como o livro utiliza muitos elementos da família (...), e como um dos netos do Rheingantz se caracterizou por ser um pesquisador, um historiador - que é o Carlos Grandmasson Rheingantz; então, tudo me leva a acreditar que ele coletou aquelas informações - a base, que foi o livro de 1907 do Carlos Guilherme Rheingantz, com uma nova roupagem e ampliado com um texto mais literário” (Pedro Caldas)

um elemento. Eu vejo mais uma outra explicação para isso: tendo em vista que durante a primeira guerra mundial houve, também, como na segunda guerra mundial, uma perseguição, houve uma criação de imagem negativa de tudo que fosse de origem alemã, então, acho que houve um interesse muito forte de familiares do Rheingantz em recuperar o impacto positivo que a obra de 1907, perdeu na época da primeira guerra mundial (...). Tudo que era relativo à cultura alemã – personagens, ações dos alemães, tudo foi escondido, omitido, foi até destruído... (E) Após a segunda guerra mundial, depois de 1945, acho que houve um esforço dos familiares do Rheingantz de retomar toda aquela mítica que tinha sido construída em torno do Rheingantz, e que duas guerras acabaram por apagar, e refazer o mito (Pedro Caldas).

Então, para Caldas, os livros da história oficial serviram para alimentar a auto-estima dos teutos em São Lourenço, sendo Rheingantz o instrumento utilizado para garantir a revitalização desta imagem. É uma hipótese extremamente interessante, que não deixa de ter razão. O mito pode ser moldado de acordo com as circunstâncias, conforme as necessidades do momento. Não é por acaso que Rheingantz é um herói.

Se um mito não pode deixar de conservar a marca do personagem em torno do qual ele se constrói, se, engrandecendo-os, tende a assegurar através do tempo a perenidade dos traços específicos que são os de sua fisionomia, não pode deixar, por outro lado, de depender ele próprio, em sua forma, como em seu conteúdo, das circunstâncias, historicamente delimitadas, nas quais é elaborado. Todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência. A imagem do Salvador varia conforme ele é chamado a enfrentar um perigo externo, a conjurar uma crise econômica ou a prevenir os riscos de uma guerra civil (GIRARDET, 1987, p. 82).

Parece-nos que um dos principais problemas da História de São Lourenço do Sul reside no receio de criticar; há um temor muito grande de se expor desta maneira. Provavelmente esta é uma das principais razões para se ter conservado, até hoje, esta história laudatória: o medo de ofender alguém. As pessoas que pensam desta maneira só ajudam a preservar o sistema tal qual ele foi planejado. Por isso, assim como explicou Pedro Caldas, é necessário explicar os processos históricos pelas ações coletivas e não pela vontade de heróis e vilões. Essa visão maniqueísta já está totalmente superada, embora ainda existam alguns iconófilos²⁰⁸ que insistam em observar a história desta maneira. Então, não se trata apenas de

²⁰⁸ Quem reverencia ou venera ícones.

observar os defeitos; mas, admitir que eles existem. Fechar os olhos para o “pontinho preto” é camuflar os problemas do presente.

Creio que o valor decisivo da História, o seu valor moral reside afinal no próprio método histórico. A história “dá lições” na medida em que ensina a dúvida metódica, o rigor, em que é aprendizagem de uma crítica da informação. É isto que me faz pensar que a história (o ensino da história, sua prática, a leitura de obras históricas), é, como se diria há pouco, a “escola dos cidadãos”; que ela contribui para formar pessoas cujas opiniões sejam mais livres, que sejam capazes de submeter as informações com que são bombardeadas a uma análise lúcida, mais capazes de agir com conhecimento de causa, menos enredados nas malhas de uma ideologia. Ela também ensina a complexidade do real. Ensina a ler o presente de modo menos ingênuo a perceber, pela experiência de sociedades antigas, como é que os diversos elementos de uma cultura e de uma formação social, atuam uns em relação aos outros (DUBY, 1989, p.158).

Outro tema constante nas entrevistas foi o evento de maior recuperação histórica dos últimos anos: o sesquicentenário de colonização alemã, em São Lourenço do Sul, que ocorrerá durante todo o ano de 2008. Abordar um evento que ainda não ocorreu, que ainda está sendo idealizado nos bastidores, pode representar um risco enorme para o desenvolvimento deste trabalho; mas, como podemos nos valer do planejamento e das informações da própria organização, julgamos que não se trata de um exercício de “futuurologia”, mas sim, de procurar indícios do modo como se está pensando as festividades e as representações de Rheingantz no presente.

O auge da festa ocorrerá entre os dias 18 e 20 de janeiro, conforme narrou o Pastor Itto Sträher:

Estamos encaminhando uma atividade para 18, 19 e 20 de janeiro de 2008, os três dias. (No dia) 18 (...) estamos organizando (...) uma tentativa de repetir a chegada dos imigrantes lá no arroio São Lourenço e o deslocamento até a Coxilha do Barão; fazer um desfile, uma carreata (...). Está, inclusive, previsto a tentativa de se trazer um veleiro que sairia de Rio Grande, mesmo que talvez ele venha a motor, mas que na entrada do arroio, que ele então acionasse as velas, fazer uma encenação - a gente tá tentando verificar essa possibilidade. No dia 19 é pra ser um dia mais cultural (...), tanto na Coxilha do Barão ou aonde quiser - ou a entidade que quiser; quem quiser promover alguma coisa vinculada à história: faça teatro, faça canto, faça palestra; tem muitas escolas que já trabalharam a questão histórica aqui, que já fizeram apresentações em eventos, e eles podem fazer em outros locais, porque é muito difícil fazer com que todo município, o pessoal de todo canto, venha (à Coxilha do Barão); então, porque não ter lá perto deles uma programação vinculada ao sesquicentenário? Outra coisa: tem todo um calendário pro ano que vem: todas as festividades que já eram tradição no município estão arroladas na programação do sesquicentenário

do ano todo e com o desafio de que cada um que promova essa sua festividade também coloque o traço do sesquicentenário; inclua (o sesquicentenário) ali dentro. Então, tem um calendário já bem programado. Daí no dia 20 é aquilo que a gente chama de “festerê”; imagina que não fazer festa, não comer e beber, bem solto, bem livre. O dia 20 é isso. No dia 19, mais as entidades religiosas é que vão acentuar, também. A nível da paróquia, nós já estamos montando todo um esquema, já estamos trabalhando também, onde as comunidades vão poder contar a história; na verdade, nós já estamos a quatro anos preparando desfiles alegóricos e as comunidades contando a história (Itto Sträher).

Sträher enfatiza bastante a questão do resgate da história do município; nada mais natural, afinal, em uma comemoração, o passado sempre volta à tona²⁰⁹. O problema é o modo como essa história, geralmente, é resgatada - sem uma devida avaliação crítica. Tende-se a repetir, assim, as mesmas representações de outros tempos. Porém, ao menos no que tange a algumas informações veiculadas pela organização do evento, parece existir uma divisão de opiniões quanto ao modo como esta comemoração deverá ocorrer. Afirmamos isto, pois, de um lado, parece permanecer a tradicional idéia de se homenagear Rheingantz com toda pompa que a data “merece”; e, de outro, insurgindo-se contra essa crença estabelecida, surge a inovadora idéia de uma não “mistificação de personagens” da história local. Afirmar alguma coisa, com absoluta certeza seria uma imprudência e um risco; por isso, levantamos algumas possibilidades, embasadas nas afirmações de alguns organizadores do evento.

Por um lado, existe a possibilidade de Rheingantz ser novamente exaltado²¹⁰, em vista do planejamento de algumas homenagens; há, por exemplo, um triplo plano para a sua antiga casa: restauração, inauguração de uma placa comemorativa e torná-la, novamente, um museu. Além disso, um monumento evidenciando a união entre Rheingantz e Guimarães também está sendo idealizado.

Na Coxilha do Barão (...) vai haver uma placa lembrando o sesquicentenário (...), bem na casa do antigo Rheingantz (...). Há a proposta (de um monumento), do Dr. Hammes, (salientando) esse vínculo do Guimarães e Rheingantz - de repente mostrar que os dois estão de mãos dadas nesse processo; (além disso) a fundação Simon Bolívar, já assumiu o restauro da casa do Rheingantz como prédio histórico, como patrimônio e, talvez da gente transformar isso num museu (Itto Sträher).

²⁰⁹ “Etimologicamente, a palavra comemorar significa fazer recordar, lembrar, solenizar recordando” (STEIN, 2004, p. 187).

²¹⁰ O povo segue sendo manipulado para camuflar os problemas do presente. Há a festa. Há o mito. Não há problemas.

Relembrar rima com perpetuar na lembrança. Rheingantz (agora ao lado de Guimarães) segue soberano na memória dos lourencianos. Segundo Marieta Ferreira (2004, p.98), os monumentos servem para reforçar a identidade que vinha sendo construída apenas nos livros; vemos, assim, que este caráter laudatório, perpassa o campo dos livros de história, chegando à cultura material, um meio muito mais eficiente e próximo do povo.

Observa-se que durante os processos de erguimentos dos monumentos e estátuas, normalmente no grupo patrocinador, existe uma freqüente preocupação em não relegar ao esquecimento um passado consagrado e aplaudido. Contra esse temor da possível deteriorização da lembrança, surgem os principais agentes criadores da memória nacional e regional com seus esforços para reservar ao passado um lugar capaz de solidificar e perpetuar uma idéia sobre o mesmo. São designados, de forma idealizada, lugares, personagens, acontecimentos e criadas construções com o intuito da materialização de uma memória no cotidiano das pessoas (ALVES & FUÃO, 2005, p. 7).

Essas homenagens parecem indicar que Rheingantz seguirá recebendo o mesmo tratamento das comemorações passadas; porém, como afirmado anteriormente, existe a idéia de uma “não mistificação de personagens” da história local²¹¹; em informativo da Prefeitura Municipal veiculado no jornal “O Lourenciano” de 25 de abril de 2007, há a seguinte informação tendo como tema, justamente, o sesquicentenário de colonização alemã no município:

Em 18 de Janeiro de 2006 o prefeito municipal José Nunes nomeou, na presença do Cônsul Geral da Alemanha no Rio Grande do Sul Hans-Dietrich Bernard, o grupo de trabalho de organização do sesquicentenário da colonização Alemã de São Lourenço do Sul. (...) As reuniões preparatórias de organização das festividades que transcorrerão durante o ano de 2008 iniciaram-se em outubro de 2006 e têm calendário periódico ordinário de encontros mensais e itinerantes com o objetivo de garantir a participação, transparência, pluralidade, antecedência na organização e envolver o conjunto da população do município. **Entre os preceitos das festividades estão a realização de eventos durante todo o ano de 2008 e que a história da colonização do município seja lembrada sem a mistificação de personagens** e envolvendo todas as demais etnias que compõem a rica história de constituição do município de São Lourenço do Sul. Na programação estarão contidos eventos novos que mencionem episódios desta história associados à decisão de que cada evento importante de nosso município terá como tema o sesquicentenário da colonização alemã de São Lourenço do Sul (O Lourenciano, 25 de abril de 2007, p. 8).

²¹¹ O poder estabelecido não sente a necessidade de desviar a atenção para o passado, pois o presente “vai bem”.

Esta frase destacada é deveras interessante, pois evidencia a intenção de uma não exaltação de grandes nomes. A simples negação a este tradicional gesto, já é uma novidade em relação às datas comemorativas anteriores; conhecendo o histórico do município, onde certos heróis foram enaltecidos em anos jubilares anteriores, percebe-se a intenção de parte dos organizadores em não exaltar Rheingantz, o maior de todos os mitos locais.

Isso não quer dizer, porém, que Rheingantz passará de herói a vilão; ou, muito menos, que será esquecido; de maneira alguma. “É preciso reconhecer (...), no desenvolvimento histórico de todo mito político, a existência de tempos fortes e de tempos fracos, de momentos de efervescência e de períodos de remissão” (GIRARDET, 1987, p. 86). Ou seja, o futuro pode reservar uma nova missão para o herói. Basta que o presente não esteja bem.

Estas duas possibilidades - exaltação versus não “mistificação” – indicam o quão complexo é o mito Rheingantz. Esta divisão de opiniões, evidenciada dentro da própria organização do sesquicentenário, mostra que existem pessoas que não concordam com o tradicional tom laudatório e pouco crítico que rege estas comemorações. Por outro lado, talvez por força da repetição (ou da tradição), alinham-se os favoráveis às homenagens. É possível que se trate de um mero costume: ele sempre foi exaltado em anos jubilares, logo, por que não manter o tom em 2008, já que é o sesquicentenário?

O tema relativo a estas comemorações também foi tratado nas entrevistas, pois dois dos entrevistados fazem parte da comissão organizadora do evento: Itto Sträher e Edilberto Hammes. Entre eles, também é possível observar a divisão de opiniões que parece estar caracterizando as festividades; Sträher, por exemplo, apesar das homenagens a Rheingantz, negou que o foco das comemorações estivesse na exaltação dos grandes homens do município:

O acento desde o início estava assim: deixar que “o povo São Lourenço”, através da lembrança do sesquicentenário da imigração alemã, que “o povo São Lourenço” possa uma vez se mostrar “quem nós somos”, “como nós estamos andando” e o que “nós podemos fazer daqui pra frente”; eu acho que o peso vai estar mais lá. (...) Então, nós também vamos montando devagar, em partes; porque eu acho que o importante é que São Lourenço vai reaver muito da sua história; a história que ainda falta ser contada. (Existem) muitas lacunas! No sentido do próprio povo se entender de “porque nós somos assim?”. Já há uma diferença bastante grande nesses 20 e poucos anos que eu conheço isso aqui. A diferença é bastante grande já (Itto Sträher).

Itto Sträher, apesar de enfatizar o povo como foco das comemorações, já havia citado anteriormente algumas homenagens que estão sendo planejadas para lembrar Rheingantz.

Na realidade, apesar de existir um desejo de não mistificação, ela continua ocorrendo; os organizadores seguem, mesmo que de forma não perceptível, legitimando e perpetuando os grandes feitos do fundador. Não é tão fácil desvincular seu nome destas comemorações, afinal, Rheingantz, enquanto mito, já está enraizado no cotidiano e na mentalidade local.

Na historiografia, o conceito de mentalidades passou a designar as atitudes mentais de uma sociedade, os valores, o sentimento, o imaginário, os medos, o que se considera verdade, ou seja, todas as atividades inconscientes de determinada época. As mentalidades são aqueles elementos culturais e de pensamento inseridos no cotidiano, que os indivíduos não percebem. Ela é a estrutura que está por trás tanto dos fatos quanto das ideologias ou dos imaginários de uma sociedade. Tal conceito está muito ligado à questão temporal, pois a mentalidade é considerada uma estrutura de longa duração. Além disso, ao contrário dos fatos, que acontecem muito rapidamente, a mentalidade permanece durante muito tempo sem modificações, e suas mudanças são tão lentas a ponto de nem serem percebidas (SILVA E SILVA, 2005, p. 279).

A sugestão de Caldas, para amenizar esta valorização a um único ícone, é relembrar que ele não esteve sozinho nesta empreitada, visto que boa parte da população ainda não sabe que Oliveira Guimarães também foi um dos fundadores da colônia.

Eu acho que se houvesse algo, não seria necessário mais um monumento (pro Rheingantz), ou que tivesse, que se inaugurasse então o busto pro José Antônio de Oliveira Guimarães, eu acho que seria de bom tamanho – botava uma placa ali também. Porque o Rheingantz todo mundo já sabe que foi um dos fundadores; então, se inaugurava o busto do Guimarães, também fundador, mais um, inaugurava aqui na nossa praça ou na praia; mas o que menos conta nessas ações políticas é a fidelidade à história – eu acho que não se atende muito isso; é mais uma vitrine momentânea, para ser comentado e depois também passa. Mas, acho que se deveria ter mais atenção à verdade dos fatos (Pedro Caldas).

A idéia do monumento partiu de Edilberto Hammes, como bem havia citado Sträher, anteriormente: “A idéia que eu tinha era de fazer um monumento com os dois (Rheingantz e Guimarães) se cumprimentando ou simplesmente as mãos (dos dois); alguma coisa que lembre a amizade inicial que teve um alemão com um português” (Edilberto Hammes). Além disso, ele lembra outras sugestões que deu para a comissão do sesquicentenário, algumas delas não-aprovadas:

Eu andei dando algumas idéias no início do ano, e até agora nada! (...) Eu gostaria que fosse inaugurado um monumento, como tem lá um monumento ao cinquentenário e um monumento ao centenário, eu gostaria que fosse

inaugurado um monumento ao sesquicentenário, no dia 18 de janeiro (...). Eu dei a idéia de se fazer moedas comemorativas, assim como teve no centenário de emancipação política, em 1984 (...). Até a minha idéia era fazer de um lado da medalha, a moeda que circulava na Pomerânia, quando eles vieram pra cá, e do outro lado, o réis que circulava no Brasil (...). (Outra idéia é a chegada de) um barco (encenando a chegada) dos imigrantes (...) no dia da festa (Edilberto Hammes).

Essa manifestação de Hammes, sobre a lentidão dos organizadores, soma-se a sua indignação pela pouca divulgação do evento: “Eu só acho uma coisa (...): tá pouco divulgado isso! Não se ouve nada! Vamos divulgar!” (Hammes). Lentidão e falta de divulgação, nesse caso, rimam com certo desinteresse.

O que podemos dizer da construção de heróis nos dias de hoje? (...). A rapidez das mudanças tecnológicas em curso no mundo já começa a produzir a memória, a história e a mitologia dos novos tempos. Nestes a mídia assume o papel de orientadora de conduta no lugar de instituições tradicionais de socialização como família, escola, igreja. Assiste-se nos dias de hoje a uma crise do herói entendido como homem excepcional. Aposta-se no homem comum (OLIVEIRA, 2003, p. 75-76).

Teríamos, então, um herói em crise? Afinal, temos a divisão de opiniões sobre Rheingantz, a falta de mobilização para o evento e, até mesmo, o novo livro de Jairo Scholl Costa. “Com a pós-modernidade, entraram em erosão e se fragmentaram o mito, a ideologia, a racionalidade histórica, os sistemas, as sínteses, o sujeito histórico e tudo aquilo que conduziu à formação de modelos, arquétipos, paradigmas” (FÉLIX, 2004, p. 12). Sai o mito, entra o homem comum. Essa mudança de paradigma, a nosso ver, está relacionada ao modo como a ciência vem trabalhando nos últimos anos; positivismos, verdades absolutas e modelos formadores estão “fora de moda”²¹². “A ciência deixa de oferecer as certezas e as verdades absolutas. Hoje só temos indicadores, possibilidades, não uma, mas várias verdades coexistindo” (FÉLIX, 2004, p. 12). Apesar de tudo isto, estamos em um momento de forte valorização do passado.

A consciência da mutação, das crises, opera uma virada para o passado, para aquele tempo lembrado como melhor. Há assim como que “surto da memória”. No fim do século XX e início do XXI estamos vivendo uma

²¹² “Aliando conhecimentos teóricos e empíricos, a História nunca mais será a mesma, a das certezas e dos positivismos, a das visões de mundo, e das contradições a serem resolvidas. Ela é, hoje, uma disciplina instigante, aberta às questões e aos paradoxos, perguntando, em lugar de concluir, cuja preocupação central não é a descrição ou a compreensão de fatos ou comportamentos esperados. A História, hoje, seria fator de desordem do discurso, apontando a falácia das hegemonias, como construções interpretativas” (SWAIN, apud SOARES, 2007, p. 38).

situação especial já que nunca o presente tinha ficado tão obcecado pelo passado como acontece agora. A cultura da memória, a mobilização de passados históricos e/ou mitológicos, a publicação de livros de fotos e depoimentos, a restauração de velhos centros urbanos, a criação de museus e centros culturais, tudo isto está nos informando que o desejo de privilegiar o passado talvez seja nossa resposta diante da insegurança frente ao futuro (OLIVEIRA, 2003, p. 76-77).

Essa junção de fatores - fragmentação do mito versus revalorização do passado - parece indicar que estamos em um momento ideal para uma revisão histórica. É justamente o que sugere Pedro Caldas:

(Sobre as comemorações do sesquicentenário) Eu acho que vão ser cometidos os mesmos erros do início do século XX, porque passaram-se 100 anos desde a primeira comemoração; nós temos altas tecnologias, temos grandes recursos, mas a mentalidade das pessoas, o ser humano, intrinsecamente, é o mesmo. Os políticos que estão aí, eles têm os mesmos objetivos dos (políticos) do século passado. Ou seja, eles querem ficar bem com uma boa parcela da comunidade; não tem nenhuma preocupação com a história verdadeira; inclusive, eu já manifestei isso a uma autoridade municipal, de que essa seria a oportunidade - porque houve uma mudança política significativa aqui em São Lourenço - (...) pra revisar, e não cometer os mesmos equívocos que já foram cometidos em comemorações anteriores. Dar o nome aos bois - mostrar a verdade; fazer a população conhecer a verdade, o que realmente aconteceu. O que foi de fato a colônia de São Lourenço, quem era de fato o Rheingantz, quem foram os outros personagens que foram esquecidos e mais do que esquecidos, foram apagados da história da colônia (Pedro Caldas).

Extremamente pertinente o comentário de Caldas, chamando atenção sobre o modo como a história foi manipulada de acordo com os interesses do poder estabelecido e sugerindo a revisão do passado sul-lourenciano; naturalmente que as mudanças não acontecem de uma hora para outra – tanto que a própria história oficial levou seu tempo para se estabelecer como a versão tradicionalmente aceita; há 100 anos, Carlos Rheingantz deu o primeiro passo para revitalizar a contestada imagem de seu pai. Num primeiro momento ele não alcançou o resultado que se esperava, afinal, a recepção dos restos mortais de Rheingantz não foi coroada de êxito. Mas, o tempo passou e sua versão, reforçada de tempos em tempos, tornou-se legítima: Rheingantz estabeleceu-se como o grande herói que trouxe vida a uma terra. O modo como o presente parece insurgir-se contra estes modelos formadores de conduta, aliado a novos trabalhos podem alterar este paradigma. Por isso, assim como sugeriu Caldas, devemos tentar “ir contra a corrente”, mostrar uma nova versão dos fatos, revisar o que já foi dito e aceito, há muito, como fato incontestável; talvez, este seja um dos primeiros passos

para que a mentalidade se “desacostume” de certas verdades absolutas e de alguns mitos
construídos historicamente.

6 Considerações finais

Mito. Eis um conceito que pode ser aplicado a diversas situações. Por um lado, existem apropriações deste termo que são utilizadas de modo vulgar e que estão mais próximas das crenças populares do que de um estudo mitológico propriamente dito - um bom exemplo, para ilustrar esta assertiva, é “os caçadores de mito”, um programa televisivo, veiculado no Discovery Channel e na Rede Globo²¹³, especializado em testar a veracidade de algumas “lendas”. Em seu show, os protagonistas combinam elementos da ciência e tecnologia para determinar, se certas crenças populares são verdadeiras ou falsas.

Esta referência resume a falta de clareza e a dificuldade de conceituar este termo; “apesar de pertencer a um campo tão prezado por historiadores e amantes da História, o conceito de mito é pouco conhecido e, na verdade, menos fácil de definir²¹⁴ (SILVA & SILVA, 2005, p. 293). Assim, apesar da enorme importância dos mitos no funcionamento da sociedade, e de sua presença constante no nosso cotidiano, ainda existem muitas confusões quanto ao seu sentido, sendo extremamente comum o mito ser associado a falsidade, mentira, engano, etc. A própria definição deste conceito nos dicionários de língua portuguesa, comprova esta idéia; segundo o Houaiss, Mito é: **1.** lenda; fantasia **2.** O que não existe na realidade²¹⁵”. Ou seja, “popularmente”, mito é ilusão. Ulpiano Bezerra de Menezes, neste mesmo sentido, e abordando “as conotações correntes, até mesmo populares, da palavra mito e da família que ela gerou”, afirma que “mitificar, mistificar, mistificação são palavras pesadas com um sentido negativo de inverdade, falsidade, mentira. Mito conotaria, portanto, ilusão, fantasia, coisa imaginária, enganosa, fruto de manipulações” (MENEZES, 1998, P.41)

Há ainda, uma outra tendência, de associar mito como objeto exclusivo da antiguidade clássica ou de povos “primitivos” - como se Hércules, Aquiles e Zeus fossem os únicos portadores legítimos deste conceito.

Muitos estudiosos consideravam o pensamento mítico como diretamente relacionado aos povos primitivos, arcaicos, e esperavam que esse tipo de mentalidade fosse sendo superado pelo pensamento racional. O tema ficou preso ao espaço dos estudiosos dos povos primitivos. O mito passou a ser considerado como um engano, uma ilusão que se opõe à realidade objetiva, racional. A realidade, nessa perspectiva, para ser atingida, exigiria a

²¹³ No programa dominical - “Fantástico”.

²¹⁴ “O antropólogo Everardo Rocha chega mesmo a afirmar que não é possível definir mito” (SILVA & SILVA, 2005, p. 293).

²¹⁵ Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001, p. 299.

destruição do mito. Em meados do século XX o tema ressurgiu com a voga do estruturalismo, principalmente com as formulações de Claude Lévi-Strauss. O mito, que tinha sido considerado apenas produto da mentalidade primitiva, passa a integrar o pensamento da humanidade. O mito passa a ser entendido como uma história sagrada, um modelo, uma justificativa do significado da vida humana (e portanto ligado a valores religiosos) mas também como capaz de expressar as estruturas lógicas do pensamento humano. Assim o mito pode ser visto como o que procura dar sentido ao mundo, permite tornar inteligível a complexidade da vida social (OLIVEIRA, 2003, p. 78).

Através deste trabalho, vimos que mito não é uma ilusão – afinal, Rheingantz é um instrumento real e bastante eficaz, a serviço do poder estabelecido. Pelo mesmo motivo, é possível afirmar que o mito não é objeto exclusivo do mundo antigo, sendo uma referência mais do que constante em nosso cotidiano contemporâneo - basta observar nomes como, por exemplo, John Lennon, Pelé e Getúlio Vargas²¹⁶. Estes três personagens tornaram-se verdadeiros ícones do século XX, respectivamente, na música, no esporte e na política, e são admirados por milhões, como exemplo a ser seguido; seus “feitos”, apesar de recentes, são narrados como verdadeiras epopéias através de filmes, biografias e outras homenagens.

O mito é uma constante na vida do homem contemporâneo. Também o foi para os atenienses dos tempos de Péricles e é-o, hoje, de um modo aparentemente diverso, para certas sociedades da Melanésia ou de África. Falar em Édipo, em Medeia ou em Hércules sugere, no Ocidente, o MITO. E os mitos dos nossos dias? Os do palco, os dos estádios, os da política... O homem do século XX d.C. interessa-se pelo mito, mantém-no vivo (JABOUILLE, 1994, p. 7).

Jacob Rheingantz, apesar de não ser tão conhecido quanto estes personagens acima citados, também teve alguns biógrafos interessados em narrar suas realizações, pois sua importância, ao menos para São Lourenço do Sul, não pode ser desmerecida. Rheingantz, no entanto, faz parte de uma outra categoria - a dos mitos fundadores, tal como Blumenau²¹⁷ e Tiradentes²¹⁸. Esta classe de heróis valoriza os fundadores de uma localidade, mas também qualquer grande acontecimento²¹⁹ e/ou transição política. A legitimação, feita através de um "mito fundador", refere-se ao momento primeiro, apontando de onde viemos, para onde vamos e o que esperam de nós nessa sociedade. Somos, em suma, reflexo destes arquétipos construídos pela história.

²¹⁶ Umberto Eco, por exemplo, estuda uma outra categoria de mitos: “os da propaganda e do cinema, em personagens como James Bond” (SILVA & SILVA, 2005, p. 296).

²¹⁷ Dr. Hermann Blumenau, fundador de uma colônia homônima, em Santa Catarina.

²¹⁸ Considerado o mito fundador da República brasileira.

²¹⁹ Como a Revolução Farroupilha, por exemplo.

Dá-se o nome de ‘mito’ a um relato de algo fabuloso que se supõe ter acontecido num passado remoto e quase sempre impreciso. Os mitos podem referir-se a grandes feitos heróicos (no sentido grego de ‘heróicos’) que são considerados, com frequência, como o fundamento e o começo da história de uma comunidade ou do gênero humano em geral (MORA, 2001, p.478).

Mas, Rheingantz, antes de se tornar objeto de uma construção mitológica, teve que ser responsável por alguns atos que o tornassem digno de exercer o posto de “modelo formador de conduta”. Observando sua trajetória de vida, através do capítulo dois, e o modo como ela foi narrada pela história oficial, no capítulo 3.1, fica fácil perceber que ele está apto para servir de arquétipo à sociedade sul-lourenciana: Rheingantz viajou o mundo (possui espírito de aventura), fundou uma colônia (é desbravador e pioneiro), trouxe imigrantes para o Brasil (auxiliou seus conterrâneos em um momento difícil), possibilitando-lhes começarem uma vida nova (possui aspirações nobres), tornando-se tutor e conselheiro dos colonos (era muito mais do que o diretor da colônia, transformou-se em pai dos colonos).

Por fim, Rheingantz enfrentou uma conspiração contra si, movida por “elementos de fora”, e venceu. Sua vitória não foi selada com um conflito armado ou com vítimas; foi alcançada pelo tempo e pela sabedoria. Tempo – necessário para provar sua inocência. Sabedoria - por saber esperar a hora certa de voltar.

Projeção, encarnação de todas as forças maléficas contra o que é aceito e vivido como verdadeiro, justo ou santo, a imagem sempre renascente do Complô não pode ser compreendida senão como uma das ilustrações, a mais poderosa talvez, mas não a única, dessa concepção antitética da ordem universal (GIRARDET, 1987, p. 49).

Todo herói necessita de inimigos²²⁰; mais do que isso, toda sociedade precisa de inimigos. Com o herói surge o exemplo a ser seguido; com o vilão, o modelo a ser repudiado. “O anti-herói, o avesso do modelo de virtude, aquele que não serve para ser imitado, que aparece como sujeito discursivo, espelho invertido para que o modelo ideal se reflita nele e o negue (...), deveria ser rechaçado e banido” (RAMOS, 2003, p. 85). A história oficial cumpre, assim, com sua missão de criar um herói que sirva de modelo para a população local, ao mesmo tempo em que rejeita certas condutas, tipicamente associadas aos anti-heróis. Os “arruaceiros” que se revoltaram contra a ordem estabelecida (Rheingantz), são o principal

²²⁰ “Sabemos que a constituição do herói envolve a vitória sobre alguma adversidade, demanda algum sacrifício” (OLIVEIRA, 2003, p. 75).

exemplo de conduta que não deve ser seguido pelos cidadãos sul-lourencianos. Garante-se, assim, a ordem e a continuidade tão almejadas pelo poder estabelecido.

Inegável, para este fim, foi a contribuição de Carlos Guilherme Rheingantz, Vivaldo Coaracy e Jairo Scholl Costa;

(Esses autores) procuraram, cada um a sua maneira, construir um sentido para a identidade (sul-lourenciana)²²¹, e definir quem deve ser considerado herói (...). Esses autores compõem a galeria de heróis-autores que através de seus livros (...), formou novas gerações. Através de suas histórias foi apresentada uma figura de herói que serve como modelo (OLIVEIRA, 2003, p. 72).

Identidade, memória, ideologia, mito... Estes autores formaram muito mais do que um herói para a história municipal; eles determinaram a posição de cada sujeito dentro da sociedade sul-lourenciana. Sempre que achou necessário, principalmente nos anos jubilares, o poder estabelecido lembrou estes autores reativando, através de Rheingantz, os valores que julgava necessário resgatar - coragem, ordem, labor, progresso, etc. - seja pela palavra escrita (através de livros ou matérias de jornal), seja pela valorização de objetos da cultura material (monumentos, túmulo, casa, etc.). A coletividade social, por sua vez, sabendo de suas origens espelha-se no pioneirismo e heroísmo dos fundadores, sentindo-se mais segura para seguir em frente. “O herói repete o gesto arquetípico e, assim, o homem, integrado na sociedade, suportou, durante séculos, pesadas pressões históricas sem desesperar, sem recorrer ao suicídio nem cair na esterilidade espiritual” (JABOUILLE, 1994, p. 78). O controle que ele exerce sobre as massas, devido a suas virtudes, vem naturalmente e garante a manutenção da ordem estabelecida.

É através dessa uniformização do passado, onde só há espaço para a visão hegemônica, que se organizou o discurso da história oficial. O esquecimento proposital de certos documentos, combinado com a utilização estratégica de outros, somado a toda uma campanha em prol de certos personagens, induz o leitor a acreditar neste passado habilmente fabricado.

No mundo em que hoje vivemos, já não se trata de uma questão de decadência da memória coletiva e da declinação da consciência do passado, e, sim, a violação brutal do que a memória pode, todavia, conservar, da mentira deliberada por deformação de fontes e arquivos, da invenção de passados recompostos e míticos a serviço dos poderes das trevas. Contra os militantes do esquecimento, os traficantes de documentos, os assassinos da

²²¹ Parênteses nosso.

memória, contra os revisores de enciclopédia e os conspiradores do silêncio, contra aqueles que, para retomar a magnífica imagem de Kundera, podem apagar um homem de uma fotografia para que nada fique dele com exceção de seu chapéu, o historiador, o historiador somente, animado pela austera paixão dos fatos, das provas, dos testemunhos, que são os alimentos do seu ofício, pode velar e montar guarda (YERASHALMI, apud FÉLIX, 2004, p. 6).

Esta “violação brutal da memória”, conforme definiu Yerashalmi, dociliza a população e a transforma em um brinquedo na mão de determinados grupos. Desconstruir um mito, no caso deste trabalho, tem um objetivo político/social e está intimamente relacionado a reconstruir uma história - na medida em que intenta tornar perceptível essa manipulação.

Vital, neste sentido, é a recuperação das fontes que foram deixadas de lado por essa historiografia. Poderíamos ter trazido muitos outros elementos inéditos para este trabalho, mas, em função da proposta de resgatar principalmente o material que contradissesse a suposta relação patriarcal, optamos pelos documentos que salientassem o desgaste entre o administrador e os colonos. Certamente muitos documentos comprometedores foram perdidos, mas por maior que tenham sido os “desaforos²²²” de alguns opositores, os “militantes do esquecimento” não conseguiram apagar todo o passado, pois em certos documentos e em determinadas memórias, mantidas vivas de geração para geração, sobreviveram algumas lembranças não distorcidas totalmente pela história oficial. A capacidade de estas fontes contradizerem generalizações sobre o passado, amplia a percepção histórica – e nesse sentido permite uma “mudança de perspectiva²²³”.

O mais interessante, para se alcançar essa “mudança de perspectiva”, porém, é que o historiador não está enfrentando apenas os “poderes das trevas”, mas toda uma mentalidade tradicional, criada por este grupo; a “tradição santifica o passado, justifica o *status quo*, consola os saudosistas” (RODRIGUES, apud FÉLIX, 2004, p. 41). O comportamento tradicional é guiado pela noção de que “sempre foi assim” - este conformismo garante a preservação de costumes e práticas que já demonstraram ser eficientes no passado. “Nessa forma de ação, o indivíduo não pensa nas razões de seu comportamento” o que, em suma, seria uma forma de “dominação legítima, uma maneira de se influenciar o comportamento de outros homens sem o uso de força” (SILVA E SILVA, 2005, p. 405). Como vimos, através de Bourdieu, a tradição nada mais é do que um dos “poderes simbólicos” que rege o funcionamento da sociedade. Para José Honório Rodrigues, “a tradição está repleta de lendas,

²²² Referimo-nos a uma frase específica, citada no 3º. Capítulo, encontrada no verso de um documento: “Desaforos do Desouzart: Papéis relativos a negócios coloniais que não convém destruir”.

²²³ ALBERTI, 2005, p. 166

de mitos e de superstições, de invenção popular” e “nós, na História, temos de desmistificar esse mal que vem com a tradição” (RODRIGUES, apud FÉLIX, 2004, p. 41-42).

O quarto capítulo objetivou, justamente, resgatar esses momentos que foram deixados de lado, para que a história de Rheingantz e da colônia não fosse “manchada” por “meia dúzia de baderneiros”. Foi através dessa contradição, entre “o que contar/por que contar”, “o que esquecer/por que esquecer”, que os capítulos 3 e 4 se organizaram. A importância do mito, destacada teoricamente, justifica essa narrativa laudatória em torno de Rheingantz.

O quinto capítulo, dividido em duas partes, por um lado, comprovou o sucesso da construção mitológica desenvolvida em torno de Rheingantz – vide, o reconhecimento e a aceitação de seu nome entre a população local – e, por outro, acrescentou novos dados, idéias e hipóteses sobre sua figura e sobre a historiografia que o construiu. Além disso, implicitamente, este capítulo buscou a consciência das contradições no modo como as pessoas vêem Rheingantz. E, foi bem sucedido; afinal, alguns entrevistados destacaram justamente o aspecto de que a história contada de um lado (oficial) e de outro (“subterrânea”)²²⁴, não é a mesma. A percepção sobre essa manipulação talvez já esteja no inconsciente coletivo; novos trabalhos, com alcance popular, como *O pescador de arenques*, podem trazer o assunto novamente à tona, contribuindo para essa mudança de perspectiva. Outro fator que pode contribuir decisivamente neste mesmo sentido, é o sesquicentenário de colonização alemã, em São Lourenço do Sul. Ao contrário das datas comemorativas anteriores, esta festividade almeja transcorrer sem a “mistificação de personagens”. Porém, contraditoriamente, algumas homenagens já estão sendo preparadas.

Há 150 anos, Rheingantz já havia saído de Hamburgo, com quase 90 pessoas, rumo à sua recém comprada colônia. Na Serra dos Tapes, Oliveira Guimarães tomava as providências necessárias para a chegada destes imigrantes. Por meio de uma contextualização, no capítulo 2, vimos que Rheingantz, após abandonar a sociedade na casa comercial de Guilherme Ziegenbein, fundou, ao lado de Guimarães, uma colônia de imigrantes germânicos. Era um negócio rentável: os investidores ganhavam por cada imigrante que se fixasse na colônia, além de lucrarem com a venda dos lotes de terra e dos produtos coloniais. Por sua vez, o desejo de emigrar estava ligado principalmente às questões financeiras; o velho mundo, envolto em rápidas transformações não conseguia encaixar todos na nova lógica capitalista, forçando o excedente, que ficou alijado de melhores oportunidades, a abandonar suas terras.

²²⁴ Não se trata de uma polarização simplificadora. Vale sempre ressaltar a existência de uma diversidade muito vasta de memórias coletivas.

A opção pela América representava a possibilidade de um recomeço, e a expectativa de melhores condições de vida.

Guimarães permaneceu co-administrando a colônia por apenas cinco anos (até 1863), enquanto Rheingantz seguiu dirigindo-a, até sua morte, em 1877. Guimarães abandonou a sociedade e a lembrança de alguns autores da história oficial; afinal, Carlos Guilherme Rheingantz e Vivaldo Coaracy não mencionam seu nome como sócio de Rheingantz. A sua contribuição para o início da colonização só foi recuperada posteriormente em artigos de jornal e através de Jairo Scholl Costa. Esta, aliás, não é a única diferença entre estes dois grupos de autores. Como afirmado anteriormente, Costa fez a pesquisa mais ampla sobre São Lourenço, não tendo Rheingantz nem como início, nem como fim de sua história. Os outros dois escritores, por sua vez, limitaram-se exclusivamente ao estudo da colônia e à exaltação do fundador. Costa, apesar de também conduzir seu discurso de maneira laudatória, acrescenta outros nomes ao panteão de heróis locais. Além disso, conta a seu favor, a publicação de sua mais recente obra. *O pescador de arenques* enfoca de modo bastante perspicaz a indignação dos colonos e o modo como ocorre a defesa de Rheingantz – através de um personagem que nada mais é do que a própria personificação da história oficial. Aonde Costa quer chegar com isso? Seria uma autocrítica? É bem possível, afinal, como vimos na introdução, a ideologia transmitida por estes agentes, implicados na produção e difusão de imagens que alimentam o âmbito ideológico, muitas vezes é inconsciente²²⁵. Jairo Scholl Costa, ao contrário dos outros dois escritores, parece estar mais próxima desta lógica. Primeiramente, porque o enfoque de Carlos Rheingantz e Vivaldo Coaracy é exclusivamente Rheingantz, enquanto que Costa, ao contrário, exalta sem distinção: Rheingantz, Guimarães, e João Batista Scholl, se equivalem no seu discurso. E este nada mais é do que o tom tradicional de sua escrita, independente do personagem envolvido. Em segundo lugar, nota-se em Jairo Scholl Costa, uma “consciência histórica” que justifica essa mudança de posicionamento na sua representação sobre Rheingantz; o mais interessante é que ela não é uma visão recente, fruto de sua percepção sobre as contradições da história local, mas uma herança do período em que ele ainda desenhava o fundador de maneira incontestável:

É verdade que este livro não é uma obra completa. Acreditamos que nenhuma obra o é. A história é dinâmica, sempre existirá alguma palavra por ser dita. Sempre haverá algum reparo ao que foi escrito. Este livro do centenário de São Lourenço absolutamente não pretende ser o que vulgarmente se chama “o dono da verdade” (...). O livro não pretende (...)

²²⁵ Ver introdução, p. 13.

dizer tudo sobre São Lourenço. Muito ainda está por ser escrito. Nossa intenção, ao fazê-lo, é que seja ele um detonador de outros trabalhos sobre nosso município, que seja um incentivo para que outros se interessem pela pesquisa de nossa história, que revelem aqueles fatos que ainda ficaram obscuros (COSTA, 1984, p. 14).

O interessante é que o próprio Jairo Costa tomou consciência sobre alguns desses fatos “obscuros” do passado sul-lourenciano, alterando significativamente a sua representação sobre Rheingantz. Ao que nos parece, embora se trate de uma hipótese, já estava se tornando insustentável seguir exaltando um personagem que ainda hoje é associado à exploração dos colonos – vide algumas entrevistas e novos estudos, como o de Moacir Böhlke e Jorge Luiz da Cunha. Costa certamente tomou conhecimento desta contradição e decidiu oportunamente aprofundá-la em seu romance histórico.

O tema, porém, está longe de se esgotar; novos capítulos certamente serão adicionados a esta história; basta esperar o próximo ano jubilar...

Dizem que a curiosidade é uma característica essencial do historiador.

Perto da minha casa havia um muro extremamente alto; passei a infância inteira tentando enxergar o que havia do outro lado deste imenso “paredão”. Todos os dias, quando ia para o colégio, passava por ali, intrigado. O muro era alto, mas minha imaginação também era. Ficava elaborando várias hipóteses sobre o que havia depois dele. Crianças têm a mente fértil, e o que eu imaginava do outro lado não eram coisas convencionais. Pelo contrário, eram coisas fantásticas. Concluí o primeiro grau e fiquei muitos anos sem passar novamente por aquela rua. Dias atrás, no entanto, passei novamente por lá. O muro continuava em pé, mas, embora continuasse na mesma altura, já não era mais tão alto. Pelo contrário, ele pareceu ter diminuído de tamanho. Ainda tinha na lembrança minha curiosidade infantil, tanto que não resisti e atravessei a rua para finalmente descobrir o que havia do outro lado. O que eu vi não me agradou. Na verdade, fiquei um pouco decepcionado por descobrir que existia apenas um terreno baldio e muito lixo por ali. Não havia nada de extraordinário; claro que não iria ter, mas por um segundo as lembranças e as expectativas da infância voltaram à tona, na esperança de encontrar algo que ficou perdido no passado e que dava sentido para minha criatividade.

Desconstruir não significa destruir. Representa tornar perceptíveis os interesses por trás de uma história. Reconstruir, no caso deste trabalho, significa ver com outros olhos. Acrescentar, contribuir, interpretar de outra maneira. Quando iniciei este trabalho, só enxergava dois extremos: um, que apontava para os grandes feitos do fundador. Outro, que

dava conta de um ser tirano que explorava os colonos. Depois de muito tempo, percebi que Rheingantz não era nem um, nem outro; nem herói, nem vilão. Ele foi apenas o administrador de um negócio, com seus méritos e com seus problemas, transformado em herói por uma série de autores engajados com causas particulares. Após entender isto, ficou muito mais fácil enxergar o homem por trás do mito. Além disso, percebi que a crítica deveria ser dirigida para os autores desta historiografia, e não para o seu objeto. Quando olhei por sobre o muro, não gostei do que vi, mas era o que havia por lá. Talvez, muitos não gostem de ver Rheingantz do modo como o retratei – despido da roupa de super herói e sem o tom laudatório regendo o discurso. Mas, após estudá-lo quase que diariamente por quatro anos, foi o ser humano que consegui encontrar.

ANEXOS:

Os anexos deste trabalho referem-se, por um lado, às entrevistas escritas e orais; por outro, a algumas imagens ilustrativas, que complementam a dissertação.

ANEXO A - Entrevistas Escritas:

Entrevistados:

Homens:

Cidade	Interior
Egon Schneid	André Penning
Júlio Abel	Círio Rodrigues
Orli da Rosa Rodrigues	João Alfredo Kath
Sandro dos Santos Hammes	Jorge Luiz Schneider
Vitor Stallbaum	Juliano Radtke Lüdtkke

Mulheres:

Cidade	Interior
Dina Gonçalves da Silva	Clara Klumb
Dóris Helena Halfen Freitas	Cristina Schneider
Estefânia Pereira	Mailicia Brächer
Gládis Stefan	Olga Feddern Neutzling
Jussara Pedrollo	Tatiana Krüger

ENTREVISTA:

Nome: Egon Schneid

Idade: 65 anos

Ocupação: Aposentado

Escolaridade: Ensino médio

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

De bom – Trouxe famílias em dificuldade em sua terra natal, oferecendo-lhes, assim, uma nova oportunidade para crescer.

De dúvida – por que escolheu uma região tão afastada da lagoa e de tão difícil acesso em virtude de sua topografia.

ENTREVISTA:

Nome: Júlio Abel

Idade: 55 anos

Ocupação: Livreiro

Escolaridade: Superior incompleto

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Foi um grande empresário e vanguardista, pois criou um núcleo habitacional que foi o embrião de nossa sociedade.

ENTREVISTA:

Nome: Orli Da Rosa Rodrigues

Idade: 37 anos

Ocupação: Empresário / Representante comercial

Escolaridade: 3º incompleto

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Como não possuo origem alemã, não conheço sua história. Porém, seu nome acabou virando nome de rua, e eu desconheço alguém com imagem negativa que tenha conseguido tal façanha.

ENTREVISTA:

Nome: Sandro dos Santos Hammes

Idade: 33 anos

Ocupação: Comerciante

Escolaridade: 2º. Grau

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Como morei em uma rua com o seu nome acabei escutando algumas histórias sobre sua vida e deus feitos. Sempre com elogios a sua conduta.

ENTREVISTA:

Nome: Vitor Stallbamm

Idade: 39 anos

Ocupação: Autônomo

Escolaridade: 2º. Grau completo

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Porque era uma pessoa boa, que veio da Alemanha, da cidade de Sponheim, para o Brasil, mais precisamente para o Rio Grande do Sul, com o objetivo de trabalhar e com o passar do tempo chegou em São Lourenço vindo a formar ou fundar a colônia de São Lourenço.

ENTREVISTA:

Nome: André Penning

Idade: 33 Anos

Ocupação: Atendente de mercado

Escolaridade: 5ª. Série

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Porque ele fez muito pelos alemães que vieram ao Rio Grande do Sul e pela sede na Coxilha do Barão.

ENTREVISTA:

Nome: Círio Rodrigues

Idade: 53 anos

Ocupação: Marceneiro / artesão

Escolaridade: 7ª. Série

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Na minha opinião, Jacob foi um desbravador. Também com seus pontos positivos como em qualquer sociedade, também teve seus pontos negativos, talvez por grandes dificuldades. Mas, hoje, temos uma parcela de orgulho, pois o que Jacob implantou está aqui hoje ainda, muito presente em nossos hábitos e costumes.

ENTREVISTA:

Nome: João Alfredo Kath

Idade: 58 Anos

Ocupação: Técnico em contabilidade

Escolaridade: 2º. Grau completo

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Positivo: pela liderança e ter trazido os imigrantes para São Lourenço.

Negativo: pela exploração das pessoas que ficavam dependentes dos seus comandos e também financeiramente.

História passada pelos antepassados.

ENTREVISTA:

Nome: Jorge Luiz Schneider

Idade: 49 anos

Ocupação: Agricultor

Escolaridade: 5ª. Série

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Ele teve seus méritos, pois iniciou a colonização, mas de negativo, ele explorou muito os colonos. As lembranças da minha avó sempre chamaram atenção para esta exploração, que não “bate” com o que foi escrito nos livros de História.

ENTREVISTA:

Nome: Juliano Radtke Lüdtke

Idade: 24 anos

Ocupação: Comerciante

Escolaridade: 2º. Grau completo

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Só sei que Jacob Rheingantz foi um dos primeiros imigrantes de São Lourenço do Sul.

Outro olhar sobre Jacob Rheingantz (diz que ele) era um explorador dos colonos.

ENTREVISTA:

Nome: Dina Gonçalves da Silva

Idade: 42 anos

Ocupação: Comerciante

Escolaridade: 1º. Grau

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Só lembro-me de ter aprendido no primário que ele e sua família tinham sido os colonizadores ou fundadores da nossa cidade.

ENTREVISTA:

Nome: Dóris Helena Halfen Freitas

Idade: 44 anos

Ocupação: Professora

Escolaridade: Universitária

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Sou professora da 3ª. Série e por muito tempo estudamos este personagem como único e incontestável herói da colonização de São Lourenço. Hoje já compreendo que nenhum fato histórico ocorre por obra e graça de um único homem. José Antônio de Oliveira Guimarães financiando a vinda dos colonos e organizando os lotes e o mínimo de estrutura, foi peça fundamental no sucesso da colonização alemã em nosso município. É primordial a pesquisa sobre esse assunto tão rico (e) fundamental para nossa História, para que se desmistifique o homem e permaneçam suas realizações.

ENTREVISTA:

Nome: Estefânia Pereira

Idade: 20 anos

Ocupação: Estudante

Escolaridade: Ensino médio

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Quando estudei sobre ele, aprendi que foi de grande importância para nossa colonização (de nossa cidade); mas, não estudei a fundo os seus atos.

ENTREVISTA:

Nome: Gládis Stefan

Idade: 59 anos

Ocupação: Professora aposentada

Escolaridade: Superior

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Comentários que tenho ouvido, partindo das mais diferentes pessoas (da colônia, da cidade, descendentes dos primeiros imigrantes ou não), comentários que ouvi a vida inteira, mais ou menos resumidos passam a imagem de um homem com um grande projeto, parece-me que agindo de boa fé, mas que na prática não conseguiu cumprir grande parte de suas promessas, frustrando os sonhos de muitos que para cá se aventuraram.

ENTREVISTA:

Nome: Jussara Pedrollo

Idade: 51 anos

Ocupação: Professora

Escolaridade: Superior incompleto

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Para a maioria da população local, Jacob Rheingantz ainda é tido como herói. Atualmente, sua imagem começa a ser desmistificada e a História oficial parece começar a ser recontada, com evidência no vulto de Guimarães. A imagem de Rheingantz está estreitamente associada à exploração de colonos imigrantes que “vieram fazer a América” e aqui encontraram já nos seus primeiros dias na terra a desilusão e o fim dos seus sonhos. O historiador Jairo Scholl Costa é um dos responsáveis pela “recuperação” da História local, que a meu ver, deve ser recontada, resgatada.

ENTREVISTA:

Nome: Clara Catarina Klumb

Idade: 54 anos

Ocupação: Professora aposentada

Escolaridade: Superior

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

A imagem que tenho é positiva, reconheço que os valores negativos são mínimos. Ele era aventureiro, pois tinha vontade de conhecer o mundo, o que fez, mas para isso teve que trabalhar muito em diversas atividades. Mas, era também empreendedor e muito humano nas suas atividades. Deixou sua vida confortável e estável para consolidar seu projeto de colonização em região árida, mas de solos férteis.

ENTREVISTA:

Nome: Cristina Schneider

Idade: 25 anos

Ocupação: Atendente de Farmácia

Escolaridade: 3º. Grau incompleto

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Pelo fato de ter sido o fundador da colônia de São Lourenço, mas também se aproveitava dos colonos que possuíam terras.

ENTREVISTA:

Nome: Mailicia Brächer

Idade: 39 anos

Ocupação: Auxiliar de escritório

Escolaridade: 2º. Grau

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Sei que fundou a Colônia de São Lourenço em 1858 na localidade da Coxilha do Barão, onde hoje encontra-se o túmulo dele.

ENTREVISTA:

Nome: Olga Feddern Neutzling

Idade: 59 anos

Ocupação: Empresária

Escolaridade: 1º. Grau incompleto

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Pelo simples fato de ter deixado sua terra natal e se aventurado pelas incertezas de uma terra distante.

ENTREVISTA:

Nome: Tatiana Krüger

Idade: 21 anos

Ocupação: Auxiliar de escritório

Escolaridade: Ensino médio

Perguntas:

1. Você já ouviu falar em Jacob Rheingantz?

Sim

Não

2. Caso sua resposta seja sim, qual a imagem que tens dele?

imagem positiva

imagem negativa

um meio termo, com valores positivos e negativos

3. Justifique sua indicação:

Conta-se que ele é o fundador da Colônia de São Lourenço.

ANEXO B – Entrevistas Orais:

Entrevistados:

Edilberto Hammes

Jair Carvalho

José Nunes

Loni Hax

Itto Sträher

Pedro Caldas

Entrevistado: Edilberto Luiz Hammes

Entrevistador: Eduardo Iepsen

Projeto: “Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: da (des) construção de um mito, à reconstrução de uma história”.

Data: 19 de outubro de 2007

Local: São Lourenço do Sul / RS

Eduardo: Dr. Hammes, eu começo com uma pergunta um pouco mais ampla, referente ao que o senhor sabe sobre Jacob Rheingantz.

Edilberto: Eu vou responder dentro daquilo que eu sei; alguma coisa que ficar pra trás eu vou procura pesquisar e te responder também...

Eduardo: Então, é nesse sentido: o que o senhor sabe sobre ele...

Edilberto: Sobre Jacob? Bom, Jacob Rheingantz era um alemão, nascido na aldeia de Sponheim, no dia 10 de agosto de 1817, e que quando jovem resolveu se aventurar para a América do Norte para visitar o irmão que lá estava, chamado Henrique Rheingantz; quando chegou lá soube que o irmão tinha falecido, aí ele ficou meio desarvorado na América do Norte. Antes disso, como a história conta, ele andou trabalhando na firma Joseph Stock em Kreuznach, e depois ele teve também na firma Veuve Cliquot de champanha em Rheims; e aí que ele foi para os Estados Unidos visitar o irmão, chegando lá ele descobriu que o irmão tinha falecido; e eu descobri, com minhas pesquisas, que na realidade ele não morreu, mataram o irmão dele – ele foi assassinado. É uma coisa que pouca gente sabe; são parentes do Rheingantz que me falaram isso, que ele teria sido assassinado.

Eduardo: O senhor sabe o motivo?

Edilberto: Na realidade lá existiam naquela época imigrantes de tudo que é lado, de tudo que é país, de tudo que é lugar e não se sabe se foi alguma desavença, alguma coisa que aconteceu, e que teriam, não sei se por discussão... Não sei, gostaria de saber. A partir daí tem mais um elemento novo na história. Bom, como ele não encontrou o irmão vivo lá, ele ficou meio desarvorado por alguns anos lá e a história não conta o que ele fez lá, porque parece que ele ficou dois, três anos nos EUA; por que ele foi a Filadélfia e quando ele lá estava em Filadélfia, ele soube que vinha um veleiro para o Brasil que viria rebocando um pequeno vapor que tinha sido importado por um importador, também alemão, que morava na cidade do Rio Grande e ele sem nada mais a fazer nos Estados Unidos, isto que ele já tinha ficado três anos, ele resolveu vir de carona nesse veleiro que rebocava um vaporzinho. O vaporzinho recebeu depois aqui o nome de rio-grandense; e o nome do veleiro que trouxe

Jacob de lá para cá tá sendo revelado no meu livro aqui também; a história oficial dá um nome, mas, na realidade ele tem um outro; coisa muito interessante, também. Mas, isso é assunto pra breve, quando for lançado este livro aqui; é que existem algumas coisas interessantes e eu não posso também dizer tudo.

Eduardo: Claro que não, se não depois eu não vou comprar o livro (risos)!

Edilberto: (risos) Ele chegando aqui em Rio Grande, eu não me lembro exatamente a data, me parece que foi junho ou julho de 1832, me parece, eu não vou precisar bem a data porque eu não gravei ainda a data da chegada dele aqui. Chegando, ele conheceu esse importador que importou o vaporzinho, que foi dado o nome de rio-grandense, que fazia a cabotagem entre Rio Grande e Pelotas, transportando passageiros e conheceu lá a enteada desse Guilherme Ziegenbein, com a qual ele acabou casando; bom, como ele casou, ele ficou com uma certa parte dessa firma de importação e foi transferido pelo sogro, talvez, eu acho, de comum acordo pra filial em Pelotas, onde ele ficou. Bom, as terras de São Lourenço, naquela época, pertenciam a Pelotas, e ele numa dessas andanças aqui por esta região, ele conheceu tanto o Porto de São Lourenço como também as terras virgens, inabitadas ainda, e ao mesmo tempo ele ficou sabendo que o governo brasileiro, o Império, gostaria de pessoas que viessem pra cá habitar essa região; então, ele teve uma, provavelmente dentro da sua cabeça, houve lá uma idéia de quem sabe trazer pessoas, alemães, pra habitar essa região, unindo o interesse do Império e a possibilidade dele trazer alguém e até dele ganhar em cima disso, ele se tornou um empresário da colonização, ele resolveu levar a cabo, então, finalmente essa importação, mas ele não tinha todo o dinheiro pra isso, e ele vendeu as ações da firma dele provavelmente de comum acordo com o sogro, ele vendeu e ficou com um certo capital, que não era suficiente para empreender essa empreitada, e ele tentou falar com pessoas que tinham dinheiro em Pelotas, na volta de Pelotas, e não conseguiu; inclusive, não sei se tu chegasses a ver algumas cartas que ele trocou com pessoas lá, e algum secretário, amigo dele, eu não sei que tipo de secretário ele era...

Eduardo: Acho que o Coaracy comenta essa carta...

Edilberto: Ele comenta isso aí, exatamente! Dizendo que não achou ninguém por lá, interessado em investir, em entrar com o dinheiro; e, não sei como também, como se encontraram, ele acabou fazendo um contrato com um lourenciano, afinal de contas lourenciano – pelotense, evidente que (São Lourenço) pertencia à Pelotas, mas vivendo nas terras de São Lourenço, que era o José Antônio de Oliveira Guimarães; José Antônio de Oliveira Guimarães aceitou bancar economicamente, financeiramente essa empreitada da colonização; com o dinheiro ele foi ao Rio de Janeiro, um ano antes, 1856 ou 1857, não me

lembro, e comprou terras abandonadas; abandonadas não, devolutas, que não pertenciam a ninguém, que pertenciam ao Império, e resolveu, então, com o dinheiro buscar os colonos; daí ele foi à Alemanha e lá conseguiu com alguns, no início era o Wilhelm Hühn que era o agente de emigração e ele acabou trazendo no navio a vela, no Twee Vieden, que tem tradução e eu consegui a tradução, também está no livro, o que significa e mais o porquê desse nome no barco; ele acabou trazendo os 88, que na realidade, na lista oficial que eu também consegui, escrita pelo próprio punho do Wilhelm Hühn, tinham dois que saíram de lá e que não tem na placa dos imigrantes chegados em São Lourenço, são dois nomes; tenho também! A gente não sabe se morreram, se não embarcaram ou se não vieram pra São Lourenço, de repente ficaram em Rio Grande e não vieram aqui pra São Lourenço. Então, mais ou menos, essa é a história inicial do Rheingantz, como foi a história primeira dele. O que aconteceu desde o seu nascimento... Há, e existem algumas controvérsias também quanto a data do seu nascimento: existem pessoas que dão como 9 e outras que dão como 13, mas na realidade é dia 10 de agosto; eu consegui também o xerox da certidão de nascimento dele. Então, mais ou menos é isso aí, não sei se responde bem a tua pergunta?

Eduardo: Era mais ou menos nesse sentido que eu queria saber. Na verdade é mais o que as pessoas sabem sobre o assunto. Se o senhor pudesse falar um pouco sobre o seu livro? Como ele está sendo organizado...

Edilberto: É, são quatro volumes: cada volume tem em média 500 páginas; isto daria um total de 2000 páginas, os quatro volumes. Está indo muito bem; tem revelações muito interessantes, fruto da pesquisa de 14 anos, em cima dessa obra, e agora parece que realmente já foi liberado pela Lei de Incentivo a Cultura e parece que agora, em breve, em questão de meses, vai sair à publicação dele.

Eduardo: Como ele vai ser distribuído? Eu ouvi falar na hipótese de que ele seria distribuído pras escolas...

Edilberto: Na verdade assim, claro que eu não estou de acordo de não vender o livro! São 14 anos de pesquisa e simplesmente “atirar”, vamos por assim, em não vender desvaloriza o autor, desvaloriza a pesquisa. Eu nunca vi alguma coisa ser doada, por exemplo, assim, eu não entendo como a Lei de Incentivo a Cultura permite, por exemplo, que alguns eventos sejam vendidos ingressos; então, não poderia também! Eu poderia ir alguns eventos e entrar de graça; mas, os ingressos são vendidos! Isto aí eu tenho certeza de que a gente vai tratar e a gente vai conseguir... Agora, eu me comprometo de doar para todas as bibliotecas, todas as entidades culturais do estado, do país; os que tiverem interesse, pessoas que representem algum tipo de entidade, alguma coisa, eu vou doar o que tiver; isto é até obrigação de fazer a

divulgação da obra; agora, eu não posso simplesmente dar pra todo mundo! Isto é resultado de muito sacrifício, de muito estudo.

Eduardo: E estes locais onde o senhor pesquisou? O senhor foi pra fora de São Lourenço, pesquisou em bibliotecas e arquivos de outros locais? Rio Grande, Porto Alegre...

Edilberto: É, e mandei buscar muita coisa, porque a gente descobre muitas fontes e manda buscar via correio... Livros até do estrangeiro que falam sobre São Lourenço e que me custaram e muito até, em dólares... Então, eu não pretendo ganhar nada com o livro, mas alguma coisa que me reponha aquilo também que eu (investi).

Eduardo: É uma valorização, não passa longe disso. E, em Rio Grande, o senhor me falou certa vez também que pesquisasse por lá...

Edilberto: Grande, maravilhosa biblioteca de Rio Grande. Tenho um agradecimento aqui (apontando pro seu livro) pro presidente da biblioteca, pra secretária lá que me atendeu também muito bem. Quando ele soube que a gente tava pesquisando sobre história da nossa região, aqui, ele imediatamente foi e buscou os jornais, os livros; ali que eu conheci o Avelamelant “Uma viagem ao Rio Grande do Sul, em 1858”, que foi exatamente quando chegaram os primeiros imigrantes aqui pra São Lourenço...

Eduardo: Têm outros, como o Ferdinand Schröder e...

Edilberto: Schröder esse eu conheço também, eu mandei trazer o livro... Tu não imaginas o número de livros que eu precisei comprar, o número de livros que enriqueceu evidentemente a minha biblioteca, mas que eu tive que comprar pra ficar com eles; porque eu não poderia ir pra uma biblioteca e ficar... Enquanto eu tava pesquisando eu tava trabalhando; e foram fontes inúmeras, variadas... Na religião, por exemplo, eu fui no bispado de Pelotas e pesquisei a religião evangélica, luterana na região episcopal, 4 ou 6... Em São Leopoldo, onde eu fui recebido muito bem pelo pastor Rasenack, eu acho, responsável na época; muito bem atendido, ele puxou todos os livros referentes a religião em São Lourenço. A gente teve muitas pessoas que colaboram e isso tudo, fora esses livros que eu mandei buscar, também. Eu tenho uma biblioteca muito boa sobre a imigração pro Rio Grande do Sul, e muita coisa lá no meio sobre a imigração no Rio Grande do Sul, alguma coisa que fale sobre São Lourenço. Daí tu vai pinçando uma coisa aqui, uma coisa ali...

Eduardo: É, é sempre uma pequena parte.

Edilberto: Exatamente!

Eduardo: E, em Porto Alegre o senhor esteve?

Edilberto: Porto Alegre! (fui) na biblioteca pública, perto do Palácio Piratini.

Eduardo: E nos Arquivos: Histórico e Público? Neles eu achei documentos bastante interessantes...

Edilberto: Fui também! No Arquivo Publico do Rio Grande do Sul eu encontrei o Dr. Sérgio da Costa Franco; ele tirou vários prêmios, escreveu vários livros e era também articulista, primeiro no Correio do Povo e depois na Zero Hora. Ali eu o conheci, no Arquivo Público de Porto Alegre, também. Eu tive por uma porção de lugares para descobrir onde é que estava enterrada, dentro de um livrinho uma partezinha de São Lourenço; muito interessante! Por isso é que o livro vai se tornar interessante, porque tem muitas revelações que ainda não vieram a público; tá escondido, (mas) elas existem! Tá escondido dentro de publicações, muitas vezes não abertas ainda.

Eduardo: E documentos produzidos por colonos, por Rheingantz o senhor achou alguma coisa?

Edilberto: É eu achei; eu tirei xerox de tudo – foram até milhares de páginas, eu acho, de livros com o registro de nascimentos, casamentos, óbitos, batizados da colônia. Isto aí me deu um subsidio muito grande. O original eu devolvi e fiquei com este xerox onde dizia o local de nascimento na Pomerânia, dos pomeranos, coisa que muitas famílias não sabem, de onde vieram; isto também tem tudo aqui.

Eduardo: O senhor copiou estes documentos todos na integra? Preservou os originais?

Edilberto: No original; praticamente tudo no original. Quando era muito grande, eu procurei resumir um pouco, mas a grande maioria... Eu tenho muita coisa, também, escrito em alemão e que foi traduzido; eu tenho um amigo tradutor que fez a tradução de coisas que não foram escritas em português ainda, sobre a colonização alemã.

Eduardo: Em Rio Grande eu achei muitos documentos assim; praticamente metade daqueles documentos da Coleção Rheingantz está em alemão. Isto pra minha pesquisa foi um...

Edilberto: Entrave!?

Eduardo: Foi!

Edilberto: Isto é um problema! Mas, eu tentei conseguir isto tudo, tirei o xerox e devolvi; por que, uma das coisas que eu acho que dá credibilidade é quando tu devolves alguma coisa. Infelizmente, muita coisa que eu emprestei não voltaram mais; então, eu sempre tirava xerox e depois com calma (eu estudava). Eu tive a felicidade de conviver na época em que eu estava pesquisando com o presidente da câmara de vereadores, que em confiança absoluta me emprestou todos os livros, desde a criação do conselho municipal de São Lourenço em 1890; aí, eu pude pesquisar tudo com calma na minha casa, devolvi um por um; pegava dois e levava de volta, pegava dois e levava de volta, com um cuidado danado, com um medo

danado, porque aquilo são documentos originais escritos de próprio punho, né? Mas, que dali saíram revelações maravilhosas, fantásticas sobre São Lourenço.

Eduardo: E nesses documentos o senhor achou alguma coisa de problemas do Rheingantz com os colonos? Protestos de colonos...

Edilberto: É aqui também tem (apontando pro livro), eu vou falar muito no meu livro, tem muitas páginas a respeito dos prós e contra Rheingantz; existem pessoas que escreveram a favor e existem pessoas que escreveram contra ele.

Eduardo: Nesses documentos?

Edilberto: Vários documentos; que eu pincei de várias pessoas - o nome tá aqui das pessoas que escreveram em jornais e tudo mais, e os que mandavam contra diziam por que e os que mandavam a favor, também. Mas, eu parto do seguinte principio: todo líder tem inimigos! Todo! Basta ser um líder pra ter inimigos. E pelo que eu observei aquilo que aconteceu com o Rheingantz não foi diferente, por que na realidade, o Rheingantz é acusado de ganhar dinheiro em cima dos colonos; basicamente, resumidamente é isso aí. Ele era um empresário, tanto que Ave-Lalemant diz em algumas páginas de que é possível que o Rheingantz tenha tentado seu último êxito da vida sendo um empresário colonial, ele diz; então, tu fica interrogando. Mas, o Ave-Lalemant ouviu dizer, ele ouviu dizer, por que ele não esteve em São Lourenço, por falta de tempo. Não sei se tu viu está parte?

Eduardo: Acho que sim.

Edilberto: Ele não teve em São Lourenço por falta de tempo, ele teve em Pelotas, estudou muito tempo lá, mas ouviu falar que a última tentativa de vencer na vida, digamos, seria como empresário colonial. Agora, assim, as pessoas que insuflaram os colonos contra Rheingantz foram, segundo a história conta também, algumas pessoas descontentes; e ai, eu fico imaginando, eu não vi essas pessoas nem nada, mas que tipo de pessoas eram essas? Porque geralmente quando as pessoas falam mal... Eu vou fazer um parêntese, mas é até bom que tu grave isso aqui: eu tenho problema com pessoas... Tem pessoas que não gostam de mim; mas eu sempre digo assim: em primeiro lugar, a pessoa que não gosta de mim, tu pensa é assim: esse cara não me pagou! Se ele tá falando mal é porque ele não me pagou. Segundo: porque eu não tive a sorte de acertar com algum familiar; e tem uma terceira (razão) aí que eu até nem me lembro, mas geralmente as pessoas que falam mal de alguém, tu pensa sempre que eles ficaram devendo e havia naquela época inflação; então, é possível que ele tenha comprado terras por um valor e vendido por um pouco mais, daqui a pouco um pouco mais, daqui a pouco paga o dobro daquilo que ele pagou; então, tu mais ou menos tu deve estar imaginando assim: “o Hammes é a favor do Rheingantz!”. Não! Eu olhei os dois lados, e eu

sempre procuro desenhar isso aqui (um quadrado com um pontinho no meio), mas, eu pergunto o que tu enxergas aqui? Aqui tem um quadrado e um pontinho no meio do quadrado. O que tu enxergas aqui nesse quadrado?

Eduardo: Um pontinho...

Edilberto: “Um pontinho!” Mas, tu não enxerga a parte branca que tem dentro do quadro? A parte branca do quadro é muito maior! O pontinho é bem pequenininho! E as pessoas vão no pontinho preto, eles muitas vezes enxergam só a parte ruim; o que o Rheingantz fez de bom, tanto que eu não estaria aqui e milhares de pessoas não estariam aqui, se não fosse Rheingantz. Então, só isto tem uma enorme justificativa a favor do Rheingantz; são pessoas que como tu tão procurando saber, de repente, eu acho que tu tá certo, tu procurou saber se realmente houve alguma coisa... Houve! Houve que ele teria cobrado mais, basicamente é isso, que ele teria ganho em cima dos colonos, dos imigrantes; mas, eu parto do princípio de que havia inflação, tudo subia, tudo subiu sempre e ele cobrou em cima disso até como empresário, e ele era empresário e tanto que a grande maioria enriqueceu vindo pra São Lourenço, eram pobres quando estavam lá na Pomerânia, quando estavam na Rhenania, e vieram pra cá começando a trabalhar, eles começaram a ganhar dinheiro e esses não eram contra Rheingantz; existiam poucos que insuflaram alguns ou muitos contra ele; e ele teve que sair fugido daqui – veio primeiro aqui pra São Lourenço, depois foi embora pra Rio Grande; e, talvez, imagina se isto não tivesse acontecido, e os filhos dele tivessem ficado aqui em São Lourenço, e quem sabe se a Fábrica União Fabril, que foi feita depois em Rio Grande, não poderia ter sido feita aqui em São Lourenço?

Eduardo: Eu achei esses dias, só desculpa fazer um parêntese, no “Voz do Sul” uma entrevista de um antigo morador que, em função das comemorações do centenário, estava sendo publicada; ele disse que a idéia inicial do Rheingantz era fazer a fábrica aqui em São Lourenço...

Edilberto: Exatamente!

Eduardo: ... Mas que devido ao Guimarães impor alguns dificuldades/restrições para a concretização do negócio, a família Rheingantz resolveu estabelecê-la em Rio Grande.

Edilberto: Isso é uma coisa boa de esclarecer na história; isso é uma coisa muito interessante!

Eduardo: Voltando ao seu comentário anterior, e apenas para que fique claro: eu não estou querendo mostrar apenas o “pontinho preto”...

Edilberto: Não, não! Sabe por que eu digo isso? Porque, tem pessoas que só enxergam isso. Tu tá fazendo um trabalho dos dois lados. O que eu tô notando é que tu tá pensando; tu tá entrevistando um e outro pra ver... Mas, tem pessoas que só enxergam o “pontinho preto”; só

aquilo ali – o resto não tem valor nenhum! Mas, o que eu queria te dizer é que o Rheingantz foi tão fantástico porque ele simplesmente quando foi embora fugido pra Rio Grande, ele podia dizer: “Ó, tô vendendo, não quero mais saber!”. Mas, ele voltou pra cá, onde ele continuou a colonização; por quê? Porque alguma coisa ele gostou em São Lourenço! E aí, vem a coisa: “Não, ele gostou porque tinha dinheiro atrás disso, ele tava ganhando, e tudo mais...” Até pode ser, mas daí eu vou te recomendar um livro, isto deve ter em bibliotecas e tal; que é o livro “Dr. Blumenau”, de 1933, o autor: J. Ferreira da Silva, português-brasileiro que escreveu um livro sobre Blumenau; e o Blumenau, ao contrário de Rheingantz, não agüentou, (pois) ele teve pressões bárbaras; ele trabalhou, foi um homem extremamente empreendedor, como Rheingantz. E o Blumenau sofreu todo o tipo de pressão de pessoas que viam nele, também como um empreendedor, um visionário. E ele diz nesse livro ele diz assim: “Eu não posso entender como existem pessoas, que não vêm na gente a parte boa: “eu quero trazer pra cá, pra essa parte que não tem habitantes, pessoas para o país, que trabalhem aqui, etc.” Um dos que mandou violentamente contra ele chamava-se João José Coutinho, Presidente da província de Santa Catarina, que naquela época seria o governador do estado; ele fez de tudo para que o Blumenau... e ele acabou desistindo, entregou pro governo, pro Império; o Rheingantz teve a perspicácia de continuar até quando ele morreu; ele viria lá de Hamburgo pra continuar a colonização aqui.

Eduardo: E uma coisa interessante é que o Rheingantz também passou por problemas semelhantes com a administração provincial; ele teve vários pedidos que não foram atendidos pelo governo provincial: o destacamento policial, por exemplo, era uma reclamação antiga, que só foi se concretizar pouco antes da revolta.

Edilberto: Claro! Escola, pastores, policia... E não vinha! O império fechava os olhos! Quer dizer, tem que ter alguém, em qualquer lugar existe a lei e, aqui, quem é que mandava? Ele (Rheingantz), que era o chefe, mas não havia mais ninguém pra protegê-lo e nem pra proteger os colonos, se alguma coisa acontecesse com os colonos, também. E ele pedia, pedia, pedia e não vinha. Até a presença dos policiais que não falavam alemão aqui deu complicação porque eles não conseguiam se entender direito. Mas, eu acho que pensando, há um peso muito grande a favor dele, independente se foi escrito pelo filho dele, que foi o Carlos Guilherme Rheingantz ou pelo Coaracy, que teria sido um escritor encomendado pela família, não se sabe; eu não sei, isto aqui são coisas que se fala; eu não sei quem é que... Provavelmente são os que querem ver a parte negativa do Rheingantz. Agora, eu até acredito, pois o Rheingantz é muito enaltecido, mas ele também fala do problema que houve; nenhum autor se furtou, até o próprio filho, se furtou a dizer que houve problemas com os colonos.

Eduardo: A questão do Coaracy é realmente bastante interessante, porque eu não consigo entender porque ele escreveu esse livro; eu até procurei na biografia dele se dizia alguma coisa sobre São Lourenço, mas não diz nada; porque ele é carioca, apesar de ter morado alguns anos em Porto Alegre, e eu não consegui entender...

Edilberto: Isso é muito bom até alguém que pesquise esse filão da história; porque ele veio aqui? Convidado por quem? Deve ter alguém ainda que possa esclareça isso; mas, não “Eu acho que ele veio a pedido da família Rheingantz...”, “Eu acho...” Não tem nada, não tem documentos...

Eduardo: É, são hipóteses, mas não tem nada documentando (pelo menos eu não achei nada). Eu até dei uma olhada em algumas edições do “Voz do Sul”, da época, pra ver se fazia um anuncio do livro: “Ah, tá saindo o livro do Vivaldo Coaracy...” e tal, mas...

Edilberto: Não tinha!

Eduardo: Não tinha!

Edilberto: Não se falou no livro no livro Coaracy.

Eduardo: E eu pensei também, “Ah, de repente o Coaracy vai vir pras comemorações do centenário...” e tal, mas nada também!

Edilberto: Nada também, ele não estava presente nas comemorações do centenário!

Eduardo: Pelo menos não menciona...

Edilberto: Pelo menos não menciona, e mencionaria se ele tivesse! O autor do livro, eu acho que mencionaria. Agora, porque a comissão do centenário ia esquecer do Coaracy? A própria imprensa da época, que me parece que como era o Friedo, e ele era isento, ele era uma pessoa muito ponderada; eu conheci o Friedo, ele era amigo do meu pai, eu conheci ele pessoalmente, ele era uma pessoa ponderada. Evidente que como todo jornalista ele tem uma tendência, pra um lado, pro outro... Direita, esquerda. Mas, um exemplo que eu tenho aqui, é o Diário Popular de Pelotas; tu queres jornal mais isento que ele? Eu não vejo um lado e outro ali; e pertencendo a um partido; eles pertencem a um determinado partido! Mas, dentro do jornal, não existe nada assim, de peso, descaradamente a favor ou contra... Claro, que pode nas entrelinhas, mas eu acho o jornal de Pelotas espetacular; eu acho! E, o “Voz do Sul”, a mesma coisa. Da onde surgiu o Coaracy, eu não sei! Isso é um filão bom pra continuar...

Eduardo: O senhor sabe em que anos circulou o “Voz do Sul”? Criação e extinção...

Edilberto: Eu posso te dizer isso já (Edilberto pega uma cópia de seu livro – ainda não publicado). Eu posso te dizer agora, só deixa eu olhar aqui... A primeira edição do “Voz do Sul” é de 1948 e foi até... Vamos ver aqui... “Seu último número circulou no dia 24 de dezembro de 1964.”

Eduardo: E será que ele era o único jornal desse período?

Edilberto: Desse período, sim!

Eduardo: Não teve mais nenhum outro jornal?

Edilberto: Não! Naquele período não tinha mais nenhum!

Eduardo: E ele era bastante difundido?

Edilberto: Muito! Muito lido!

Eduardo: Na cidade e no interior?

Edilberto: Muito difundido! Muito lido! No interior e na cidade! Muito lido! Eu me lembro, eu li muito a “Voz do Sul”, aqui. No fim já era muito fraco o jornal, ele já tava mais velho e já tava bem mais fraco; mas, na época áurea da “Voz do Sul”, tinha muita coisa interessante. E muita gente comprava o jornal, em qualquer lugar aqui da cidade, pra saber os filmes do Cine Central. E ele saia aos sábados. Sempre sábados! Sábados de manhã o pessoal tava lendo a “Voz do Sul”.

Eduardo: E a circulação o senhor não sabe? No caso, a tiragem, de tantos jornais por vez...

Edilberto: Não, isso eu não sei. Houve jornais “Voz do Sul”, não sei se tu chegaste a ver, em papel verde; não sei se tu viu?

Eduardo: Verde? Não!

Edilberto: Verde! Por problemas de fornecimento de papel de jornal, que foi geral no país inteiro. Ali na biblioteca tem; Não me lembro em que ano... Faltou papel de jornal, e saiu em papel verde. É muito interessante! Isso tem aqui comentado, também.

Eduardo: E o senhor faz parte da organização do sesquicentenário, né?

Edilberto: Sim, eu sou um dos membros.

Eduardo: E como está sendo organizada essa comemoração? Em linhas gerais... Quais são as idéias, o que tá sendo planejado?

Edilberto: É, eu acho que tá indo bem, só que eu acho que tá muito lento. Eu andei dando algumas idéias no início do ano, e até agora nada! Como nós começamos há um ano atrás.... Eu gostaria que fosse inaugurado um monumento, como tem lá um monumento ao cinqüentenário e um monumento ao centenário, eu gostaria que fosse inaugurado um monumento ao sesquicentenário, no dia 18 de janeiro; mas, não vai sair...

Eduardo: É agora tá muito em cima...

Edilberto: Então, a coisa vai devagar... Eu dei a idéia de se fazer moedas comemorativas, assim como teve no centenário de emancipação política, em 1984, e como também agora nos 150 da imigração pra São Leopoldo também teve também medalhas. Até a minha idéia era fazer de um lado da medalha, a moeda que circulava na Pomerânia, quando eles vieram pra

cá, e do outro lado, o réis que circulava no Brasil. Eu tenho essas moedas, eu cheguei a apresentar lá, mas, não sai! Eu acho que a coisa tá indo bem; eu acho que vai ser interessante, vai ser bom. No dia da festa vão chegar... Não sei se tu sabes: estão programando, isso não é a minha parte, a chegada de um barco com os imigrantes... Eu vou dizer uma coisa, eu até vou falar na próxima reunião, eu acho que não foi um barco; foram 88 pessoas, teria que ter um enorme barco pra trazer 88 pessoas!

Eduardo: E provavelmente com a tripulação ainda junto...

Edilberto: Com a tripulação junto... Então, eu acho que vieram vários iates à vela pra atracar aqui na boca do arroio; tem muita gente que achava que ele vinham até a antiga Hilda Nickoln. O barco vinha à vela, não tinha motor; o vento ia empurra até a boca do arroio.

Eduardo: Mais não ia!

Edilberto: Não ia! E em 1858, onde ele ia atracar? Na boca do arroio! Mas, tá indo bem, eu acho que é uma comissão boa, tanto de pessoas daqui, como pessoas da colônia. Eu só acho uma coisa, também, já chiei lá - eu sou muito franco, às vezes o pessoal não gosta disso, mas, tudo bem, eu continuo falando! Tá pouco divulgado isso! Não se ouve nada! Vamos divulgar! Quando o Zé Nunes, isso eu disse pra eles, quando o Zé Nunes ganhou a eleição, eu pensei até em ajudar, “vamos ver se a coisa realmente muda agora, vamos aproveitar que mudou radicalmente”, e tal, e eu desenhei na época, já vai pra três anos, no início eu sai correndo e fui desenhar o logotipo dos 150 anos da imigração alemã, tá lá na minha casa, e eu apresentei e o pessoal não gostou. Não gostou, tudo bem, só que não saiu o logotipo até hoje! Tá saindo agora, parece que vai sair. E eu acho que o pessoal tá custando a divulgar, por que não tem um logotipo. Mas isso tudo teria que ter sido feito, antes! Mas, tá indo bem. Eu acho que vai ser bom... Eu tô muito feliz, extremamente feliz, porque eu fiz um grupo que visitou a Alemanha, pra retribuir a visita deles, e eu organizei um grupo pra visitar Sponheim em 1996, foram 28 lourencianos, pra lá; aí eu dei a idéia de se levar uma placa, eu tenho a original, que eu desenhei, depois a prefeitura mandou fazer, que hoje tá na prefeitura de Sponheim, ta lá: “um grupo de 28 lourencianos, esteve aqui”. Às vezes a gente tem que deixar um pouco a modéstia de lado e dizer, porque daqui a pouco vão achar que é o outro lado; então, quando nós fomos lá, apresentaram a banda de Sponheim pra nós, na festa que eles fizeram pra nós. Fiquei contente e comecei a reger a orquestra, tava lá embaixo, já. E um alemão me pegou pelo braço e me levou lá em cima, tirou o maestro eu continuei regendo a orquestra lá de cima, foi um sucesso total, o pessoal se levantou, começaram com a polonesa, dentro do salão, foi um sucesso total! Aí, lá eu já tava pensando: “que bom se um dia, quem sabe, se essa banda pudesse ir a São Lourenço, que sabe no sesquicentenário?”.

Eduardo: Dez, doze anos antes....

Edilberto: “Quem sabe lá em 2008? Vamos amadurecer.” Porque os alemães gostam de programar tudo com antecedência. Há uns quatro anos atrás eu escrevi, eu não era representante de nada, mas eu não via nada, nem ninguém que pudesse fazer uma solicitação oficial; eu peguei um papel, fui pro computador, quatro anos atrás, e escrevi: “como cidadão, de São Lourenço gostaria... tive a oportunidade, o privilégio de assistir a banda em Sponheim, no dia tal e tal” (eu sou muito organizado e tenho tudo anotado), “quem sabe se no ano de 2008 essa banda não poderia vir à São Lourenço, assim, assim, assado?”, e entreguei. O chefe, lá, me pediu pra fazer em quatro vias, o Schauss que é o chefe do grupo: “me faz em quatro vias isso aqui”: um pra banda, um pro prefeito, um pro “prefeito-maior”, que eles tem lá, que é um pouco diferente da nossa organização política e pra um outro que eu não me lembro quem foi: quatro. Dois anos depois, imagina, a organização, lá. Dois anos depois “Nós estamos pensando seriamente, nós estamos trabalhando pra angariar fundos pra ir pra São Lourenço, mas não tem nada oficial”. Agora, quando nós fomos em junho, o Schauss me disse, me convidou pra um ensaio da banda lá e aí foi confirmado, “nós estamos indo pra São Lourenço!”. Aí, eu disse assim: o prefeito está vindo aqui, quem sabe, seria muito bom, se o prefeito fizesse um convite oficial, pra que essa banda viesse; falei pro Zé Nunes, e ele fez. E agora, realmente assim, fechou tudo. E a banda tá vindo em outubro do ano que vêm, até pra Südoktoberfest, etc. Nós vamos ter que arrumar outras cidades pra eles tocarem também, então, é assim que funciona a coisa, e eu tô feliz porque em outubro que é fantástica, toca sem amplificação eletrônica, ao natural, é uma coisa maravilhosa.

Eduardo: Esses dias eu recebi uma reportagem do meu orientador, em alemão, que foi publicada em Sponheim e escrita pelo senhor...

Edilberto: É um livro, exatamente convidando o pessoal para 2008; tu não viste esse livro ainda, eu não te mostrei?

Eduardo: Mas, eu acho que não é um livro...

Edilberto: É um calendário. É o Rhein-Hunsrück-kalender, e ali dentro tem 4, 5, 6 páginas com a história do Rheingantz, tudo em alemão, quem traduziu pra mim foi o Dr. Dieter e mandamos pra lá e aquilo demorou dois anos pra publicarem, também; e aí, saiu lá, muito bacana, isso me traz um satisfação muito grande em poder colaborar e fazer essa coisa fluir mais; eu tinha muitas outras idéias, MUITAS outras idéias, mas eu não sou político e não sou aproveitado; ali tem que ser político, tem que ser pelo partido, infelizmente... Eu até fico feliz pelo atual governo me convidar pra ser um dos membros da comissão (do sesquicentenário) e fico até feliz por isso: “ah, até lembraram e tal...”, mas, eu tenho procurado incentivar isso aí e

agora, por exemplo, nós estamos... Se tu quiseses estás convidado para no dia 7 de novembro, à noite, em local a confirmar (nós já convidamos o prefeito e o Zellmute²²⁶) pra uma janta pra tratar da possibilidade de criar um circulo de amigos de Sponheim, em São Lourenço; nós temos um grupo que se reúne a muito tempo, daí tem cantoria em alemão, nós tínhamos aqui um grupo de canto em alemão... Nós vamos levar o pessoal, com instrumentos e tudo mais... Pra gente ver a possibilidade de fundar o circulo de amigos de Sponheim; então, eu acho que a gente tem procurado colaborar ao máximo com isso, é muito bonito... O dia que tu fores (tu vai um dia lá!), a Sponheim e também a Alemanha tu vai ver o tratamento que eles dão pros lourencianos (tu vai ver!), eles vão te mostrar tudo, eles vão te levar pra tudo que é lugar...

Eduardo: É um cartão de visitas...

Edilberto: ...Espetacular! Ali em Sponheim tem o circulo de amigos de São Lourenço, que é tipo uma embaixada de São Lourenço, na Alemanha. O que tu quiseses, tu escreves lá pro Schauss que ele vai te resolver. É espetacular! Eu tive a grande satisfação, prazer, de em 1990, tá no jornal “O Lourenciano”, de sugerir ao Lessa²²⁷ que transformasse São Lourenço e Sponheim em cidades-irmãs. Então, a coisa realmente fluiu, saiu do papel e é bom isso aí pra nós todos. Eu fico feliz por participar dessa coisa... Amanhã depois eu não tô mais aqui, mas eu gostaria que continuasse isso...

Eduardo: Deixar um legado...

Edilberto: “Começado em 1858, com Jacob Rheingantz!”.

Eduardo: E sobre a questão dos monumentos, o senhor comentou, antes, que estava sendo programada a construção de um monumento; é pra ser mais ou menos no mesmo estilo que foi feito com o ex-prefeito Brauner?

Edilberto: Aí é que esta o negócio - idéia minha, fui eu que dei a idéia; tá na hora de lembrar que o José Antônio de Oliveira Guimarães também foi fundador da colônia. Então, a idéia que eu tinha era de fazer um monumento com os dois se cumprimentando ou simplesmente as mãos; alguma coisa que lembre a amizade inicial que teve um alemão com um português. Os portugueses receberam os alemães aqui; isto aqui era dos portugueses! De luso-brasileiros! E essa seria (a idéia) do monumento. Onde eles vão fazer o monumento? Não é mais na Coxilha do Barão. Tudo bem, a maioria decide. Eu achava, pessoalmente, que deveria ser lá; eu achava! Mas, eu até me conscientizei de que pode até que eles tenham razão, de fazer um monumento à colônia, dentro da cidade; bem defronte a AFUBRA - bem ali fazer um monumento à imigração alemã em São Lourenço. Eu acho que vai ficar bonito!

²²⁶ Secretário da Cultura

²²⁷ Prefeito de São Lourenço, na época.

Eduardo : Na entrada da avenida?

Edilberto: Na entrada da avenida! Vai ficar bonito, vai ficar bom! É uma idéia boa. No inicio eu achava que deveria ser na Coxilha do Barão, mas lá vai ser inaugurada uma placa comemorativa na casa feita por ele; e aqui seria o monumento. Até acho que é bom.

Eduardo : Mas, este monumento está em vias de construção?

Edilberto: Isto aí tá com a prefeitura, eu não sei em que pé tá...

Eduardo : Porque é um processo demorado...

Edilberto: É demorado! Então, dia 18 (de janeiro) é certo que não sai mais. Eles mesmos estão vendo, que não sai mais, mas, durante o ano de 2008 que seria o ano todo com comemorações que lembrem a colonização de 150 anos atrás. Porque, no inicio ficou assim: será que a gente faz um ano antes até chegar o 18 de janeiro e terminou? Idéia, de novo, modéstia parte, minha: “Vamos fazer no ano, então!”. Porque assim, se fosse uma data mais pro fim do ano até daria - vamos supor, se fosse em outubro que eles tivessem chegado: vai de outubro de 2007 a outubro de 2008, mas é dia 18 de janeiro de 2008; aí tu vai ter que comemorar tudo em 2007, antes. Então, ficou durante todo o ano, tudo o que tiver de eventos aí, vai ser lembrado a data dos 150 anos. Então, acho que a coisa tá indo...

Entrevistado: Jair Carvalho

Entrevistador: Eduardo Iepsen

Projeto: “Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: da (des) construção de um mito, à reconstrução de uma história”.

Data: 17 de outubro de 2007

Local: São Lourenço do Sul / RS

Eduardo: Na época do “Voz do Sul” havia algum outro jornal que circulava em São Lourenço?

Jair: Era o único.

Eduardo: E ele era bem difundido em São Lourenço? Ele vendia, circulava, bem?

Jair: Ah, circulava!

Eduardo: Inclusive no interior?

Jair: No interior também! Ele nunca se desvinculou do interior, afinal lá foi a origem do jornal (do pai) dele.

Eduardo: As raízes estão lá...

Jair: As raízes estão lá!

Eduardo: E ele defendia alguma causa? Ele tinha alguma vinculação ideológica forte?

Jair: Não. Pelo que eu senti do jornal dele, neste período todo, é que ele era um jornal que trabalhava pela comunidade; inclusive, ele não tinha posição política, ideológica, filosófica...

Eduardo: Ele ia conforme a corrente...

Jair: Exatamente! Ele tratava de fazer a divulgação. Quando havia alguma coisa maior, sempre era de responsabilidade de quem escrevia a matéria.

Eduardo: E o senhor chegou a conhecer o Pamphilio Friedo Stenzel?

Jair: Ah sim, me dava muito bem com ele.

Eduardo: Mas, o senhor não chegou a trabalhar no jornal?

Jair: Não, era só amizade.

Eduardo: E os anos em que o jornal circulou o senhor sabe? Começou em 1948-49 e foi até 1962-63?

Jair: Eu acho, por que eu não me recordo desse jornal no período da revolução.

Eduardo: E o que o Pamphilio seguiu fazendo depois que acabou o jornal?

Jair: Ele seguiu trabalhando na gráfica. Mas, aí a gráfica foi se extinguindo, se extinguindo e se foi, né?

Eduardo: E entre o “Voz do Sul” e “O Lourenciano” teve mais algum jornal de expressão?

Jair: Teve um ou outro, mas... Sempre surgiam outros, mas durava um ou dois anos...

Eduardo: E esses jornais eram publicados na gráfica do Friedo? “O Lourenciano” será que não começou lá?

Jair: “O Lourenciano”, não. Eu acho que o Friedo, depois que ele fechou o jornal (“Voz do Sul”), não imprimiu mais nenhum jornal, não. Eu não tenho certeza, mas acho que não.

Eduardo: E qual era a tiragem dele? Até mesmo pra saber se ele era bem divulgado... Não sei se o senhor sabe...

Jair: Não, não sei. Acho que nunca apareceu o número de cópias na divulgação no jornal.

Entrevistado: José Nunes

Entrevistador: Eduardo Iepsen

Projeto: “Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: da (des) construção de um mito, à reconstrução de uma história”.

Data: 24 de outubro de 2007

Local: São Lourenço do Sul / RS

Eduardo: Eu começo com uma pergunta um pouco mais ampla, sobre o assunto, que é relativo ao que o senhor sabe sobre Jacob Rheingantz, em termos mais gerais.

José Nunes: Tu diz: “isto não é o que eu penso, isso é o que sei...”

Eduardo: Pode ser as duas coisas!

José Nunes: Pode ser as duas coisas... Bom, tudo aquilo que a gente aprendeu na escola, embora a escola não tenha sido um lugar de muito aprendizado sobre esse assunto - e eu tenho 42 anos, eu vivi um período, digamos assim, “modelo”, não que tenha avançado muito no Brasil, mas um pouco hoje; hoje, a educação é mais voltada pra realidade local, mais a realidade regional - tu tem temas transversais que trabalham na escola, que no tempo que a gente estudava era muito superficial; e isso mudou um pouco. Então, o que a gente aprendeu e (mais) a informação sempre que chegou foi de fato o de uma figura do Jacob como sendo alguém que fez uma grande proeza, um grande bem pra São Lourenço do Sul de ter trazido, é bem esse o termo, ter trazido e criado; trazido os pomeranos e alemães da Alemanha e ter criado a Colônia de São Lourenço, e nesse feito sempre se falou muito da pujança da Colônia de São Lourenço do Sul, ele como sendo o grande articulador, idealizador, enfim; isso sempre foi uma coisa muito forte, muito marcante: a figura do Jacob como sendo uma figura extremamente elevada no município, em termos de importância. O que eu penso dele: Bom, mas daí já é uma questão minha do que eu penso, do que eu li um pouco e da minha experiência de vida e de análise de fatos e realidades históricas, e concepção de vida no acumulo que eu tenho de vida; pelo que eu (penso), na minha concepção, ele foi alguém que veio num período histórico de uma realidade na Europa e em alguma circunstância ele acabou vindo para o Brasil e ele era um cara jovem, e no meu entendimento ele gostava do comércio, eu acho que ele gostava de negócios, por que eu tava lendo, que ele se envolveu com a questão do comércio e gostava do comércio e chegou aqui viu uma situação e idealizou um negócio; uma possibilidade de um negócio. Ele não tinha a visão de que, claro que isso são conseqüências, de que ele ia ter que desbravar, mas ele tinha a idéia de um negócio. Ele na verdade eu acho que ele na minha visão, não é essa informação que a gente (normalmente)

escuta, ele fez um negócio, na verdade era um negócio, e ele com isso também pensou em ganhar algum dinheiro com isso; de certo ele enxergou uma possibilidade de ganhar dinheiro e ele de uma certa forma, a maneira como ele articulou a colônia aqui, ele articulou numa concepção de ganhar dinheiro mesmo, e tanto é que acabou a família Rheingantz tendo seus negócios lá em Rio Grande; lá tem um prédio da Rheingantz, eu nem sei se funciona alguma indústria lá, ainda hoje.

Eduardo: Não, hoje não.

José Nunes: Mas até não faz muito tempo que funcionava uma empresa de tecidos, uma indústria de tecelagens e tal, e ele trabalhava com isso; e, também, é muito raro ouvir isso a gente consegue pegar que houve um conflito com os agricultores, com os colonos... E na verdade, ele (Jacob) vendeu uma idéia da realidade de São Lourenço, lá na Alemanha, de onde ele trouxe o pessoal - que muitos vieram do Hunsrück, outros vieram de outras regiões, outros vieram da Pomerânia (a maioria era da Pomerânia), então, ele vendeu uma idéia de que era um bom negócio vir pra cá e de que aqui eles iriam (ter fartura)... Mas, na verdade o pessoal chegou e não era (um bom negócio); na verdade, era um problema difícil, as pessoas chegavam e só tinha mato, não tinha estrada, não tinha nada.

Eduardo: “Tinha tudo pra ser feito...”

José Nunes: Então, eu acho assim, ele foi uma figura que teve uma visão muito mais de negócio, e foi isso que ele veio fazer; fazer um negócio! E, a partir desse negócio dele surgiu toda uma colônia, no meio de uma região que produzia numa cultura que era a região agropastoril das terras baixas, da questão das charqueadas, com essa cultura do gado, surge uma colônia que produz comida, que vieram com a cultura da Europa, eles vieram pra produzir batata, banha de porco, ovos, grãos, eles trabalhavam, porque eram muitos pomeranos, eles tinham a prática do plantio da região da Pomerânia; e isso de uma certa forma, impactou aqui na região. Eu inclusive acho que um tema pra se escrever, seria: “ascensão e crise da Colônia de São Lourenço do Sul” - seria um bom título pra um livro, pra um estudo; porque eu acredito que a forma como o Jacob preparou a colônia, os elementos que estavam (presentes na formação)... Eu andei lendo alguns documentos que regeram a colônia, e a gente não acha muitos destes documentos, mas alguma coisa eu consegui ver, e a forma como ele alicerçou a colônia ela é também é responsável depois pela crise; porque eles chegaram e encontraram um solo que eles desmataram, essa era uma realidade, houve uma forma de se organizar, pra comercializar, na verdade a Colônia de São Lourenço é que fez surgir o porto de São Lourenço porque precisava escoar aquela produção e os elementos que estão presentes na formação da colônia, são os mesmos elementos que não permitiram com

que os próprios colonos enxergassem a sua realidade que a partir da década de 1950 até o final de 80 tivesse uma decadência na Colônia de São Lourenço do Sul, que foi uma estagnação, não vamos dizer “de uma forma catastrófica”, mas a colônia estacionou e piorou; ela regrediu! Se nós olharmos a arquitetura desse interior de São Lourenço do Sul vai ver que as casas construídas na década de 20, década de 30 e ainda na década de 40, na época eram verdadeiros casarões, coisas enormes, casas muito interessantes e que depois disso muitos nem conseguiram mais manter esses casarões que eles construíram e ta aí o patrimônio que foi. Claro, tem uma situação, que da metade da década de 80 e década de 90 começa uma nova concepção na vida de São Lourenço...

Eduardo: Uma nova etapa.

José Nunes: Uma nova etapa na vida de São Lourenço! Por que isso pra mim é um marco histórico; são elementos pra se estudar. Eu acho que muito da decadência da colônia, da década de 50 em diante, ela tem a ver com os elementos que estavam presentes, na forma como “Jacob – comerciante” montou a idéia da colônia.

Eduardo: Interessante a sua idéia sobre o assunto; é uma idéia interessante pra ser analisada. Sobre estes problemas com os colonos, o que tu sabes mais a respeito disso?

José Nunes: O que eu sei, porque isso é uma coisa muito difícil de achar; e eu achei algumas frases sobre isso, e eu comecei a refletir e eu tiro algumas constatações minhas; O que deve ter acontecido, né? O Jacob ele idealizou um negócio e ele tinha um plano de ter lucro, de certo ele esperava um determinado lucro; chega num momento que esse lucro não é tudo aquilo que ele imagina e esse negócio é um negócio difícil de administrar, também. Tu imagina, a colônia foi crescendo, pessoas foram nascendo, foi ficando grande, como controlar isso? Eu acho que ele veio meio com uma idéia um tanto, ainda com um pouco do feudalismo na cabeça, ainda, e esse negócio ele meio que quis reproduzir alguma coisa que ainda tinha na Alemanha da época, que era os senhores da terra com aquele monte de gente trabalhando e de uma certa forma ele pensou: “bom, como é que eu vou fazer?” Ele vendeu as terras em pequenas glebas, a gente olha aqui, áreas que foram de 40 de 30 de menos de 20; como era uma colônia particular ele teve todo esse negócio que ele se associou com um fazendeiro aqui - que essa é uma outra parte da história que ninguém fala, nesse papel desse fazendeiro; isto tá quase apagado da história, eu só fui saber da sociedade com esse fazendeiro depois que eu era moço, quando eu tinha 20 anos, porque ninguém falava nada desse fazendeiro, dessa sociedade deles; e, de repente, apareceu que realmente teve a sociedade com o Guimarães e tal. Eu acho que em determinado momento aquilo não deu o lucro que ele queria e ele apertou o negócio; “vamos apertar essa turma”, na contribuição que ele tinha, na venda do insumo,

também na lógica de vender a produção e tal; ele precisava, ele queria ter mais lucro com esse negócio, e ele apertou e a turma chegou num momento que os colonos que tavam aqui... Porque, apertou, apertou até o ponto que eles ensaiaram essa rebelião; bom, na verdade não foi tão ensaiada, assim, porque ela aconteceu mesmo; a gente também não tem muita informação sobre isso; isso é muito, muito pouco que se têm; se sabe que ele teve que sair meio fugido, ele foi pra Rio Grande, ele poderia se incomodar muito mais, quem sabe teriam até matado ele; a história que é contada de um líder com todas essas coisas positivas sobre ele e que tem esses aspectos de consequência, se a intenção era uma, de fato ele tem um mérito pra nós que estamos hoje aqui porque se não fosse ele eu não estaria nessa forma que eu tô, nem tu estaria, porque eu sou 50% alemão/pomerano e a Regina (sua esposa) é 75%, então nós não estaríamos, talvez, nesse lugar hoje, nesse momento (se não fosse ele). Então, tudo isso tem um significado.

Eduardo: Isso não pode ser negado...

José Nunes: Se ele tivesse sido morto naquele momento, ou se ele tivesse sido morto por uma rebelião, como é que teria sido contada a história dele? Mas ele conseguiu escapar e tal...

Eduardo: E uma questão interessante é que como eu pesquiso estes documentos, que são documentos difíceis de encontrar, mas que alguma coisa ainda existe...

José Nunes: Isso é uma coisa que... Se a gente pudesse ter mais documentos (seria bom)... Eu, com bem pouquinhos documentos, algumas linhas, acabo constatando... Se a gente se volta para aquela época: qual a cabeça que ele deveria ter? O que ele deveria pensar? Ele, como um cara que veio do Hunsrück, que tinha toda uma realidade, que tinha um tino pro comércio, pro negócio, ele tava a fim de negociar, ele tinha essa visão, né? O que ele deve ter pensado pra fazer a colônia, o que deve ter motivado ele? Foi pra tirar os alemães que tavam em dificuldades lá?

Eduardo: Esse é um dos argumentos principais dessa História oficial; como se enaltece a figura dele, se esquece o lado comerciante e se privilegia esse lado humano. Porque o Coaracy, mesmo, define a relação dele com os colonos como sendo patriarcal: ele era o pai dos colonos. E quando eles pincelam essa questão da revolta, eles transformam o Rheingantz na vítima, e não no desencadeador desse processo. E nesses documentos que eu pesquiso, tu vê ali, indícios de uma insatisfação dos colonos desde 1861; e a revolta ocorre só em 1867. Em 1861 eles já desembarcam na colônia, protestando contra o Rheingantz e com a forma dele administrar o negócio. Em 1863, por exemplo, a mulher dele é ofendida por colonos e ela passa uma série de dificuldades inclusive estando com um bebê no colo; ela escreve uma carta pro Rheingantz, que não estava na colônia, naquele momento, dizendo: “eu tive que enfrentar

os colonos, com uma criança no colo! Eles disseram isso, isso e aquele outro... e queriam invadir a casa porque achavam que tu tava escondido”. Em 1865, 66 até estourar em 67 a situação piora e o Rheingantz passa a escrever cartas pro Presidente da província dizendo que a situação da colônia tá caótica...

José Nunes: É, isso eu ouvi alguém comentando de ter lido um documento, assim. Na verdade, então, esse documento tem a ver com essa questão...

Eduardo: E os colonos também escrevem cartas pro Presidente da Província pedindo pra ele destituir o Rheingantz do cargo de diretor da colônia; porque senão a colônia vai, dentro em breve, ruir...

José Nunes: Esses documentos existem?

Eduardo: Existem, eu tenho eles fotografados.

José Nunes: E onde é que tu encontrou?

Eduardo: Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas...

José Nunes: Isso vai dar um livro...

Eduardo: É um assunto extremamente interessante! Principalmente essa contradição entre a história oficial, que só enaltece ele, e esses documentos, que mostram a revolta dos colonos, com esse grande homem; uma coisa “não bate” com a outra.

José Nunes: Isso pode ter sido muito mais forte do que se imagina.

Eduardo: Com certeza! Aí é que está, porque lá (Rio Grande) eu já achei muitas coisas interessantes (mesmo com documentos destruídos); e em Porto Alegre, nos arquivos histórico e público, eu encontrei indícios muito mais concretos sobre o que estava acontecendo na colônia.

(...)

José Nunes: Um aspecto que tem na origem do Rheingantz, que quando eu estive na Alemanha, na cidade dele em Sponheim... Eu achei interessante o seguinte: porque lá a igreja da cidade tem 900 e poucos anos e o Napoleão, quando ele foi lá ele brigou por que queria uma comida, queria mantimentos dos freis... E a constatação que se faz é, “porque o Napoleão iria brigar e destruir a Igreja?”, porque ele era francês (e católico), bom, mas aí o que todo mundo constata é que ele queria comida e o pessoal era meio “canguinha”, não quiseram dar comida pra ele, e pro pessoal dele, e aí ele embarbeceu e derrubou um pedaço da Igreja; e o pai do Rheingantz, que morava pertinho, (...) ele pegou as pedras da Igreja pra fazer a casa dele; e ele teve meio que sair da cidade, porque pelo que eu vi lá ele foi meio que amaldiçoado pelos moradores.

Eduardo: O pai dele?

José Nunes: O pai dele e a família Rheingantz - são meio amaldiçoados... Não sei, mas o Rheingantz não é judeu?

Eduardo: Essa é uma questão interessante, mas eu acho que seja...

José Nunes: Eu acho que ele é judeu! Porque se explica, que se o pessoal era tão temente à questão da igreja e tão religioso, porque então ele ia pegar as pedras da igreja? E eu fui lá tenho as fotos do muro, tem as mesmas pedras da igreja, e isso causou... A casa pegou fogo três ou quatro vezes e eles dizem que a casa tá amaldiçoada por causa disso. E isso foi muito forte em tempos passados. Inclusive não tem ninguém da família Rheingantz, só tem a história e os registros, mas não tem nada de Rheingantz lá, tu não acha um! Sumiram, ninguém sabe pra onde foram, só o Jacob que veio para o Brasil, essa história toda... Não tem nenhum Rheingantz na cidade de Sponheim!

Eduardo: Essa era justamente a próxima pergunta que eu iria te fazer: Qual a representação do Rheingantz na cidade de Sponheim? Se ele é um herói lá também.

José Nunes: Ninguém sabia do Rheingantz. Em Sponheim poucas pessoas sabiam do Rheingantz. A Alemanha viveu um período de tantos conflitos, viveu uma guerra tão grande, e isso meio que perdeu em importância; eu acho. Eles tiveram tantos problemas com duas guerras tão grandes, o centro do furacão de tudo isso, então, eu acho que meio que apagou. Passado um tempo, se descobriu dados... Porque tem documentos de algumas cartas - eu até tenho um livro em alemão de poesias enviado daqui, que eu ganhei em Strömberg, cidade do (João Batista) Scholl, que a prefeita me deu. Eu acho que depois disso eles se encontraram e criou-se um vínculo entre São Lourenço e Sponheim e a partir daí eles até começaram a se lembrar um pouco mais e a dar um pouco mais de importância pro Jacob; então as pessoas de mais idade, que gostam de história: “Ah, mas, tem esse vínculo com o Brasil...”, é um elo. Eles tão de certa forma contando que um cara da região deles veio aqui e formou uma colônia, que foi uma coisa muito boa; inclusive, os prefeitos lá, quando falavam: “ah, que formou uma cidade...”. De uma certa forma a influência da colônia para que São Lourenço virasse um município foi muito grande; porque os produtos da colônia deram importância ao porto, deram muita importância pra região, então em 1884, fundaram o município, com sede no boqueirão. Na verdade, quem fez a sede do município ser o porto, foram os colonos, porque se não fossem os colonos produzir e ter produção pra justificar um porto, teria sido o boqueirão a sede, porque o boqueirão era “O” lugar; lá tinha um pouco de escravos, lá tinha a igreja católica, lá tinha as terras da Dona Ana (irmã de Bento Gonçalves), lá tinham os fazendeiros, lá tinha o cemitério que fundaram, tudo era grande no Boqueirão; a história da ocupação da metade sul, Boqueirão era “O” lugar; o Boqueirão era a referência, ele foi quase

um forte, um lugar de.... E ali então era o lugar. Mas os colonos começaram a produzir, e de cavalo começaram a trazer a produção pra beira da água e aí o porto ficou importante, por causa da produção da colônia; e isso tem um trauma, no povo do Boqueirão, porque quando eu fui morar no Boqueirão, como eu não sou nascido lá, e não era de lá, existe até hoje, na psicologia dos moradores do Boqueirão e a colônia, tem uma situação mal resolvida, tá no inconsciente das pessoas; só não tá na cabeça das pessoas que não são nativos de lá. Porque isso é um negócio que nós sentimos quando nós fomos morar lá - “Qual é o problema que têm aqui? Qual é o problema que os colonos não vem na festa do Divino Espírito Santo, no Boqueirão. E aí, há três km dali uma igreja faz uma festa, que todo mundo vai lá. Mas, na Festa do Divino, eles não vem; e na Festa do Divino vêm pessoas da cidade, vem os fazendeiros, vem tudo. claro que tá diminuindo. E quem tá quebrando isso são os moradores que vieram morar lá, de fora, porque os nativos existe uma coisa inconsciente; um sentimento (mal resolvido) entre a colônia e o Boqueirão.

Entrevistada: Loni Hax

Entrevistador: Eduardo Iepsen

Projeto: “Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: da (des) construção de um mito, à reconstrução de uma história”.

Data: 03 de setembro de 2007

Local: São Lourenço do Sul / RS

Eduardo: Loni, eu começo com uma pergunta bem mais ampla, fazendo referência ao que tu sabes sobre Jacob Rheingantz?

Loni: O que eu sei? Bom, o que eu sei da vida dele, eu sei muito pouco. Eu sei assim que ele foi um alemão, que veio aqui, pro Brasil; inclusive se tem algumas notícias de que ele teria estado nos Estados Unidos, primeiro, depois teria vindo para o Brasil; e em Rio Grande ele se interessou por essa região aqui, devido ao porto, devido a toda essa história, e também, por causa da Lagoa dos Patos, ele chegou a entrar na Lagoa dos Patos, chegou a fazer contato com alguém em Pelotas, mas nomes eu não sei citar, eu só sei essa parte que contam. E que ele, nessas idas e vindas, pela Lagoa, ele foi apresentado ao Guimarães e aí, ele demonstrou esse interesse em trazer, e fazer empreendimento, em alguma coisa. E aí, o Guimarães, como morava em São Lourenço, nas margens da lagoa, e conhecia bem o nosso interior, sabia que nós tínhamos uma região toda ocupada pelos portugueses e açorianos, que são os fazendeiros, ocuparam a região de planície, a região boa para criação de gado, e que tinha uma região, que pega uma parte do município de São Lourenço, Canguçu até Pelotas, Monte Bonito, aquela região, que era uma região de mata e que ninguém ocupava essa região e que essa região estava disponível, e então ele se interessou por isso aí, e (Rheingantz) entrou em contato com o império para ver como poderia fazer, porque ele tinha um projeto, ele tinha a idéia de implantar aqui nessa região, devido ao porto de Rio Grande, uma colônia particular, criar uma colônia alemã aqui, e como ele sabia que tinha muita gente na Alemanha, principalmente descendentes de pomeranos, que não tinham atividades, que eram praticamente sem-terra lá, ele tinha interesse em trazer, arrecadar esse pessoal lá do mais do norte da Alemanha, para uma região aqui no Rio Grande do Sul, mais ao sul, clima semelhante, toda essa parte; então, ele teria feito essa sociedade com o Guimarães e daí surgiu a parceria e eles entraram em contato com o império e conseguiram, não seria bem uma doação, e fizeram uma sociedade e criaram aqui uma colônia particular onde eles depois cediam os terrenos, cediam os 24 hectares de terra, e o colono teria que pagar isso em cinco anos, tendo dois anos de tolerância. Ele foi um grande empreendedor, como capitalista ele queria o lado dele também, né? Queria

o lucro dele. Eu acho que ele investiu muito nisso, tanto que ele trouxe toda a família dele pra cá. Veio todo mundo: ele, os filhos, os pais, inclusive; ele veio para cá, para o sul do Brasil, bem ao sul, para uma região onde não tinha alemães, não tinha nada. Por causa da lagoa, em si, essa colônia ficaria próxima e aqui o nosso porto, e o porto de Rio Grande, e Rio Grande uma zona isolada, que não tinha aqueles produtos coloniais básicos, com essa idéia de fornecer esses produtos coloniais básicos, ficaria mais próximo a Rio Grande, próximo a Pelotas, que tinha as charqueadas, mas que não tinha uma produção agrícola, então, daí surgiu à idéia, e deu certo, pois foi uma das poucas colônias particulares do Brasil que deu certo, porque ele era um grande empreendedor; ele era uma pessoa extremamente... Ele teve uma idéia, e trouxe muita gente. De modo geral, ele morou bastante tempo aqui e depois ele acabou, por causa das revoltas dos colonos, ele acabou indo embora, acabou se deslocando daqui, mas isso ai é mais...

Eduardo: E sobre essas revoltas, o que é que tu sabes?

Loni: Bom, o que eu sei destas revoltas, assim... Ele cobrava, depois de dois anos que os colonos se fixavam aqui, eles tinham que pagar, todos os anos, e esse pagamento pelo que eu sei, era sempre próximo ao natal, quando fechasse o ano, eles tinham que pagar a parcela - eles tinham tanto tempo pra pagar esse valor desta terra - e chegando aqui, eles não tinham como trabalhar quase, a produção era muito pouca, eles não tinham assim como “tirar”, e eles também enfrentaram, nos primeiros anos que estavam aqui, eles enfrentaram um problema de uma seca, também, nessa região, então, a produção caiu muito; e, uns dizem que é 1865, outros dizem que é 1867, na véspera, próximo ao natal, que eles se reuniram e se revoltaram nessa região. Inclusive o meu avô, que faleceu em 1981, com 95 anos, ele sempre contava que a mãe dele veio para cá com 14 anos, então ela já era uma pessoa (adulta)... E, ela contava como havia sido a travessia toda, e que ela, o pai dela, a família dela - ela tinha na época 17, 18 anos, quando houve essa revolta - que eles foram, também, pra Coxilha do Barão e participaram do movimento. E o intuito deles era... Assim, tinha colonos muito radicais, muito revoltados, porque uma característica dos pomeranos, eles são muito honestos e muito trabalhadores, e eles não admitem ser explorados; como eles não exploram ninguém, tanto que eles nem eram um povo muito com ideais capitalistas, eles eram muito do trabalho, então eles não admitiam também ser explorados. E como eles não tinham dinheiro pra pagar e talvez eles tivessem que pegar dinheiro com os comerciantes das picadas, enfim, eles acabaram se revoltando, e ai tentaram invadir a casa do Jacob e aquela coisa toda. E o vô sempre contava, eu me lembro que ele contava isso pra nós, quando eu era jovem, que a mãe

dele narrava que eles chegaram todos armados de foice, de enxada e porretes, enfim, e o comandante da região que era...

Eduardo: O Tenente...

Loni: Isso. (Ele) Não sabia falar o alemão e o pomerano e não se entendia com eles. Então ficou uma situação difícil; parece que foi um pastor que fez a mediação, e acabou acalmando eles mais, mas eles ficaram realmente revoltados, e aí o Jacob se assustou e se apavorou e conseguiu, não sei como fizeram a segurança, isso eu não sei... e ele acabou indo embora depois.

Eduardo: Tendo que fugir de São Lourenço...

Loni: Tendo que fugir de São Lourenço. Isso foi bem, bem próximo do natal, assim, dois, três dias antes do natal. Eles sempre pagavam até o fim do ano; e pra eles que produziam era uma época ruim de pagar. Por que na primavera é que a gente começa a plantar, né? Se planta o milho, se planta a batata, se planta tudo, nessa época. Então, muitas vezes, até o natal, tu ainda não colheu tudo; tu ainda não tem toda a colheita.

Eduardo: Tá pela metade...

Loni: Tá pela metade! Então, eles não tinham como ter o dinheiro. Então, essa era uma época difícil. Mas, como ele sempre cobrava quando fechava o ano; e, depois o vô disse que eles fizeram o acerto e pagavam na época da colheita. Por isso até a tradição da festa da colheita, que eles festejavam depois da colheita e conseguiam pagar.

Eduardo: E como ele (o seu avô) representava o Rheingantz? Ele tinha uma visão boa? E mesma a sua bisavó, como ela representava o Rheingantz? Como uma pessoa boa?

Loni: Não, eles não viam ele como uma pessoa muito boa, não. Eles não viam ele como uma pessoa boa. Ele era considerado um grande explorador dos colonos. Claro, como ele cobrava, eles achavam ele muito ditador... Ele demarcava as terras e tinha que assumir aquela terra, não podia trocar. E os colonos vinham em grupos e queriam ficar próximos, e ele afastava; tem irmãos, por exemplo, que não ficavam lindeiros uns dos outros. Então, tinha tudo isso, e isso o vô sempre falava que ela falava muito. Que foi muito difícil, assim, pra eles; pra eles conseguirem toda a estrutura e fazer a madeira, fazer a tábua; porque o meu avô ele serrava a madeira no mato, ele e o pai dele, cortando com aqueles serrotes com duas pessoas, as tábuas e as madeiras pra fazer os telhados das casas, era tudo feito dessa maneira. Então, o Jacob, pra eles, não era uma pessoa boa. Outra coisa que o vô contava, e que a gente não dava bola, não acreditava nisso, e depois ficou se sabendo, que eles tinham trazido o corpo do Jacob pro município de São Lourenço, e ele contava que tinha de 7 a 9 anos, quando foi trazido esse corpo pra cá, e que ele esteve lá, no dia em que ele foi colocado embaixo da Igreja.

Eduardo: E o que ele contou? Ele contou algum detalhe dessa cerimônia?

Loni: Que o pessoal não estava satisfeito com isso, que muitos colonos não queriam que ele fosse enterrado aqui - que ficasse o corpo dele aqui. Por que ele tinha explorado muitos colonos, principalmente os de origem pomerana - os pomeranos, principalmente. Claro que tinha um grupo, de pessoas mais instruídas, que entendiam a visão dele, mas tinha outro grupo que não... Isso deve ter sido por volta de 1897, 1898, por aí, nessa época.

Eduardo: Já tinham passado alguns anos – vinte/trinta anos - que ele tinha morrido e essas pessoas ainda tinham essa lembrança na memória.

Loni: Eles ainda tinham na lembrança essa memória de que ele não teria sido uma pessoa boa pro pessoal da colônia. Inclusive, o vovô, sempre quando a gente falava nisso aí, ele dizia assim: “Jacob, aquele explorador, aquele ditador...”, ele dizia. Eles tinham essa visão dele. E ainda agora, muitos na colônia ainda têm essa (mesma) visão.

Eduardo: Ainda hoje, tem a mesma visão?

Loni: Ainda hoje, eles têm a mesma visão.

Eduardo: Tu tens uma idéia do que eles comentam?

Loni: Eles comentam assim, essa parte que ele teria explorado muito os colonos...

Eduardo: A mesma coisa que o seu avô?

Loni: A mesma coisa. Essa mesma idéia. E que ele não permitia que ficassem próximos uns dos outros. E que os comerciantes, porque eles abriam as picadas, entre a estrada principal e a picada, normalmente naquelas esquinas, ficavam as casas de comércio. E esses comerciantes, que ele teria dado vantagem pra quem instalou comércio, enfim, então, esses aí apoiaram que trouxesse depois o corpo dele, aquela coisa toda, pra fazer aquela homenagem.

Eduardo: Eles foram favoráveis...

Loni: Foram favoráveis. Eles tinham vantagens, né? Tanto que os alemães, esses imigrantes foram trazidos pra cá pra serem agricultores; não era permitido ter indústria, não era permitido ter nada. A única coisa era esses comerciantes, que eram capitalistas exploradores, porque eles eram os bancos dos trabalhadores, porque o “cara” trabalhava, produzia, colhia, e deixava o dinheiro que sobrava na casa, na mão dos comerciantes. Eles faziam esse serviço de banco. E outra, que, quando o colono precisava de dinheiro, ele pedia emprestado pro comerciante da sua região. E muitos comerciantes cobravam juros muito altos. Tinha todo esse lado assim...

Eduardo: E como a Sra., como professora de história, trabalha essa questão da colônia e de Jacob Rheingantz, em sala de aula?

Loni: Eu trabalho bastante essa questão em sala de aula; e, alguns alunos, também trazem, de casa, uma lembrança negativa do Rheingantz; eu lembro de falar com o avô de um aluno, e

esse senhor me contou dessa parte toda, das dificuldades que eles passavam e da intransigência dos administradores da colônia. E aí, eu até comentei com eles, “mas foi uma das colônias particulares que deu certo no Brasil” - que no caso seria a de Blumenau, que foi uma colônia particular de Santa Catarina, que foi o Barão de Blumenau que implantou, e nós aqui. Aí, ele disse: “é, deu certo porque NÓS colonos trabalhamos muito, a gente produzia muito, e nós nos uníamos muito”. Quer dizer, o próprio colono se unia com o pessoal, pra fazer/construir casa e coisa, mas que se fosse pelos administradores eles teriam tirado tudo, praticamente. Ele tinha na época 83 anos - bem lúcido; isso faz 10 anos, mais ou menos. Ele era autodidata; ele dominava o alemão, escrevia em alemão, o belga e o francês. Ele não era descendente de pomeranos, ele era alemão. E ele tinha toda essa história da família dele - le sempre narrou essa parte.

Eduardo: E o resto, a imagem que os alunos traziam era sempre ligado a isso (à aspectos negativos do Rheingantz)?

Loni: É, é. Sempre ligado a esse lado. Quando eles falavam com pessoas antigas, ou alguma coisa que os pais tinham pra contar, era esse lado.

Eduardo: Eram sempre coisas negativas?

Loni: Negativas. Sempre. Sempre. (Na verdade,) O que eu sentia, era bem assim: filho de comerciante, que eram mais abastados, aqueles, os avós ou os pais, tinham uma idéia de que a coisa tinha sido boa, que tinha progredido, que São Lourenço tinha sido a capital da batata. E aquela coisa toda, que se conhecia (no Brasil). Até tinha um, que o avô (de um aluno) teria sido um dos primeiros que tinha tido um caminhão, um Ford; e aí, comprava batata e levava pra Porto Alegre, e levava pra São Paulo, depois...

Eduardo: E esses tinham uma lembrança boa?

Loni: Boa.

Eduardo: Mas, o restante não?

Loni: O restante não. O “colono – colono”, não. O mais abastado, aquele que evoluiu mais, aquele que normalmente se dedicava ao comércio e a agricultura, também, porque ele tinha uma casa de comércio e plantavam e produziam, também, e progrediam mais. Esses aí tinham uma idéia (não tão ruim, sobre o Rheingantz). Inclusive tinham muitos que ficaram em São Lourenço, mesmo; ficaram aqui na cidade; ou vieram de fora pra cá. Tem famílias que vieram como imigrantes e não chegaram a ir pra colônia. Seriam os Hellms, seria os Kroll, estes nunca teriam sido (colonos)... Teriam vindo como imigrantes, que teriam que trabalhar como imigrantes, (mas) acabaram ficando aqui mesmo (na cidade).

Eduardo: Pra finalizar: a imagem que tu tens do Rheingantz seria, somado a aquilo tudo que a gente falou (positiva ou negativa?)...

Loni: Ele foi um empreendedor, mas que explorou muito os nossos (colonos).

Eduardo: Seria um meio termo?

Loni: Um meio termo! Eu não vejo ele como um herói. Eu vejo ele como um grande empreendedor, que trouxe pra cá (muita gente), que começou um projeto aqui. Mas eu acho, pelo que eu sei, pelo que eu tenho ouvido, principalmente ouvido, porque eu não li muita coisa, assim... o que a gente lê, todo mundo coloca ele como esse herói. E o que eu tenho ouvido, é o outro lado da moeda. Então, pra mim, ele foi um grande empreendedor, mas que ele explorou muito os colonos. Tanto que se não fosse verdade isso aí, tu sabes muito bem, o nosso colono até hoje ainda é acomodado, é calmo, é tranquilo; eles não teriam expulsado ele daqui.

Eduardo: Ah, com certeza...

Loni: Esse é um fato... Porque tu podes ver, toda a história da nossa colônia, da Colônia de São Lourenço, nunca tem um fato, uma briga, uma discussão, não existe isso. Até nas comunidades, eles até batem boca entre eles, mas não vai além. E tomar uma atitude como eles tomaram, de tentar invadir, que ele teve que sair de São Lourenço, é uma medida que não corresponde aos nossos colonos. Então, eles deviam ter fortes motivos pra ter tomado essa atitude. E, voltando ao sepultamento do Rheingantz, muitos dos colonos eram contra, que o vô contava que eles gritavam que não queriam ele aqui. - tanto que o vô contava, e eles não sabiam que tava ali os restos mortais dele. Quando foram reformar a igreja depois, tempos depois, é que eles (o) acharam embaixo da igreja. Ninguém sabia disso daí.

Eduardo: Ele ficou esquecido...

Loni: Foi esquecido; não tava registrado. Aí, quando eles foram reformar a Igreja da Coxilha do Barão é que eles acharam o túmulo embaixo. Isso deve fazer o que, agora? Não sei se faz uns vinte anos, isso - agora que reformaram e que acharam. E o vô sempre contava isso pra nós. Porque ele contava história, de noite, pra gente dormir, sentava na rua, na noite de lua. E ele contava isso pra nós, quando nós era pequeno. E ele sempre disse, que quando eles trouxeram os restos mortais, que era uma coisa quadrado, tipo um ferro, tanto que ia passando pela colônia e tinha gente que atirava pedra, atirava ovo - eram contra, né? Mas que o pessoal que teve lá, fez uma solenidade, que teria colocado embaixo da Igreja; e ele sabia isso, bem direitinho. E o "seu" Kroll, também, que era ali do sítio, que também foi um senhor que viveu bastante tempo, que faleceu depois do vovô, e esse também contava, e foi em cima do

depoimento desse senhor que quando eles foram mexer na igreja que eles acharam; ficaram sabendo que era ali.

Eduardo: Interessante. Soube-se por causa de um outro colono, que tinha isso na memória.

Loni: Que era gurizinho, quando foi trazido o corpo pra cá. Eles teriam trazido pra ficar em Rio Grande, e que depois trouxeram pra cá.

Entrevistado: Itto Alberto Sträher

Entrevistador: Eduardo Iepsen

Projeto: “Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: da (des) construção de um mito, à reconstrução de uma história”.

Data: 30 de agosto de 2007

Local: São João da Reserva - São Lourenço do Sul / RS

Eduardo: Pastor, eu começo com uma pergunta um pouco mais ampla, “o que você sabe sobre Jacob Rheingantz?” uma visão geral...

Itto: De Jacob eu sei pouca coisa. Eu não me interessei muito pela história dele. No máximo, assim que eu sei, é que ele foi um negociante. Quando ele estava em São Paulo, ele ficou sabendo que aqui no sul havia chances de fazer negócios com o charque e ele veio para cá, e tentou entrar nesse negócio e eles o boicotaram. Daí no meio do caminho disso ele ficou sabendo que o governo estava interessado em trazer mão de obra para a área rural, né, para a construção do Brasil e, então, ele foi atrás disso. E com isso, ele entrou em convênio com o governo da província pra, então, trazer agricultores, trabalhadores braçais da Europa, principalmente da Alemanha, e é o que ele, então, fez, e com isso ele trouxe gente pra cá e começou a instalar uma colônia aqui. Mas, ele não se deu muito bem com o pessoal que ele trouxe aqui e teve que sair, mas a colônia continuou por causa do genro dele, que soube lidar com as pessoas, e daí a colônia prosperou e ficou aí a marca “São Lourenço”.

Eduardo: E como o senhor vê essa questão desses problemas que o Rheingantz teve com os colonos?

Itto: O Rheingantz, por ele ser também um descendente europeu, e da época do feudalismo, ele aqui também agiu como senhor feudal, e o pessoal que ele arrebanhou lá, na verdade eram bóias frias, era gente que já tinha migrado do norte pro sul, e a crise econômica tava grande lá, e então eles estavam tentando voltar pra suas terras de origem, para sua terra natal, e foi nesse retorno que o Rheingantz pega eles, e traz eles pra cá, com uma promessa. E o pessoal aqui veio pensando na liberdade. E aqui descobriram que eles não estavam livres, estavam presos ao Rheingantz financeiramente - inclusive com contradição com aquilo que havia sido combinado com o governador, que ele fornecesse as terras, fornecesse armas, sementes e ferramentas; e aos poucos o pessoal podia ser beneficiado com o documento de propriedade de terras, e o Rheingantz começou a cobrar tudo, e era o único que fazia o câmbio comercial com o porto, tanto de São Lourenço, quanto de Pelotas; e eles ficaram muito presos, e então eles se sentiram sempre ameaçados (os agricultores) por ele.

Eduardo: E essa parte onde tu falou desses problemas que houveram, entre o Rheingantz e os colonos, a gente conversava antes (de ligar o gravador) sobre essa questão da história mesmo esquecer, apagar esses fatos; acabaram mencionando esse aspecto de uma revolta que teve, que foi sintetizada apenas nessa revolta de 1867, mas que os outros problemas eles foram anulados dessa história. Como o senhor vê isso? O senhor vê como um propósito de se heroicizar um personagem?

Itto: Olha, eu acho que tem um pouco a ver com a etnia. O grande número de pessoas que vieram para cá, são descendente de pomeranos, e o pomerano, por si, não gosta muito de contar a história dele, por que história dele é triste. E então ele não tinha muito interesse do que se contasse aqui, se era o lado bom, correto, se era o lado ruim, isto tanto fazia para ele, desde que não se tocasse, por que era uma ferida que sempre machuca muito, a história. Então, a história que foi contada a partir de alguns, poucos, que tinham interesses bem particulares para contar a história, do jeito que eles achavam que era mais importante para eles e não para o povo, em si; não era uma história para construir, era uma história apenas para lembrar e para colocar no pedestal, alguém. E por isso eu vejo essa diferença, de que algumas coisas foram deixadas para trás, principalmente conflitos mais acirrados; e agente sabe que também o governo, as autoridades estavam interessados, que os problemas não viessem à tona, num lugar como esse aqui.

Eduardo: E o que o senhor sabe sobre estes problemas? Se fosse falar mais especificamente sobre eles?

Itto: Um deles, que eu já mencionei um pouco antes, é essa questão de que eles não receberam as terras.

Eduardo: Mas, exemplificado em conflitos, como o caso (da revolta) de 1867...

Itto: Em 1867, o que aconteceu... Na verdade eu lembro do que aquele senhor da Alemanha me contou, quando eu mencionei o outro lado da história, e ele me puxou pro lado e disse: “Olha, não vamos falar alto, por que têm uns quantos aqui que não estão interessados, em ver esse lado ruim; mas, antes de vir para cá (fazer a visita em 1993), nós tivemos uma cessão e numa cessão foi pedido que ‘agora vamos apresentar um documento, mas do qual, vocês não devem falar’”, e ele: “esse documento fecha com o que você diz”. Era uma carta, que já explicava coisas que outras pessoas já haviam escrito para familiares, de que naquele 24 de dezembro o pessoal atacou a casa do Rheingantz e o Rheingantz reclamou: “Olha, o que vocês tão fazendo aqui, arruaça, vocês deviam estar em casa, festejando o natal.” E eles disseram: “Nós não temos nada para festejar, porque você nos roubou. Você tá nos devendo, nós não temos dinheiro”. (E a resposta de Rheingantz:.) “Não, mas, se vocês querem, eu tenho

aqui pra vender.” (Os colonos:) “Como, se nós não ganhamos nenhum dinheiro, já temos dívidas, e vamos ter mais, só para festejar o natal”. E ele conta, esse senhor alemão, que a carta menciona o fato de que Rheingantz foi levado à força para Rio Grande e colocado no porto e dito: “Vai embora, se você volta, você tá morto.”

Eduardo: “Puxa”... Desse documento, eu não tinha conhecimento.

Itto: É um documento que eles têm lá (na Alemanha), que é uma correspondência (enviada da colônia)...

Eduardo: Que narrou esses eventos da revolta...

Itto: Fiquei sabendo, quatro anos depois que esse senhor que me falou isso faleceu. E eu não saberia com quem mais entrar em contato, mas eu também não estava tão interessado nesse tipo de história. Mas, isso começou a fechar pra mim. E, aqui uma senhora, uma vez contou que ela também tentou fazer uma pesquisa, e conversou com descendentes, e eles disseram: “Não vamos falar isso com a vovó, que a vovó fica tão nervosa, porque ela não gosta de falar sobre as coisas que andaram fazendo com eles”. E os conflitos estão muito caracterizados, neste livro do Coaracy, só é contado de um outro jeito. Mas, o Rheingantz doou terras, e isso me chamou a atenção, também; que o Rheingantz doou terras pra todas as entidades religiosas. Isso na verdade era pra amenizar os conflitos. Uma forma de dizer: “Viu como eu sou bonzinho!”.

Eduardo: E isso foi sempre lembrado de uma maneira muito estratégica nesses livros, né?

Itto: Isso. Sempre foi lembrado dessa maneira. Inclusive com agente hoje vendo que a maioria delas não tem documentos; quem não conseguiu fazer via processos meio obscuros, não tem a titularização das terras.

Eduardo: Ainda hoje?

Itto: Ainda hoje! Elas continuaram vinculadas às glebas maiores e outros. A entidade não recebeu um documento na mão dizendo, “tá aqui, o documento de doação.” O documento está apenas do lado do doador. Mas isso é estratégico, também; porque eu posso apresentar, ou não. Então, não há registro disso oficialmente. Isso me chamou atenção quando eu vi isso na listagem de quem pegou terras. E se nós vamos ver, essas terras não foram doadas na época que o Rheingantz estava aqui; mas, elas foram doadas quando o genro dele estava aqui. É só olhar as datas; e a data de fundação destas entidades religiosas, ela sempre é posterior à Rheingantz.

Eduardo: Esses dias eu tava olhando um outro documento e... O Rheingantz também apresentava muitas queixas dos colonos (ao presidente da província) – especialmente de um belga, chamado José Pons – e ele fala que os colonos, com fins religiosos, estavam pedindo

dinheiro pro governo para construir igrejas, só que na verdade eles estavam pegando este dinheiro pra si mesmo; pra usar como um bem privado, não pra investir em construção de igrejas, como seria o real propósito. E isso também é uma questão que me chama muita atenção: que o Rheingantz, pelo menos nesses documentos, aponta alguns colonos como muito baderneiros, conspiradores e que essa questão da igreja que eles estariam desviando estas verbas pra fins pessoais; disso o senhor não tem informações?

Itto: Não.

Eduardo: Seria um pouco antes dessa revolta, seria por volta de 1865...

Itto: Mas, eu não tive nenhum acesso a nenhum relatório ainda com relação a isso. Mas eu posso entender o conflito de Rheingantz com esse pessoal. O Rheingantz (é de) descendência renana; é uma postura, tem um tipo de índole, com relação aos mais do norte. Eles (os pomeranos) são mais secos, mais agressivos. E até hoje, ainda por aqui na volta, os renanos com os pomeranos, a gente sente que no dialogo eles são muito agressivos ainda...

Eduardo: Se tem uma rivalidade?

Itto: Não, não é uma rivalidade. Eu digo assim, que isso já tá dentro dos genes desse pessoal. Eles não têm uma briga, não é uma rivalidade, mas a forma deles dialogarem é muito agressiva.

Eduardo: Tensa?

Itto: Tensa. E o descendente de renanos já fica logo muito chateado. E isso dá corda justamente pro descendente de pomeranos: “Opa! Aqui eu pude me impor!”. Então isso, nem é consciente. E eles vêm reclamar pra mim. “Pois é, ela veio assim com pedras e pau na mão.”. “Como é que tu escutou aquilo? Vamos ver... será que era isso? Será que não foi a forma que você apenas quis ouvir? Vamos ver, quem era?” Bom, aí se eu vou ver que são descendentes pomeranos e renanos, bom... Porque o inverso não é tão forte. Quando o renano fala pro pomerano, ele fala um pouquinho mais suave.

Eduardo: E o pomerano não vem se queixar?

Itto: Não. Então eu posso entender que o Rheingantz deve ter tido muito (?)... O que me falta nessa história, é onde é que tá a lista da segunda leva? Porque nós só temos a primeira.

Eduardo: É. É os pioneiros quem são sempre lembrados.

Itto: Só que desses, aqui, só sobraram cinco.

Eduardo: Exatamente.

Itto: Só sobraram cinco. E, desses, só dois agricultores. De onde é que vieram todos esses outros? E quando? E de que maneira?

Eduardo: Muitas dessas listas eu encontro em Rio Grande – algumas listas de passageiros. Mas, isso não foi preservado nesses livros.

Itto: Pois é, não foi.

Eduardo: (Lá, em Rio Grande) Tem algumas listas. E eu lembro de um aspecto: o Rheingantz precisava povoar, dentro de cinco anos, com 1440 agricultores. Mas ele não conseguiu isso. Ele conseguiu só depois de sete ou oito anos, ultrapassar esse índice - que fazia parte do contrato inicial com o governo - e de conseguir auxílio por imigrante que chegava, de tantos mil-réis. (Mas,) O senhor lembrava, antes, que o senhor não é daqui de São Lourenço, e que tomou conhecimento dessas histórias já há algum tempo atrás, sobre a questão (da Colônia) de São Lourenço, não estando aqui ainda - estando em São Leopoldo. O senhor poderia falar novamente sobre isso?

Itto: Isso foi por causa do contato de um colega, conterrâneo da minha cidade, que veio fazer estágio em Camaquã, e ficou sabendo da história, aqui da volta e tentou fazer um trabalho semestral em cima disso. Ai ele teve contato com documentos, nos anais do governo, e comparando com o que estava escrito em livros, ele viu que isso não fechava. Então ele tentou escrever, uma vez, alguma coisa, digamos, mais na visão do povo, mais na visão do trabalhador, do agricultor. E isso aí ficou bastante interessante; daí eu também estava envolvido com as questões históricas dos muckers - então nós também fizemos um trabalho inverso - e daí a gente teve esse dialogo, e aí eu fiquei sabendo dessa história aqui.

Eduardo: O senhor se lembra do nome deste seu colega?

Itto: Era, Otto Potzel.

Eduardo: E ele tem livro publicado?

Itto: Não, não é livro. Ele só tinha feito um trabalho pra faculdade de teologia. Ele fez um trabalho e por causa desse contato que nós tivemos... E, aquilo aguçou, né? Foi uma casualidade, porque nós estávamos na aula de história. E ele fazendo, então, meio que juntou né?

Eduardo: E pouco tempo depois o senhor acabou vindo pra São Lourenço...

Itto: Aí, eu vim pra cá, e toda essa história aflorou de novo. Ela ficou presente. Eu até tentei fazer uma cópia daquilo, mas ele não tinha e a biblioteca não havia guardado uma.

Eduardo: É uma pena, é um trabalho interessante, porque é mais ou menos nesse sentido que eu vou...

Itto: É uma pena. Eu uma vez perguntei até pra ele, e ele disse: “Eu não to lembrando mais!”. (risos) “Mas, como?”.

Eduardo: Ficou mais marcado pro senhor, do que pra ele...

Itto: Pra mim ficou. Acho que por causa desse vínculo da história, por que eu tava fazendo história. Então, você tá um pouco mais “antelado”. Por que ele veio fazer, porque nós temos essa questão *sui generis* do sul, que é as comunidades independentes, comunidades livres, que são decorrentes desse processo feudal, que o próprio Rheingantz também trouxe junto, ele também teve essa postura. Então, por um bom tempo, embora os livros as vezes digam o contrário, não teve serviços religiosos; não era permitido a entrada de nenhum clérigo aqui, de nenhuma entidade religiosa estabelecida, como a Igreja Católica ou a Igreja Evangélica. Porque se tivesse vindo um padre pra cá, ele com o tempo ele ia ajudar os colonos a abrir os olhos, que eles estavam sendo explorados e de que maneira. Então, a ausência deles fez bem para (o Rheingantz) se manter, e daí o próprio povo disse: “não, a religiosidade nós vamos levar adiante!” então eles mesmos foram juntos pras escolas que eles construíam, e ali eles faziam seu ato público, e entre eles a pessoa com mais capacidade, que servia pra ser professor dos seus filhos, ele também aproveitava os livros que eles tinham trazido juntos (religiosos), e através deles criava os ofícios (sepultamento, batismo, casamento) e a celebração cultiva. E então, em cada área, os grupos foram se formando, as suas comunidades. Dos quais a paróquia hoje é formada. Ela tem a metade delas é de comunidades oriundas independentes, que hoje estão juntadas. Mas, dentro disso, Eduardo, eu to me lembrando agora de uma coisa bem curiosa, que com o tempo eu não dei muita bola; mas, eu sei que uma vez, numa conversa, se eu não me engano foi na época em que uma vez teve o... Telmo Lauro Müller tava aqui, e ele fez uma palestra, e eu fiquei muito indignado, porque foi uma palestra falada pra gente de São Leopoldo, e não pra gente de São Lourenço: “Ah, o grande palestrante!”. Eu digo, “Bom, mas aqui é outra história!”. Mas ai teve mais gente junto, não sei porque motivos, mas alguém mencionou que queria saber onde estavam as famílias que saíram de Santa Cruz e vieram pra cá, na mesma época do Rheingantz, e se nós vamos olhar o Coaracy, aqui, ele lembra do Barão Von Kalden, que estava em Santa Cruz, mandando na gleba colonial, lá, e ele veio aqui apaziguar as coisas; e ai, será que a forma de povoar, essa pergunta começou a me ficar: “será que a forma de preencher os quesitos de botar tantos colonizadores aqui, o Rheingantz não conseguiu mais trazer suficientes da Europa, e ele começou a arrebancar na volta, e por isso muitos documentos ou fichas, não estão mais presentes...”

Eduardo: Porque não haveria como ter...

Itto: Claro, porque ele não poderia trazer de um outro lugar. E ai, “porque estes livros não deram peso ao genro do Rheingantz, que justamente aqui se deu bem?” E é por isso que a Coxilha do Barão tem esse apelido, Picada Moinhos é o nome, mas tem o apelido de Coxilha

do Barão por causa do genro do Rheingantz que é o Von Steinberg. Mas as pessoas historicamente não guardaram isso e acham que é por causa do Rheingantz esse nome.

Eduardo: Há uma confusão nesse sentido.

Itto: Há uma confusão nesse sentido! O que eu vejo, Eduardo, na história, eu acho muito interessante, eu acho que é fantástico o monumento que eles colocaram, o desenho desse documento e significação; mas nem aqui as pessoas sabem o que é esse desenho, aliás, hoje nós estamos conseguindo (mudar esse pensamento). O pessoal aqui não queria olhar (pro monumento) porque isso era um negro.

Eduardo: Interessante! Eles viam um negro?

Itto: Eles viam um negro! Por quê? Por causa do metal, que é sempre escuro. Eles dizem: “Vocês podem fazer o que vocês quiserem que ele vai estar sempre escuro, mas não vai enferrujar!”. E isso é um agricultor semeando. Eu digo: Olhem! Eles nunca foram ajudados a enxergar dessa maneira. Nas próprias escolas foi dito; tem alunos que tem nos cadernos dito, que esse monumento foi em homenagem ao Rheingantz. E esse monumento aqui foi em homenagem aos colonizadores. O Rheingantz, tá do lado.

Eduardo: É que há uma imagem dele, embaixo. A questão do negro é que eu achei muito interessante.

Itto: É muito interessante! Essa figura... Nos jornais da época, eles não mencionam nem o artista que fez.

Eduardo: Pois é, eu tenho um (jornal) “Voz do Sul” de 1958 (e não menciona mesmo).

(Itto pega uma cópia xerocada do referido jornal, e mostra ao entrevistador)

Eduardo: Esse mesmo!

Itto: E não fala. Só fala que uma empresa fez, não fala no artista, não fala do significado. Aqui a gente nota o interesse de se vangloriar pessoas individualmente. Então (é preciso) enxergar isso, que aqui nós tivemos agricultores que fizeram um trabalho e que ajudaram São Lourenço a continuar a ser e a crescer. Isso pra mim é mais importante.

Eduardo: Mais significativo...

Itto: Bem mais significativo! Nunca deixar fora Rheingantz; nunca deixar fora as outras pessoas que estavam na articulação; porque eles são o elo de ligação, mas eles não são os mais importantes. Por mais desbravador que alguns achem que o Rheingantz fosse, por melhor que ele fizesse, mas se os agricultores não tivessem pegado na inchada e continuado a trabalhar, e manter a sua teimosia, que eles tem, a colonização de Rheingantz também não teria dado certo. Ela deu certo por causa deles. Porque as outras colonizações do Brasil não

deram certo? Não foi por causa dos administradores. Foi por causa do tipo de povo que botaram lá pra trabalhar.

Eduardo: Eles não estavam adaptados...

Itto: Eles não estavam adaptados, era gente que era mais teimosa que o próprio organizador; e o descendente europeu, dessa área da Renania, da Pomerânia, da Holanda, os poloneses, os belgas, eles são muito mais duros, eles vão mais tempo, eles insistem muito mais vezes, até que dá certo. E por isso é que deu certo pra São Lourenço.

Eduardo: O senhor mencionou essa questão dos monumentos; como é que o senhor vê essa questão da Coxilha do Barão, que está muito marcada pela figura do Rheingantz, ainda hoje: pela casa, os dois monumentos e a própria igreja, onde estão os restos mortais dele; tem uma simbologia muito forte e muito marcada do passado nessa região, né?

Itto: É, mas é só pra fora, porque aqui o povo não liga muito pra isso. Tanto que a própria galeria para ver onde está a urna (funerária), isso ninguém mais quer ver. Nem o pessoal que é responsável, não tem mais interesse em vir limpar. “Pra quê? No que isso vai nos ajudar? Não nos ajuda mais! Nós já temos muito serviço com aqueles dois monumentos.”. Estes estão mais conservados. São mantidos pela própria comunidade evangélica, que é proprietária da lésua da terra.

Eduardo: Com essa questão do caminho pomerano, o senhor sabe como o Rheingantz está sendo representado?

Itto: O caminho pomerano tá trabalhando mais o desenvolvimento do próprio agricultor dentro dessa proposta turística, mas também resgatando questões históricas, resgatando os costumes dos pomeranos e não a história do Rheingantz; e é pra construir, também; para eles, com o resgate poder ter o seu sustento, numa nova perspectiva. Eu acho que eles tã numa direção bastante boa, têm mais chance daqui pra frente.

Eduardo: Porque antigamente a casa do Rheingantz serviu como uma espécie de museu, me parece que na década de 1940...

Itto: Pois é... Isso também é uma história muito interessante. O pessoal aqui tem nojo disso, não gosta de mencionar; se sentiram muito frustrados com isso. Os que se manifestam ser os mais importantes e mais entendidos no assunto dizem que isso não existiu, que isso não tá registrado...

Eduardo: Essa questão do museu? Mas eu tenho documentos que falam sobre isso.

Itto: Pois é, só que não tem nada, porque o museu foi pilhado!

Eduardo: Ah, é?

Itto: É! O material lá dentro sumiu!

Eduardo: Eu não sabia! O senhor tem idéia de quando foi?

Itto: Olha, de quando, não. Mas, eu sei que o atrito foi até os anos 80 (1980). O atrito por causa do material que havia sido fornecido pra fazer o museu, que depois desapareceu.

Eduardo: E tinha “coisas de valor”?

Itto: De muito valor! Coisas de gente que hoje, de repente, estão chegando em alguma casa e dizem...

Eduardo: “Isso era meu...”.

Itto: “Isso era dos meus antepassados, como é que foi parar aqui?”. Isto tinha sido doado para aquele museu - “como é que hoje tá aqui?”. Esse jornal, o “Voz do Sul”, ele menciona, mas não existe; nós por aqui não temos a documentação; não temos atas; não temos em nenhum lugar registrado o que estava lá. Só historicamente estava lá. Alguns mencionaram: “foi dado e depois sumiram com aquilo”; “tem gente que ficou rico”, eles dizem, “tem gente que ficou rico com aquele negócio, e nós ficamos a ver navios”. Por isso, hoje, é muito difícil conseguir que eles mostrem alguma coisa antiga pra gente. Eles tem muito receio. Nós fizemos em 1998, os 140 anos e o pessoal cedeu pra nós, com o compromisso de que seria devolvido, daí nós fizemos uma listinha e nós devolvemos; a sorte é que eu guardei a lista – aonde nós buscamos e o que eles tinham. Nós conseguimos encher aquela sala, da casa do Rheingantz, com coisas bem interessantes, mas não tantas coisas que tinham vindo com os primeiros imigrantes; já são coisas que foram adquiridas posteriormente. As bem velhas já foram. Essas nós já tínhamos entregado. Então, a casa do Rheingantz hoje ela é propriedade da comunidade, mas, tá registrado em própria escritura de que ela é patrimônio, então ela não pode ser desfeita, não pode ser negociada, então, em cima disso, é que é possível fazer o tombamento dela.

Eduardo: E sobre essa questão, continuando no âmbito das comemorações, de o ano que vêm ser o sesquicentenário - o senhor me falava (antes das gravações) que estavam acontecendo algumas preparações quanto a isso. Se o senhor pudesse falar novamente, eu achei bastante interessante...

Itto: A proposta foi... Eu desafiei a paróquia e a comunidade que 18 de janeiro é a data marca, por exemplo, para as comunidades aqui onde eu atuo, por ser o início (da colonização) e também da IECLB na zona sul; de Guaíba pra baixo, é aqui que começou a IECLB; e eu disse: “Olha, 150 anos, eu acho que pra vocês, povo, é uma data que não dá pra perder; vocês tem que fazer alguma coisa!”, embora em janeiro pra eles, na colônia, é ruim fazer festa; é muito complicado. Mas, depois de tanto conversar, já a quatro anos cutucando eles, aí eles disseram: “sim, mas o que nós vamos fazer?”. Aí, nós chegamos a conclusão de que a

primeira coisa era entrar em contato com a administração pública e ver se essa data podia ser reservada, aí o ministério público se interessou e a prefeitura junto com a Secretaria de Turismo, e disse: “vamos trabalhar juntos?”, e aí tá saindo a coisa a nível municipal, que eu acho muito interessante. Que não fica localizado, nem restrito a um grupo, nem só a uma etnia, por que eu acho que faz parte da história de São Lourenço; então, não pode deixar de fora - então, ficou bom. Então, existe um grupo tarefa, a nível municipal, que a secretária de turismo encaminhou, motivou, chamou o pessoal, e nós nos reunimos regularmente uma vez por mês, então, estamos encaminhando uma atividade para 18, 19 e 20 de janeiro de 2008, os três dias. 18 está, assim, o básico - estamos organizando é assim digamos uma tentativa de repetir a chegada dos imigrantes lá no arroio São Lourenço e o deslocamento até a Coxilha do Barão; fazer um desfile, uma carreata, tentando trazer... mas, com uma perspectiva, assim: pega o fato histórico do passado, começa ali, e vai fazendo e vai agregando o novo. Então, por exemplo, hoje é muito difícil vir com cavalos, animal de tração, coisa assim, eles não são mais treinados para isso; então, porque não puxar a carroça com o trator? Porque o novo tá aí! Então, vamos olhar pra frente! O que nós podemos fazer, também. Então, pode haver nessa caminhada um desenvolvimento do processo histórico – “como é que foi?”: começou, lá, a pé? Hoje nós estamos de moto, de carro zero, porque daí, eu acho que constrói; porque a gente tem que lembrar que tem que ter utilidade. Esta, inclusive, previsto a tentativa de se trazer um veleiro que sairia de Rio Grande, mesmo que talvez ele venha a motor, mas que na entrada do arroio, que ele então acionasse as velas, fazer uma encenação - a gente tá tentando verificar essa possibilidade. No dia 19 é pra ser um dia mais cultural geral, tanto na Coxilha do Barão ou aonde quiser - ou a entidade que quiser; quem quiser promover alguma coisa vinculada à história: faça teatro, faça canto, faça palestra; tem muitas escolas que já trabalharam a questão histórica aqui, que já fizeram apresentações em eventos, e eles podem fazer em outros locais, porque é muito difícil fazer com que todo município, o pessoal de todo canto, venha (à Coxilha do Barão); então, porque não ter lá perto deles uma programação vinculada ao sesquicentenário? Outra coisa: tem todo um calendário pro ano que vem: todas as festividades que já eram tradição no município estão arroladas na programação do sesquicentenário do ano todo e com o desafio de que cada um que promove essa sua festividade também coloque o traço do sesquicentenário; inclua (o sesquicentenário) ali dentro. Então, tem um calendário já bem programado. Daí no dia 20 é aquilo que a gente chama de “festerê”; imagina que não fazer festa, não comer e bebe, bem solto, bem livre. O dia 20 é isso. No dia 19, mais as entidades religiosas é que vão acentuar, também. A nível da paróquia, nós já estamos montando todo um esquema, já estamos trabalhando também, onde

as comunidades vão poder contar a história; na verdade, nós já estamos a quatro anos preparando desfiles alegóricos e as comunidades contando a história: a quatro anos atrás era assim, né? “A história na estrada”. Então, as comunidades levaram estrada a fora a sua identificação: “Quem nós somos? Como nós somos?”. Com isso eles foram descobrindo que eles têm capacidade de fazer coisas, eles tem muita criatividade; tem algumas coisas espetaculares, como os “caras” enfeitaram as carroças, buscando aquela coisa mais antiga, mas já sabendo pendurar o novo junto, em seguida; tá muito interessante.

Eduardo: Não sei se o senhor já sabe como vai ser a representação do Rheingantz, dentro destas festividades: ele é mais um, como os colonos, ou ele é a figura central, porque nas outras festividades – em 1958 e 1908 - parece que o Rheingantz se sobressaia dos demais; ele era um dos motes principais a ser homenageado - ele vai ser de novo um alvo de muitas homenagens, ou não?

Itto: Não; não tanto assim. Eu acho que estamos conseguindo amenizar cada vez mais... Eu acho que a gente vai conseguir um pouco chamar a questão do Guimarães, que tem que fazer parte disso...

Eduardo: A parcela portuguesa da população...

Itto: ...Mas o acento desde o início estava assim: deixar que “o povo São Lourenço”, através da lembrança do sesquicentenário da imigração alemã, que “o povo São Lourenço” possa uma vez se mostrar de “quem nós somos”, “como nós estamos andando” e o que “nós podemos fazer daqui pra frente”; eu acho que o peso vai estar mais lá. Por isso então que monumento... Na Coxilha do Barão só vai haver uma placa lembrando o sesquicentenário.

Eduardo: E aonde vai ficar localizada esta placa?

Itto: Olha, no último encontro nós estabelecemos (que) vai ser bem na casa do antigo Rheingantz. Por que a gente achou que este seria o melhor lugar pra lembrar, por não sobrecarregar o outro monumento e manter o vínculo, porque este monumento do semeador é do centenário, então cada monumento tem a sua época; então, a placa pode estar lá na casa, que também não está muito bem identificada. Mas estamos projetando também uma marca lá no arroio; há uma proposta, por exemplo, do seu Hammes, desde o início, por causa desse vínculo do Guimarães e Rheingantz – de repente mostrar que os dois estão de mãos dadas nesse processo; talvez isso a gente consiga desenvolver lá na chegada onde esses primeiros colonos foram recebidos - ali tem umas ruínas ainda e nós vamos tentar pelo menos deixar à mostra as ruínas da casa onde isso aconteceu. E levantou-se a proposta de conseguir fazer um monumento na cidade para lembrar o agricultor, porque não existe nada na cidade; então, se

pensou: porque não colocar na cidade algo que lembre os agricultores que tem aqui em São Lourenço? Então, não a colonização alemã, mas “O” agricultor, “O” trabalhador.

Eduardo: E sobre os monumentos do Rheingantz e do Guimarães, seriam eles que seriam representados nesse monumento?

Itto: Se fosse pro agricultor, não...

Eduardo: Não, o outro... a proposta do Dr. Hammes.

Itto: O outro... É, inicialmente era isso. Achar um jeito de mostrar que os dois estão se dando as mãos; então, talvez a gente vai ficar só nesse de mãos dadas, talvez; como a marca de que aqui aconteceu essa chegada, que talvez falte aqui em São Lourenço, né?

Eduardo: É, é verdade. Tem muita coisa propriamente na Coxilha do Barão e na cidade não há nada (nesse sentido de homenagens).

Itto: É que tem que ter verba; tem que ter todo um processo pra poder chegar lá.

Eduardo: E é algo demorado, né?

Itto: É demorado; mas, já está garantido como projeto - a fundação Simon Bolívar, já assumiu o restauro da casa do Rheingantz como prédio histórico, como patrimônio e, talvez da gente transformar isso num museu; talvez num museu, digamos assim, itinerante ou temporário – determinadas épocas vai está lá, outras épocas vai estar num outro lugar. Ou vai ser assim: você é proprietário de um objeto que poderia estar no museu, seria bom, mas ele fica sob tua custódia em casa e quando tem uma atividade, uma festividade, vai lá se busca, se coloca no museu e depois se devolve; essa seria uma delas. Ou, a gente criar um estado (a condição) de termos um museólogo. Mas aí já é um outro processo de novo. Porque daí parece que pode ser transformado em vitalício, e aí a pessoa assume e ela fica enquanto ela estiver viva ela é responsável, e ela cuida; mas, são coisas pra se pensar. Na programação tá prevista que no fim do ano que vêm nós inauguramos o museu.

Eduardo: No final de 2008?

Itto: No final de 2008, nós inauguramos o restauro. Provavelmente nós não vamos conseguir até lá, porque realmente há muita coisa pra ser feita na casa; mas, também nós podemos ir montando - a história também não aconteceu de ontem pra hoje; então, nós também vamos montando devagar, em partes já; porque eu acho que o importante é que São Lourenço vai reaver muito da sua história; a história que ainda falta ser contada.

Eduardo: Exatamente; há muitas lacunas...

Itto: Muitas lacunas! No sentido do próprio povo se entender de “porque nós somos assim?”. Já há uma diferença bastante grande nesses 20 e poucos anos que eu conheço isso aqui. A diferença é bastante grande já.

Eduardo: Há 20 anos que o senhor está aqui?

Itto: Vai fazer 20 anos que eu estou aqui em São Lourenço; mas há 27 já, que eu estou “encostado” nessa região (pelo fato de ter morado em Canguçu). Hoje há uma ligação maior. Eu me lembro bem que nos primeiros anos que eu estava aqui, eu encontrava gente que nunca tinha chegado à cidade. Nunca! Hoje, então, já está bastante diferente. Mas é interessante isso, que a poucos anos as pessoas nunca terem ido à cidade. Que tipo de vínculo você vai ter se tu nem conhece a sede do município onde é que você nasceu, onde é que você se criou? Então, você também não consegue contar a sua história, se tu não tem isso. Embora, sempre de novo... É muito interessante - realmente a grande maioria de descendentes de pomeranos não tem muito interesse em contar a sua história.

Eduardo: Esse passado muitas vezes ligado a traumas geralmente acaba sendo evitado...

Itto: É! Eles evitam e aí perdem o hábito.

Eduardo: Claro. E daí, muita coisa se perde em função disso. O passado acaba sendo esquecido. Só para finalizar - a imagem que o senhor teria do Rheingantz em si, se desse pra quantificar, seria positiva, negativa ou um meio termo?

Itto: (pausa) É, se eu vou continuar pensando no ritmo que eu penso, que é a partir do trabalhador da terra, pra mim ele tem uma imagem negativa. Se eu vou olhar dentro do processo, digamos, comercial, que na época era importante, aí ele era uma figura positiva. São esses dois aspectos. Mas, sei muito pouco dele; faço deduções daquilo que ouvi, que eu senti. Mas eu acho que o que ele fez não tem ajudado o agricultor; tem ajudado o processo de crescimento do município - que cresceu muito. Lógico que no meio disso temos que lembrar que a questão do charque quebrou. Se o charque não tivesse quebrado, eu não sei se a colonização teria continuado.

Eduardo: É uma hipótese interessante de se observar...

Itto: Eu não sei se esses colonos também não teriam se dado muito mal, mesmo sem o Rheingantz; que eles também sozinhos, eles não teriam se dado mais tão bem se o charque tivesse continuado. *Neste momento, dou a entrevista por encerrada, desligando o gravador; porém, Itto retoma a fala. Liguei o gravador segundos depois, de modo que perdi alguns instantes de suas palavras.*

Itto está falando sobre o contato que teve com um alemão, na década de 1990, em visita à São Lourenço; o europeu mencionou que havia encontrado, entre os pertences de um antepassado, algumas cartas remetidas da Colônia de São Lourenço, no século XIX, e que estas fazem referência a revolta de 1867.

(...)

Itto: Eu acho que está relacionado com as cartas que o pessoal escreveu; porque alguém havia se queixado que as cartas não iam mais; elas foram um certo tempo seguradas, porque quem levava as cartas era alguém do comércio do Rheingantz, então, dependendo quem estava escrevendo, era retido.

Eduardo: Dependendo do que era dito... Porque acabava sendo uma propaganda negativa para os próximos imigrantes. Mas, uma questão que o próprio Rheingantz fala em uma carta, e que me chamou atenção, é que ele estaria isolado dentro da colônia e que os colonos estariam também fazendo esta questão de estar parando as cartas, e eles pegavam as cartas e dependendo do que estava escrito, não chegava no seu destino; essa era uma das queixas que o Rheingantz tinha. Isso é uma pena, porque a maioria dos documentos que eu tenho, que eu achei é o Rheingantz que escreveu, então eu to vendo novamente sob a perspectiva dele, mas já dá pra se ter uma idéia do clima da época, diferente de tu ver, por exemplo, pela História oficial construída posteriormente e trabalhando os aspectos que era interessante. Mas esses documentos que eu tenho do Rheingantz eles mostram um outro lado, mas mesmo assim, ainda produzido por ele; são poucos os documentos que eu tenho produzido por colonos, protestando, que sobreviveram.

Itto: (pausa) O descendente de pomerano, aquele que mais tem sangue pomerano nas veias, eles são pessoas de muita confiança; só que demora para ele ter confiança em você - isso leva seu tempo; agora, quando ele te assumiu, ele põe a mão no fogo por ti. Agora, não queira ter ele como inimigo - isso não tem retorno, não tem volta. E eu posso entender que o Rheingantz criou alguns inimigos; e esses arrumavam qualquer pauzinho pro Rheingantz não ter chance. E basta dois desses pra... E por causa do dialeto, que o Rheingantz só deve ter aprendido aqui - esse dialeto é danado, que é um dialeto contra-feudalismo, não é um dialeto criado naturalmente, mas, que o pomerano criou justamente pra poder ir contra o senhor feudal - "Eles não me entendem, então..." então, se essa turma se junta, a pauleira vai longe! Alguém lembrou que o bisavô tinha dito que um dos maiores problemas que eles tinham é que eles pagaram duas vezes a mesma coisa pro Rheingantz - que quem fazia as contas era ele, e aí quando eles pediam as contas, pra ele mostrar no papel, ele dizia que não estava pronta! Então, gente que em casa estava mais interessada começava a tomar nota, e começaram a constatar que foi pago duas vezes; por quê? Porque era pago por produtos! "Mas nós levamos tanto, e devíamos ter recebido tanto de volta, se foi descontado aquilo! Mas nós só recebemos tanto..." Então, foi pago duas vezes a mesma coisa. E ele não dava o documento quando tava pago: léguas, ferramentas, ele não dava documentos. Já, pro governo foram documentos, mas

não a cópia pro fulano. Então, essa revolta eu posso entender muito bem; se tinha dois ou três com raiva do Rheingantz, já puxaram a frente, e o resto veio atrás! Não tem mais, aquilo desanda! Hoje ainda - eles mesmos já sabem que ter cuidado em uma festa, que não pode levantar arruaça. Porque vai uma leva grande junto. Eles se conhecem. Eles sabem desse perigo que existe... E é aqui que eu comecei a entender também, porque eu fui criado por outra família, e o meu tutor era descendente de pomeranos – e aqui eu comecei a entender porque ele era desse jeito – porque ele era diferente do meu pai, e da minha tutora. Então, eu ainda dentro de casa eu tinha o meu padrinho, que era natural de Hamburgo, que já tinha uma outra índole. Aqui isso chama bastante atenção, que é uma característica bastante interessante. Mas, é um pessoal muito bom.

Observações: A conversa, que durou mais de uma hora, trouxe observações muito interessantes sobre o trabalho. Dialogamos bastante tempo com o gravador desligado, mas consegui voltar a estes assuntos na hora da entrevista. Uma questão importante, é que a sessão ficou dividida em dois momentos: havia encaminhado o encerramento, e desliguei o gravador, mas, após isso, o Pastor Itto retomou o assunto e, percebendo que o tema ainda não estava esgotado, liguei-o novamente. Perdi alguns segundos de sua fala. A primeira parte rendeu mais de 50 minutos; a segunda, mais de 10 minutos.

Entrevistado: Pedro Henrique Caldas

Entrevistador: Eduardo Iepsen

Projeto: “Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: da (des) construção de um mito, à reconstrução de uma história”.

Data: 12 de setembro de 2007

Local: São Lourenço do Sul / RS

Eduardo: Eu começo com uma pergunta um pouco mais ampla, sobre o que tu sabes sobre o Jacob Rheingantz?

Pedro: A primeira informação que eu tenho e que se comumente se divulga a respeito é que ele teria sido o fundador da Colônia de São Lourenço.

Eduardo: Comumente se diz que ele é o fundador; tu discordas disso?

Pedro: É, eu discordo; porque há elementos bastante amplos que comprovam, que ele não é “o” fundador, ele é “um dos” fundadores da Colônia de São Lourenço.

Eduardo: E porque tu achas que se chamou mais atenção sobre ele, e não sobre o outro fundador? Tu tens alguma teoria sobre isso?

Pedro: Bom, a minha teoria é a seguinte: as obras que durante décadas pautaram qualquer coisa relativa à história de São Lourenço, sempre foram as histórias baseadas num trabalho escrito por um filho do Jacob Rheingantz, em 1907, e depois em 1957, num livro publicado em nome de Vivaldo Coaracy - um jornalista gaúcho que morava no Rio de Janeiro, mas que teria sido encomendado e montado - o texto - por familiares do Rheingantz; então, também puxando aí um interesse de uma parcela da população de São Lourenço de associar a sua condição de origem alemã à aquele idealismo da cultura alemã, ou germanismo, então, se enfatizou muito a figura do Rheingantz.

Eduardo: Tu tens alguma prova que comprove que esse livro do Coaracy não foi escrito por ele ou que ele foi contratado pra escrever? Porque eu já procurei várias coisas sobre o livro e sobre o Coaracy, e eu cheguei a conclusão de que ele foi contratado para escrever esse livro; mas, tu tem algum documento ou alguma informação que comprove isso, ou não?

Pedro: Não, eu não tenho nenhuma informação objetiva; mas, os indícios levam a essa conclusão, pelo seguinte: o Vivaldo Coaracy ele não tinha como... Ele não tinha um retrospecto de pesquisador ou de historiador, não tinha nenhuma obra publicada no Rio Grande do Sul, nessa linha; e, então, percebe-se que se no Rio Grande do Sul, ele não tinha esse tipo de produção, ele morando no Rio de Janeiro, teria menos condições ainda de pesquisar, mormente uma questão, um tema completamente fora das vivências dele, que era

em Porto Alegre e depois no Rio de Janeiro; nunca mais ninguém ouviu falar de Vivaldo Coaracy, aqui em São Lourenço - a não ser quando foi publicado esse livro. Como o livro utiliza muitos elementos da família - documentos e informações da família, e como um dos netos do Rheingantz se caracterizou por ser um pesquisador, um historiador - que é o Carlos Grandmasson Rheingantz; então, tudo me leva a acreditar que ele coletou aquelas informações - a base, que foi o livro de 1907 do Carlos Guilherme Rheingantz, com uma nova roupagem e ampliado com um texto mais literário o que, aliás, foi algo assim que tornou ainda pior a versão da história da colônia.

Eduardo: Foi mais positivista?

Pedro: Não, eu acho assim... Na primeira obra, de 1907, se tinha bem claro, assim: “bom, este é o filho falando do seu pai, e daquilo que ele via, de uma maneira até sóbria assim como teria sido a participação do pai dele na fundação da colônia”. Claro, se questiona que ele omitiu uma série de coisas, como, por exemplo, o fato de que outras pessoas tinham contribuído na fundação da colônia; mas, o livro de 1957 a situação é completamente diferente do trabalho de 1907, porque aí já viveu uma questão de um dolo, uma intenção de ocultar informações de deturpar informações e fatos históricos.

Eduardo: E, porque tu acha que foi omitido tudo isso? Para se criar um herói, de repente?

Pedro: Claro! Eu entendo que dentro daquela tradição que havia, não só no Rio Grande do Sul, mas no contexto político e cultural da época, da primeira metade do século, que se tinha uma cultura de ícones, de grandes homens, que é uma herança do positivismo; então, esse era mais um elemento. Eu vejo mais uma outra explicação para isso: tendo em vista que durante a primeira guerra mundial, houve, também, como na segunda guerra mundial, uma perseguição, houve uma criação de imagem negativa de tudo que fosse de origem alemã, então, acho que houve um interesse muito forte de familiares do Rheingantz em recuperar o impacto positivo que a obra de 1907, perdeu na época da primeira guerra mundial.

Eduardo: Alimentaria a auto-estima dos germânicos na cidade...

Pedro: Claro! Então, foi recuperado aquilo; e isso, não foi só na primeira guerra mundial, depois veio a segunda guerra mundial, e isso voltou a acontecer; tudo que era relativo a cultura alemã – personagens, ações dos alemães, tudo foi escondido, omitido, foi até destruído... Claro, após a segunda guerra mundial, depois de 1945, acho que houve um esforço dos familiares do Rheingantz de retomar toda aquela mítica que tinha sido construído em torno do Rheingantz e que duas guerras acabaram por apagar, e refazer o mito.

Eduardo: Os monumentos tu acha que se encaixariam dentro desse mesmo contexto? Porque, eles são da mesma época dos livros... O de 1907-1908 coincide com o livro do Carlos

Rheingantz e (o monumento do colono), de 1958, coincide com o livro do Coaracy. Tu vê nesse mesmo sentido?

Pedro: Claro! É um conjunto de ações que se fazia; e aí, tem que se entender também a conjuntura local, porque estas homenagens tiveram participação do poder público, então havia o interesse político de governantes do momento de cooptarem a parcela da comunidade que se identificava com a imigração alemã, com a origem alemã; então, esse era um objetivo, também.

Eduardo: E, como tu vê o livro do centenário, de 1984, em que o Jairo Scholl Costa contribui na parte histórica, e que também tem um sentido carregado nessa parte de se exaltar o Rheingantz e o seu trabalho?

Pedro: De forma geral, isso um historiador já colocou, as monografias sobre a história das colônias aqui no Rio Grande do Sul sempre partem desse princípio: “todos eram pioneiros, todos foram heróis e tudo foi maravilhoso e todos eram grandes conquistadores da nova terra”. E, às vezes, até dava a idéia de que não havia ninguém aqui; que não havia gente no Brasil, que só começou a vir gente e civilização, quando chegaram os imigrantes; embora, estes fossem tão miseráveis, quantos os miseráveis que já havia no Brasil. Então, eu acho que o livro do centenário, mais uma vez, vêm dentro do contexto político/local, de fazer uma exaltação a parcela da população que seria de origem alemã, que hoje a gente sabe que é muito pequena, (pois) a grande maioria da nossa colônia é de origem pomerana, que é outra coisa; então, havia um contexto político, um grupo político dominando, e uma das formas de envolver a comunidade, às vezes até de fechar os olhos pra um monte de coisas que não acontecem - da falta de desenvolvimento, de investimento - é apelar para os brios cívicos da população; exaltar as origens e esquecer de outros aspectos negativos.

Eduardo: Sempre se diz que quando o presente vai mal, o passado é chamado à tona para se acalmar os ânimos e para se lembrar destes gestos grandiosos (das origens), para que aja um sentido de integração da comunidade. Agora, por exemplo, ano que vêm, nós vamos ter o sesquicentenário da colonização alemã em São Lourenço do Sul; como é que tu tá vendo (estas comemorações?); não sei se tu já tens alguma informação de como é que tá sendo trabalhada esta questão... Se vão ter novas homenagens?

Pedro: Eu acho que vão ser cometidos os mesmos erros do início do século XX, porque passaram-se 100 anos desde a primeira comemoração; nós temos altas tecnologias, temos grandes recursos, mas a mentalidade das pessoas, o ser humano, intrinsecamente, é o mesmo. Os políticos que estão aí, eles têm os mesmos objetivos dos (políticos) do século passado. Ou seja, eles querem ficar bem com uma boa parcela da comunidade; não tem nenhuma

preocupação com a história verdadeira; inclusive, eu já manifestei isso a uma autoridade municipal, de que essa seria a oportunidade - porque houve uma mudança política significativa aqui em São Lourenço; então, essa seria a oportunidade pra revisar, e não cometer os mesmos equívocos que já foram cometidos em comemorações anteriores. Dar o nome aos bois - mostrar a verdade; fazer a população conhecer a verdade, o que realmente aconteceu. O que foi de fato a colônia de São Lourenço, quem era de fato o Rheingantz, quem foram os outros personagens que foram esquecidos e mais do que esquecidos, foram apagados da história da colônia.

Eduardo: E sobre esses fatos apagados, muito se comenta de uma revolta que teve - até se comenta nos livros isso, mas como tu falasses, ela é deturpada. O que tu sabe desses conflitos entre o Rheingantz e os colonos?

Pedro: (Isso) Não é uma coisa específica da Colônia de São Lourenço com o Rheingantz; esse problema de conflitos com colonos, eles aconteceram em várias outras colônias do Brasil; por quê? Porque as colônias, o ímpeto, a onda de criar colônias - e aí, é uma coisa que tem que ser desmentida na história local, da Colônia de São Lourenço, que é isso: Rheingantz não foi pioneiro de nada! Porque havia há mais de dez anos que haviam colônias sendo criadas no Brasil; por quê? Porque mudou a Lei das Terras e muita gente viu nisso (uma possibilidade de lucrar) - as terras passaram a ser não mais doados pelo governo imperial aos poderosos, mas, vendidas a preço de banana, pra quem quisesse comprar grandes quantidades de terra e investisse. O governo tinha interesse em povoar o Brasil. Então, começou lá por São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul, começaram a ser criadas colônias. A Colônia de São Lourenço, na verdade, foi a segunda Colônia de São Lourenço no Brasil - houve uma em São Paulo, dez anos antes de haver a revolta aqui, lá já havia tido uma revolta. Por quê? Porque, os colonos foram atraídos pro lugar, um país estranho, com uma série de benefícios prometidos; chegaram no local e aqueles benefícios não existiam; o que existia era o trabalho duro, sem perspectiva deles terem aquela boa vida que lhes tinha sido prometido; então, começaram as queixas, as reclamações e em muitos casos redundaram em revoltas, como aconteceu em São Paulo, como aconteceu no Rio Grande do Sul e em vários locais - e, aqui também. Aqui, em São Lourenço, muito por causa das promessas não atendidas e também pelos altos valores cobrados pelo Rheingantz dos colonos - coisas que deveriam ser gratuitas, ele cobrava; terras que eram vendidas, ele não dava as escrituras; as pessoas não tinham liberdade de ir e vir... Na verdade, eu entendo que a colônia, nos primeiros tempos, era quase como um campo de concentração; e, então, claro, qualquer ser humano que é submetido a um regime de opressão, com uma vida insegura, que não tem certeza de que amanhã, não

vai ter como ganhar a sua vida, ele começa a pensar coisas, ele não se contenta, e nem todos os colonos eram pessoas sem expressão intelectual; havia gente com entendimento, que... “Peraí, nós estamos sendo explorados aqui; isto é pior do que o feudo na Europa, onde nossos antepassados eram tratados como escravos”. Então, daí veio a revolta, e os familiares do Rheingantz não tratam disso com a devida isenção; porque eles não vão dizer que o pai deles submetia os colonos a um regime de opressão; então, se deu algum problema, é porque sempre há os baderneiros, os arruaceiros...

Eduardo: Se usou isso de modo estratégico pra...

Pedro: Desqualificar! Na verdade, as duas obras, tanto a de 1907 quanto a de 1957, e basicamente todas as coisas que se escreveu sobre a Colônia de São Lourenço, seja em jornais, em revistas ou em alguns outros trabalhos, repetiram aquelas duas obras iniciais e repetiram os equívocos e entre eles, uma coisa que está sempre presente ali, que é a desqualificação do povo brasileiro; se coloca coisas assim como: se houve civilização, se houve desenvolvimento quem trouxe foi o pioneiro Rheingantz; foi os alemães que trouxeram. Então, sempre se coloca ali os elementos nacionais como alguém que não sabia lidar com a situação, eram ignorantes, enfim..

Eduardo: Uma coisa interessante, também, é que essas críticas não funcionavam só dos colonos contra o Rheingantz; em muitos documentos que eu pesquisei o Rheingantz percebe que a situação tá “feia” pra ele; os colonos estão perseguindo a família dele, não estão deixando ele sair em público; e ele se queixa muito pro Presidente da Província reclamando maiores auxílios, segurança – até por isso é que acaba vindo o tenente Sá Queirós, que também é utilizado, de certa forma, como um “bode expiatório”, pra se jogar nele parte da responsabilidade pela revolta. E isso tudo, pra mim, no meu trabalho, eu identifico como sendo explorado de uma maneira tremendamente estratégica pra se limpar o nome de Rheingantz.

Pedro: A culpa foi de outros, não foi dele (em tom irônico); o objetivo é esse. Se era um empreendimento particular, o Estado não tinha uma série de obrigações que eram exigidas dele. O estado não tinha isso, pois era um empreendimento particular....

Eduardo: E como tu vê essas outras pessoas, em São Lourenço; tu acha que elas aceitaram, elas estão legitimando a construção desse mito, ou não, elas tem um posicionamento crítico com relação ao Rheingantz?

Pedro: Que pessoas?

Eduardo: O resto da população, em si...

Pedro: A população em geral nunca questionou isso, porque a atividade da produção cultural literária de pesquisa em São Lourenço é muito restrita; nunca houve trabalhos sérios pra questionar isso, então, aquelas inverdades foram sendo simplesmente repetidas. Vai aos colégios na época do 25 de julho, Dia do Colono, certamente os professores ficam repetindo essa história da colônia que é até ofensiva a memória dos antepassados dos moradores de São Lourenço, porque não diz o quanto eles sofreram no início aqui; não diz, por exemplo, que grande parte dos primeiros colonos não ficou aqui, foram embora. Então, parece que todo mundo veio e ficou, feliz para sempre aqui; não, teve muita gente que foi embora; e, também, teve muitos colonos que não eram da Alemanha, que vieram de outras colônias do Rio Grande do Sul, pra cá, e como já eram mais vividos também viram que a coisa era ruim...

Eduardo: Podiam comparar, por que já haviam vivido em outros lugares.

Pedro: Claro! Porque já havia aqui, na época da nossa colônia, 19 outras colônias fundadas no Rio Grande do Sul, e aí, também, a grande Colônia de São Leopoldo, já com trinta anos; então, a segunda geração daqueles colonos de São Leopoldo teve dificuldades em ter terras para trabalhar, e eles começaram a procurar terras em outros lugares e alguns certamente vieram para esse lado de cá, e, é claro, não se sujeitaram a esse sistema absurdo que havia aqui. Resumindo, o que eu teria a dizer sobre o Rheingantz é o seguinte: o Rheingantz era um comerciante, e como comerciante ele viu quando surgiu à onda de criação de colônias, ele viu que isso era uma boa idéia, mas ele não viu sozinho isso: outras pessoas já haviam visto isso. A idéia de criar uma colônia aqui na Serra dos Tapes, ela já existia desde a época da Revolução Farroupilha; o grande idealizador das colônias aqui, nessa região, foi o Domingos José de Almeida que era vereador em Pelotas – e isso aqui pertencia a Pelotas. E, não por acaso, o companheiro de lutas políticas do Domingos José de Almeida é que ajudara a capitalizar a colônia, e um deles foi sócio fundador da colônia, que foi o José Antônio de Oliveira Guimarães. Na verdade eram vários projetos: o Domingos de Almeida foi um dos grandes personagens; era um pequeno Mauá, digamos assim, da nossa região; porque ele projetou a criação da colônia, foi idéia dele; a abertura dessa estrada de Canguçu à São Lourenço foi idéia dele; a criação da cidade de São Lourenço foi idéia dele...

Eduardo: Interessante tu chamar a atenção sobre o Oliveira Guimarães; não sei se tu tens essa mesma impressão, mas ultimamente se fala mais no Guimarães, não tá se deixando ele tão de lado. Inclusive parece que há o projeto de uma estátua, em comemoração ao sesquicentenário, em que o Rheingantz e o Guimarães estivessem de mãos dadas...

Pedro: É terrível isso! (risos) Eles inventam cada coisa...

Eduardo: Parece que eles queriam demonstrar a união entre os dois... Não te parece que está se buscando, como se buscou alimentar a auto-estima dos alemães na cidade, será que não estão, agora, tardiamente compensar a parcela portuguesa da população?

Pedro: Não, isso é mais uma ação de cunho político, discutível; porque, se quisessem fazer homenagens, já tem duas homenagens ao Rheingantz - monumentos, tem uma rua na cidade com o nome dele; quer dizer, vai ter mais um monumento, pro Rheingantz, então, vai ficar 3x1, 4x1 pro Rheingantz... (risos)

Eduardo: Fora toda a simbologia da Coxilha do Barão! É a casa, os monumentos, o local onde ele tá enterrado...

Pedro: Eu acho que se houvesse algo, não seria necessário mais um monumento (pro Rheingantz), ou que tivesse, que se inaugurasse então o busto pro José Antônio de Oliveira Guimarães, eu acho que seria de bom tamanho – botava uma placa ali também. Porque o Rheingantz todo mundo já sabe que foi um dos fundadores; então, se inaugurava o busto do Guimarães, também fundador, mais um, inaugurava aqui na nossa praça ou na praia; mas o que menos conta nessas ações políticas é a fidelidade à história – eu acho que não se atende muito isso; é mais uma vitrine momentânea, para ser comentado e depois também passa. Mas, acho que se deveria ter mais atenção a verdade dos fatos.

ANEXO C – Fotos:



(fonte: COARACY, 1957, p. 1)

Jacob e Maria Carolina Rheingantz



(Fonte: RHEINGANTZ, 1941, p. 271 e 272)



Mapa (atual) da Alemanha.
Destacado, em vermelho, Sponheim.



(fonte: RHEINGANTZ, 1941, p. 275)

Carlos Guilherme Rheingantz



(fonte: COARACY, 1962, p. 5)

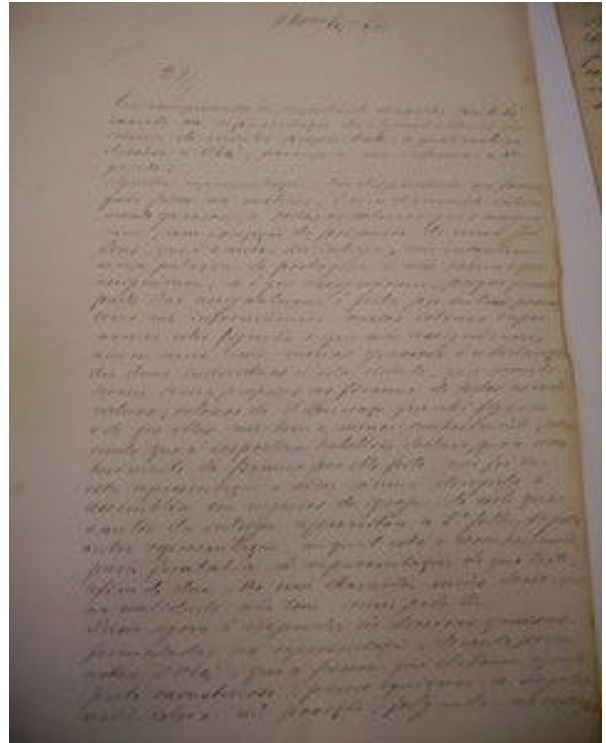
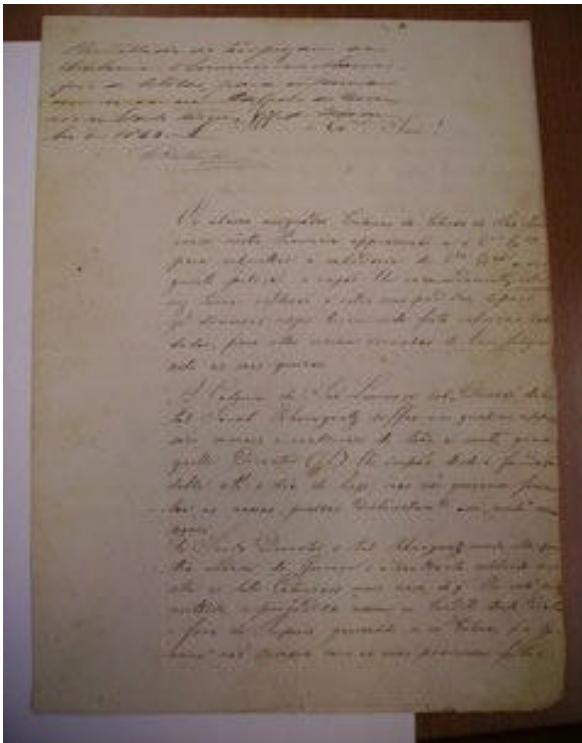
Vivaldo Coaracy



(fonte: COSTA, 2007)

Jairo Scholl Costa

À Esquerda: trecho da carta de José Pons ao Presidente da Província, reclamando da administração de Jacob Rheingantz. À direita: parte da resposta do diretor da Colônia de São Lourenço ao chefe executivo provincial.



Edição do jornal “Voz do Sul”, em comemoração ao centenário de colonização alemã em São Lourenço do Sul. Na sua primeira página (à esquerda), destaque para o *monumento ao colono*; na terceira, homenagem a Jacob Rheingantz, em texto e fotos.





Antiga casa da Família Rheingantz, já com a pedra que abrigará uma placa em homenagem ao sesquicentenário de colonização alemã, em São Lourenço do Sul.



Detalhe da pedra.

Além disso, é possível observar que, acima da porta, figura uma placa indicando que a casa abrigará (novamente) um museu.

Monumento ao cinquentenário.



Detalhe do monumento, localizado na parte frontal. Ao fundo, casa da família Rheingantz.



Outro detalhe do *Monumento ao cinquentenário*. Na comemoração dos 75 anos de fundação da colônia, estas imagens (acima) foram acrescentadas.



Na parte lateral, nova placa foi acrescentada, no ano de 1993: “Homenagem da Colônia de São Lourenço aos 40 alemães visitantes de Sponheim, terra natal do seu fundador Jacob Rheingantz”. Escrito em português e alemão.



Monumento ao Colono, inaugurado em 1958, por ocasião do centenário de imigração alemã em São Lourenço do Sul.
Abaixo, detalhe de uma faixa anunciando a comemoração do sesquicentenário.





Detalhe do *Monumento ao Colono*. Abaixo da imagem de Rheingantz, lê-se: “Homenagem do povo de São Lourenço do Sul ao fundador da colônia, Jakob Rheingantz – primeiros imigrantes chegados em 18-01-1858”. Segue a lista dos pioneiros.



Escola Jacob Rheingantz, localizada poucos metros abaixo da Igreja onde o fundador está sepultado.



Igreja Evangélica Luterana da Coxilha do Barão. Os restos mortais de Rheingantz encontram-se guardados e expostos à visitação popular em seu subsolo.
Abaixo, rampa de acesso à galeria.





Ornado por flores de plástico e protegido por grades de ferro, encontra-se a urna funerária do fundador.



Placa que identifica o homem que está ali sepultado e sua importância para a formação do município.



Imagem geral da Coxilha do Barão, ao redor da simbologia Rheingantzianina: À esquerda, o *monumento ao cinquentenário*; logo atrás, escondido por uma figueira, a casa da Família Rheingantz; à direita, o *monumento ao colono*. Detalhe interessante a ser destacado é o local onde a foto foi tirada: na rampa que leva ao túmulo do fundador. Estes quatro símbolos, se somados a outros, como a Escola e a Rua Jacob Rheingantz (abaixo), fixaram o nome do fundador na memória da população local.



Fontes e Referências Bibliográficas:

A. Fontes:

1. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

1.1 Imigração e colonização.

1.1.1 Correspondência expedida por José Pons ao Presidente da Província. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1866.

1.1.2 Correspondência expedida por Jacob Rheingantz ao Presidente da Província. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1867.

1.1.3 Correspondência expedida por Jacob Rheingantz ao Presidente da Província. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1867.

1.1.4 Tradução dos pactos que foram feitos entre os colonos alemães da Colônia de São Lourenço e o empresário Jacob Rheingantz. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1869.

1.1.5 Correspondência expedida por Jacob Rheingantz ao Presidente da Província. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1869.

1.1.6 Termo de conciliação entre o empresário da Colônia de São Lourenço, Jacob Rheingantz e o colono da mesma, Carlos Neugebauer. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1870.

1.1.7 Correspondência expedida por Jacob Rheingantz ao Presidente da Província. Caixa: 37. Maço 72. Estante: DT-07. Ano: 1875.

1.2 Polícia

1.2.1 Correspondência expedida pelo Tenente Francisco de Sá Queirós ao Presidente da Província. Caixa: 72. Maço: 144. Estante DT-11. Ano: 1867.

2. Arquivo Público (Porto Alegre).

2.1 Processo crime.

2.1.1 Réu: Cristiano Luiz Thurow e Jorge Diedrich. Autor: Jacob Rheingantz. N: 632. M: 15. E: 35. Ano 1863. Cartório Júri. Município: Pelotas.

2.2 Carta de Alforria.

2.1.2 Alforriado: Pedro. Beneficiados: Srs. Guilherme Ziegenbein (e sua mulher, Joana Ziegenbein) e Jacob Rheingantz (e sua mulher); data concessão: 17-05-62; data registro: 19-05-62 (Talão 23, p.78v).

3. Biblioteca Rio-Grandense. (Rio Grande).

3.1 Coleção Rheingantz

3.1.1 Abaixo assinado. Caixa 1. Documento 27. Ano: 1861.

3.1.2 Abaixo assinado. Caixa 1. Documento 27 d. Ano: 1861.

3.1.3 Correspondência expedida pelo Presidente da Província a Jacob Rheingantz. Caixa 1. Documento 110. Ano: 1866.

3.1.4 Correspondência expedida por Jacob Rheingantz ao Presidente da Província. Caixa 1. Documento 118. Ano: 1867.

3.1.5 Relatório do Capitão Gustavo Cristiano Desouzart ao governo provincial. Caixa 1. Documento 168. Ano: 1873-1875.

3.1.6 Correspondência expedida por Carlos Guilherme Rheingantz ao Jornal do Comércio. Caixa 1. Documento 171. Ano: 1876.

B. Periódicos:

Periódico	Ano	Local de Origem	Local da pesquisa
Jornal do Comércio	1876	Pelotas	Biblioteca Municipal Pelotense
A Tribuna	1940	São Lourenço do Sul	Acervo Particular (Jair Carvalho)
Voz do Sul	1957- 1958	São Lourenço do Sul	Biblioteca Pública Municipal (São Lourenço do Sul)
Jornal ABC	2004	São Leopoldo	Acervo Particular (Loni Hax)
O Lourenciano	2007	São Lourenço do Sul	Acervo Particular (Eduardo Iepsen)

C. Entrevistas

Edilberto Luiz Hammes - 19 de outubro de 2007

Jair Carvalho - 17 de outubro de 2007

José Nunes - 24 de outubro de 2007

Loni Hax - 03 de setembro de 2007

Itto Alberto Sträher - 30 de agosto de 2007

Pedro Henrique Caldas - 12 de setembro de 2007

D. Bibliografia

ALBERTI, Verena. *Fontes orais: Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ALVES, Francisco das Neves. *Fontes documentais para o estudo da História do Rio Grande do Sul no acervo da Biblioteca Rio-Grandense; a Coleção Rheingantz*. In: Biblos N° 12. Rio Grande: Gráfica da FURG, 2000.

_____. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX: um breve histórico*. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Imprensa & História*. Porto Alegre: Associação dos Pós – Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

_____. & FUÃO, Juarez José Rodrigues. *Estatuária na cidade do Rio Grande nos primórdios da República Velha (1889-1909)*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

ALVIM, Zuleika. *Imigrantes: A vida privada dos pobres no campo*. In: SEVCENCO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil; 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824 – 1924*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1999.

BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi*, V. I: Memória – História. (Portugal), Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História. Especialidades e Abordagens*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História - Ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BÖHLKE, Moacir. *A colônia particular de São Lourenço: seu contexto dentro do processo colonial do Rio Grande do Sul*. Pelotas, Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Pelotas: 2003.

BORGES, Jorge Luis. *Prosa Completa*. Tradução de Marco Antonio Frangiotti. Barcelona: Ed. Bruguera, 1979.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BURKE, Peter. *A fabricação do Rei - A construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. Alfa - Omega, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *História e análise de textos*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios sobre teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras: 1990.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Revista Estudos Avançados, Nº. 11, Volume 5, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 1991.

_____. *Nas entrelinhas do passado*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. (Ano 3. Nº. 25). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007.

CHAUI, Marilena. *Brasil - Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora da UNESP, 2001.

COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva S.A., 1957.

_____. *Todos contam sua vida. Memórias da infância e adolescência*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

_____. *Encontros com a vida: memórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962.

COSTA, Jairo Scholl. *Origens históricas do município*. In: *São Lourenço do Sul 1884-1984*. São Lourenço do Sul: Corag, 1984.

_____. *Vultos históricos de São Lourenço do Sul*. In: *São Lourenço do Sul 1884-1984*. São Lourenço do Sul: Corag, 1984.

_____. *Navegadores da Lagoa dos Patos. A saga náutica de São Lourenço do Sul*. São Lourenço do Sul: Hofstatter, 2003.

_____. *O Pescador de Arenques*. Pelotas: EDUCAT, 2007.

CUNHA, Jorge Luis da. *Rio Grande do Sul und die deutsche Kolonisation: ein Beitrag zur Geschichte der deutsch-brasilianischen Auswanderung und der deutschen Siedlung in Südbrasilien zwischen 1824 und 1914*. Santa Cruz do Sul: UNISC / Gráfica Léo Quatke, 1995.

_____. *Os Alemães no Sul do Brasil*. In: CUNHA, Jorge Luis da (org.). *Cultura Alemã-180 anos*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo: Martins, 1941.

DEL PRIORE, Mary & VENANCIO, Renato. *O Livro de ouro da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DREHER, Martin Norberto. *O fenômeno imigratório alemão para o Brasil*. In: Estudos Leopoldenses, v. 31, N° 142, 1995.

_____. *Apresentação*. In: AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824 – 1924*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1999.

DUBY, Georges & LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a Nova História*. Lisboa (Portugal): Publicações Don Quixote, 1989.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELMIR, Cláudio Pereira. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica*. In: Cadernos do PPG em História da UFRGS (N° 13). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória. A problemática da pesquisa*. Passo Fundo: UPF, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Memórias da História*. In: Nossa História (Ano 1, N° 9). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Universidade de Caxias do Sul, 1983.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.

GERTZ, René. *Os gaúchos de descendência alemã e a vida política brasileira*. In: Jorge Luiz da Cunha (Org.). *Cultura alemã – 180 anos*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *Imigração alemã no Brasil*. In: COSTA, Virgínia (Org.). *História da Imigração no Brasil - As Famílias*. São Paulo: Serviço Nacional de divulgação cultural Brasileiro, 1986.

IEPSEN, Eduardo. *Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: Análise da Construção de um mito histórico* - Trabalho de conclusão do curso de História Bacharelado. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

JABOUILLE, Victor. *Iniciação à ciência dos mitos*. Lisboa - Portugal: Editorial Inquérito, 1994.

KERN, Arno. *As tendências atuais da ciência histórica*. Porto Alegre: Faculdade Porto-alegrense de Educação, Ciências e Letras (Nº 2), 1982.

KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas*. In: FAUSTO, Bóris. (org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.

KLIEMANN, Luiza Helena Schmitz. *RS: Terra e Poder – história da questão agrária*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LANDO, Aldair Marli & BARROS, Eliane Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul- uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.

_____. *Capitalismo e Colonização - Os Alemães no Rio Grande do Sul*. In: LANDO, Aldair Marli [et al.] org. DACANAL, José H. & GONZAGA, Sergius. *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LAWLER, James. *O mundo moral da família Simpson: uma perspectiva kantiana*. In: CONARD, Mark; IRWIN, William & SKOBLE, Aeon (editores). *Os Simpsons e a filosofia*. São Paulo: Madras, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Documento / monumento*. In: *Enciclopédia Einaudi*, V. I: Memória – História. (Portugal), Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MAXWELL, Kenneth. *Por que o Brasil foi diferente? O contexto da independência*. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000) formação: histórias* / São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *Mito e museu: reflexões preliminares*. In: FÉLIX, Loiva Otero & ELMIR, Cláudio Pereira. *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1998.

MINIDICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NORA, Pierre. *O retorno do fato*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S.A., 1988.

OBERACKER, Carlos Henrique. *A colonização baseada na pequena propriedade agrícola*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, V.3, São Paulo: Difel, 1967.

OLIVEIRA, Denis de. *Jornalismo, mediações e ideologia*. In: QUEIROZ, Adolfo; OLIVEIRA, Denis (Org.). *Jornais centenários de São Paulo*. Piracicaba-SP: Degaspari, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e hoje*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso & leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

_____. *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas, Unicamp, 1997.

ORWELL. George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

PELLANDA, Ernesto. *A Colonização Germânica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

PEREIRA, Lucia Serrano. *O imigrante e o laço social - questões a partir de um fragmento da história dos colonos alemães no Rio Grande do Sul*. In: SOUZA, Edson Luiz André (org.). *Psicanálise e Colonização - Leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: GOMES, Ângela de Castro. MOURA, Gerson & OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estudos Históricos Vol.2, N.º 3*. São Paulo: Editora revista dos tribunais Ltda., 1989.

_____. *Memória e identidade Social*. In: GOMES, Ângela de Castro. MOURA, Gerson & OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estudos Históricos Vol. 5, N.º 10*, São Paulo: Editora revista dos tribunais Ltda., 1992.

PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Estabelecimento gráfico Santa Terezinha, 1934.

PRADO, Jr., Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

PRINS, Gwyn. *História Oral*. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

RAISON, Jean-Pierre. *Migração*. In: ROMANO, Ruggiero (Ed.). *Enciclopédia Einaudi*, v. 8: *Região*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986.

RAMOS, Maria Bernardete. *Caliban e Ariel, acerca do anti-herói brasileiro. O Brasil varonil e a política de raça*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. *Do político*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. *Colônia de S. Lourenço. Histórico de sua fundação por Jacob Rheingantz*. Rio Grande: oficina da livraria americana, 1907.

RHEINGANTZ, Carlos Grandmasson. *Jacob Rheingantz (1817-1877) Fundador da Colônia de São Lourenço - Seus ascendentes e descendentes*. In: *Revista genealógica brasileira* (Ano 2 Nº. 4). São Paulo: 1941.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

SAYAD, Adbelmaleck. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHNEIDER, Jürgen. *Emigração Alemã para o Brasil- 1815/1870*. In: KOCH, Walter (Org.). *Colóquio de estudos Teuto Brasileiros, 3*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1980.

SCHRADER, Achim. *Da migração de pessoas à transferência de tecnologias. Mudanças nas relações entre a Alemanha e o Brasil*. In: KOCH, Walter (Org.). *Colóquio de estudos Teuto Brasileiros, 3*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1980.

SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. São Leopoldo: Editora Unisinos/ Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Organizadoras) *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível* - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Ana Luiza Timm. *Construindo Gênero: a representação da identidade feminista através do discurso do periódico rio-grandino 'O Tempo', na década de 1920*. Rio Grande: Monografia apresentada ao curso de História da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

STEIN, Marcos Nestor. *Imprensa escrita e identidade cultural no extremo oeste do Paraná*. In: DREHER, Martin (org.). *Imigração & Imprensa*. Org. Martin N. Dreher, Arthur Blásio Rambo e Marcos Justo Tramontini. Porto alegre: EST / São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

TRUDA, Leonardo. *A Colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tipografia do centro, 1930.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Globo, 1978.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. 2^a Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.